



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**CRUZAR OLHARES SOBRE  
A INTERVENÇÃO FAMILIAR INTEGRADA E PRECOCE**

**FAMÍLIAS (S) EM RISCO?**

**PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS MULTIDESAFIADAS COM  
CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR EM CONTEXTOS  
DE RISCO E DOS TÉCNICOS QUE AS ACOMPANHAM  
ACERCA DAS SUAS NECESSIDADES E FORÇAS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de mestre em Ciências da Família com especialização  
em Orientação e Mediação Familiar

Por

Ana Cláudia Varanda

Faculdade de Ciências Humanas

Instituto de Ciências da Família



Dezembro 2011



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**CRUZAR OLHARES SOBRE  
A INTERVENÇÃO FAMILIAR INTEGRADA E PRECOCE**

**FAMÍLIAS (S) EM RISCO?**

**PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS MULTIDESAFIADAS COM  
CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR EM CONTEXTOS  
DE RISCO E DOS TÉCNICOS QUE AS ACOMPANHAM  
ACERCA DAS SUAS NECESSIDADES E FORÇAS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Ciências da Família  
com especialização em Orientação e Mediação Familiar

Por

Ana Cláudia Varanda

Sob orientação de Professora Doutora **Rita Lobo Xavier**

e Co-Orientação de Professora **Rosário Carneiro**



Dezembro 2011

## Resumo

A Apresentação do presente estudo resultou de uma pesquisa intensiva sobre as percepções e representações das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco, acompanhadas pelo Núcleo de Acção Social, da Autarquia de Montelavar, e dos Técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças, bem como, a adequação de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes.

Cruzando olhares acerca da Intervenção Integrada, Precoce e Orientação e Mediação Familiar, inquiriu-se vinte famílias residentes na Freguesia e acompanhadas pela Autarquia, aplicando-se diversos instrumentos, tais como: Questionário Sócio-Demográfico; Inventário das Necessidades da Família (Bailey e Simeonson, 1988); Escala de Avaliação de Apoio Social à Família (Dunst e Al. , 1988); Inventário de Rotinas na Família (Boyce, Jensen, James e Peacockn,1993); Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA) (Jardim e Pereira, 2006); Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR) (Jardim e Pereira,2006), visando conhecer atributos, comportamentos e competências, perfil de desenvolvimento, rede de suporte formal e informal, caracterização das rotinas diárias e identificação das necessidades.

Auscultou-se, igualmente, doze Técnicos parceiros da Autarquia, em contexto de Focus-Group, com o objectivo de conhecer como são sinalizadas as situações de risco, que encaminhamento e plano de intervenção é dado à situação, se crêem na natureza e âmbito do serviço de Intervenção Precoce proposto e percebido pelas famílias e na importância de uma colaboração efectiva com estas, quais as linhas de orientação para a prática que pensam ser relevantes e consideram necessário à criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contexto de risco.

Os resultados demonstram que as famílias percebem-se como competentes ao nível da assertividade e resiliência, que detêm apoio conjugal satisfatório e rotinas consistentes, porém evidenciam severas dificuldades e fragilidades ao nível de informação, apoio social e familiar. Conclui-se que os Profissionais crêem num trabalho de intervenção integrado e precoce, multidisciplinar e em rede, pese embora terem sido sentidas várias incongruências próprias da dinâmica interna dos serviços e advindas da dificuldade de partilha de poder e delegação de autonomia às famílias. Ambos consideram essencial a implementação de um Projecto Integrado de Intervenção Precoce que pense e adequé os apoios sociais, as características individuais e as necessidades tendo como propósito um modelo centrado na família, na criança e na comunidade.

**Palavras-chaves: Famílias multidesafiadas; Crianças em Risco; Intervenção Integrada, Precoce e Orientação e Mediação Familiar;**

## **Abstract**

The present study is the result of intensive research on the perceptions and representations of multi-challenged families with pre-school aged children at risk. Accompanied by the Social Work Services of the Municipality of Montelavar and its social workers regarding the needs and capacities of these families, this study also presents effective strategies, practices and intervening actions.

Analyzing the Integrated Action and Early Counseling and Family Mediation, twenty resident families of the local Parish were queried and followed up by the Municipality with the use of different tools: a socio-demographic questionnaire; Family Needs Analysis (Bailey and Simeonson, 1988); Evaluation Scale of Social Support to the Family (Dunst and Al, 1988); Analysis of Family Routines (Boyce, Jensen, James and Peacock, 1993); Global Assessment of Assertiveness (EAGA) (Jardim and Pereira, 2006); Global Assessment of Resilience (EAGR) (Jardim and Pereira, 2006) aimed at getting to know families' attributes, behaviours and skills, development profiles, formal and informal support networks, the characterization of daily routines and identification of needs.

Twelve social workers working in partnership with the Municipality were also heard within the Focus-Group in order to understand how risks are identified; what strategies and action plans are applied to each situation; if they believe in the nature and the scope of the Early Action proposed and if it is understood by families; if they believe in the importance of effective cooperation with these strategies and plans; and what relevant guidelines are needed for creating an integrated project of Early Action within families and children who are at risk.

Results show that families regard themselves competent with respect to assertiveness and resilience. They claim to have satisfactory spousal support and consistent routines. However, serious difficulty and fragility is revealed at the information, social and family support levels. We can conclude that Professionals believe in multidisciplinary integrated early action in a network. Several inconsistencies, however, were felt within the internal dynamics of the department due to the difficulty in sharing power and delegating autonomy to families.

Both consider it essential to implement an Integrated Early Action Project which will think and adapt social support, individual characteristics and needs to the family, the child and community.

**Key-words: Multi-challenged families; Children at Risk; Integrated Action, Early Counseling and Family Mediation;**

## **Agradecimentos**

Um projecto de investigação desta natureza traduz-se num caminho percorrido pelo investigador, que comporta uma série de anseios, preocupações e desafios que, normalmente enfrenta sozinho. O resultado deste trabalho é fruto de contributos múltiplos, sem os quais a sua realização se tornaria quase impossível.

Assim, contei com o apoio incondicional de algumas pessoas, às quais não posso deixar de manifestar o meu profundo agradecimento.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Professora Doutora Rita Lobo Xavier e Professora Rosário Carneiro, pelo incentivo e confiança que desde sempre demonstraram na concretização do presente estudo e por todo o apoio, pois ajudou-me a reforçar a certeza da pertinência do trabalho que me propus realizar

Aos Professores Doutores Paulo Matos, Ana Pereira, Rita Francisco e Teresa Ribeiro, mesmo nos momentos mais difíceis as vossas palavras foram sempre motivadoras e, apesar das desilusões, jamais deixaram de acreditar em mim. A forma de ser dos Professores foi um grande ensinamento de perseverança, maturidade e crescimento. Obrigada pela oportunidade que me deram.

Aos meus pais por acreditarem incondicionalmente em mim, mesmo quando eu duvidei e pelas oportunidades que me ofereceram. Tudo o que hoje sou, o devo a vocês e, sem dúvida, que são a minha âncora, esteja em que porto estiver.

À Joana, que para além de ser a melhor irmã do mundo, sempre me demonstrou confiança, fortalecendo-me nos momentos em que me sentia a fraquejar. Mesmo quando não conseguia ver, mostraste-me a luz ao fundo do túnel, iluminando o meu mundo com tudo de bom que existe no teu coração.

Ao Zeca, pela amizade terna e fiel, pelo coração atencioso, pelas palavras que suavizaram as minhas inquietações, conselhos que facilitaram as minhas decisões e cuja alegria tantas vezes dissipou a minha tristeza.

À minha avó, pelas citações, poemas, provérbios, ensinamentos, história, orações, fé e amor absoluto.

Obrigada a vós por me terem permitido perceber verdadeiramente o significado de ser família.

A ti Pedro, apesar das fases difíceis vividas este ano, agradeço-te por todo o apoio nos momentos menos bons, pelo amor, carinho, força, por acreditares em mim, pelas palavras que nunca esquecerei, por me surpreenderes, por encheres a minha alma de mar e o meu espírito de sol e música, porque me deslumbrastes, por tudo o que representas para mim, mas principalmente por te amar por todas as razões e mais uma.

À Carmelita, pela longa caminhada realizada em conjunto. A tua confiança nos momentos mais difíceis foi crucial. A nossa amizade começou na Universidade Católica, com a frequência deste mestrado, mas jamais terminará. Um sincero obrigado, pelas várias horas de reflexão conjunta, que se traduziu numa ajuda mútua promovendo uma vontade de crescer com optimismo e esperança, criando um espaço de partilha que sem dúvida se encontra presente neste trabalho.

À Inês pela amizade, apoio, dedicação e carinho, que desde sempre me demonstrou.

À Sumitra, pela sua estima encorajadora, optimista e alegre e companhia de viagens neste percurso.

À Ana e Sara por todo o apoio e ensinamentos. Foram longos os meses em que as vossas palavras marcaram a diferença na minha perspectiva em relação aos participantes desta investigação.

Às minhas colegas de trabalho e amigas Carla e Paula, pela amizade terna, sincera, fiel e repleta de gestos de bondade e em especial à Doutora Lina, por me ter dado espaço para a realização desta investigação, bem como por todos os ensinamentos. Sempre acreditou na minha força e nas minhas capacidades. Obrigada pela oportunidade de poder trabalhar ao seu lado e, juntamente consigo, marcar a diferença na vida de muitas famílias e suas crianças.

À Vanessa por todo o incentivo e palavras de amparo. As longas conversas ainda que por telefone, foram de facto motivadoras e inspiradoras.

Às Famílias e Técnicos participantes deste estudo, sem os quais jamais acederia às suas representações. A eles dedico cada minuto deste trabalho de investigação.

E por fim, àqueles que não podiam ser esquecidos... todos os meus familiares e amigos do coração, pelo apoio de sempre...

## ÍNDICE

|                            |            |
|----------------------------|------------|
| Resumo .....               | i          |
| Abstract.....              | ii         |
| Agradecimentos .....       | iii, iv    |
| Índice .....               | v, vi, vii |
| Índice de Figuras .....    | viii       |
| Índice de Gráficos.....    | viii, ix   |
| Índice de Grelha.....      | ix         |
| Índice de Anexos .....     | x          |
| Lista de Abreviaturas..... | xi, xii    |
| Introdução.....            | 1          |

## I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Capítulo 1-</b> Uma abordagem às famílias .....  | 6         |
| 1.1. Conceito de Família - A diversidade: sua composição, limites e funções .....   | 6         |
| 1.2. Laços, interacções e vínculos familiares .....   | 9         |
| 1.3. Características das Famílias .....   | 10        |
| 1.3.1. Características Estruturais .....  | 11        |
| 1.3.2. Características Funcionais .....   | 11        |
| 1.3.3. Características Desenvolvimentais.....   | 12        |
| 1.4. O Paradigma das Famílias Sãs – Funcionalidade versus Disfuncionalidade Familiar.....   | 15        |
| 1.4.1. Famílias Multiproblemáticas/Multidesafiadas e Parentalidade.....   | 17        |
| 1.4.2. Contextos de Risco - Factores de risco e protecção na família.....   | 21        |
| <b>Capítulo 2 – Realidade da Freguesia de Montelavar.....</b>   | <b>27</b> |
| 2.1. Caracterização Sóciodemográfica .....  | 27        |
| 2.2. A Autarquia de Montelavar e o trabalho do Núcleo de Acção Social.....  | 29        |
| <b>Capítulo 3 – Modelos de Intervenção para as famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco em idade pré-escolar .....</b> | <b>32</b> |

|  |    |
|--|----|
| 3.1. Cruzar olhares sobre a Intervenção Familiar Integrada e a Intervenção Precoce.....                                | 32 |
| 3.2. A Intervenção Familiar Integrada.....   | 33 |
| 3.2.1. A relação entre as estratégias e objectivos de intervenção e as famílias multidesafiadas .....                  | 33 |
| 3.3. A Intervenção Precoce.....  | 37 |
| 3.3.1. Origem e evolução de Teorias e Modelos de Intervenção.....  | 38 |
| 3.3.2. A intervenção precoce nas famílias multidesafiadas com crianças em contexto de risco em idade pré escolar ..... | 41 |
| 3.3.3. Estratégias centradas na família, comunidade e criança.....   | 44 |
| 3.4. A Orientação e Mediação Familiar.....   | 47 |
| 3.4.1. Orientação e Mediação Familiar sua origem e princípios .....  | 47 |
| 3.4.2. Que papel e colaboração possível.....   | 49 |
| <b>II – ESTUDO EMPÍRICO – PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>   |    |
| <b>Capítulo 1-</b> Princípios teóricos – metodológicos.....  | 54 |
| 1.1. O Porquê da nossa escolha .....   | 54 |
| 1.1.1.A Investigação Mista – Qualitativa e Quantitativa.....   | 54 |
| 1.2. O Desenho da Investigação .....   | 55 |
| 1.2.1.Os objectivos, questões e hipóteses de investigação.....   | 56 |
| <b>Capítulo 2 –</b> População e Amostra .....  | 59 |
| 2.1. Procedimentos .....   | 59 |
| 2.1.1.As questões éticas na investigação e o consentimento informado.....  | 60 |
| 2.1.2. As variáveis Sóciodemográficas indicadoras de necessidades e forças .....                                       | 61 |
| <b>Capítulo 3 –</b> Métodos e Instrumentos para aferir necessidades e forças.....                                      | 64 |
| 3.1. Questionário Sóciodemográfico das famílias .....  | 65 |
| 3.2. Inventário das necessidades da família.....   | 66 |
| 3.3. Escala de Avaliação de Apoio Social à família.....  | 68 |

|   |            |
|---|------------|
| 3.4. Inventário de Rotinas.....   | 69         |
| 3.5. Escala de Avaliação Global da Assertividade .....  | 71         |
| 3.6. Escala de Avaliação Global da Resiliência .....  | 71         |
| 3.7. Focus-Group .....  | 72         |
| <b>III – ESTUDO EMPRÍRICO – A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS E TÉCNICOS</b>                             |            |
| <b>Capítulo 1 – Apresentação dos resultados – A Percepção das Famílias .....</b>                | <b>75</b>  |
| 1.1. Características sociodemográficas da amostra .....   | 75         |
| 1.2. Descrição dos resultados da aplicação dos Inventários das Necessidades da Família .....    | 85         |
| 1.3. Descrição dos resultados da aplicação da Escala de Avaliação do Apoio Social .....         | 88         |
| 1.4. Descrição dos resultados da aplicação do Inventário de Rotinas .....                       | 90         |
| 1.5. Descrição dos resultados da aplicação da Escala de Avaliação Global da Assertividade ..... | 93         |
| 1.6. Descrição dos resultados da aplicação da Escala de Avaliação Global da Resiliência.....    | 94         |
| <b>Capítulo 2 – Apresentação dos Resultados – A Percepção dos Técnicos .....</b>                | <b>95</b>  |
| 2.1. Descrição dos Resultados da realização do Focus-Group .....                                | 96         |
| <b>Capítulo 3 – Discussões e Delimitações do estudo .....</b>                                   | <b>113</b> |
| <b>IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS E LINHAS DE ORIENTAÇÃO FUTURAS</b>                                 |            |
| <b>Capítulo 1 – Conclusão .....</b>   | <b>124</b> |
| 1.1. Linhas de Orientação Futuras .....   | 126        |
| <b>Bibliografia .....</b>   | <b>128</b> |
| <b>Endereços Electrónicos .....</b>   | <b>144</b> |
| <b>Anexos .....</b>   | <b>145</b> |

## ÍNDICE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura n.º 1</b> – Ambientes Empobrecidos e seus efeitos no desenvolvimento da criança .....      | 24  |
| <b>Figura n.º 2</b> – Mapa do Concelho de Sintra .....   | 28  |
| <b>Figura n.º 3</b> – Estratégias bem sucedidas na intervenção com famílias multiproblemáticas ..... | 35  |
| <b>Figura n.º 4</b> – Características da Família e Padrões Familiares .....                          | 41  |
| <b>Figura n.º 5</b> – Melhoria da Qualidade de Vida da Criança e da Família.....                     | 43  |
| <b>Figura n.º 6</b> – O ciclo de Avaliação/Intervenção .....   | 46  |
| <b>Figura n.º 7</b> – Local de Residência.....   | 76  |
| <b>Figura n.º 8</b> – O circuito de Acompanhamento das Famílias.....                                 | 126 |

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

|  |    |
|--|----|
| <b>Gráfico n.º 1</b> – Sexo dos utentes da Junta de Freguesia de Montelavar .....                        | 29 |
| <b>Gráfico n.º 2</b> – Tipo de Família da Junta de Freguesia de Montelavar .....                         | 30 |
| <b>Gráfico n.º 3</b> – Caracterização das Problemáticas Sociais da Junta de Freguesia de Montelavar..... | 31 |
| <b>Gráfico n.º 4</b> – Nacionalidade dos Inquiridos .....  | 75 |
| <b>Gráfico n.º 5</b> – Habilitações Literárias .....   | 76 |
| <b>Gráfico n.º 6</b> – Emprego no Agregado Familiar.....   | 76 |
| <b>Gráfico n.º 7</b> – Rendas/Amortizações em atraso .....   | 77 |
| <b>Gráfico n.º 8</b> – Dívidas em atraso.....  | 77 |
| <b>Gráfico n.º 9</b> – Apoios e/ou subsídios sociais recebidos .....                                     | 77 |
| <b>Gráfico n.º 10</b> – Prioridades face ao ordenado e/ou apoio social recebido .....                    | 78 |
| <b>Gráfico n.º 11</b> – Acompanhamentos dos Serviços Sociais e Técnicos.....                             | 78 |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Gráfico n.º 12 – Habitação .....</b>   | <b>79</b> |
| <b>Gráfico n.º 13 – Acessibilidades/meios de transporte .....</b>               | <b>79</b> |
| <b>Gráfico n.º 14 - Percepção Individual .....</b>                              | <b>80</b> |
| <b>Gráfico n.º 15 – Consultas de Planeamento Familiar/Ginecologia .....</b>     | <b>80</b> |
| <b>Gráfico n.º 16 – Uso de Contraceptivos nas relações sexuais .....</b>        | <b>80</b> |
| <b>Gráfico n.º 17 – Necessidades ou Problemas no (s) filho (s) .....</b>        | <b>81</b> |
| <b>Gráfico n.º 18 – Grau e necessidades .....</b>                               | <b>81</b> |
| <b>Gráfico n.º 19 – Frequência de Consultas de Psicologia/Psiquiatria .....</b> | <b>81</b> |
| <b>Gráfico n.º 20 – Antecedentes Criminais .....</b>                            | <b>82</b> |
| <b>Gráfico n.º 21 – Consumo de Álcool/Drogas .....</b>                          | <b>83</b> |
| <b>Gráfico n.º 22 – Objectivos Estratégias para a sua Vida Familiar .....</b>   | <b>83</b> |
| <b>Gráfico n.º 23 – Objectivos /Estratégias para a sua Vida Familiar .....</b>  | <b>84</b> |

## **ÍNDICE DE GRELHA**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Grelha n.º 1 – Categorização dos dados recolhidos através do Focus-Group.....</b> | <b>97</b> |
|--|-----------|

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo A** - Declaração de Consentimento Informado – Famílias

**Anexo B** - Questionário de Caracterização Sociodemográfica

**Anexo C** - Inventário das Necessidades da Família

**Anexo D** - Escala de Avaliação do Apoio Social à Família

**Anexo E** - Inventário de Rotinas na Família

**Anexo F** - Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA)

**Anexo G** - Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR)

**Anexo H** - Declaração de consentimento informado – Técnicos

**Anexo I** – Guião Focus-Group

**Anexo J** – Outputs

**Anexo K** – Transcrição do 1.º Focus-Group

**Anexo L** - Transcrição do 2.º Focus-Group

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**AML** – Área Metropolitana de Lisboa

**INE** – Instituto Nacional de Estatística

**P.C.A.A.C** – Programa Comunitário de Ajuda Alimentar para Carenciados

**CERCITOP** – Centro de Educação e Reabilitação de Deficientes de Todo o País

**IEFP** – Instituto de Emprego e Formação Profissional

**GIP** – Gabinete de Inserção Profissional

**NAS** – Núcleo de Acção Social

**RSI** – Rendimento Social de Inserção

**EUA** – Estados Unidos da América

**DSOIP** – Direcção de Serviços de Orientação e Intervenção Psicológica

**IP** – Intervenção Precoce

**PIAF** – Plano Individualizado de Apoio à Família

**IPMF** – Instituto Português de Mediação Familiar

**GMF** – Gabinete de Mediação Familiar

**IRF** – Inventário de Rotinas Familiares

**DGAE** – Direcção Geral da Administração Extra-Judicial

**GRAL** – Gabinete para a Resolução alternativa de litígios

**NE** – Necessidades Especiais

**AC** – Análise de Conteúdo

**EAGA** – Escala de Avaliação Global da Assertividade

**EAGR** – Escala de Avaliação Global da Resiliência

**KMO** – Teste Kaiser-Meyer-Olkin

**ECJ** – Equipa de Crianças e Jovens em Risco

**CAF** – Componente de Apoio à Família

**CPCJ** – Comissão de Protecção e Crianças e Jovens em Risco

**NACJ** – Núcleo de Apoio a Crianças e Jovens

**NUCLA** – Núcleo de Apoio Psicológico

**CECD** - Centro de Educação para o Cidadão Deficiente

**ELI** – Equipas Locais de Intervenção

**MDV** – Movimento de Defesa da Vida

## **Introdução**

A investigação é uma atitude essencial do ser humano, um motivo básico que dinamiza o seu desenvolvimento, factor de compreensão dos outros quanto de si próprio, modo relacional e ferramenta operante, transformadora e construtiva da realidade. Neste percurso, a investigação científica pode representar a formalização e profissionalização, deste modo natural e inevitável, de ser pessoa.

O objecto de interesse do trabalho em presença constitui o desenvolvimento natural de um percurso profissional que se inicia com o término da licenciatura em Política Social, em 2006, tendo desde logo, manifestado interesse pela área da família, em particular a multidesafiada e/ou multiproblemática, com crianças e jovens em situação de risco biológico e ambiental.

Esta área de interesse, foi-se definindo e tomando forma com a investigação que, corporizará a tese de Mestrado, em torno das necessidades e forças das famílias multidesafiadas e suas crianças na referida situação.

A família, enquanto objecto de estudo das ciências humanas é muitas vezes analisada como núcleo formador da sociedade, local de desenvolvimento humano e de construção da identidade dos indivíduos, de trocas afectivas, de atendimento das necessidades básicas vitais à existência humana.

Presentemente tem evoluído na sua estrutura, dando origem a novas formas de família, e é no seio de toda esta diversidade que os Técnicos de Intervenção Social têm de actuar.

Reconhece-se que a sociedade almeja que a família tenha as competências necessárias, de forma a promover a protecção dos seus elementos, a sua integração social, que assegure a continuidade através da sua identidade, gerindo uma rede de afectos, transmitindo regras e limites, valores e princípios, assentes num projecto educativo onde pai e mãe desempenhem diferentes papéis e tarefas.

Porém, a valorização do indivíduo e a maior flexibilidade das estruturas familiares são acompanhados por uma maior vulnerabilidade, reflectindo-se em dinâmicas de desestruturação familiar, na verdade, as famílias em contextos de risco encontram desafios particularmente complexos pelos reduzidos recursos de que dispõem para o desempenho da sua função parental. Contextos de risco que podem assumir diversas dimensões, nomeadamente: pobreza, violência doméstica, maus-tratos infantis, negligência, alienação parental, abandono, abuso sexual, etc.

De acordo com Sousa, L. (2005,07), as famílias multiproblemáticas revelam um mundo desorganizado e confuso, em que as emoções assumem supremacia, coexistindo uma multiplicidade de problemas em mais do que uma área e em simultâneo nas suas trajectórias de vida, que estão inter-relacionados, remetendo-as para um contexto de quase permanência em situações de pobreza e exclusão social. O seu carácter específico torna as intervenções habituais pouco efectivas e a ausência de medidas adequadas à sua singularidade tem repercussões negativas a todos os níveis: nas famílias, pela perpetuação dos problemas e marginalização; nos serviços, pela aura de ineficácia que cria, nos profissionais, pela frustração e sentimento de incompetência.

Assim, as famílias multidesafiadas são descritas como um dos grupos populacionais mais difíceis de ajudar, devido às exigências e à complexidade inerentes ao processo de intervenção com esta população, e à ausência de respostas que se mostrem eficazes, neste sentido.

Igualmente, o modelo das práticas educativas tem-se caracterizado por uma intervenção centrada na criança, a pré-escola e o educador, respectivamente, como local e agente de intervenção, e os pais como receptores dos resultados e recomendações dos profissionais e observadores quanto ao processo de avaliação, planificação e intervenção.

Os resultados pobres e ineficazes junto das famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco em idade pré-escolar, alheando e desresponsabilizando as famílias do processo de intervenção e dando-se primazia a práticas centradas na criança, levaram-me a questionar estes modelos de intervir e actuar, numa tentativa de encontrar novas soluções.

Assume-se como inquestionável que a família deve ser encarada como um sujeito único, activo, envolvido em dinâmica de participação e projecto e que as crianças, independentemente da severidade dos seus problemas, necessitam de famílias e de relações duradouras com adultos, num ambiente e num lar de boa qualidade.

Ao longo de quatro anos de trabalho enquanto Técnica Superior de Serviço Social, na Autarquia de Montelavar, situada no Concelho de Sintra, tenho acompanhado a nível psicossocial famílias e crianças com as especificidades acima referidas, realidade onde se tem verificado um aumento significativo, fazendo emergir algumas inquietações.

Como dar conta da heterogeneidade, da singularidade que surge em cada família e suas crianças numa conceptualização teórica que entendia o seu desenvolvimento de uma forma linear, independente do seu contexto de vida?

A carência e necessidade de conceptualizações teóricas que me ajudassem a compreender e desenvolver um trabalho com as famílias multidesafiadas e suas crianças em contexto de risco levaram-me a procurar conhecimentos adequados e actuais. A frase “...aqueles vêem assim o mundo; estes vêem assado; eu só vejo que diferentes são as maneiras como vêem e, sobretudo, as maneiras com que o mundo pode ser visto, caso não se olhe para ele com olhos de ver”, Cardoso, E. (2010), reiterou a precisão de ver e pensar a família com outras lentes.

Com base na premissa de que a intervenção e prestação de serviços deverá encarar a família como unidade e foco de atenção, ou seja, centrada, integrada, orientada e mediada no seu seio, nas várias disciplinas e contextos, de forma colaborativa e de acordo com os desejos, recursos e necessidades individuais de cada uma, propus-me desenvolver este projecto de investigação, no sentido de aferir quais as percepções das famílias multidesafiadas com crianças, em idade pré-escolar, em contextos de risco, acompanhadas pelo Núcleo de Acção Social, da Autarquia de Montelavar, e dos Técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças, bem como, a adequação de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes.

Este trabalho de investigação, resultado de uma procura contínua de conhecimento, é, assim, constituído por quatro fases e/ou momentos essenciais, que passaremos a descrever.

A primeira fase corresponde ao Enquadramento Teórico, que inclui a Introdução, que pretende elucidar o leitor sobre qual o objecto e importância do estudo, bem como, dar conta da organização interna do próprio trabalho, subdividindo-se ainda em três capítulos, que assentam numa revisão da literatura, no que respeita às premissas básicas para a compreensão do sistema familiar (conceito, composição, limites, funções, etc.) caracterização das famílias multidesafiadas, suas necessidades e recursos, realidade do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Acção Social, da Autarquia de Montelavar e cruzar olhares entre diferentes modelos de intervenção, como a intervenção integrada e precoce perscrutando a possível colaboração da orientação e mediação familiar.

A segunda e terceira fases correspondem ao estudo empírico, sendo que a segunda refere-se aos princípios e procedimentos, isto é, esclarece qual a razão da escolha, tipo de investigação, define objectivos, população e amostra, métodos e instrumentos utilizados, já a terceira remete para a análise e discussão de resultados acerca da efectiva percepção das famílias e técnicos acerca das necessidades e forças, apontando ainda delimitações e limitações do estudo.

A quarta fase simetriza as considerações finais, sugerindo linhas de orientação futuras para uma melhor intervenção com as famílias.

## I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*"Os nossos pais amam-nos porque somos seus filhos, é um facto inalterável. Nos momentos de sucesso, isso pode parecer irrelevante, mas nas ocasiões de fracasso, oferecem um consolo e uma segurança que não se encontram em qualquer outro lugar."*

*[Bertrand Russell]*

## Capítulo 1 – Uma abordagem às famílias

### 1.1 Conceito de Família – A diversidade: sua composição, limites e funções

*“...é na família que nos tornamos homens e mulheres, nos construímos pessoas, buscamos a felicidade e o sentido da vida” (Neto, M. 2004)*

O conceito de família não é um conceito homogéneo para todas as épocas e culturas, pelo que podemos apreciar substanciais diferenças transculturais entre os membros da família que se sentem parte dela, assim como nos papéis e funções esperados de cada um e da família no seu todo.

A palavra “família” deriva do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”, representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É um grupo de pessoas, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência (demonstrada ou estipulada) a partir de um ancestral comum, matrimónio ou adopção.

A família é unida por múltiplos laços capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida e durante as gerações.

Podemos então, definir família como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interacção dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transaccionais.

Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, podendo estes ser formados pela geração, sexo, interesse e/ ou função, havendo diferentes níveis de poder, e onde os comportamentos de um membro afectam e influenciam os outros membros. A família como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo a nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais (Minuchin,1990).

A família tem sido moldada pelas sociedades, os seus sistemas económicos e culturais e as religiões, mas que também ela, através do processo de socialização dos indivíduos, concorre simultaneamente, para a reprodução e dinâmicas das sociedades, (Leandro, 2001, p.51).

Actualmente, assistimos a vários factores de mudança que agem sobre a estrutura familiar, nomeadamente, o aumento da longevidade que se traduz numa inversão da pirâmide demográfica, que leva as gerações mais novas a terem cada vez menos representantes, a própria diminuição da fecundidade dos casais, que é acompanhada por

um menor número de casamentos e de taxas de fecundidade, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, que recusaram cingir-se ao domínio restrito do lar familiar e aos únicos papéis de esposa e mãe, assim como a adesão a novas normas e representações sociais, que se reflectiram na alteração dos comportamentos sexuais e conseqüentemente na adopção de práticas contraceptivas e o recurso ao divórcio, como atesta (Carneiro, 2005) “as grandes transformações operadas na sociedade através dos tempos repercutiram-se inevitavelmente, nas mentalidades, nos costumes, nas formas de relacionamento entre mulheres e homens e, portanto, nas próprias arquitecturas familiares, ou seja, na diversificação dos modelos e dos estilos de Vida Familiar”.

A família de hoje já não é, para uma grande número de pessoas, aquela instituição que inclui pai, mãe e respectiva prole conjunta, actualmente, esta deve ser encarada no plural – as famílias – no sentido em que é constituída por variadas formas (nuclear, alargada, monoparental, reconstituída, unitária, etc.) que têm em comum serem “um grupo de pessoas ligadas por laços de parentescos cujos membros adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças” (Almeida,1995).

Desta forma, “a família contemporânea tem-se tornado relacional na medida em que investe, insistentemente, no afectivo e na qualidade das relações intrafamiliares” (Leandro, 2001, p.137).

Assim, os limites alargaram-se, as responsabilidades associadas a cada progenitor equipararam-se e as funções básicas orientam-se cada vez mais no sentido da protecção dos filhos.

A família define-se como um grupo primário, um grupo de convivência intergeracional com relações de parentesco e com uma experiência de intimidade que se prolonga no tempo (Maxler e Mishler, 1978, cit in Gimeno 2001). Tempo que constitui assim uma importante dimensão para compreender a realidade familiar, as expectativas de futuro e história, dando-lhe identidade (Gottman,1992).

Desta forma, pode-se dizer que a família organiza a sua vida para cumprir duas funções básicas: o desenvolvimento pessoal dos filhos e a socialização, ou seja, desenvolvimento e protecção material e psicossocial dos seus membros (função interna) e a socialização, adequação e transmissão de determinada cultura (função externa) (Minuchin, 1979).

Dentro deste prisma, “a família terá que resolver com sucesso duas tarefas, também elas essenciais: a criação de um sentimento de pertença ao grupo e individualização/autonomização dos seus elementos” (Relvas, 1996, p.17).

A família deve, então, responder às mudanças externas e internas de modo a atender às novas circunstâncias sem, no entanto, perder a continuidade, proporcionando sempre um esquema de referência para os seus membros (Minuchin, 1990). Existe, conseqüentemente, uma dupla responsabilidade no sentido de dar resposta às necessidades quer dos seus membros, quer da sociedade (Stanhope, 1999).

Ao nível do processo de socialização a família assume, igualmente, um papel muito importante, já que é ela que facilita o processo de aquisição de regras, normas, valores e condutas para a criança, desempenhando um papel fundamental e de elevado impacto na sua vida, uma vez que é nela que encontramos a afectividade, aspecto reforçado por Sampaio e Gameiro (1998).

Assim sendo, a família constitui o primeiro, e o mais importante grupo social de cada ser humano, o seu quadro de referência, estabelecido através das relações e identificações que a criança criou durante o desenvolvimento” (Vara, 1996, cit. in Stanhope, 1999, p. 504), tornando-a na matriz da identidade.

Sintetizando, e segundo Relvas (1996), a estrutura da família enquadra-se ao nível espacial ou relacional, na medida em que cada sistema familiar alcança uma forma própria em função da sua estruturação. A estrutura familiar é vista como sendo uma rede de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem.

De acordo com Minuchin (1982), a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem.

Independentemente da sociedade, cada membro de uma família possui um determinado estatuto/papel (e.g. marido, mulher, filho, irmão). Este papel é a expectativa de “comportamento, de obrigações e de direitos que estão associados a uma dada posição na família ou no grupo social” (Duval & Miller, cit. in Stanhope, 1999, p.502).

Deste modo, pelo que nos foi possível perceber, a estrutura familiar trata-se essencialmente da organização sistémica que promove funcionamento familiar.

Neste âmbito, o que realmente caracteriza a família são as suas relações de interdependência e dependência. Aqui tudo é duplo, família é solidariedade, sobrevivência/reprodução, memória/civilização – não é apenas o sítio onde se nasce cresce, mas também onde adquirimos os saberes, as atitudes, os comportamentos, e ainda a experiência que é apreendida através da memória; por esta razão, a família é o palco

recordações, pois é o local onde se fazem as primeiras aprendizagens e a primeira socialização. É então, um conjunto de pessoas, um somatório, um par que dá origem à vida. Deste modo, não é somente “uma pessoa mais uma pessoa”, existe uma relação entre elas, dado que têm um projecto de vida em comum. Este conjunto de pessoas é estruturado a partir de afectos, que funciona tendo por base, uma organização assente em papéis, funções, direitos e deveres que são insubstituíveis (Carneiro, 2005).

## **1.2. Laços, interacções e vínculos familiares**

*“É descobrindo como os outros se relacionam, permutam, dão e resolvem conflitos que, desde muito cedo, a criança desperta para o sentido da atenção aos outros e ao amor.” (Anatrella, 2005)*

Quando nos referimos a laços, interacções e vínculos familiares estamos a falar de relações implícitas e explícitas que se estabelecem entre os membros da família.

A família, espaço educativo por excelência, é vulgarmente considerada o núcleo central de individualização e socialização, no qual se vive uma circularidade permanente de emoções e afectos positivos e negativos entre todos os seus elementos. A família é também um lugar de grande afecto, genuinidade, confidencialidade e solidariedade, portanto, um espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das interacções entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado e os "ligam" pelo sentimento de pertença àquela e não a outra família.

Neste contexto, a definição de Gameiro (1992:187) adquire todo o seu significado: "a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura".

Segundo (Relvas 1996) cada família é vista como um todo, como emergência dos elementos que a compõem, sendo definitivamente una e única. Apelando à teoria geral dos sistemas, a autora revela ainda que cada família é também parte de sistemas, de contextos mais vastos nos quais se integra (comunidade, sociedade), sendo igualmente importante a existência dentro da família de outras totalidades mais pequenas (sendo a menor o indivíduo) que são elas próprias, partes do grupo total, os chamados subsistemas (Relvas, 1996).

De acordo com a Teoria Geral dos Sistemas, o Sistema é um conjunto organizado de indivíduos, e das suas relações, são estas que conferem uma determinada organização para se atingir determinado objectivo. Existe um todo que se vai entrelaçar e estabelecer relações e para o compreendermos, é necessário interpretar este entrelaçar de relações.

Assim, para ser um sistema funcional, tem de haver um todo e as partes, dado que estes são indissociáveis.

Usar-se a palavra sistema ao invés de grupo, acarreta uma série de implicações, acima de tudo de interdependência e reciprocidade no funcionamento dos seus membros.

As interações manifestam-se ao nível da aproximação, através de demonstrações de afecto que se reflectem na expressão de sentimentos positivos (carinho, ternura, amor, confiança, lealdade, admiração, atracção, apoio, etc.), contribuem para a satisfação pessoal e desenvolvimento dos membros da família, bem como a expressão da intimidade, fusão, mutualidade.

As interações familiares também se podem expressar ao nível do distanciamento, estando presentes emoções negativas (rejeição, ciúme, rivalidade, etc.) que conduzem a relações conflituosas, os laços que interligam os membros da família tornam-se invisíveis, gerando sofrimento e conflito.

Os vínculos familiares podem caracterizar-se por ancestrais, de acordo com Bahr, H. M., and K. Slauch Bahr (1996) estes constituem uma importante dimensão da transcendência familiar e pressupõem uma extensão dos limites da família, ultrapassa o biológico, pois equivalem a uma herança do passado e a uma transmissão do conhecimento, da cultura e valores familiares.

### **1.3. Características das Famílias**

*“A complexidade interacional de um sistema é baseada em pelo menos três factores interligados: a) o número das partes componentes ou jogadoras; b) a natureza da interdependência entre as partes; c) o grau de incerteza que afecta o comportamento do sistema” (Gameiro, 1994).*

Tal como os indivíduos que a compõem, a família insere-se num contexto evolutivo e possui o seu ciclo vital. Em outras palavras, a família também nasce, cresce, amadurece, habitualmente reproduz-se em novas famílias, encerrando o seu ciclo vital com a morte dos membros que a originaram e a dispersão dos descendentes para constituir novos núcleos familiares.

Assim, "o desenvolvimento familiar reporta-se à mudança da família enquanto grupo, bem como às mudanças nos seus membros individuais, ao nível de três componentes: funcional, desenvolvimental e estrutural. Contudo, o carácter desenvolvimentista desta abordagem reside especificamente na identificação de uma sequência previsível de transformações na organização da vida familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de ciclo vital e essas tarefas caracterizam as suas etapas" (Relvas,1996:16).

Simeonsson (1988) vai especificar características que considera típicas na maioria das famílias, ao nível das suas dimensões estrutural, funcional e desenvolvimental.

### **1.3.1. Características Estruturais**

Ao nível das características estruturais temos dois tipos de análise. Um diz respeito à composição da família, isto é quem são os membros. Reflectindo nesta análise sobre as tendências sociológicas actuais das novas formas familiares (exemplo: as famílias monoparentais), Simeonsson (1988) afirma, ainda assim, ser possível considerar a composição da família imediata (uma ou mais crianças e a mãe e/ou o pai, em que, quer a criança quer os pais, têm papéis e necessidades únicas) e a família alargada (avós maternos e paternos, tios e primos). Os membros da família imediata e mais alargada são portadores de histórias e necessidades para as relações familiares. Conhecer estas necessidades individuais e colaborativas implica averiguar a composição da família.

O outro nível de análise estrutural baseia-se nas propriedades sistémicas da família em contexto, em que as relações dinâmicas entre os membros da família transcendem os papéis individuais. Os indivíduos criam e reforçam a estrutura e esta socializa e controla a pessoa (Massey, 1986 cit. por Simeonsson, 1988).

Na família, como sistema, os seus membros estabelecem papéis, relações, crescem, desenvolvem e mudam enquanto interagem mutuamente.

Em suma, ao analisamos estruturalmente as famílias, tem de se ter em consideração a estrutura interna, externa e contexto, ou seja, quem são os seus membros, qual o vínculo afectivo que estabelecem, comparando o relacionamento com os indivíduos externos à família e qual o seu contexto.

### **1.3.2. Características Funcionais**

As características funcionais referem-se ao comportamento dos indivíduos uns com os outros, ao relacionamento destes com os membros da família, bem como com outros membros significativos de um ambiente social mais amplo. Dizem respeito, ao funcionamento instrumental da família, relacionado com as actividades quotidianas, que assumem um maior significado, quando algum membro da família passa a necessitar do outro membro para realizá-las, e ao funcionamento expressivo, o qual é composto por nove subcategorias: comunicação emocional, comunicação verbal, comunicação não verbal, comunicação circular, solução de problemas, papéis, influência e poder, crenças, alianças e uniões.

Dentro de uma família há funções que devem ser cumpridas pelos seus membros individualmente ou pelos subsistemas que a compõe para que o processo de adaptação e ajustamento seja conseguido, e logo, haja um funcionamento familiar adequado.

Simeonsson (1988) atribui aos pais o papel de professores da disciplina, de prover cuidados de saúde, de líder moral/ético e o papel de cuidar da casa. A criança é o alvo a quem a família deve sustentar e um membro do sistema familiar. Aos irmãos cabe o papel de modelo, de substituto dos pais e de companheiro de jogo. Aos avós é atribuído o papel de conselheiros, educadores do neto e um recurso da família alargada. O estatuto socioeconómico e os grupos étnicos contribuem para a variação das funções da família e para os valores atribuídos a essas funções.

### 1.3.3. Características Desenvolvimentais

O termo “desenvolvimental”, encontra-se intimamente relacionado com o ciclo vital da família, ou seja, a trajectória construída por uma família, sendo esta composta por eventos previsíveis e imprevisíveis que resultam em mudanças na família, sendo necessária a reorganização das regras familiares e dos papéis exercidos por cada membro.

A marcação das diferentes etapas do ciclo vital, tem variado consoante os autores, tendo como referência a família nuclear tradicional, composta por pai, mãe e filhos, e a idade do filho mais velho.

Nesta perspectiva, para um melhor entendimento conceptual do ciclo vital da família, pode-se dividir o mesmo em quatro itens, primeiro, o da ideia de ciclo, que corresponde a uma sucessão de fases, conjunto de mudanças que acontecem de uma forma tendencialmente constante; segundo, o das fases que corresponde aos estádios/desenvolvimento; terceiro ao das tarefas de desenvolvimento em si e quarto, o das transições, que podem ser normativas ou não normativas.

Com base no acima exposto, para Relvas (1996) o ciclo vital da vida expressa e integra uma perspectiva desenvolvimentista, por representar um esquema de classificação em estádios que demarcam a tal sequência previsível de transformações, composta por duas interfaces desenvolvimentais: o indivíduo/grupo familiar e família/ meio sócio-cultural.

Para Falceto e Waldemar (2001,cit in Eicirik, Kapczinski & Bassols, 2001) o ciclo vital da família é o processo evolutivo pelo qual esta passa ao longo da vida, onde há etapas com tarefas específicas e problemas típicos, e do seu encaminhamento adequado dependem o bem-estar e o crescimento biopsicosocial dos seus membros. Estes autores referem ainda que estas mudanças de etapas – *crises evolutivas* – desencadeiam

transformações na organização da família, que requerem, simultaneamente, múltiplos ajustes dos seus vários membros.

O Sociólogo Duvall incluiu tarefas de desenvolvimento no sistema familiar, permitindo, mais tarde, a criação de diversos esquemas classificativos do ciclo vital da família. Segundo Carter & McGoldrick (1989), Duvall separou o ciclo da vida familiar em oito estádios, referentes às idas e vindas dos membros da família: casamento, o nascimento e educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, a reforma e morte. Contudo, estes estádios e tarefas são baseados em famílias nucleares intactas, de classe média.

Carter & McGoldrick (1995), afirmam que a definição de família, assim como as fases do ciclo de vida e a importância das diferentes transições, varia de acordo com o background cultural da família.

Mencionaremos as diferentes fases do ciclo vital equacionadas por Relvas (1996), por as considerarmos úteis, tendo em conta o objecto de estudo aferir/conhecer as percepções das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar, em contextos de risco acerca das suas necessidades e forças e como intervir com a(s) família(s) de forma mais adequada.

Relvas (1996, pág. 19) compõe o ciclo da vida familiar por cinco etapas (1.<sup>a</sup> Etapa – Formação do Casal 2.<sup>a</sup> Etapa – Família com filhos pequenos; 3.<sup>a</sup> Etapa – Família com filhos na Escola; 4.<sup>a</sup> Etapa – Família com filhos adolescentes; 5.<sup>a</sup> Etapa – Família com Filhos Adultos (empty-nest)).

Assim, para o autor, a formação do casal coincide com o início do tempo de vida da família (nasce a família nuclear), que vive um contexto físico, psicológico e social, na esperança da adaptação da vida a dois e de ter filhos. Por essa razão corresponde à primeira etapa do seu ciclo vital.

Com o nascimento do primeiro filho inicia-se uma nova fase (família com filhos pequenos) de transição do ciclo vital familiar. A díade alarga-se à tríade, e a "revolução" afectiva do casal é acompanhada de uma redistribuição de papéis, funções e imagens identificatórias a três níveis: no seio do próprio par, nas relações entre os esposos e as famílias de origem e nas relações com os contextos envolventes mais significativos (profissional, de amizade, rede de suporte social, etc.), em que as tarefas indicadas são relativas às exigências postas à família pelo nível etário e desenvolvimento das crianças.

Desde o nascimento do primeiro filho até à sua entrada na escola, o sentido da mudança é fundamentalmente o mesmo: trata-se da reorganização familiar, através da definição de papéis parentais e filiais e de nova redefinição de limites face ao exterior, visando uma maior abertura às famílias de origem e à comunidade.

Os novos pais organizam o modelo parental que comporta dois modelos distintos: o maternal e o paternal, cujas funções, na contemporaneidade, se complementam e confundem na práxis (Osório, 1996).

A entrada da criança na escola, é um momento crucial de abertura do sistema familiar ao mundo que a rodeia. "É o primeiro grande teste à capacidade familiar relativa ao cumprimento da função externa" (Relvas, 1996: 114). A família sente-se observada no que se refere ao seu "retrato", num duplo sentido: primeiro em termos do desempenho escolar da criança propriamente dita e, segundo, no que se refere às competências que aquela possui para viver e conviver com os outros (iguais e adultos).

Neste "argumento", a entrada dos filhos na escola é a primeira crise de desmembramento que a família enfrenta, implicando em termos internos a separação e em termos externos o início da relação com um sistema novo, bem organizado e altamente significativo (Relvas, 1996).

Esta etapa serve de preparação ao "radicalismo" característico da que se lhe segue: família com filhos adolescentes. Por isso, a necessidade de definição de um novo equilíbrio entre o individual, o familiar e também o social constitui-se como aspecto essencial do evoluir da família nesta fase do ciclo vital, assinalada pela adolescência dos elementos mais jovens.

Por último, abordamos a etapa da família com filhos adultos. Sem dúvida, um período de grande movimentação familiar, marcado por múltiplas saídas e entradas no sistema e por transformações relacionais importantes.

A opção deste período como uma só etapa fica a dever-se basicamente ao que parece ser uma característica fundamental, marcadamente intergeracional" (Relvas, 1996:188).

Actualiza-se a história familiar que marca as formas e os contextos desenvolvimentais e evolutivos. "Saem os filhos, entram novos parentes por afinidade (genros, noras, etc.) e os netos, concretizando-se a ligação entre famílias de origens diferentes. Entram os pais dos pais (gerações mais idosas) que, por hospitalização/colocação em lares/morte, pouco depois saem de novo. Com o decorrer dos anos um dos cônjuges desaparece desta família nuclear, para a última saída coincidir com a morte do sistema (Relvas, 1996: 190). (Duvall 1954) citado por este autor qualifica este período como os *anos acordeão* da vida da família.

Geração adulta entre gerações adultas, esta díade tem, então, que concretizar três tarefas fundamentais: "facilitar a saída dos filhos de casa, permitindo-lhes uma construção autónoma das suas próprias vidas; renegociar a relação de casal num contexto de reavaliação do casamento, do balanço profissional e individual; aprender a lidar com o

envelhecimento, numa articulação permanente entre independência e dependência, primeiro com as gerações mais idosas e, depois, consigo própria" (Alarcão, 2000:186).

#### **1.3.4. O Paradigma das Famílias Sãs – Funcionalidade versus Disfuncionalidade Familiar**

*“Quem pode ainda pretender que a vida é ordem, razão, lógica, previsão, lei suprema e organizadora? (...) A nossa vida de todos os dias é regida pela ordem, o método, a razão, ou é caos que nos transporta nesta vaga que tentamos impedir com os nossos horários, as nossas razões, os nossos deveres, as nossas inseguranças? (...) a questão já não será portanto ‘como eliminar o caos?’ mas de preferência como lidar com ele” (Ausloos, G. 2003).*

Como refere Minuchin (1982), a família é um sistema que se adapta a diferentes exigências das diversas fases de desenvolvimento, assim como às mudanças nas solicitações sociais, com o fim de assegurar continuidade e crescimento psicossocial aos membros que a compõem.

Este duplo processo de continuidade e crescimento desenvolve-se através de equilíbrios dinâmicos entre a tendência homeostática, ou seja, através da estabilidade e defesa em relação aos sistemas circundantes e que impede mudanças excessivas, garantindo a preservação da família e a capacidade de transformação, os seus membros crescem, mudam, influenciam-se mutuamente e são influenciados por acontecimentos externos (Silva, 2001).

Assim, a funcionalidade da vida familiar depende da capacidade de harmonizar as forças que impelem para a mudança com os mecanismos que apoiam a estabilidade do sistema. Os valores, as regras e também as crenças e os ritos familiares contribuem para dar estabilidade à família, enquanto outras forças internas e externas tais como o processo evolutivo dos seus membros, as metas, os conflitos e as crises, costumam actuar como agentes geradores de mudança (Gimeno, 2001).

Relativamente às mudanças, Carter & McGoldrick (1995), explicam existirem muitas evidências sobre os stressores familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo de vida, criando frequentemente rompimentos neste ciclo e reproduzindo sintomas e disfunções.

Assim, factores de stress, podem ser definidos como acontecimentos de vida cujo impacto na família produz ou pode produzir, mudanças e gerar determinadas necessidades que têm de ser satisfeitas. Para tal, a família dispõe de recursos para lidar com os problemas e satisfazer as necessidades deles decorrentes, neste sentido, a integração, adaptação e satisfação familiar ganham relevo. A percepção influirá também na forma

como a família analisa as dificuldades, a qual depende dos valores, crenças e experiências prévias de situações anteriores de stress normativas e não normativas. Estes recursos podem traduzir-se em estratégias de ajustamento ou adaptação, que podem ser mais ou menos adequadas de acordo com o problema, sendo a assimilação e sinergia, respectivamente, as mais indicadas.

Desta forma, existem famílias com capacidades para resolver no seu seio dificuldades que se lhes colocam. Considera-se que têm uma personalidade autónoma, sendo capazes de manter uma interacção/equilíbrio na relação com o meio ambiente sem que se percam as individualidades de cada um.

Contrariamente a estas, existem as famílias ditas problemáticas/disfuncionais, nas quais, para além dos problemas, existem poderosas forças emocionais que interagem com os comportamentos dos seus membros.

Whitaker, C. (1988), faz referência a particularidades que determinam uma família saudável. Segundo o autor, nestas, as regras e os limites são usados como orientações, servindo para o desenvolvimento familiar. Por sua vez, nas famílias patológicas, as regras e os limites são usados para impedir a mudança e manter o status.

As mudanças estruturais operadas na família, podem ser fonte de crescimento e de enriquecimento, mas também podem conduzir à disfuncionalidade afectando todos os elementos que dela fazem parte.

Assim, as famílias consideradas funcionais, são aquelas cujo desempenho global das suas funções é assegurado por comunicações claras, estabelecimento de limites e alianças sólidas entre os progenitores, sendo permeáveis à mudança e a padrões de comportamento alternativos.

Nas famílias disfuncionais, ao invés, verifica-se incapacidade de assegurar as suas funções, a comunicação é ambígua, existe oposição à mudança, os limites são confusos, as alianças fracas, existindo por vezes coligações entre um dos pais e um filho, o que dificulta o crescimento e enriquecimento individual de cada um dos seus membros.

De acordo com a vasta experiência de Ribeiro e Coutinho (2008), não existem famílias que não tenham dificuldades, inclusive, as famílias saudáveis também têm problemas, todas sem excepção passam por momentos difíceis. Contudo, as famílias funcionais vão conseguindo enfrentá-las e crescer com a adversidade, mudando a forma como se lida com estas.

Sousa, L. (2005), refere ser frequente associar-se o conceito de família disfuncional, à carência/insuficiência socioeconómica, mas estas debilidades podem estar presentes em qualquer estrato sócio-económico e cultural. No entanto, as famílias carenciadas

evidenciam-se perante os Técnicos, por solicitarem ajuda, devido aos poucos recursos de que dispõem.

Também Auloos, G. (2003) afirma que “... a vida nunca pára: os vivos nunca estão verdadeiramente desequilibrados, estão em equilíbrio permanente, não estão disfuncionais, mas em funcionamento”, dizendo mesmo que “...dever-se-ia parar de falar em família disfuncional, para falar em família funcionante”.

Esta ideia, segundo o autor, pode estar relacionada com a percepção dos Técnicos e sua intervenção, quando diz que “A nossa impaciência terapêutica, leva-nos a entender as nossas teorias como dogmas, a crer que as nossas soluções, são boas para toda a gente, a impedir as famílias de encontrarem as suas auto-soluções”.

A este propósito, de acordo com Sousa, in (Famílias Multiproblemáticas), pág. 107, “... procuram-se os problemas e nunca as competências existentes nas famílias (...) através de uma função coerciva [fazer com que as pessoas se comportem como deve ser]”.

Para a autora, a intervenção junto das famílias deveria passar pela “...valorização da competência (...)” que “é uma estratégia de capacitação das famílias, o que significa aceitar, que são os clientes os mais aptos a definir e a compreender, as suas necessidades, actualizar os seus recursos, a gerar o desenvolvimento, partilhando o saber-fazer com os outros e gerindo os recursos de suporte da comunidade (...) (pág. 103), pois “ (...) os profissionais devem reconhecer-se como catalisadores da mudança, não substituem a família nas suas funções, mas ajudam-na a reconhecer padrões disfuncionais e explorar novas possibilidades de relacionamento. Capacitar a família implica potenciar as suas competências explorando-as e valorizando-as”.

#### **1.4.1 Famílias Multiproblemáticas/Multidesafiadas e Parentalidade**

*“As famílias multiproblemáticas revelam “um mundo desorganizado e confuso”, respostas emocionais, sem reflexão, intolerância à frustração, incapacidade de comunicação e negociação, “interacção caótica”. (Sousa, L. 2005)*

Todas as famílias necessitam de momentos de adaptação, face às constantes mudanças, que se repetem ao longo de todo o seu ciclo de vida, levando ao seu desenvolvimento. Este processo verifica-se ser de maior dificuldade nas famílias multiproblemáticas pobres que se vêem inseridas em contextos desfavorecedores e são marcadas por uma panóplia de problemas. Afectadas quotidianamente por contextos de pobreza e exclusão social encontram-se num limiar onde muito dificilmente conseguem aceder a serviços e bens essenciais para satisfação de necessidades básicas e também não lhes é permitido o acesso a tantos outros serviços como a justiça, a informação e conhecimento ou a participação política.

São estas famílias multiproblemáticas que atraem maior visibilidade pois nelas os contextos de exclusão fazem sentir-se mais arduamente, potenciados pelas fragilidades internas e externas que as caracterizam, como sejam, a baixa auto-estima, depressão e/ou pobreza. A pobreza é um factor de risco para práticas parentais negativas e fraco desenvolvimento das crianças. Neste contexto têm maiores probabilidades de desenvolver comportamentos desajustados, perante situações e factores de risco. Estes comportamentos desajustados potenciam um emaranhado de problemas que se reflectem em todos os membros da família, com a particular incidência sobre a desorganização.

Características sintomáticas que se tendem a manifestar em todas as fases do ciclo de vida da família e a perpetuarem-se de geração em geração.

Contudo, há que ter em conta que são famílias que detêm competências pois de alguma forma conseguem sobreviver no quotidiano do emaranhado de problemas que as atingem.

O que as impede de conseguir um desenvolvimento saudável e adequado aos problemas e crises com que se deparam, e que são comuns a todas as famílias e processos familiares, é o facto de se encontrarem bloqueadas nas suas competências, não detendo os conhecimentos e aptidões necessárias à resolução das suas tarefas. Os próprios serviços sociais e políticas sociais de ajuda e intervenção ainda são muitas vezes desagregados e perpetuadores dos comportamentos sintomáticos destas famílias.

O conceito de família multiproblemática começou a ser construído a partir dos anos 50, através de profissionais do trabalho social. Quando surgiu, tinha por base de referência o estatuto socioeconómico, referindo-se essencialmente a famílias provenientes de um estatuto social mais baixo, deixando de parte a dinâmica das relações interpessoais e sociais dos seus membros. Através do trabalho desenvolvido pelos profissionais do trabalho social, o conceito começou a ser aprofundado, revelando-se outras particularidades e características destas famílias, nomeadamente a sua estrutura e modalidades relacionais e comunicacionais, permitindo aferir que a pobreza nem sempre é sinal de desorganização, logo não é elemento único, caracterizador das famílias multiproblemáticas. Isto levou à emergência de múltiplos termos que caracterizam as famílias multiproblemáticas, de acordo com as dimensões mais aprofundadas pelos investigadores, como famílias isoladas, famílias excluídas, famílias suborganizadas, famílias associadas ou famílias desmembradas (Martinez, 2003; Sousa, 2005).

Embora a denominação “famílias multiproblemáticas” continue a ser mais comum na literatura, outras denominações que melhor espelham as questões importantes para estas famílias foram aparecendo nas duas últimas décadas. O conceito de famílias multiassistidas, inicialmente proposto por (Reder 1985, cit. por Neto, 1996) e desenvolvido

por Neto (1996) num foco estrutural, ecológico e sistémico, ilustra uma viragem terminológica que tem como consequência uma visão menos patologizante e negativa do funcionamento destas famílias, que visa ultrapassar os poderosos constrangimentos conceptuais implícitos na denominação multiproblemática.

A denominação de “famílias multiassistidas”, como se referem Minuchin e Colapinto (1998), evidenciam uma aparência caótica, funcionando sobre fronteiras fluidas e permeáveis aos diversos profissionais que visam proteger as famílias, sendo que a própria intervenção é muitas vezes, intrusiva, desrespeitadora e desestruturante, tornando-se numa agressão à família.

Alarcão (2008), recentemente propôs a denominação de “famílias multidesafiadas”, reflectindo sem dúvida uma posição americana que coloca o foco nas potencialidades e recursos destas famílias. Sucintamente, estas famílias caracterizam-se pela instabilidade, desorganização, isolamento social, labilidade de fronteiras, estilos parentais autoritários ou permissivos e frequentes patologias assim como por uma diminuída capacidade de resposta às necessidades dos filhos (Minuchin 1967; Alarcão, 2005), o que resulta, por vezes, em situações de maus tratos às crianças e jovens.

Estas famílias multidesafiadas formam quatro configurações típicas: pai periférico – famílias onde a figura do pai ocupa um papel secundário tanto a nível económico como emocional, não assumindo as suas responsabilidades; casal instável - onde existem casamentos de pouca duração entre pessoas muito jovens que não têm tempo de gerar uma família madura do ponto de vista económico e relacional; mulher só - que decide criar sozinha os filhos de outras relações; e a da família petrificada que surge após um trauma imprevisível e de consequências dramáticas que leva à incapacidade funcional da família (Sousa, 2005).

Nestas famílias também as funções parentais se encontram deterioradas na vertente protectora e socializante. Não se transmitem valores afectivos de amor e aceitação, por parte dos progenitores levando à fraca vinculação o que altera a autonomização e inserção e adaptação social das crianças.

Por outro lado também se descumrem as funções de protecção existindo diversos casos de negligência e abandono. Os filhos são muitas vezes parentificados, sendo os irmãos mais velhos, especialmente os do sexo feminino, a assumirem muitas das tarefas que correspondem aos progenitores (Sousa, 2005; Gómez et al., 2007).

Os limites são muito permeáveis e pouco definidos pois existe uma hierarquia caótica, com o mínimo de regras e rotinas derivado da não assumpção de papéis pelos elementos da família. Isto faz com que as funções familiares sejam realizadas de forma insatisfatória.

Não existem rituais familiares, o que contribui para a perda de identidade e coesão familiar e para o detrimento das relações familiares, sendo mais fácil a existência de disfuncionalidades nestas famílias. Em termos de organização, a casa de família é, muitas vezes, o reflexo deste tipo de comunicação: caótica e desagregada.

São as razões e as condições, os actos e as representações, as dificuldades e as soluções, os contextos de vida e desenvolvimento e as trajectórias existenciais destas famílias e suas crianças, as suas vivências e qualidade de vida, que constituirão o núcleo substantivo do itinerário de conhecimento aqui traçado. Pretende-se que possa servir como organizador sustentado de eventuais contributos para a intervenção reparadora das falhas psicológicas, relacionais e sociais, geradoras de vazios onde a desordem, a perturbação, a desorganização, a disfuncionalidade e o sofrimento se instalam.

De forma a permitir a compreensão e ajuda às famílias com diferentes problemáticas, tanto no sentido de diminuir o seu sofrimento, como para a prevenção primária, é igualmente necessária a aquisição de conhecimentos acerca de uma análise holística do sistema familiar com outros sistemas. Assim, a reflexão sobre os sistemas sociais nos quais a família está inserida e as dinâmicas relacionais entre estes diversos sistemas são cruciais.

Assim, o problema deste presente estudo consiste em aferir/conhecer as percepções das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar, em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças, bem como, a adequação de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes.

Tentando para tal responder às seguintes questões:

- Que papel e/ou influência/relevância poderão ter as famílias na identificação das suas próprias forças e necessidades?
- Sentirão os Técnicos com competência nesta área e que actuam na Freguesia, ser necessária a criação de um Projecto Integrado de Intervenção, em particular destinado a crianças em risco e suas famílias, numa relação de colaboração efectiva?
- Quais as mais valias do desenvolvimento de um Projecto desta natureza, pela Autarquia?;

### 1.4.2. Contextos de Risco - Factores de risco e protecção na família

*“Todas as crianças nascem com o direito a uma família, sendo certo que uma família não é um pequeno grupo de pessoas com uma história que se converte em cumplicidades, mas os laços que entre elas se criam através de experiências de intimidade, irrepetíveis e inimitáveis e inefáveis” (Sá, E. 2001)*

Quando falamos de risco psicossocial referimo-nos a uma designação que pretende focalizar a vulnerabilidade de condições inerentes ao desenvolvimento, que impedem o sistema familiar de responder às necessidades físicas, afectivas e sociais. Deste modo, a definição de risco está intimamente relacionada a conceitos que permitem corroborar a ideia de que as pessoas são susceptíveis perante situações de adversidade. Contudo, poderão possuir uma condição que as caracteriza como resistentes. Esta dualidade permite-nos compreender o porquê de os sujeitos responderem de forma distinta às adversidades, podendo demonstrar maior ou menor dificuldade. Assim, os mesmos factores de risco poderão ter um impacto diferente de pessoa para pessoa, tendo como ponto de partida as trajectórias individuais de desenvolvimento. Ao falarmos de famílias que se encontram em risco psicossocial reportamo-nos a uma designação que pretende, sobretudo, assinalar a vulnerabilização de condições ou processos inerentes ao desenvolvimento da família e que a impedem, por um período de tempo, podendo este ser alargado ou não, de funcionar a um nível que lhe permita atender às necessidades afectivas, sociais e pessoais dos elementos que a constituem; sendo que esta situação deve ser objecto de intervenção adequada por parte do sistema de protecção à infância sempre que signifique risco para as crianças (Rodrigo, Máiquez, Correa, Martín & Rodríguez, 2006).

Assim, podemos dizer que a natureza dos riscos é variada e, dado o carácter cumulativo dos riscos, poderíamos supor que teríamos de elaborar uma listagem exaustiva para determinar a sua acção e os potenciais efeitos dos mesmos. Rizzini 2001, cit. in Tomás, 2002 refere, que existe actualmente, a nível global, um conjunto de indicadores que caracterizam as principais transformações que ocorreram na família e na infância e identifica-os da seguinte forma:

- as famílias tendem a ser menores e a diversificar-se os tipos de estruturas familiares, sem que sejam acompanhadas por políticas sociais e redes de apoio eficazes;
- a mobilidade das famílias aumentou (migrações);
- a menor mobilidade para as crianças: diminuição do espaço de autonomia das crianças em contextos urbanos devido aos constantes perigos;
- a diminuição do tempo e a coesão familiar;
- a modificação das redes familiares e dos padrões de dependência entre gerações;

- o aumento da pobreza e exclusão social; a falta de espaço;
- a alimentação insuficiente;
- o desemprego;
- o trabalho infantil;
- o alcoolismo e a toxicod dependência;
- a incompatibilidade entre o horário de trabalho dos pais e os horários escolares;
- a inexistência ou insuficiência de equipamentos de apoio à maternidade e à infância;
- a agressividade e os castigos corporais, assim como a falta de diálogo;
- o autoritarismo ou o excesso de permissividade e as rupturas familiares.

Crianças pertencentes a famílias disfuncionais, cujos pais não assumem devidamente as suas funções parentais, vítimas de maus-tratos ou de negligência, são mais vulneráveis a situações de risco. Portanto, o risco será o resultado de uma perda ou de um perigo aos quais a criança foi submetida.

De acordo com Bairrão, o conceito de Criança em risco refere-se à presença de alterações biológicas menos acentuadas que podem vir a actualizar ou a agravar situações que comprometem o seu desenvolvimento.

Porém, este trabalho de investigação, incidirá sobre a categoria de risco ambiental, que inclui crianças em cuja história pessoal e familiar é marcada por ambientes familiares alterados ou problemas sociais graves que podem estruturar défices, sobretudo de natureza psicológica.

Deste modo, as famílias multidesafiadas, com crianças e jovens maltratados em situação de risco ou perigo, segundo Crancini, 1995, caracterizam-se por apresentarem vários sintomas associados: dificuldade no exercício das funções parentais; fronteiras voláteis entre os sub-sistemas familiares e tendem a uma grande dependência de sistemas externos.

Porém, os progenitores, que nem sempre souberam cumprir a sua função parental, são, ainda assim, reconhecidos pelas crianças como os seus pais, normalmente investidos pelo sentimento de filiação constituinte da sua identidade pessoal, da sua história de vida, do seu nome e da sua pessoa. Os mesmos que violaram as suas expectativas confundindo, na pessoa e no gesto, afecto e agressão, cuidado e negligência, protecção e perigo;

Segundo, Haggerty, Sherrod, Garmezy & Rutter, (1996), nestes contextos pode verificar-se complicações pré, peri e pós natais, da malnutrição, lesões, diversas doenças biológicas, psicopatologia parental, instabilidade familiar, práticas parentais inadequadas, mau trato, desordens afectivas e sinais precoces de desordem anti-social, comportamento de isolamento social, condutas delinquentes, contextos debilitantes.

O mau trato infantil engloba uma gama de atitudes violentas contra a criança, que podem ser de carácter passivo (negligência, abandono) ou activo (abuso físico, abuso sexual) que, independentemente da intencionalidade do agressor, podem trazer consequências negativas que condicionam o desenvolvimento integral da criança. Segundo Amaro, 1988, cit. in Calheiros,( 1997, p.24) o conceito de mau-trato compreende:

*“As acções, por parte dos pais e outros adultos, que possam causar dano físico ou psicológico, ou que de alguma forma firam os direitos e as necessidades da criança no que respeita ao seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, moral e afectivo”.*

Fuster & Ochoa (1993) dividem em duas categorias os indicadores da existência de maus-tratos: indicadores físicos e indicadores comportamentais, os quais devem ser considerados nos diversos tipos de maus-tratos.

Berry Brazelton e Stanley I. Greenspan,(2009) consideram a primeira infância a fase mais crítica e mais vulnerável no desenvolvimento de qualquer criança, sendo nos primeiros anos de vida que se estabelecem as bases para o crescimento intelectual, emocional e moral.

Neste contexto, os autores reiteram que a ausência de cuidados afectivos e adequada interacção social e intelectual impulsionarão o desenvolvimento de graves deficiências nas crianças.

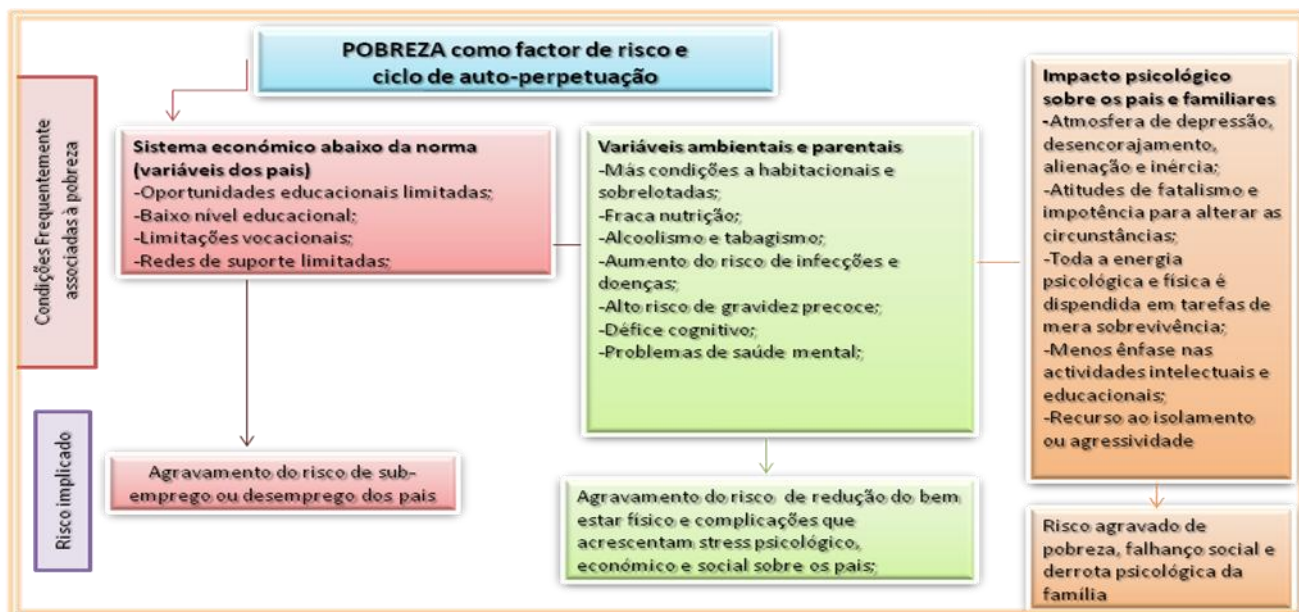
Acrescentam ainda que, a vulnerabilidade, a incapacidade e a necessidade de afectos parecem opor-se à auto-suficiência assertiva.

O estudo sobre dos efeitos dos maus-tratos sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar de Veríssimo, revela que experiências de maus-tratos ou de negligência na infância estão significativamente associadas a representações inseguras da vinculação (desactivadas, hiperactivadas e desorganizadas) em crianças de idade pré-escolar.

As condições concretas e simbólicas de existência das famílias maltratantes incluiriam elementos de deterioração das dinâmicas familiares, nomeadamente de desajustamento, precariedade e marginalização; a inadequação do comportamento parental pode ainda ser reforçada por culturas que valorizam a violência como estratégia de resolução de conflitos sociais e de exercício da disciplina.

No caso vertente, interessam, em especial, os riscos que as crianças correm sempre e quando o seu meio familiar não constitui um contexto favorável ao seu desenvolvimento, podendo mesmo comprometer a sua viabilidade e integridade física ou psicológica.

No quadro abaixo podemos observar os efeitos no desenvolvimento da criança face a ambientes empobrecidos.



**Ambientes Empobrecidos e seus efeitos no Desenvolvimento da Criança**

Figura n.º 1 Ambientes Empobrecidos e seus efeitos no desenvolvimento da Criança

Para analisar os principais factores de risco e de protecção da família partiremos do modelo ecológico de Bronfenbrenner. Segundo o autor, o desenvolvimento da criança será o resultado da sua interacção nos diferentes contextos onde está inserida.

Este primeiro modelo defendido em 1979 pelo autor foi evoluindo até que 10 anos mais tarde, “o autor encorpora alguns dos conceitos veiculados por Sameroff no seu modelo transaccional e vai considerar que o desenvolvimento ocorre através de processos de interacções recíprocas cada vez mais complexas, entre um organismo humano biopsicológico em evolução e as pessoas, objectos e símbolos do seu meio ambiente externo” (Bairrão & Almeida, 2003, p. 16).

O modelo ecológico considera que o desenvolvimento humano se processa de acordo com um sistema de influências mútuas que vão desde as mais distantes às mais próximas a cada indivíduo, sistema esse que configura e que define o contexto ecológico no qual tem lugar o referido desenvolvimento (Ribeiro, 2010). A noção de sistema ecológico composto por cinco subsistemas pode ser visualizada como um local de estruturas aninhadas, uma dentro da outra, sendo elas do nível mais profundo ao mais externo (Bronfenbrenner, 1994, 1996):

- **Microsistema:** é um padrão de actividades, papéis sociais e relações interpessoais experimentadas pela pessoa em desenvolvimento em um dado ambiente. Exemplos de tais ambientes seriam a família, a escola, o grupo de iguais e o local de trabalho.

- **Mesosistema:** compreende as relações que ocorrem entre dois ou mais ambientes contendo a pessoa em desenvolvimento, como, por exemplo, as relações entre a casa e a escola, a escola e o local de trabalho, etc. Um mesossistema é um sistema de microsistemas.

- **Exossistema:** compreende as ligações entre dois ou mais ambientes, sendo que pelo menos um deles não contém a pessoa em desenvolvimento, mas no qual ocorrem eventos que a influenciam indiretamente. Um exemplo seria, considerando uma criança, a relação entre a casa e o local de trabalho do pai ou da mãe.

- **Macrossistema:** padrão que abrange micro, meso e exossistemas característicos de uma dada cultura, com referência aos sistemas de crenças, conjuntos de conhecimentos, recursos materiais, costumes, estilos de vida, etc.

- **Cronossistema:** abrange mudanças em relação ao tempo não apenas nas características das pessoas, como também no ambiente em que esta vive, como por exemplo, mudanças no curso de vida e estrutura da família.

Segundo, (Almeida, s/d, p. 34), no Modelo Ecológico “a criança aparece no centro de um sistema ecológico caracterizado por uma rede complexa de interrelações através das quais o desenvolvimento se processa” A mesma autora refere que “Bronfenbrenner vai operacionalizar estes contextos de desenvolvimento, num modelo de estruturas concêntricas dispostas em quatro níveis em torno da criança e que a vão afectar de modos diferentes: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema” (Ibidem).

De acordo com Breia, Almeida & Colôa (2004), Microsistema diz respeito aos contextos próximos da criança bem como às interacções que a mesma aí estabelece (exs.: a família, a escola...). O Mesossistema diz respeito à interacção estabelecida entre os elementos do microsistema (ex.: relações entre a família e os técnicos). O Exossistema refere-se aos componentes das estruturas sociais que, apesar de estarem distantes da criança, têm impacto nos meso e microsistema (exs.: serviços locais, serviços públicos, serviços de saúde, igrejas, transportes, os media, organizações locais...). O Macrossistema engloba todos os outros ecossistemas e diz respeito ao conjunto de crenças, atitudes, valores, ideologias..., de determinada cultura (exs.: leis nacionais, leis autárquicas...) e que pode afectar os outros três sistemas.

No que diz respeito aos factores de risco, e tal como já dissemos, o desenvolvimento da criança pode ser afectado por um conjunto de causas de carácter limitativo que originam situações desfavoráveis ao mesmo.

Baseamo-nos na definição de Marcelli (1996, cit. por Anaut, 2005, p. 32) a propósito dos factores de risco que são “todas as condições existenciais na criança ou no seu meio ambiente que envolvem um risco de morbilidade superior à que se observa na população em geral através dos inquéritos epidemiológicos”. O risco é, deste modo, o resultado da interacção dos vários factores vivenciados pela criança. Por isso, é fundamental o reconhecimento dos sinais de risco, já que só assim será possível prevenir e tratar os problemas que eventualmente possam surgir.

Assim, ao reflectir sobre os factores determinantes do desenvolvimento saudável de uma criança, além das condições biológicas inatas, é preciso pensar sobre a influência familiar, da comunidade na qual está inserida e aspectos mais amplos da conjuntura socioeconômica e política sem perder de vista as transformações temporais e históricas de cada um desses contextos. Halpern, Giugliani, Victoria, Barros e Horta (2000), referem que crianças que vivam em situações económicas adversas, apresentam maior possibilidade de apresentar problemas no crescimento e desenvolvimento. Zamberlam e Biasoli-Alves (1996) corroboram com essa ideia afirmando que condições de pobreza, subnutrição, habitação inadequada, alienação parental, rupturas familiares, ausência de educação, abuso e violência são factores de risco e de desenvolvimento de uma doença ou agravo de saúde.

De acordo com, o Comitee on Integrating the Science of Early Childhood Development, sob o artigo “From Neurons to Neighborhoods: The Science of Earlychildhood Development” (2000) - Shonkoff & Philips, “o curso do desenvolvimento da criança pode ser alterado na primeira infância, através de intervenções eficazes que modifiquem o equilíbrio entre os factores de risco e de protecção alterando desigualdades, em favor de resultados mais positivos e adaptativos”.

Com base nos factores de risco, atrás enunciados, contextos ecológicos promotores de resiliência e empoderamento ganham expressão como factores de protecção, bem como a activação de competências nas famílias multiproblemáticas, tem demonstrado ser um importante instrumento de intervenção, permitindo a transformação de situações de risco, em oportunidades, segundo Sousa L. (2005). A autora acrescenta que conhecer a percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências e envolver o reconhecimento das famílias centradas nas suas próprias competências e capacidades ajuda na melhoria do bem-estar. Elizur (1996) demonstra que o envolvimento das famílias

multiproblemáticas no processo de intervenção exige a mobilização dos recursos familiares e a capacitação da família, o que é alcançado pela partilha do poder e da responsabilidade.

Falar de família competente é, pois, uma maneira de dar à família a sua competência, antes de ter em conta as suas faltas” (Ausloos, G. 1996:29).

Trabalhar para o aumento das aptidões é então trabalhar para a aprendizagem de comportamentos adequados e diferentes dos que a família tem, para a resolução das tarefas que tem de cumprir. A aprendizagem de novos comportamentos não é fácil; pois o comportamento inclui aquilo que uma pessoa faz, sente e pensa. O comportamento é apreendido, e geralmente de uma forma inconsciente, através da família de origem e também através do meio envolvente onde esta se insere e se move.

*Assim, o empoderamento pode ser utilizado como “um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelo indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sócio-cultural, político e económico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania”* (Pinto, 1998:247), bem como a resiliência de uma família implica mais do que saber gerir condições de stress, ou sobreviver aos problemas, implica o **potencial** para a transformação pessoal e relacional e o crescimento que pode adquirir após a adversidade (Hill Mcubbin e Patterson, 1983).

A citação de Frank Maple 1977, referido por Dunst & Trivette, 1994 b), ilustra bem os princípios pelos quais se devem reger os profissionais, bem como as intervenções e projectos junto das famílias: *“É minha opinião que o nosso objectivo enquanto prestadores de ajuda, não é aprender a ser uma estrela, mas sim ajudar (os outros) a tornar-se a «estrela» em alguns aspectos da sua vida”*.

## **Capítulo 2 – Realidade da Freguesia de Montelavar**

### **2.1 – Caracterização Sócio-demográfica**

O concelho de Sintra insere-se na Área Metropolitana de Lisboa (AML), ocupando um lugar de destaque, quer pela importância do seu património natural, cultural e histórico, quer pela sua ordem de grandeza, em termos de território e população.

A sua área total é de cerca de 317 Km<sup>2</sup> o que corresponde, aproximadamente, a 42% da Área Metropolitana de Lisboa Norte. Ali residem cerca de 377, 249 mil habitantes, distribuídos por mais de 182,325 mil alojamentos, 144,864 mil famílias, correspondendo a uma dimensão média familiar de 2,6 (dados preliminares do INE, 2011).

O Concelho de Sintra tem vindo a sofrer alterações profundas nas últimas décadas, fruto essencialmente da sua inserção na AML. Dispondo de dois eixos de comunicação

(um viário e outro ferroviário) que se constituem como elementos facilitadores do acesso a Lisboa, o Concelho tem sido objecto de forte pressão urbanística, nos últimos quarenta anos.

Continua a verificar-se crescimento populacional, dado que em 2001 o número de população residente era 363,566 e número de famílias 133,893, correspondendo a uma dimensão média de 2,7.

Concelho de características heterogéneas a nível social, cultural e económico, marcado por um nível de desemprego acentuado, acarretando problemas sociais de vulnerabilidade, exclusão e desafiliação.

Montelavar é uma das vinte freguesias do Concelho de Sintra, que está distribuída por uma área geográfica 11,44 km<sup>2</sup>, apresentando predominantemente, características rurais.

Com uma área de oitocentos hectares, a freguesia de Nossa Senhora da Purificação de Montelavar encontra-se a dez quilómetros da sede do concelho, existe como freguesia desde 1852, e foi elevada a Vila a 12 de Junho de 2009.

A nível turístico apresenta, como património cultural, a Fonte da Seguiteira em Maceira, a aldeia romana – Granja dos Serrões, o Campo dos Lapiás, e uma vista panorâmica a partir do Moinho e do Quartel dos Bombeiros.

A Freguesia de Montelavar possui uma população de 3544 habitantes, que diminuiu aproximadamente 3% na última década. A quebra verificada, poderá estar relacionada com o envelhecimento/falecimento da população, o êxodo/emigração, por via da grande crise, registada na principal actividade económica desta zona (a transformação da pedra ornamental). O desvio percentual é ainda mais acentuado, uma vez que tem por base estimativas feitas em 2009 que previam um crescimento populacional acentuado no município (dados estatísticos preliminares, INE, 2011).

O abrandamento da actividade da construção civil, motivado pela forte crise económica a nível mundial e nacional está a afectar as empresas de transformação de mármore, granitos e de metalomecânica sedeadas na região, verificando-se uma diminuição de trabalho e produção com o encerramento de algumas destas empresas e consequente desemprego da maior parte da sua população que se encontra numa faixa etária entre os 35-55 anos, apresentando habilitações baixas e desqualificante, o que

Figura n.º 2 Mapa do Concelho de Sintra



constitui uma desvantagem ao nível da inserção no mercado de trabalho, apesar das competências detidas ao nível pessoal, social e profissional.

Neste âmbito, a freguesia encontra-se num contexto socioeconómico de risco e de fragilidade social.

## 2.2. A Autarquia de Montelavar

A Freguesia de Montelavar, tendo como princípios a erradicação/atenuação da pobreza e exclusão social, a promoção do desenvolvimento social, o combate aos desníveis sociais e às situações de desafiliação, presta apoio psicossocial, e desenvolve um conjunto de projectos e actividades, com o objectivo de capacitar para a participação através do fornecimento da Informação e conhecimento, da Promoção e Desenvolvimento de Competências, da Implicação e do estímulo ao sentimento de Pertença.

Criou o Núcleo de Acção Social, visando a melhoria da qualidade de vida da população da Freguesia, cujos Serviços/Estratégias e Parcerias se traduzem em apoio psicossocial, acompanhamento e orientação familiar, apoio psicológico, através da parceria com o Movimento de Defesa da Vida, realização de pareceres técnicos/relatórios/estudos de caracterização, apoio Alimentar (P.C.A.A.C.) – Instituto da Segurança Social, articulação com o Centro de Saúde de Pêro-Pinheiro – Projectos “Cuidados Continuados” auxílio e intervenção da equipa de Enfermagem e parceiros que trabalham na área, apoio na Procura de Emprego e acompanhamento de programas de inserção nas áreas de Emprego e Formação no âmbito do Gabinete de Inserção Profissional – IEFP, Loja Social, etc.

Com base nos processos dos Utentes do Gabinete de Inserção Profissional (GIP), da Segurança Social e do Núcleo de Acção Social (NAS), foi realizado um levantamento das necessidades e uma caracterização da população utente da Freguesia de Montelavar.

Neste sentido, foi possível aferir que são acompanhados **389** utentes na Junta de Freguesia de Montelavar. Como podemos observar no Gráfico n.º 1, a maioria dos utentes que recorrem às respostas da Junta de Freguesia de Montelavar são do sexo feminino (275), em comparação com o sexo masculino (114).

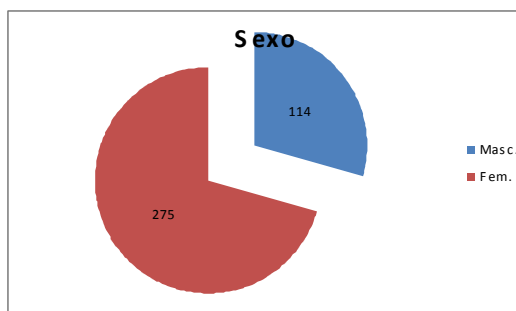


Gráfico 1 – Sexo dos Utentes da Junta de Freguesia de Montelavar

A maioria da população utente encontra-se em idade activa, com idades compreendidas entre os 26 e os 64 anos. Cerca de 32 utentes apresentam uma idade inferior a 25 anos e 74 mais de 65 anos.

Ao analisar os processos dos utentes do Gabinete de Inserção Profissional (GIP), Segurança Social e Núcleo de Acção Social, pôde verificar-se que a maioria dos utentes são de nacionalidade Portuguesa.

Em relação às habilitações literárias, foi possível constatar, através do diagnóstico, que a maioria dos utentes possui o 1.º ciclo (134) ou o 3.º Ciclo (76). Cerca de 66 utentes tem o Ensino Secundário, 51 o 2.º Ciclo, e 14 o Ensino Superior. De realçar que 45 utentes são analfabetos.

Quanto à composição do agregado familiar, verifica-se uma prevalência de famílias nucleares, cerca de 223 famílias. No entanto, como podemos observar no Gráfico n.º 2, existem muitos utentes isolados (89).

Na população utente da Freguesia existem também muitas famílias monoparentais, aproximadamente 55 famílias, e algumas famílias alargadas (17 famílias de outro tipo de composição do agregado familiar).

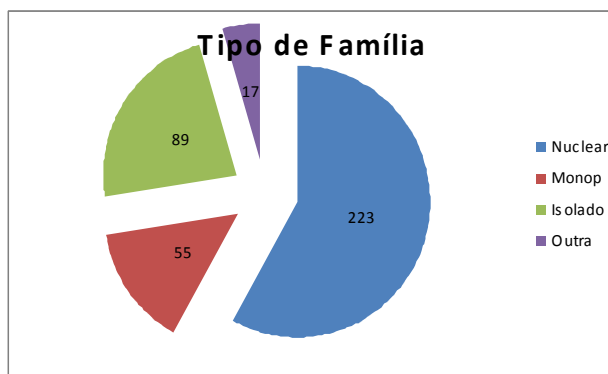
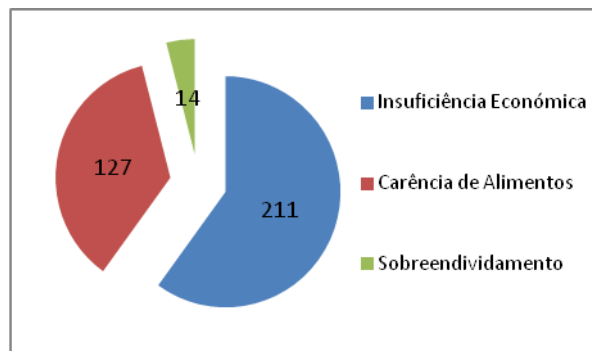


Gráfico n.º 2 – Tipo de Família da Junta de Freguesia de Montelavar

A maioria das famílias seguidas no âmbito das respostas sociais da Junta de Freguesia de Montelavar apresenta algum tipo de rendimento (Subsídio de desemprego, RSI, Pensão, etc.), mais especificamente 391 adultos têm rendimentos e 145 não têm algum tipo de rendimento. O mesmo se pode verificar em relação aos idosos com mais de 65 anos, nomeadamente cerca de 114 apresentam algum tipo de rendimento e apenas 5 não têm qualquer tipo de rendimento.

Ao analisar a população mais jovem, foi possível constatar que existem 148 crianças e 196 jovens, dos quais as suas famílias recorrem às respostas dos serviços sociais da Junta de Freguesia de Montelavar.

Ao analisar as problemáticas sociais dos utentes que recorrem aos serviços da Junta de Freguesia de Montelavar, constatamos que cerca de 211 utentes apresentam insuficiência económica, 127 carência de alimentos e 17 sobreendividamento.



**Gráfico n.º 3 – Caracterização das problemáticas sociais da Junta de Freguesia de Montelavar**

No que se refere à caracterização da habitação, foi possível verificar 7 de utentes apresentam uma habitação com insalubridade. O mesmo número de utentes encontram-se em risco de despejo da sua habitação e 3 utentes moram numa habitação sobrelotada.

Podemos observar que cerca de 64 utentes apresentam um défice de competências pessoais e sociais e 34 apresentam um défice de competências parentais.

Com base nos factores de risco atrás enunciados, e nos indicadores e problemáticas analisadas, concluímos que a Freguesia de Montelavar, no âmbito do acompanhamento psicossocial realizado, verificou um aumento significativo de famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco, sendo que em 2007 existiam 37 famílias com estas características e em 2011, são 98.

Consideramos que esta realidade poderá estar associada a um maior aumento do desemprego, por consequência acréscimo e agravamento das dificuldades financeiras, colocando as famílias numa situação de maior vulnerabilidade e fragilidade social, bem como, fracos recursos na comunidade e fraco reduto familiar, solicitando em maior medida o apoio social e psicológico da Autarquia.

Nesta medida, equacionou-se a realização deste projecto de investigação, empreendendo cruzar olhares, não só de práticas e modelos de intervenção ajustados, mas de famílias e técnicos, aspirando encontrar novos caminhos e estratégias possíveis, que visem a preservação familiar e promoção do equilíbrio das relações familiares, contribuindo para o bem-estar social, sob o mote de acreditar profundamente no potencial das famílias independentemente das circunstâncias, numa óptica de qualidade das respostas sociais para uma diferenciação positiva enquanto uma Autarquia familiarmente responsável.

### **Capítulo 3 – Modelos de Intervenção para as famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco**

*“As famílias têm direito a ser felizes, uma família feliz faz-se de encontro a tudo o que parecendo subversivo tenha simplesmente, a ver com sobressaltos, receios, surpresas ou paixões, com a construção de laços...sem deslumbramentos e com bom senso”*  
(Sá, E. 1999)

#### **3.1. Cruzar olhares sobre a Intervenção Familiar Integrada e a Intervenção Precoce**

Vários estudos corroboram a ideia de que, o maior número de factores de risco, e o tipo de problemática, famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar, em contextos de risco parecem estar relacionados com uma intervenção focada no problema, bem como, a multiplicidade de problemas faz com que existam intervenções por parte de diversos técnicos e serviços e as famílias sejam encaminhadas consoante as problemáticas identificadas. Esta intervenção assume-se desfragmentada e descoordenada levando à manutenção e/ou agravamento da situação familiar, levando a uma relação de dependência crónica (multiassistencialista) entre família e serviços (Sousa et Al., 2007).

A intervenção (definição de objectivos e estratégias para melhorar a qualidade de vida das famílias multidesafiadas) geralmente é exercida tendo em consideração os aspectos contextuais e instrumentais (combate à situação de pobreza – melhoria da situação habitacional, emprego, saúde, apoios pontuais) em detrimento dos aspectos no âmbito das relações, funcionamento e organização familiares e sociais. A intervenção foca-se em apenas um elemento, usualmente o que procura ajuda, ou a criança, e não em toda a família. Isto significa que são verdadeiramente os técnicos a traçarem os objectivos e prioridades e não as famílias, não se invocando as competências das famílias, bem como o potencial da rede de apoio informal que possam ter, provocando sentimentos de impotência por parte dos técnicos e pouca mudança nas famílias que têm dificuldade em afastar-se dos serviços. Os serviços tendem a assumir as tarefas e funções das famílias, pois não acreditam nas competências das famílias, o que leva à existência de uma relação pautada pela dualidade: as famílias demonstram atitudes passivas à espera da decisão dos técnicos para agir ou decidir e encontram-se em conflito com os técnicos porque não aceitam que lhe imponham regras (Sousa et Al., 2007).

Por esta razão, é necessário equacionar estratégias que sejam bem sucedidas junto de famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco, pois é sabido que “pais aprendem melhor quando o clima relacional os encoraja a estarem abertos e não numa atitude defensiva e quando são respeitados e se sentem aceites” (Project Capable 1/91) e porque se acredita que a prevenção relativamente a situações e

comportamentos de riscos passa sobretudo pelo educar uma criança num ambiente seguro, no qual ela se sinta protegida.

Desta forma, pareceu-nos pertinente realizar uma breve alusão a modelos de intervenção precoce e de estratégias integradas na família, procurando paralelamente conhecer o lugar e papel da orientação e mediação familiar face a esta problemática, ou seja, como práticas centradas na Família e nos locais de vida da criança, numa abordagem mais produtiva, no sentido da mudança de comportamentos, ao invés de esforços dirigidos para a correcção de défices ou fraquezas (Serrano, A., Pereira, A. e Carvalho, M. 2003).

### **3.2. A Intervenção Familiar Integrada**

*“A Família está em crise, o casal está em crise, mas o casal e a família são a resposta à crise (Morin, 2001, p.159)*

Autores como Brofenbrenner, Hobbs, Carl Dunst, enunciam em comum, princípios pelos quais se deverá centrar uma abordagem e/ou intervenção integrada e focada/centrada na família, tais como:

- . Encarar a família como a unidade de prestação de serviços;
- . Reconhecer os pontos fortes da criança e da família;
- . Dar resposta às prioridades identificadas pela família;
- . Individualizar a prestação de serviços;
- . Dar resposta às prioridades, em constante mudança, das famílias;
- . Apoiar os valores e o modo de vida de cada família;

A Intervenção Familiar Integrada e Precoce surge como uma nova abordagem das políticas e medidas no âmbito da parentalidade positiva.

Servindo para proteger e potenciar o bem-estar das crianças e jovens, fortalecendo as famílias, assenta em modelos de intervenção ecológicos e multissistémicos, centrados nas forças, possibilidades, competências e processos de resiliência e de empoderamento.

#### **3.2.1. A relação entre estratégias e objectivos de intervenção e as famílias multidesafiadas**

Estratégias bem sucedidas com famílias multiproblemáticas e/ou multidesafiadas defendida pela autora, Sousa et al (2007), configuram a metodologia de uma intervenção integrada.

Segundo a autora, estas envolvem a existência de um gestor de caso, que deverá manter o fio condutor da intervenção, coordenar com a família os diversos apoios formais e informais, avaliar, desenvolver e implementar os planos de intervenção e gerir os

encaminhamentos, quem articula e colabora com os outros profissionais de forma a manter o trabalho em equipa e a partilha de informação.

A relação de confiança é condição determinante para a mudança, pois envolve a família no processo de intervenção. A relação de confiança deve basear-se num processo de qualidade dos atributos pessoais do profissional: capacidade de escuta e disponibilidade para conversar, simpatia e amizade, assumir um sentimento de calma, preocupar-se, assumir compromissos, dedicação. Esta relação é acima de tudo uma parceria, ou seja, uma relação de igualdade entre profissional/cliente no processo de intervenção.

Para alcançar e reforçar esta relação de confiança e ajudar a família, bem como promover a sua mudança, tendo em conta características e necessidades, importa considerar o tempo, flexibilidade, informalidade e disponibilização de ajudas materiais e práticas na intervenção.

Pela pluralidade de problemas graves que enfrentam, a intervenção é mais eficaz se prolongada no tempo, sendo normal a existirem ciclos de progresso e recuo de recaídas e retrocessos, pois nem todas as estratégias se adequam e funcionam à primeira vez. É primordial existir tempo de coordenação entre serviços, dado que é necessário desenvolver uma variedade de intervenções ajustada para convergir e suportar mudanças significativas e necessidades múltiplas. Equacionar-se o tempo dos profissionais, ou seja, trabalharem um número de casos exequíveis, no máximo 10 casos, um número superior, levará o profissional a ficar esgotado e frustrado, despenderá muito do seu esforço e os resultados serão mínimos. Crucial é também o tempo das famílias, se a intervenção não responder às necessidades básicas no imediato, as famílias terão dificuldade em introduzir a rotina da intervenção nas suas vidas. Só após alguns problemas urgentes e práticos estarem resolvidos é que existe tempo físico e emocional para o envolvimento em processos de mudança.

A flexibilidade significa maior disponibilidade do profissional (horário flexível, estar disponível para reuniões/encontros sem marcação prévia), de modo a fomentar e motivar as famílias para a intervenção. O técnico deve evitar assim ser o “apaga fogos” e conciliar as necessidades da família com o plano de intervenção e realizar trabalho nos locais de vida da família, o que implica ir ao território do cliente, fazer visitas domiciliárias. Por outro lado os programas de intervenção devem ser atractivos para estas famílias e evitar quaisquer tipos de rótulos ou estigmas. Famílias ajudadas mais rapidamente e melhor provocam o fortalecimento da relação de confiança e da auto-estima das famílias.

A informalidade implica que o profissional adopte uma postura, forma de estar e linguagem menos formal e com carácter menos oficial, dado que a relação com o profissional de ajuda pode ser o único relacionamento estável que estas famílias tenham.

Deste modo o profissional deve realizar actividades com a família que sejam úteis (ex: ir às compras com a família) o que encoraja a que estas sejam mais activas; devem ser suportivos e não punitivos e devem usar da auto-revelação, têm a incumbência de exemplificar como resolver os seus problemas. Tudo isto reforça a proximidade com a família e diminui a dependência destas em relação aos sistemas de apoio. As ajudas materiais (bens) e práticas (reforço ou desenvolvimento de competências e suporte emocional) são importantes para as famílias multiproblemáticas pobres que têm muitas carências materiais e emocionais. A disponibilização deste tipo de ajuda aumenta a probabilidade das famílias construírem e manterem uma relação de confiança com os profissionais e investir na intervenção.

Com as ajudas práticas e materiais pretende-se atingir cinco objectivos fundamentais na intervenção: colocar o rendimento familiar acima do nível da pobreza; promover a disponibilidade e acesso a novos recursos; estabelecer um plano individualizado de desenvolvimento pessoal e profissional; promover a responsabilidade pessoal e a auto-suficiência; desenvolver competências de liderança e envolvimento cívico.

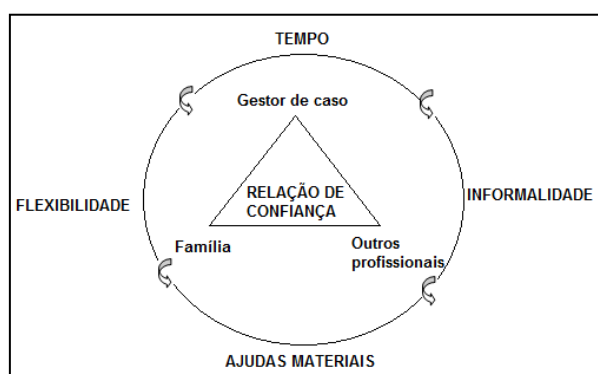


Figura n.º 3 - Estratégias bem-sucedidas na intervenção com famílias multiproblemáticas (Sousa, et Al., 2007: 71)

Neste âmbito, importa activar e mobilizar as competências das famílias, ou seja, ajudá-las a reconhecer as suas próprias capacidades, através de um sistema de intervenção colaborativo, para que se articulem e troquem informações com o objectivo de uma intervenção mais eficaz.

A intervenção familiar integrada pressupõe então a existência de uma equipa multidisciplinar que procure reforçar a qualidade das relações familiares e da família com a comunidade, fortalecendo as competências necessárias para a construção do bem-estar das crianças, no presente e futuro.

Para alcançar estes objectivos, realiza um acompanhamento sistemático, intensivo, baseado num olhar holístico, integrador e sustentado sobre a realidade das famílias, permitindo assim, aumentar o bem-estar integrado de crianças em situação de risco, (físico, psicológico, social), melhorar a qualidade das relações afectivas dentro da família, ampliar competências parentais e familiares facilitadoras de um desenvolvimento positivo das crianças, elevar os processos de resiliência, autonomia e empoderamento familiares e o envolvimento da comunidade na protecção das crianças e jovens, alargar a capacidade das comunidades de criarem condições para um adequado desenvolvimento das crianças e jovens, promover melhorias na capacidade teórica e prática da população técnica para responder às necessidades de crianças em situação e risco e suas famílias e prevenir problemas de adaptação física, psicológica e social futura das crianças (Melo e Alarcão, 2009).

Deste modo, podemos dizer que privilegia e assenta em modelos de intervenção centrados nas forças, possibilidades, competências e processos de empoderamento e resiliência, regendo-se por uma leitura ecológica e multissistémica, assumindo uma postura colaborativa, reflexiva, respeitadora e centrada nas competências detendo maiores probabilidades de ajudar as famílias a abrirem caminhos de segurança e bem-estar para as crianças. (Melo e Alarcão, 2009). É assim, um convite à mudança, à acção e proactividade, na busca de possibilidades e mobilização de forças e capacidades, modelo de carácter integrador, que valoriza a multiplicidade e complexidade das vivências familiares (Walsh, 2006).

O processo de *empoderamento*, enquanto estratégia de intervenção no trabalho com famílias multidesafiadas irá então permitir a identificação e promoção das capacidades destas, com base na crença que estas famílias e os elementos que as compõem têm competências e que são capazes de resolver os seus problemas, logo estão aptas a ganhar controlo sobre as suas vidas (Silva & Martinez, 2004).

Para que isto seja possível terá de haver um processo de distribuição de poder, entendido como a capacidade e autoridade para: influenciar o pensamento dos outros (poder sobre); ter acesso a recursos e bens (poder para); tomar decisões e fazer escolhas (poder para); resistir ao poder dos outros se necessário (poder de). O processo de *empoderamento* pretende desenvolver todos estes tipos de poder (Pinto, 1998).

Deste modo há que estabelecer uma relação de parceria e troca recíproca com base na igualdade entre técnico – famílias o que implica desde logo ouvir o que as pessoas têm para dizer (abordagem de partida), bem como partilhar com elas todas as informações que

o técnico tem. Aquilo que é exigido ao técnico é-o também exigido em igual medida à família e seus elementos.

A Teoria da resiliência familiar combina a visão de funcionamento familiar na sua relação com o contexto socio-cultural e ciclo de vida multigeracional. A resiliência é a capacidade de tolerar, suportar e superar os desafios disruptivos da vida, envolve uma adaptação positiva num contexto de adversidade significativo. Esta força e recursos permite ao indivíduo e às famílias responder a situações de crise, desafios persistentes, recuperar e crescer com essas experiências, compreendo a adversidade, mantendo uma visão positiva através da união e ligação, acedendo a recursos Sócio-Económicos e cultivando a expressão emocional, comunicação e a colaboração (Walsh,F.1996).

A intervenção familiar integrada através destas prática e/ou estratégias potencia e promove desenvolvimento da parentalidade positiva, ou seja, o desenvolvimento de relações positivas entre pais e as crianças, a fim de otimizar todo o potencial de crescimento de uma criança, através de uma maior coordenação das diferentes valências técnicas tendo em vista o real bem-estar das crianças e da criação de condições que permitam um maior acompanhamento por parte dos pais.

Fomentando assim, um comportamento parental fundado no respeito pelos direitos da criança que visa assegurar a satisfação das necessidades básicas através da protecção dos riscos e a criação de um ambiente que promova o seu desenvolvimento harmonioso, valorize a sua individualidade (e especificidade) e autonomia.

Contribuindo para um comportamento parental baseado no superior interesse das crianças, numa parentalidade orientada para um desenvolvimento integral e equilibrado das crianças, proporcionando-lhes todas os instrumentos necessários no sentido de que estas se venham a tornar adultos socialmente integrados e responsáveis, para um comportamento parental afectuoso e não violento, proporcionando um apoio adequado às crianças e o reconhecimento do seu valor, das suas capacidades e das suas necessidades, conquistado através da criação de metas, orientações e objectivos conducentes a potenciar o pleno desenvolvimento da criança, estimulando e maximizando todas as suas aptidões e capacidades.

### **3.3. A Intervenção Precoce**

*“...o tempo da criança não volta atrás. É o que se pode fazer em certo momento que fica e que vai servir de alicerce para o futuro” (Goldsmith, T.(2002) cit por Filipe I. 2006)*

A constatação de um elevado número de casos de famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco na Freguesia de Montelavar, e o desenvolvimento de projectos de intervenção, em particular sob esta problemática,

levou-nos a uma caminhada profissional e académica de pesquisa e interesse pela Intervenção Precoce.

O desenvolvimento humano assenta nas variadas transacções que o indivíduo estabelece com o seu ambiente e nas determinantes influências (directas ou indirectas), que este exerce sobre ele e que ocorrem em diferentes níveis, dos mais próximos aos mais distantes. Porém, o contexto mais determinante para o desenvolvimento, pela qualidade e quantidade de relações que veicula é sem dúvida o sistema familiar, como referimos anteriormente. No entanto, pelas mais variadas razões, a família nem sempre é susceptível de cumprir a sua função de potenciadora do desenvolvimento da criança. Este envolvimento familiar de risco, inclui não só factores e experiências que ameaçam o desenvolvimento como também é desprovido de oportunidades para esse desenvolvimento, que se traduzem na ausência de relações adequadas do ponto de vista material, emocional e social. Por conseguinte, a intervenção precoce foca-se no sistema familiar e tem como objectivo a melhoria das condições sócio-emocionais da família, no sentido do fortalecimento das suas competências e recursos de forma a proporcionar um ambiente adequado ao desenvolvimento da criança.

As práticas de intervenção precoce têm subjacente a ideia de que as experiências precoces são cruciais em termos de desenvolvimento e que problemas de origem genética, biológica e ambiental podem ser ultrapassados ou atenuados através de uma intervenção atempada e de qualidade. Esta convicção está hoje empiricamente comprovada, razão pela qual a intervenção precoce é considerada uma área prioritária em muitos países, que a vêem como um investimento eficaz e rentável, também, em termos económicos (Guralnick, 1997).

### **3.3.1. Origem e Evolução de Teorias e Modelos de Intervenção**

De acordo com Almeida 1997, cit. por Breia, Almeida & Colôa, 2004, p. 30, “a evolução dos modelos e práticas, correspondem a percursos que se baseiam em razões histórico-sociais e em investigações no campo da psicologia do desenvolvimento”.

Sintetizamos, de seguida, esses percursos:

- Anos 60: começam a surgir nos EUA os primeiros programas na área da Intervenção Precoce, que visavam a adaptação de crianças em risco devido à pobreza do ambiente familiar;

- Anos 70: aumento dos programas de Intervenção Precoce nos EUA em que predominava o modelo comportamental; os pais eram aconselhados por profissionais que lhes davam instruções acerca de como interagir com os filhos;

- Anos 80: tendência de individualização dos programas de Intervenção Precoce; a família é um todo sistémico que deve participar activamente;

- Anos 90: reconhece-se a verdadeira importância da família e a sua participação em todo o processo de intervenção; quanto maior o nível de envolvimento das famílias maior será o sucesso da intervenção, assim como a cooperação entre os profissionais e a família.

Em Portugal nos anos 80 começasse por essa altura a falar de intervenção precoce, com a experiência pioneira da Direcção de Serviços de Orientação e Intervenção Psicológica (DSOIP), que iniciou um projecto de investigação-acção que, pela primeira vez no nosso país, conduziu à adaptação, aplicação, avaliação e disseminação de um modelo de intervenção precoce, o Programa Portage para País.

Actualmente os profissionais baseiam as suas práticas em três modelos contemporâneos do desenvolvimento: Modelo Transaccional de Sameroff & Chandler (1975), Modelo da Ecologia do Desenvolvimento de Bronfenbrenner U. (1979) e o Modelo de Apoio Social Centrado na Família de Dunst (1985).

No modelo transaccional, o desenvolvimento da criança é visto como o produto de interacções dinâmicas e contínuas da criança e da experiência fornecida pela família e o contexto social. As experiências fornecidas pelo ambiente não são independentes da criança, pois esta pode ter sido uma forte determinante nessas experiências, mas os resultados do desenvolvimento não podem ser descritos sem uma análise dos efeitos do ambiente na criança Sameroff & Chandler, 1975.

No que se refere ao modelo da ecologia do desenvolvimento, há a destacar o sujeito como ser dinâmico, em desenvolvimento, que se move, reestrutura e recria progressivamente o meio onde se encontra; a reciprocidade da interacção sujeito/mundo e a interacção entre vários contextos.

Dunst et al. (1988, 1994) apresentam-nos um modelo de apoio social centrado na família, baseado na teoria de sistemas e na ecologia humana, para identificar as necessidades e preocupações da família, os recursos intrafamiliares e extrafamiliares para irem ao encontro das suas necessidades e as forças e capacidades da família para mobilizar apoios e recursos.

Dunst e Bruder (2002), definem Intervenção Precoce como uma prática que diz essencialmente respeito, aos serviços, apoios e recursos necessários para responder às necessidades das crianças. Inclui, assim, actividades e oportunidades que visam incentivar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança; e, ainda, aos serviços, apoios e recursos

necessários para que as famílias possam promover o desenvolvimento dos seus filhos, criando oportunidades para que elas tenham um papel activo neste processo.

De acordo com os autores as metas para as práticas de avaliação e intervenção centrada na família consistem na identificação das necessidades da família, na localização de recursos e apoios para irem ao encontro dessas necessidades, e na ajuda às famílias para usarem as suas capacidades, bem como aprenderem novas competências para mobilizar recursos de forma a satisfazer necessidades. Se isto for feito de forma que a família seja mais competente e capaz para mobilizar recursos, que por sua vez influenciam positivamente a criança, os pais e o funcionamento familiar, a família tornar-se-á corresponsabilizada “par excellence” (Dunst et al., 1988, 1994).

Carl Dunst e seus colegas (Dunst, 1985; Dunst, Trivette e Deal, 1988, 1994 cit in Pimentel, Júlia Van Zeller , 2005) desempenharam um papel fundamental na promoção da adopção de princípios centrados na família pelos profissionais de intervenção precoce e na utilização de termos como a “co-responsabilização” e “capacitação”.

Assim entende-se por capacitar, o criar oportunidades para que todos os membros da família possam demonstrar e adquirir competências que consolidem o funcionamento familiar (Dunst et al., 1988), sendo que corresponsabilizar significa criar oportunidades para que todos os membros da família possam demonstrar e adquirir competências que consolidem o funcionamento familiar (Dunst et al., 1988).

A Intervenção Precoce dirige-se portanto à família, hoje entendida como uma prática que se baseia numa rede integrada de serviços, apoios e recursos, que dão resposta às necessidades do conjunto da unidade familiar (Almeida, 2004).

É a família como um todo que deve ser considerada simultaneamente como receptora e agente activo do programa. Isto, porque se deseja que a família participe em verdadeira parceria com os profissionais no desenrolar do programa e que lhe seja passada a ela a tomada de decisão em tudo aquilo que tenha a ver com a criança e com a família no seu todo (Almeida, 2004).

Assim, segundo Luís Correia e Ana Serrano, a Intervenção Precoce destina-se a crianças em situação de risco ou que apresentam desvios no seu desenvolvimento, mais especificamente, com base (Libro Blanco de la Atención Temprana cit. por Boavida, 2003), a Intervenção Precoce – entende-se por um conjunto de intervenções, dirigidas à população infantil dos 0-6 anos, à família e ao ambiente, tendo como objectivo dar resposta o mais precocemente às necessidades transitórias ou permanentes que apresentam as crianças com problemas de desenvolvimento ou em situação de risco. Estas intervenções

devem considerar a globalidade da criança sendo planificadas por uma equipa de profissionais de orientação interdisciplinar ou transdisciplinar.

### 3.3.2. A intervenção precoce nas famílias multidesafiadas com crianças em contexto de risco em idade pré-escolar

Porém, continuam a persistir situações na vida das crianças que não lhes permitem adquirir experiências positivas. As situações de risco remetem-nos para ambientes familiares instáveis nos quais a articulação de diferentes factores é determinante na situação de risco.

Se a satisfação das necessidades da criança estiver comprometida, nesse caso poderemos estar perante algum tipo de risco que vai influenciar o seu processo de desenvolvimento.

De acordo com Guralnick (1997), as características da família e os padrões familiares, podem implicar risco psicossocial stress e crise, condicionando o desenvolvimento da criança colocando esta em contexto de risco, como é possível analisar na figura abaixo.

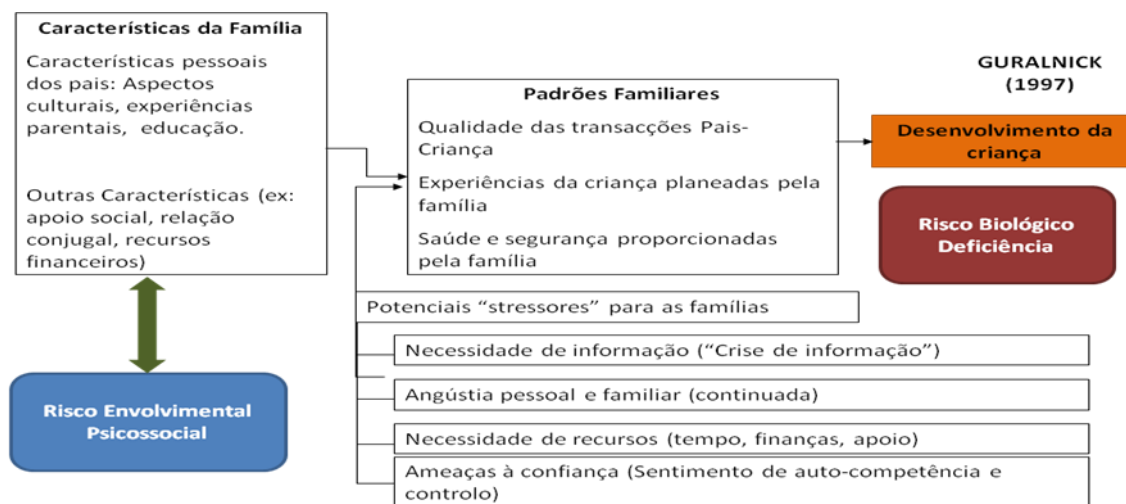


Figura n.º 4 – Características da Família e padrões familiares (Guralnick, 1997)

Assim, e segundo Bairrão (1994, p. 40) o conceito de “Criança em risco” refere-se a todas aquelas crianças que “devido à presença de alterações biológicas menos acentuadas, sociais e psicológicas, podem vir a actualizar ou a agravar situações que comprometem o seu desenvolvimento”. De acordo com Brown e Brown 1993, cit. Por Bairrão, 1994, pp. 40, 41 “existem duas categorias principais de ‘risco’. (...) No risco biológico incluem-se crianças com antecedentes pessoais e familiares ‘suspeitos’ e que podem indicar futuros défices. (...) A segunda categoria de risco, denominada de risco ambiental, é aquela em que se incluem as crianças em cuja história pessoal e familiar vamos encontrar ambientes familiares alterados ou problemas sociais graves que podem estruturar défices sobretudo de natureza psicológica”.

Sendo sobre esta segunda categoria que incidirá essencialmente o nosso projecto de investigação.

Segundo Breia, Almeida & Colôa (2004), a selecção dos casos a apoiar pelos serviços de Intervenção Precoce deverá ser feita tendo em conta critérios bem definidos, e tendo como base a tipologia proposta por Tjossem, T.D. (1976), a qual inclui três tipos de risco:

- Risco estabelecido: problemas físicos ou mentais graves que possam originar atrasos no desenvolvimento, tais como Síndrome de Down, anomalias cromossómicas, alterações sensoriais, microcefalias, paralisias cerebrais, etc.

- Risco biológico: problemas verificados na criança durante os períodos pré, péri e pós natais que resultaram em problemas de desenvolvimento, tais como baixo peso à nascença, anóxia, nascimento prematuro, doença metabólica, etc.

- Risco ambiental: problemas resultantes de experiências precoces tais como cuidados maternos e familiares (vinculações não seguras), cuidados de saúde, nutrição, oportunidades de estimulação física, social e de adaptação, etc.

De acordo com o Grupo Eurlayid (1994), estas categorias de risco possuem características e exigências distintas quanto ao diagnóstico, identificação e estratégias de intervenção.

Iremos abordar brevemente os factores de risco ambiental, pois são estes que mais influenciam as crianças que estão integradas nas famílias multidesafiadas que o Núcleo de Acção Social da Autarquia acompanha.

Por risco ambiental em sentido global, podemos entender então o empobrecimento dos contextos em que a criança vive influenciando as necessidades sociais e psicológicas (que não são satisfeitas da melhor forma), e que irão repercutir-se a todos os níveis de desenvolvimento.

Pessanha (1998), baseada nas investigações de Sameroff et al, especifica alguns dos factores que são considerados de risco, nomeadamente a interacção de pais e crianças perturbadas; situações de pobreza; pais com baixo nível escolar, famílias monoparentais; famílias numerosas; famílias com comportamentos desviantes, problemas mentais por parte da mãe, situações de precariedade económica; más condições habitacionais e de sobrelotação, elevado índice de insucesso escolar, abandono escolar precoce; crianças com períodos de frequência prolongados no exterior sem apoio ou orientação; situações de gravidez precoce, delinquência, toxicod dependência, alcoolismo, ambientes familiares carenciados, desigualdades sociais, culturais e desigualdades de oportunidades a vários níveis, problemas económicos, desemprego, pobreza, desorganizadas, perda de valores e identidades, Pouca auto-estima, referindo-se que eles seriam superados pelas crianças se o

número de riscos não fosse superior a dois factores (igualmente defendido em Startng Points, 1994). A autora dá ênfase à intervenção atempada e adequada que poderá prevenir a acumulação de mais riscos e também reduzir os efeitos negativos.

Apoiando-nos em estudos de Garmezy e Masten (1991) e citados por Anaut (2005, p.52) passamos a sintetizar os principais aspectos que favorecem a protecção tais como os individuais (temperamento activo, afável, bom carácter, boas capacidades cognitivas, idade, auto-estima, competências sociais...), extra-familiares (rede de apoio social como por exemplo avós, pares e experiências de sucesso escolar) e familiares (pais calorosos e apoio paterno, boas relações entre pais e filhos e harmonia parental).

Segundo Almeida (2004), também é possível promover uma melhoria da qualidade de vida da criança e da família através do estabelecimento de inter-relações entre redes de apoio eficazes, desenvolvimento do sentimento de pertença à comunidade, promoção da autonomia da família e a utilização de recursos da comunidade, como é perceptível pela análise do seguinte quadro.

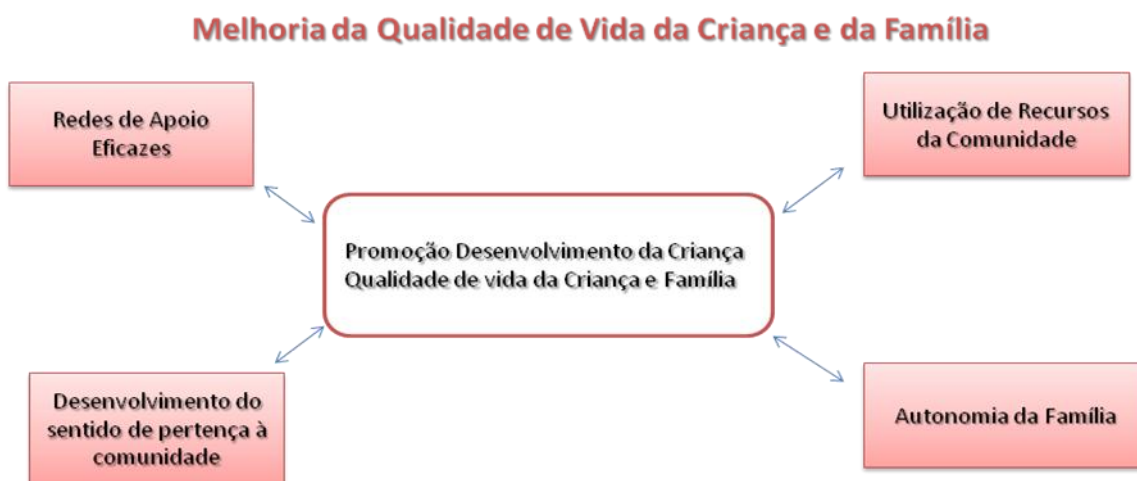


Figura n.º 5 – Melhoria da qualidade de vida da Criança e da Família (Almeida, 2004)

Assim, uma futura intervenção deverá incluir as variáveis familiares, da criança e da comunidade (Almeida, 2004), considerando os recursos da família, ou seja, as forças, habilidades e apoios formais e informais que podem ser mobilizados para satisfazer as necessidades, preocupações ou resultados da família (McGonigel et al., 1991) e a rede de apoio social, que dizem respeito às pessoas ou instituições com quem a família e os seus membros têm contacto, quer directa, quer indirectamente, representando uma fonte primária de apoio para as famílias e para os membros individuais (Dunst e Trivette 1990, cit. por Chowdhury et al, 1996).

Dunst (2000), refere então que a intervenção precoce deve proporcionar às famílias apoios e recursos, de ordem formal e informal, que vão influenciar directa ou indirectamente o funcionamento da criança, dos pais e da família como um todo.

### 3.3.3. Estratégias centradas na Família, Comunidade e Criança

Para Bambring (1996), a intervenção precoce foca-se no sistema familiar e tem como objectivo a melhoria sócio-emocionais da família que, através do fortalecimento das suas competências e recursos e ajuda a ultrapassar as dificuldades relativamente à educação de um filho com necessidades especiais.

Como nos refere Pilisuk e Parks (1986 cit. por Dunst et al., 1994) a família é quem define a necessidade dos serviços de apoio. Logo, os serviços de IP, para serem eficazes, devem considerar as necessidades da família (Affleck, Tennen Rowe Roscher & Walker, 1989; Dunst & Trivette 1990 cit. por Guralnick, 1997).

O modelo de intervenção centrado na família considera que quando as famílias conseguem satisfazer as necessidades dos seus membros, promovem a aquisição de competências, que por sua vez, tornam os pais mais capazes de arranjar tempo, energia e recursos para o bem-estar dos seus membros (Dunst et al, 1994).

Entende-se assim por necessidades da família as aspirações, objectivos, projectos pessoais que agem como um conjunto de forças que afectam o comportamento dos diferentes membros da família e podem ser geradas por acontecimentos e circunstâncias quer de dentro quer de fora da família (Dunst et al., 1994).

Neste âmbito, há ainda a realçar os contributos de Dunst, C. e tal (1994), onde este sugere um modelo de aumento de competência e poder – Empoderamento, segundo o qual a família constitui um elemento fundamental na resolução dos problemas. “O que se pretende deste envolvimento da família é que os pais se tornem elementos competentes, capazes de poder intervir de forma positiva na educação e desenvolvimento do seu filho, recebendo para isso apoio das redes sociais, formais e informais existentes na comunidade.” (Brofenbrenner, U. 1979). Aqui, os programas e os técnicos são encarados como agentes e mudança, o sentido em que devem procurar desenvolver nas famílias sentimentos de eficácia na tomada de decisões, na obtenção de informações e na procura de serviços.

Em suma, esta forma de actuação, visa capacitar as famílias para a resolução dos problemas, partindo do princípio que serão estas a identificar, determinar as suas próprias necessidades, ocupando desta forma um lugar central no desenvolvimento dos diversos programas (Howard, V., Williams, B., Port, P., & Lepper, C. (2001).

Para tal é necessário considerar as forças da família, que dizem respeito aos conhecimentos, capacidades e aptidões da unidade familiar e de cada um dos seus membros usados para identificar as necessidades e para a obtenção dos recursos e apoios necessários que respondam às necessidades da família (Dunst et al., 1994), bem como as

prioridades da família. Escolhas e desejos da família de como quer que a IP seja incluída na sua vida (McGonigel et al., 1991).

A avaliação e a identificação das forças e necessidades da família por parte do profissional, segundo Bailey (1991, cit. por McGonigel et al., 1991), consistem em primeiro de tudo que o profissional determine o que as famílias querem para si mesmas e para as suas crianças e o que elas precisam dos profissionais para o conseguirem. Neste contexto uma necessidade da família é vista como um desejo expresso de serviços, enquanto as forças da família são os recursos percebidos pela família, que podem satisfazer as suas necessidades.

Nos modelos “focado na família” e “centrado na família” a relação entre a família e os profissionais é caracterizada por parceria ou “ poder com” (power-with), relação essa que aparece quando as tomadas de decisão são partilhadas pela família e profissional, tendo em conta as competências de ambos, e quando há uma partilha total de informação (Simeonsson & Bailey, 1990, Turnbull, Turbiville & Turnbull, 2000).

O conceito subjacente à intervenção focada na família é de que o funcionamento da criança pode ser otimizado quando se providenciam serviços no sentido de aumentar a competências das suas famílias ( Mahonew, O’Sullivan e Dennenbaum, 1990 a) p.2).cit por Pimentel, Júlia Van Zeller (2005).

A ideia do empoderamento e as implicações desta prática constituiu um desafio às capacidades das pessoas e um reforço ao papel de cada indivíduo na formação do seu próprio destino.

Na perspectiva de Dunst, Johanson, Trivette e Hamby (1991), as estratégias de “empoderamento” incluíam um conjunto de características de interacção entre as famílias e os profissionais: reciprocidade, comunicação aberta, confiança mútua, respeito, responsabilidade dividida e cooperação.

Neste contexto os modelos e/ou estratégias de corresponsabilização e promoção das capacidades e competências das famílias ganham relevo.

O comportamento dos profissionais que proporcionam os apoios são determinantes no que diz respeito às formas como as famílias são corresponsabilizadas com vista à aquisição e uso de competências no campo da procura de apoios e da mobilização de recursos para dar resposta às suas necessidades.

Mais especificamente, a operacionalização do modelo envolve: 1. A identificação das prioridades da família das suas necessidades, desejos, preocupações, aspirações, etc; 2. A identificação de fontes de apoio informais e formais e a identificação de recursos para dar resposta a intenções e objectivos explicitados; 3. A mobilização destes apoios e

recursos fazendo apelo a capacidades existentes ou promovendo a aquisição de novas competências pela família. Isto é conseguido em colaboração recorrendo a práticas que proporcionam apoio, as quais além de serem participadas também potenciam competências.

Thurman (1997) referindo Macdonnell & Hardman (1988) sugere alguns parâmetros que, actualmente, devem estar subjacentes a qualquer programa de intervenção precoce: i) *integração* – contemplando crianças com e sem deficiência; ii) *abrangência* – oferta de diversidade de serviços integrados e abrangentes; iii) *normalização* – oferta de intervenção em diversos contextos; iv) *adaptação* – adopção de procedimentos flexíveis; v) *centrado na família enquanto sistema activo* – construção de um currículo directamente relacionado com a criança, família e comunidade e vi) *centrado nos resultados* – enfoque em skills de desenvolvimento funcionais.

Segundo Bailey e Powel (2005), a maior ilação que se pode tirar dos resultados da investigação é, talvez, o facto de que é impossível aplicar um conhecimento genérico sobre a família, em geral, a uma família em particular. As crianças e as famílias têm características, prioridades e necessidades diferentes e que vão variando ao longo do tempo, daí a necessidade de se individualizar a intervenção. O PIAF é, simultaneamente, um garante e uma tradução operacional dessa individualização.

O PIAF é, portanto, justamente considerado, pela maioria dos autores, como a pedra angular de uma intervenção centrada na família. Nele, família e profissionais trabalham em equipa, com vista a planear uma intervenção adequada às preocupações, necessidades e recursos específicos de cada família.

A forma como Simeonsson (1996b) representou aquilo que designou como o *ciclo da intervenção* e que apresentamos na figura n.º 6, com uma ligeira adaptação, designando-o como *ciclo de avaliação/intervenção*, pode servir para esquematizar o processo do PIAF.

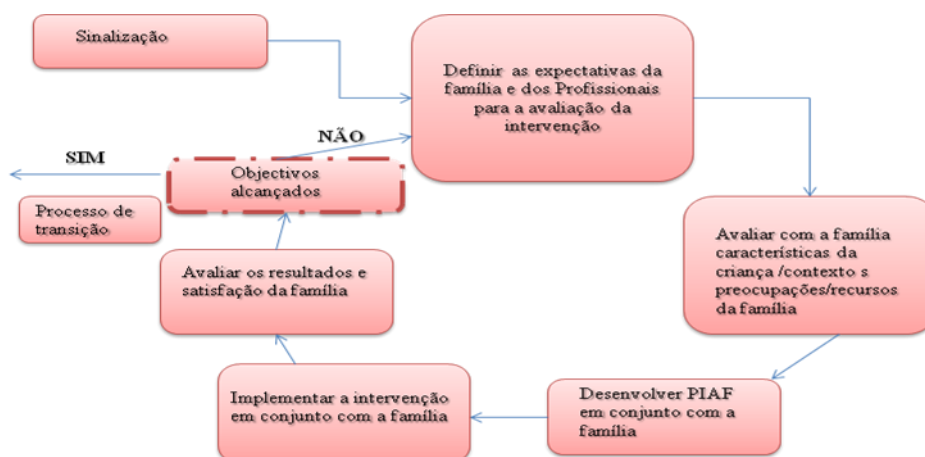


Figura n.º 6 – O ciclo de avaliação/intervenção (adaptado de Simeonsson, 1996b)

### **3.4. A Orientação e Mediação Familiar**

*“Famílias felizes são famílias que têm fraquezas, fragilidades, problemas, forças, imensos desafios e imensa esperança”*(Neto, M. 2004).

A sociedade moderna das últimas décadas deu origem a modificações profundas nos modelos familiares; relativizam-se os vínculos familiares vigentes, dá-se o divórcio e a reconstituição.

Prevalecem modelos diferentes de convivência familiar, com correspondentes mudanças nas dinâmicas familiares: situações de vida familiar e de conjugalidade (Fernandes, 1994; Martinez, 2003).

Segundo Flaquer (1988), a família perdeu consistência institucional mas ganhou intensidade psicológica e emocional, proporcionando apoio e para as relações complementares.

As famílias multidesafiadas face aos factores de risco a que se encontram expostas e integradas não conseguem proteger a criança e comprometem severamente o seu desenvolvimento integral.

Esta realidade complexa coloca novos desafios numa família em mudança exigindo novas respostas.

A orientação e mediação familiar surgem como forma de intervir preventivamente e apoiar as famílias na gestão e/ou orientação dos problemas/crises sentidas.

#### **3.4.1. Orientação e Mediação Familiar – sua origem e princípios**

Tendo sido recomendada pelo Conselho da Europa, a 21 de Janeiro de 1998, como resposta política e de serviço de apoio às famílias, a mediação familiar (Ribeiro, 2008), consiste num processo de colaboração para a resolução de conflitos, no qual duas pessoas ou mais partes em litígio são ajudadas por uma ou mais terceiras partes imparciais (mediadores) com o fim de comunicarem entre elas e de chegarem à sua própria solução, mutuamente aceite, acerca da forma como resolver os problemas em disputa (Parkinson, 2008).

A mediação é, por natureza, relacional, procurando estabelecer laços onde há discórdia (Barbosa, 2002), assumindo neste contexto, o mediador um papel preponderante, abordando o conflito como uma oportunidade de crescimento, de esclarecimento de restabelecimento da comunicação e da manutenção das relações entre as partes, promovendo a satisfação de todos os intervenientes no processo (Lopes, 2010).

Assim, a história da mediação assenta numa tradição remota, no tempo em que o diálogo era conduzido por anciãos, sábios ou sacerdotes, visando promover a convivência pacífica, razão pela qual, a mediação era caracterizada, como meio de resolução de conflitos das sociedades expostas a perigos e tensão (Barbosa, 2002).

Porém, a Mediação teve a sua origem em 1970, nos Estados Unidos, difundindo-se para o Canadá, China e alguns países da Europa. O termo foi utilizado pela primeira vez por J.S.Coogler (advogado americano, numa apresentação em Atlanta), tendo fundado em 1974 a Family Mediation Center e a Family Mediation Association, sendo deste modo, considerado o pai desta prática em contextos familiares.

Assistiu-se a um desenvolvimento extraordinário da prática de mediação familiar, pelos países acima citados e também, nomeadamente em 1976, em Inglaterra, seguindo-se a França, Bélgica, Alemanha e Itália.

Em 1993, foi criado o Instituto Português de Mediação Familiar (IPMF), por iniciativa conjunta de juristas, magistrados, psicólogos e terapeutas familiares. Em Janeiro de 1997, foi constituída a Associação Nacional para a Mediação Familiar e em Maio desse mesmo ano, realizou-se o primeiro congresso internacional de Mediação Familiar, assim como, foi criado o Gabinete de Mediação Familiar (GMF), resultado de um protocolo entre o Ministério da Justiça, a ordem dos advogados e o Centro de Estudos Judiciais, pelo despacho n.º 12 368 do Ministério da Justiça, de 25/11/97, publicado no DR II Série, n.º 283 (em 9/12/1997). Em Setembro de 1999, entrou em funcionamento o primeiro Gabinete de Mediação Familiar público (competência apenas para a cidade de Lisboa). Já em 2000, surge então, a Direcção Geral da Administração Extra Judicial (DGAE), actualmente gabinete para a resolução alternativa de litígios (Gral).

O Gabinete de Mediação Familiar actua ao nível das situações de conflito parental relativas à regulação do exercício do poder paternal, à alteração da regulação do exercício do poder paternal e aos incumprimentos do regime de exercício do poder paternal para cujo conhecimento seja competente a comarca de Lisboa (Rios, 2005).

Tem como atribuições fundamentais: - o atendimento dos utentes (atitude conciliadora e facilitadora da negociação do conflito familiar); a orientação (identifica estratégias pessoais e sociais de superação da crise familiar, promove o relacionamento paterno-filial e fomenta a co-parentalidade) a mediação e o acompanhamento em situações de conflito parental; a divulgação dos objectivos e métodos da mediação familiar; a formação na acção; a investigação e avaliação da acção desenvolvida (Rios, 2005).

A Mediação rege-se por vários princípios, tais como, a *Voluntariedade* (as partes recorrem por vontade e iniciativa própria, não podendo ser forçados a participar);

*Neutralidade* (os mediadores devem agir de forma a que todos os lado envolvidos possam concordar, promovem a comunicação entre as partes, auxiliando-as a identificar necessidades e bases comuns e habilitá-las a criar opções e conceber as suas próprias soluções); *Imparcialidade* (o mediador não deve aconselhar, não defende, não representa); *Confidencialidade* (o mediador deve manter em sigilo todas as informações, promovendo a confiança e protecção excepto informações que comportem uma ameaça para a vida e/ou integridade física ou psíquica de uma pessoa, especialmente crianças, jovens ou dependentes); *Flexibilidade* (os processos devem ser ajustados a cada caso de modo a respeitar as expectativas e timings de cada pessoa); *Respeito* (consideração e cuidados recíprocos no tratamento entre partes como no tratamento dos interesses envolvidos); *Autonomia e vontade das partes* (os mediadores conduzem os indivíduos a assumir as suas próprias decisões e a responsabilidade última sobre os conteúdos do acordo); *Boa Fé* (os factos apresentados devem corresponder à clara intenção das partes); *Auto-composição do litígio* (abdicção por parte de um dos indivíduos ou ambos, do seu interesse por inteiro ou parte dele); *Cooperação* (é exigido aos mediadores e aos mediados um trabalho conjunto com a preocupação de alcançarem soluções mutuamente satisfatórias); *Confiança* (compromisso mútuo entre os indivíduos de acreditarem um no outro, no decorrer do processo); *Protecção dos interesses das crianças e jovens ou pessoas dependentes* (zelar pelo supremo interesse das crianças, jovens e dependentes) e ainda *Responsabilidade das Partes* (Lopes, 2010).

A mediação desenrola-se em duas fases, a primeira corresponde à Pré-Mediação (Informação acerca do que é a mediação, recolher informação e avalia-se a adequação da mediação ao caso concreto, termo de consentimento) e a segunda corresponde à Mediação.

Neste âmbito, impera compreender que papel e colaboração possível poderão ter a orientação e mediação familiar na promoção da reorganização familiar e gestão de conflitos enquadrada na intervenção precoce e integrada e paralelamente enquanto alternativa inovadora.

### **3.4.2. Que papel e colaboração possível**

Podendo a mediação ser orientada para o acordo, assume um carácter transformativo, ou seja, os mediadores conduzem/promovem a capacitação e sensibilização dos participantes, bem como, poderá ter uma visão ecossistémica, centra-se na família como um todo e os filhos e outros membros da família são incluídos no círculo familiar e ainda narrativo, em que os mediadores motivam os participantes a contar a sua história, de forma a que fiquem em pé de igualdade, para tal é utilizada a técnica do reenquadramento (Parkinson, 2008).

A mediação é assim um apelo ao consenso, à concertação, à discussão tranquila e destina-se a estabelecer uma comunicação inexistente ou perturbada (Barbosa, 2002).

As famílias multidesafiadas são pautadas por uma polisintomatologia e crises recorrentes, que podem ocorrer como reacção a dificuldades de carácter material ou físico, relações conflituosas com o ambiente envolvente, relações conflituosas no interior do sistema familiar. Têm uma estrutura caótica e comunicação disfuncional, o que as dota de uma extrema desorganização (Gómez, Munõz & Haz, 2007).

São famílias marcadas pela instabilidade e múltiplas dificuldades organizacionais, vivenciam momentos de crise logo nas primeiras mudanças da fase do ciclo vital, como por exemplo na formação do casal e nascimento e desenvolvimento dos filhos, revelam-se muitas vezes incapazes de colaborar nas necessidades de desenvolvimento individual dos seus membros, é perceptível a indefinição de papéis e tarefas até às regras de relacionamento, onde ocorrem repetidas rupturas e reconstituições, denotando-se o subsistema conjugal pouco definido e deteriorado, funções parentais que se encontram deterioradas na vertente protectora e socializante. Os limites são muito permeáveis e pouco definidos pois existe uma hierarquia caótica, com o mínimo de regras e rotinas derivado da não assumpção de papéis pelos elementos da família e comunicação caótica e desagregada (Martinez, 2003; Sousa et al., 2007).

O risco de desenvolvimento de problemas de desajustamento pessoal, social e familiar aparece muitas vezes associado à dificuldade de expressar ideias e defender pontos de vista, de defender direitos próprios sem recursos à agressividade, de negociar tendo em conta o ponto de vista próprio e do interlocutor, de gerir conflitos, de identificar e resolver conflitos interpessoais, de gerir alternativas, de tomar e manter decisões (Matos, 2000).

Ciência e arte caracterizam a Mediação Familiar como podendo ser preventiva em todos os conflitos familiares (Ribeiro, 2010), e de acordo com o seu âmbito, poderá assumir um papel importante na promoção do equilíbrio familiar, na gestão de conflitos de forma a que cada parte tenha oportunidade de exprimir os seus desejos e construir conjuntamente um acordo adequado às exigências e interesses (Barbosa, 2002).

Clarifica os aspectos conflituosos, tem consequências construtivas, promove, facilita e fortalece o diálogo, inverte toda uma forma de pensar, já que assegura a autonomia de cada parte e ajuda a compreender-se a si próprio e a construir a sua própria solução (Barbosa, 2002).

Assim, realiza esforços de intervenção com processos chave para a resiliência, na medida em o mediador assume um papel de facilitador e colaborador da família ajudando-a

a encontrar o seu caminho para atravessar a crise e que se encaixe no seu seio cultural, recursos e forças pessoais, estabelecendo objectivos e aprendendo com os obstáculos.

A mediação familiar restitui poder aos membros do casal: poder de tomar decisões, de controlar o seu destino. Vai ajudar as pessoas a serem mais autónomas, a ouvirem-se, a compreenderem-se e a resolverem o seu litígio, trabalhando desta forma o empoderamento nas famílias (Barbosa, 2002).

Salvaguarda o bem-estar dos filhos, ou seja, a mediação familiar olha para a criança no seu contexto para concretizar o seu superior interesse (Gomes, 2010).

Nesta base, e visto que o mediador familiar possui uma boa formação em técnicas de comunicação, de gestão de conflitos, de negociação e solução de problemas, aspectos psicológicos e jurídicos, a orientação e mediação familiar funcionaria como uma mais-valia como forma alternativa e complementar de resolução e regulação dos conflitos inerentes à dissociação familiar no âmbito da intervenção precoce e integrada, em particular com famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco.

A orientação e mediação familiar, como estratégia preventiva do desajustamento pessoal, social e familiar, poderiam apresentar vantagens ao trabalhar áreas como a comunicação interpessoal, resolução de problemas, competências cognitivas, competências sociais (pedir ajuda, expressar opiniões, expressar sentimentos, acordo desacordo, defender ideias, etc), assertividade, etc), juntas das famílias multidesafiadas.

Através por exemplo da mediação familiar transdisciplinar, fundamentada na teoria da mediação de conflitos, porém adaptada às especificidades de cada realidade cultural e populacional (Muszkat et Oliveira, 2008).

A mediação transdisciplinar pressupõe uma equipa multidisciplinar e um trabalho em rede no desenvolvimento de um trabalho de discussão/reflexão sobre a violência e os conflitos familiares, de técnicas de comunicação e alternativas de comportamento diante dessas situações (Muszkat et Oliveira, 2008).

A metodologia visa a mudança de postura e visão do mundo, ou seja, um resultado positivo de um processo de mediação, entendido como um método transformativo, no âmbito da presença de uma equipa multidisciplinar, uma capacitação contínua, uma supervisão sistemática, comunicação e linguagem (Soares, 1996).

Para tal, seria importante trabalhar-se no sentido de promover um acesso e de forma gratuita, especificamente às famílias vulneráveis.

Rios (2005), reitera esta necessidade, expressando que deveria ser promovido o acesso à mediação, ou seja, as instâncias responsáveis deveriam promover o desenvolvimento da mediação familiar, nomeadamente por meio de programas de informação facultados ao

público, para permitir uma melhor compreensão desta forma de resolução amigável dos litígios familiares.

Neto M. (2004), refere na óptica de um trabalho preventivo e de preservação da família, seria muito importante poder ampliar os serviços de Mediação, mas complementá-lo com orientação e aconselhamento conjugal, visando a prevenção de uma ruptura definitiva, dado que em muitas situações é possível trabalhar a reconciliação, ajuda anterior à ruptura.

Esta seria uma forma de se conferir uma maior estabilidade às famílias multidesafiadas, na medida em que a grande maioria das pessoas encontra e quer constituir a sua estabilidade na família (Neto, M. 2004).

No âmbito desta abordagem ganha ênfase o direito colaborativo, este surgiu nos Estado Unidos da América, fruto por um lado, da insatisfação de alguns advogados relativamente ao desenlace, frequentemente, negativo dos litígios familiares e, por outro, devido à complexidade e especificidade dos conflitos de natureza familiar e aos custos pessoais e económicos que os litígios acarretam para as famílias (Cohen, 2006).

O modelo consiste numa abordagem especializada com o objectivo de preservar os recursos económicos e emocionais das pessoas (Cohen, 2006).

Além dos advogados, intervêm nos processos especialistas na área financeira, em psicologia infantil e mediadores (Deutsch, 2008).

Esta abordagem poderá ser adequada para casos que se revistam de especial complexidade seja no plano económico, psicológico ou outro, uma vez que explora de forma flexível mas abrangente as circunstâncias ao redor do divórcio e das questões relativas à parentalidade (Gomes, 2009).

Na perspectiva do Direito Colaborativo, surgido, recentemente, nos Estados Unidos da América e no Canadá, uma intervenção designada de Coordenação Parental, a qual, funciona no âmbito do Tribunal. O coordenador parental, promove uma intervenção estruturada em que ajuda os pais a lidar com o conflito e lhes faculta educação parental, com vista à realização do acordo sobre as responsabilidades parentais (Deutsch, 2008).

## II - ESTUDO EMPÍRICO

### PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

*A ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico através do uso da consciência crítica que levará o pesquisador a distinguir o essencial do superficial e o principal do secundário.*

*Cervo e Bervian (2002, p. 16)*

## Capítulo 1 – Princípios teóricos – metodológicos

### 1.1 O Porquê da nossa escolha

Depois de muito reflectir sobre o tema a desenvolver nesta dissertação, resolvemos debruçar-nos sobre a percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças, dado actuarmos junto destas famílias. Sentimos ser uma boa oportunidade para aprofundar o estudo acerca desta temática, cruzando olhares das Famílias e Técnicos e sobre a própria índole da intervenção integrada e precoce, bem como orientação e mediação familiar.

#### 1.1.1 A Investigação Mista – Quantitativa & Qualitativa

A nossa opção em termos de paradigma, recai sobre a investigação mista, ou seja de teor quantitativo e qualitativo. Tashakkori e Teddlie (1998) relembram, ao citar, Hammersley (1992), que a discussão entre a investigação quantitativa e qualitativa em psicologia, teve as suas raízes no século XIX e ocorreu na sociologia nos anos 20 e 30. Este debate surgiu como resultado de um certo descontentamento com a aplicação dos métodos quantitativos às ciências sociais e humanas. A investigação nestas áreas era predominantemente quantitativa. Segundo Guba e Lincoln (1994) existe ainda a convicção de que só os dados quantitativos são válidos e de qualidade. Reichardt e Rallis (1994) vão claramente contra a tese da incompatibilidade dos paradigmas, considerando que, ao contrário do que por vezes se afirma, há semelhanças entre os dois paradigmas em questões fundamentais, desde que interpretadas de forma diferente. Deste modo “...muitos dos valores fundamentais são partilhados pela investigação qualitativa e quantitativa, e as diferenças que existem podem ser usadas para o seu esclarecimento mútuo e para melhor servir os nossos clientes” (Reichardt & Rallis, 1994, p. 90). Na mesma linha, Miles e Huberman (1994), consideram estéril a oposição qualitativo-quantitativo e, citando Salomon (1991), referem que o problema não se deve colocar desta forma, mas devemos antes questionar-nos sobre se pretendemos adoptar uma abordagem “analítica” a fim de compreender algumas variáveis bem controladas ou, pelo contrário, uma abordagem “sistémica” que nos permita compreender a interacção entre variáveis num contexto complexo. Para eles, a questão não é, *se* deve ser feita a combinação das duas abordagens, mas antes, *quando, como e com que objectivo* (Miles & Huberman, 1994, p. 41). Esta posição mais conciliadora ou “pacifista” (Tashakkori & Teddlie, 1998) de muitos investigadores, aliada ao reconhecimento de que os fenómenos sociais e humanos são complexos e de que a sua compreensão implica uma visão mais abrangente, levou a que muitos defendessem a utilização de mais do que uma perspectiva ou metodologia no

estudo de um determinado fenómeno. Smith (1994), preconiza o recurso a uma abordagem de métodos múltiplos num estudo único, ou a realização de diferentes estudos usando vários métodos, como forma de conseguir uma melhor compreensão de uma realidade que é complexa e multifacetada.

Hedrick (1994), no que respeita aos métodos, afirma, que *sem qualquer dúvida*, os quantitativos (entrevista estruturada, questionários, registo de observações) e qualitativos (entrevistas abertas, focus grupos, descrições densas e registo de observações) podem coexistir num mesmo estudo, acrescentando que isso enriquece e que é já uma prática comum aos investigadores (Hedrick, 1994, pp. 47, 48).

## 1.2. O Desenho da Investigação

Só conhecemos as respostas para as nossas dúvidas quando formulamos as perguntas. A realidade conhecida é em certa medida a realidade inquirida. São as questões, a perspectiva que incorporam, o foco que apontam, a sua formulação precisa, que dão forma às respostas que obtêm, circunscrevendo-as substantivamente. Nos termos de Alarcão (2000), “o que sabemos depende de como o sabemos” (p.473).

Assim a investigação que, corporizará a tese de Mestrado, incidirá em torno das necessidades e forças das famílias multi-desafiadas com crianças em idade pré-escolar em situação de risco biológico e ambiental.

Segundo, Ann e H. Ruthford Turnbull, (1990, cit. Buscaglia, 1994), a dinâmica familiar é constituída por várias componentes que é necessário conhecer a compreender. As características da família, as interações que se mantêm e as funções específicas de cada família, oferecem-lhe forças individuais que a tornam única, logo é de extrema importância o conhecimento destas dinâmicas para a relação que se deve manter entre as famílias e os profissionais que as acompanham.

Deste modo, a finalidade deste estudo é o de aferir as percepções das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças, no sentido de futuramente, adequar estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes.

Em termos de profundidade do estudo, optámos por um modelo de investigação exploratório descritivo que é caracterizado, segundo Almeida e Freire (2000), por um maior grau indutivo ou de descoberta de pontos de continuidade ou de pregnância numa dada realidade.

Relativamente à metodologia, conforme acima mencionado, o presente estudo é classificado como misto, ou seja, quantitativo-correlacional e qualitativo.

Quantitativo-correlacional, porque tem como objectivo explicar, prever e controlar os fenómenos, a partir da formulação de hipóteses sobre as relações entre as variáveis e através da objectividade dos procedimentos e da quantificação das medidas, tenta encontrar regularidades e leis explicativas do seu objecto de estudo (Almeida & Freire, 2000).

Qualitativo porque visa a compreensão dos fenómenos, valoriza a construção de conhecimento, através das representações dos sujeitos, sendo simultaneamente consistente com a perspectiva sistémica, detendo “(...) potencial para esclarecer significações pessoais, explicar a experiência humana, apresentar “histórias” ricas em detalhes, compreender, gerar teorias sobre processos que vão mudando ao longo do tempo, explicar a diversidade, assim como padrões e temas, e preservar condições históricas, culturais e contextuais” (Wilson & Hutchinson, 1997, p.64).

Deste modo, podemos referir que a metodologia qualitativa é o caminho a seguir quando pretendemos compreender o significado dos discursos, das experiências, acompanhamento e estratégias relatadas, dos desejos expressos, das necessidades e das atitudes dos actores sociais, ou seja, dos Técnicos em estudo no trabalho de investigação.

### **1.2.1 Os Objectivos, questões e hipóteses de Investigação**

No conhecimento científico, o pensar deve ser sistemático, verificando uma hipótese (ou conjunto de hipóteses), atribuindo o rigor na utilização de métodos científicos. Dessa forma, a investigação configura-se na produção elaborada a partir de questões específicas de estudo. Segundo Galliano (1986, p. 26), “ao analisar um facto, o conhecimento científico não se limita a explicá-lo, mas também procura descobrir as suas relações com outros factos e decifrá-los.”

De acordo com Leandro S. Almeida e Teresa Freire (2007, p.21), o investigador é orientado por determinados objectivos operacionais, que dependerão da natureza dos fenómenos e das variáveis em presença.

Tendo em consideração a sua finalidade, profundidade e tipo de metodologia o objectivo geral e específicos aqui traçados no âmbito deste estudo, são formulados do seguinte modo:

#### **Objectivo Geral**

. Procurar aferir/conhecer as percepções das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças, no sentido, de futuramente, adequar de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes;

## **Objectivos Específicos**

### **Pais/Famílias**

- . Identificar competências e recursos percebidos pelos pais/famílias;
- . Conhecer as necessidades e prioridades identificadas pelos pais/famílias, ao nível do desenvolvimento da criança, de informação, apoio social, comunitário, familiar e financeiro;
- . Aferir quais as expectativas que os pais/famílias possuem relativamente à criação de um projecto focado nelas mesmas e o que esperam conseguir através do envolvimento com os serviços;
- . Determinar o modo como os pais/famílias definem as suas características (como os papéis parentais, relação conjugal, suas idades e da criança, o contexto de risco, escolaridade e estatuto socioeconómico), bem como crenças e valores, na capacidade de estratégia e adaptação aos problemas;
- . Analisar os objectivos de vida para o futuro estabelecidos pelos pais/famílias;
- . Analisar de que forma a idade da criança pode evidenciar diferenças ao nível da criação de um projecto integrado de apoio;

### **Técnicos**

- . Conhecer como são sinalizadas as situações de risco (critérios de elegibilidade), quem faz essa sinalização, como e quando é feita;
- . Que encaminhamento e plano de intervenção é dado à situação;
- . Perceber o que os Técnicos consideram ser uma ajuda eficaz;
- . Analisar se crêem na natureza e âmbito do serviço de Intervenção Precoce proposto e percebido pelas famílias e na importância de uma colaboração efectiva com estas;
- . Compreender quais as linhas de orientação para a prática que pensam ser relevantes;
- . Descortinar se estes relacionam os pontos fortes e as necessidades das famílias com o desenvolvimento das crianças;
- . Identificar se estes consideram necessário a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contexto de risco;

Partindo deste conjunto de objectivos, as questões de pesquisa que pretendemos dar resposta neste estudo, foram assim formuladas:

### **Pais/Família**

- 1 – Quais as necessidades e recursos percebidos pelas famílias?
- 2 – As necessidades e forças das famílias prendem-se com a dinâmica familiar ou com a interacção com a criança?

- 3 – Que características das famílias podem influenciar as suas necessidades, prioridades e redes de apoios?
- 4 – Será que o apoio prestado às crianças em idade pré-escolar na Freguesia de Montelavar é focado na família?
- 5 – Os Serviços que as famílias percebem receber correspondem aos serviços que os Técnicos dizem prestar?
- 6 – Que objectivos têm as famílias no sentido de melhorar de vida?
- 7 – A idade, escolaridade e condição socioeconómica podem diferenciar o tipo de necessidades ao nível de um serviço integrado de apoio?
- 8 – A relação entre os cônjuges /companheiros pode influenciar a necessidades sentidas relativas à existência de um serviço integrado de apoio?

### **Técnicos**

- 1 – Consideram necessário a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contexto de risco?
- 2 – Crêem na natureza e âmbito do serviço de Intervenção Precoce proposto e percebido pelas famílias?
- 3 – Quais as linhas de orientação para a prática que pensam ser relevantes?
- 4 – Relacionam os pontos fortes e as necessidades das famílias com o desenvolvimento das crianças?
- 5 – Técnicos e Famílias partilham uma visão comum sobre os serviços que são mais importantes num programa de intervenção eficaz?

Por hipótese considera-se, pois, a explicação ou solução mais plausível do problema, de acordo com, McGuigan, (1976, p.37), a “hipótese é uma proposição testável, que pode vir a ser solução do problema”.

Assim, as hipóteses que propomos na investigação, quanto ao seu processo de formulação são dedutivas, pois “decorrem de um determinado campo teórico e procuram comprovar deduções implícitas das mesmas teorias” (Leandro S. Almeida e Teresa Freire, p.44) e quanto ao seu nível de concretização é conceptual, dado estabelecer uma relação entre as variáveis.

Neste sentido, apontamos as seguintes hipóteses:

1. Espera-se que as famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco com uma percepção das suas forças e/ou recursos menos positivos, sintam maior necessidade de apoio conjugal, familiar e social especializado;

2. Existe uma relação positiva entre os Técnicos que consideram um sistema familiar competente e a activação de recursos neste, associado a uma diminuição dos factores de risco;

3. Existe uma relação positiva entre a percepção das famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco, acerca das suas necessidades e forças e uma intervenção focada na criança, família e comunidade.

## **Capítulo 2. População e Amostra**

Ainda segundo, Leandro S. Almeida e Teresa Freira (2007, p.112), aquando a definição do plano de investigação, devem ser concebidas condições para que os dados obtidos sejam significativos em função do problema, questão esta, indubitavelmente relacionada com a qualidade da amostra.

Assim, numa investigação a definição da população e amostra revelam-se essenciais. Neste âmbito, a população deste estudo é representado por pais/famílias multi-desafiadas e/ou multiproblemáticas entre os 20 e os 45 anos, com crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos que apresentem risco de atraso no desenvolvimento, decorrentes de algumas situações de risco estabelecido ou ambiental, residentes no Concelho de Sintra, nomeadamente na Freguesia de Montelavar, que se encontram em acompanhamento psicossocial pelo Núcleo de Acção Social, da Autarquia.

Como também inclui os Técnicos de Intervenção Social que actuam na Freguesia e Concelho junto destas famílias.

A amostra é composta por 20 famílias, seleccionadas para o efeito com as características acima mencionadas, em acompanhamento pelo Núcleo de Acção Social da Autarquia, entre outras entidades parceiras, nomeadamente, Centro de Saúde de Pêro Pinheiro, Instituto da Segurança Social, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens e Equipa de Crianças e Jovens em Risco, com processo activo de 2008 a 2011.

De forma a obtermos uma visão o mais abrangente possível da actuação, articulação, critérios, estratégias utilizadas pelas estruturas e serviços locais e/ou parceiros da Autarquia, privilegiou-se também a escolha e representação de 12 Técnicos.

### **2.1 - Procedimentos**

Num primeiro momento, a coordenação do Núcleo de Acção Social da Autarquia de Montelavar, seleccionou 20 famílias, que correspondessem aos critérios definidos (multidesafiadas e/ou multiproblemáticas dos 20 aos 45 anos de idades, com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco) de um total de 98 famílias, que evidenciavam défice de competências pessoais, sociais e parentais, identificadas em contexto de

diagnóstico social, correspondente a um volume processual de 300 utentes e/ou sistemas clientes.

De seguida, contactou-se telefonicamente as 20 famílias, tendo-lhes sido pedido colaboração para a participação neste estudo.

Num segundo momento, receberam uma declaração de consentimento de participação e informação referente à investigação, que descrevia os objectivos do estudo e a instituição onde esta se encontrava a ser desenvolvida.

Posteriormente realizou-se o contacto pessoal com as famílias afim de que estas preenchessem os protocolos de investigação.

Este processo demorou sensivelmente 2 meses, correspondentes aos meses de Julho e Agosto de 2011.

No que concerne ao pedido de colaboração por parte dos 12 Técnicos, encontra-se em fase de contactos, para as diferentes Instituições parceiras, referidas anteriormente, para breve realização de Focus-Group.

### **2.1.1. As questões éticas na investigação e o Consentimento Informado**

*Agir eticamente é respeitar as pessoas que participam na investigação (Graue & Walsh, 2003, p.75).*

A investigação suscita sempre problemas de ordem ética que necessitam de análise cuidada. Assim, a dimensão ética assume especial destaque numa investigação mista, que pretende auscultar as percepções das famílias e dos Técnicos que as acompanham e actuam na Freguesia e/ou Concelho.

Além disso, o investigador deve certificar-se que os procedimentos e métodos utilizados são adequados aos participantes. Por último, a investigação deve ter como objectivo trazer algum benefício social para os participantes da investigação. Entendendo que entrar na vida das outras pessoas é tornar-se um intruso, faz-se necessário obter permissão, que embora vá para além da que é dada sob formas de consentimento, este revela-se crucial.

O consentimento informado consiste na opção que deve ser garantida aos participantes da investigação, de nela quererem participar ou não, depois de devidamente informados acerca dos respectivos objectivos de investigação, características do estudo e condições de realização. Segundo Moreira (2007), o consentimento informado comporta dois grandes elementos: o voluntariado e informação completa. Voluntariado porque cada sujeito decide livremente se que participar da investigação e, mesmo decida participar, pode interromper quando considerar que o deve fazer. Deste modo, fica assegurada a questão legal que envolve o consentimento informado. Por outro lado, o consentimento implica que os

participantes disponham de informação essencial, como os objectivos de estudo, os procedimentos metodológicos, duração da recolha de informação e a descrição dos contributos da investigação.

No que respeita a investigação com famílias e técnicos, devemos, não só, salvaguardar estas questões, como temos de dar a conhecer aos pais/cuidadores e Técnicos das nossas pretensões, as mais-valias em termos sociais do estudo, garantido o anonimato dos dados recolhidos.

Neste sentido, o consentimento informado foi dirigido às Famílias e Técnicos, ambos participantes desta investigação.

A obtenção do consentimento informado não é algo que esteja prévia e definitivamente adquirido, mas antes um processo sujeito a negociação, uma vez que o participante da investigação pode querer desistir a qualquer momento.

### **2.1.2. As Variáveis Sociodemográficas indicadoras de necessidades e forças**

Segundo Sousa, (2005), as variáveis “ (...) são os dados a que as hipóteses se referem definindo as relações de causa e efeito que se espera suceder entre elas”.

Deste modo, para compreendermos as variáveis deste estudo, analisámos as opiniões de vários autores, como McNaughton (1994) que refere que certos indicadores sociodemográficos como os papéis parentais (McLinden, 1990; Upshur, 1991), a idade da criança (D`Amato & Yoshida, 1991), a idade dos pais (Fagan, Dore & Math, 1991), o grau de severidade da Necessidades especiais da criança (Sandow, Clarke, Cox & Stewart, 1981) e o estatuto socioeconómico da família (Bailey, Blasco & Simeonsson, 1992) podem influenciar as percepções dos pais sobre as necessidades da família.

#### **Papéis Parentais**

As famílias multiproblemáticas e/ou multidesafiadas desconhecem os limites, emaranham-nos, provocando a anulação da identidade e autonomia individual e emocional. Têm dificuldades em cumprir adequadamente as suas funções.

O desenvolvimento de comportamentos sintomáticos (crise) verifica-se nas primeiras mudanças da fase do ciclo vital: formação do casal e nascimento e desenvolvimento dos filhos. As crises provocam um mau funcionamento, logo disfuncionalidade, do sistema familiar que se mostra incapaz de realizar de forma satisfatória as suas tarefas organizativas (gestão económica, educação, crescimento e cuidados dos filhos) e emocionais (gestão das tensões, afectividade, estabilidade afectiva), bloqueando-as na sua passagem à fase seguinte (Martinez, 2003).

### **Idade da Criança**

Bernheimer, Young & Winton (1983 cit. por Albuquerque, 1996), ao entrevistarem famílias de crianças com NE entre um e três anos, encontraram três períodos de stress parental, designadamente o do diagnóstico inicial, o da procura e obtenção dos primeiros serviços e o da transição dos programas de intervenção precoce para os pré-escolares, constituindo a transição, nos níveis etários mais avançados, como ocasiões particularmente problemáticas. Tendo as famílias multidesafiadas dificuldades em integrar experiências emocionais ou interpessoais e capacidade de aprender com elas, pois não desenvolvem capacidades de reflectir através da metacomunicação (reciprocidade comunicacional) levando à repetição do mesmo padrão de conduta estereotipada, evidenciando comunicação caótica, com canais fechados e inexistência de afectos; crítica e culpa. As emoções experimentam-se e exprimem-se com grande intensidade e pouco controlo (Martinez, 2003; Lind, 2004; Sousa, 2005; Sousa Et Al., 2007).

### **Idade dos Pais**

Segundo Pereira (1998) os pais mais jovens apresentam maiores níveis de stress face a uma criança com NE devido à sua inexperiência de vida e falta de preparação para educar a criança.

### **Nível de necessidade da criança em situação de risco**

Os primeiros anos de vida da criança são essenciais para o desenvolvimento e construção da sua personalidade. O processo de vinculação afectiva é importante para que a criança consiga uma verdadeira autonomia e crescimento harmonioso. A expressão dos afectos e a comunicação entre a família são também fundamentais para que não haja desvios no desenvolvimento da criança. A teoria do vínculo afectivo foi desenvolvida pelo psicólogo John Bowlby, e encara o crescimento de uma criança como resultado do seu relacionamento com os pais. Se a satisfação das necessidades da criança, estiver comprometida, poderemos estar perante algum tipo de risco que vai influenciar o seu processo de desenvolvimento.

### **Estatuto socioeconómico da família**

Chowdhury (1996), pretender estudar a natureza, a fonte e o tipo de necessidades das famílias de crianças com NE pertencentes a classes sócio económicas e culturais diferentes, realçam que quer o total de necessidades sentidas quer o total de necessidades satisfeitas relacionam-se com o ambiente favorecido ou desfavorecido das famílias.

De acordo com Sousa (2005), outro símbolo dos elementos das famílias multidesafiadas é a dificuldade em gerir rendimentos e definir prioridades, revelando-se

consumidoras desenfreadas de serviços sociais, subsídios sociais e ajudas comunitárias, acabando por a organização económica da casa ser um espelho fiel da desorganização agravando os contextos de risco.

### **Os Recursos das Famílias**

Uma boa adaptação da família não é a ausência de stress, mas antes a forma como a família usa os recursos para lidar com eventos stressantes (Fine & Nissenbaum, 2000).

McGonigel et al. (1991) definem recursos das famílias como as suas capacidades, os seus pontos fortes e os seus apoios formais e informais que podem ser mobilizados para satisfazer as suas necessidades, preocupações ou objectivos. Os pontos fortes de uma família estão representados na sua habilidade para partilhar preocupações bem como reconhecer a necessidade de certos recursos (Dunst et al., 1994).

### **Recursos Intrafamiliares e Funcionamento Familiar**

O modo como a família lida com os eventos de vida bem como promove o crescimento e desenvolvimento dos seus membros, depende em parte do seu estilo de funcionamento familiar. O estilo de funcionamento familiar refere-se a uma combinação de pontos fortes e capacidades existentes e a destreza para os usar na mobilização, ou criação de recursos, necessários para a satisfação de necessidades (Dunst et al., 1988). Os pontos fortes e as capacidades das famílias são de natureza interpessoal e interfamiliar e são vistos como um conjunto de recursos que promovem e realçam o estilo de funcionamento familiar. Esses pontos fortes e capacidades representam recursos intrafamiliares para satisfazer as necessidades e simultaneamente são competências que as famílias empregam para mobilizar ou criar recursos extrafamiliares.

Segundo, Auloos G. (1996), falar de família competente é, pois, uma maneira de dar à família a sua competência, antes de ter em conta as suas faltas. Desta forma, o bloqueio das competências (incompetência) pode ser causada pela falta de aptidões, ou seja a família e seus elementos não detêm os comportamentos específicos necessários à resolução das tarefas ou as tarefas são demasiado pesadas ou leves (ou mesmo inexistentes) em determinada (s) fase (s). A competência depende de muitos factores que a influenciam positivamente ou negativamente, portanto que podem colocar em causa o cumprimento das tarefas de desenvolvimento (Berger e Spanjaard, 2005). O reconhecimento pelo profissional das forças familiares é o primeiro passo para as ajudar a reconhecer e a usar as suas próprias forças (incrementando assim essas capacidades) .

## **Recursos Extrafamiliares e Funcionamento Familiar**

As fontes de apoio consistem num grande leque de pessoas de uma dada comunidade: grupos, organizações, programas e agências, sendo o papel do profissional o de tornar essas fontes viáveis como opções de recurso. Numa revisão feita por Dunst et al. (1988) acerca do apoio social, os autores referem que o apoio social influencia a saúde e o bem-estar da família (Cohen & Syme, 1985; Patterson & McCubbin, 1983), a adaptação a crises familiares (Moos, 1986), a satisfação nas tarefas parentais (Cronic, Greenberg, Ragozin, Robinson & Basham, 1983), estilos de interação parental (Trivette & Dunst, 1987), aspirações pessoais para os seus filhos (Lazar & Darlington, 1982), o temperamento da criança (Affleck, Tennen, Allen & Gershman, 1986) e o comportamento e desenvolvimento da criança (Cronic, Greenberg & Slough, 1986).

### **Capítulo 3. Métodos e Instrumentos para aferir necessidades e recursos**

*“Uma vida familiar de sucesso requer que todas as necessidades das famílias, incluindo as dos pais, sejam identificadas e resolvidas.” (Pereira, 1998, p.14)*

Com a finalidade de identificar e/ou aferir as percepções das famílias multidesafiadas e dos técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças e/ou recursos, importa tentar especificar as necessidades das famílias, identificar fontes de apoio e de recursos para satisfazer necessidades, fazer um levantamento da rede social da família.

Para cada necessidade da família dever ser identificada uma variedade de opções, bem como a sua disponibilidade como fonte de apoio e recurso.

As necessidades (aspirações, metas, projectos pessoais, etc.) são um dos maiores conjuntos de forças que modelam o comportamento dos diferentes membros da família, sendo essas necessidades muitas vezes provocadas por acontecimentos e circunstâncias de dentro e de fora da família. (Dunst & Deal, 1987; Dunst & Trivette 1988; Fisher, Nadler & DePaulo, 1983a; Garbarino, 1982; Little 1983; Palys, 1980 cit. por Dunst et al., 1988, 1994).

Necessidade de obter informação, sobre o desenvolvimento da criança, de receber apoio emocional, económicas, físicas e ambientais, médica e dentária, emprego e vocacional, de educação e intervenção para as crianças são alguns tipos de necessidades evidenciados pelas famílias de acordo com Dunst et al (1994).

Necessidades essas que podem alterar e/ou modificar em função das diferentes situações e condições de vida, tais como, mudanças no ciclo de vida, estrutura e organização da família, valores e crenças culturais, étnicas e religiosas, contextos da comunidade, etc.

Assim, a identificação de necessidades e forças é um processo através do qual o profissional deve ajudar as famílias a transformarem as suas preocupações em necessidades, e consiste em ouvir as preocupações das famílias, ajudá-las a clarificar essas preocupações de modo a identificar recursos para as necessidades, reduzindo as discrepâncias.

Os métodos e instrumentos utilizados para identificar as necessidades, estabelecimento de prioridades, metas e aspirações das famílias foram os seguintes:

- 3.1 Questionário de Caracterização sócio-demográfica da Família;
- 3.2 Inventário das Necessidades da Família (Bailey e Simeonson, 1988);
- 3.3 Escala de Avaliação de Apoio Social à Família (Dunst e Al. , 1988)I;
- 3.4 Inventário de Rotinas na Família (Boyce, Jensen, James e Peacock,1993);
- 3.5 Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA) (Jardim e Pereira, 2006);
- 3.6 Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR) (Jardim e Pereira, 2006).

### **3.1. Questionário de Caracterização Sociodemográfica das Famílias**

A construção deste questionário baseou-se na elucidação clara dos objectivos, conceitos e indicadores de pesquisa, assim como, em questões inspiradas em estudos anteriores, visando obter dados que se relacionem directamente com o estudo, tendo em consideração a fidelidade e validade da própria investigação e que ajudem a verificar as opiniões dos pais/famílias face à problemática em causa.

Quanto à informação que se pretende obter neste questionário, considerou-se quatro categorias principais: **atributos**, que inclui as características pessoais ou sócio-económicas, tais como sexo, idade, estado civil, religião e profissão, os **comportamentos** que diz respeito ao que os pais/famílias fizeram, fazem actualmente e podem vir a fazer no futuro, às **atitudes e/competências**, que se refere ao que os pais/famílias sentem acerca de determinado tema.

Assim, este questionário pretende obter informações sobre a criança e a família, solicitando ao inquirido que indique relativamente à criança dados como, a idade, o sexo, o tipo de necessidade específica, o grau de necessidade e o local em que é apoiada, bem como dados referentes à caracterização da família, tais como a constituição do agregado familiar, o número de irmãos, a idade dos pais, a profissão, as habilitações académicas e o estado civil. Além destes dados pretende-se que o inquirido indique o tipo de condições habitacionais, apoios recebidos, dívidas contraídas, meios de acessibilidade, denominação religiosa, cuidados médicos, antecedentes psiquiátricos, criminais, consumos e competências pessoais, sociais e parentais.

Reitera-se que a construção deste questionário, teve como finalidade obter respostas fiáveis, para tal, foi utilizada uma linguagem simples de forma a poder ser compreendida por todos, dado que as habilitações dos pais podem ser muito variadas.

Tivemos ainda o cuidado de alertar para o anonimato do nosso questionário, a fim de permitir aos inquiridos o seu preenchimento sem receios, possibilitando, deste modo, maior liberdade de expressão das suas opiniões.

Em suma, as questões do questionário sócio-demográfico construído têm como objectivo conhecer as características das famílias multidesafiadas, nomeadamente as acima mencionadas, variáveis estas que permitirão compreender o perfil da nossa amostra e ajudar no tratamento estatístico das questões apresentadas.

### 3.2. Inventário das Necessidades da Família

O “Inventário das Necessidades da Família” foi escolhido uma vez que se trata de um instrumento de avaliação utilizado para o levantamento das necessidades das famílias, originalmente elaborado por Bailey e Simeonsson em 1988. O instrumento usado para avaliar as necessidades da família foi a adaptação do Family Needs Survey (Bailey & Simeonsson, 1988), feita para Portugal, com autorização dos autores, por Serrano (revisão 1990 B), (Serrano e Correia, 1996).<sup>1</sup>

Os itens estão agrupados em seis subescalas em ambos os instrumentos, estes correspondem a seis tipos de necessidades, sendo estas as seguintes: Necessidades de Informação, Necessidades de Apoio, Necessidades de explicar aos outros, Necessidades de Serviço da Comunidade, Necessidades Financeiras e Necessidades do Funcionamento familiar. A resposta a cada item é feita em formato fechado numa escala de três opções (1. Não necessito deste tipo de ajuda, 2. Não tenho a certeza, 3. sim, necessito deste tipo de ajuda) (Gomes & Gerald, 2006).

A **subescala Necessidades de Informação** (itens 1 a 7), Bailey & Simeonsson (1988) consideram que os pais de crianças com NE necessitam de mais informação para educar a sua criança do que os pais de uma criança sem NE. Esta sub-escala pretende assim saber se os pais das crianças com NE, sentem necessidades de informação sobre: como as crianças crescem e se desenvolvem, como brincar com a criança, como pegar na criança, como lidar com o comportamento da criança, informações sobre qualquer problema ou deficiência da criança e necessidade de informação sobre os serviços actuais e futuros. As preocupações

---

<sup>1</sup> Salvaguarda-se que se tentou efectuar contactos e/ou diligências o sentido de obter autorização para a utilização do Inventário das Necessidades da Família, porém não se obteve resposta neste sentido;

dos pais sobre o futuro da criança têm sido bem documentadas por diversas investigações (Bailey & Simeonsson (1988), bem como a necessidade de informação sobre os serviços presentes, sobre formas de ensinar a criança e informações sobre a NE da criança (Bailey & Simeonsson (1988).

Subescala necessidades de Apoio Social e Familiar (itens 8 a 15). Esta segunda sub-escala avalia as necessidades dos pais de apoio informal e formal como ter alguém na família ou ter amigos com quem falar ou, ter alguém que ajude algum dos elementos do casal a aceitar a condição da criança, que ajude a família a discutir problemas e a encontrar soluções, que ajude a família a apoiar-se entre si ou que a ajude a família a tomar decisões sobre tarefas familiares e actividades recreativas (Bailey & Simeonsson (1988).

**Subescala Necessidades Financeiras** (itens 16 a 21). Considerando que a presença de Uma criança com NE é muitas vezes sinónimo de despesas adicionais para a família, esta subescala pretende avaliar, as necessidades dos pais, respeitantes a ajudas financeiras para obter equipamentos especiais e brinquedos para a criança, para pagar a infantário/terapia/ama ou outros serviços, ajuda para despesas mais elementares como comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes ou ajuda para conseguir um emprego. A identificação das necessidades financeiras da família permite ao profissional proporcionar informação útil sobre possíveis ajudas (segurança social ou outros serviços não governamentais) ou mesmo sugerir outras famílias que forma bem sucedidas na obtenção deste tipo de ajudas (Pereira, 1996).

**Subescala Necessidades de Explicar a Outros** (itens a 22 a 26), esta subescala avalia a necessidade de explicar a condição da sua criança a diferentes pessoas (pais, pais do marido, irmãos e irmãs, vizinhos, estranhos e a outras crianças) e a necessidade de encontrar informação escrita sobre outras famílias com uma criança com o mesmo problema da sua (Bailey & Simeonsson (1988).

**Subescala Necessidades de Serviços da Comunidade** (itens 30 a 32), cada família está inserida numa comunidade e essa comunidade inclui uma rede de serviços e profissionais que visam dar resposta às necessidades das famílias. Esta subescala avalia as necessidades das famílias ao nível da localização e/ou encontro de assistência de médicos, dentistas ou para encontrar outros pais de crianças com o mesmo problema que a sua. A versão original do instrumento, foi testada com uma amostra de 34 famílias bi-parentais e foi testado, apresentando uma boa consistência interna, Alfa de Cronbach 0,86 (Bailey & Simeonsson (1988).

### 3.3. Escala de Avaliação do Apoio Social à Família

*“ Quanto mais os profissionais se esforcem para atender às prioridades da família, mais capazes são de desenvolver relações próximas com ela. E logo, a família será capaz de ver o intervencionista precoce como um potencial recurso para atender as suas necessidades” (Mc William e tal, 1995).*

A Escala de avaliação do Apoio Social à família usada nesta investigação consiste numa tradução feita para Portugal, por Coutinho (1996) de Family Support Scale (Dunst, Jenkins & Trivette, 1984). Este instrumento tem sido utilizado com vista a medir as percepções das famílias de crianças com NE sobre a utilidade e disponibilidade das diversas fontes de apoio social da sua rede de suporte.

A versão original da escala é constituída por vinte itens dos quais dois com resposta aberta (Dunst, Jenkins & Trivette, 1984). Na versão portuguesa, a escala de avaliação do Apoio Social à família é constituída pelos mesmos, vinte itens, existindo apenas com resposta aberta, (item número 20), tendo o outro dado lugar à opção “vizinhos” (item número 9) (Coutinho, 1996).<sup>2</sup>

O inquirido, para cada um dos itens anteriores pode seleccionar uma das seguintes opções de resposta:

- Não Disponível;
- Não Ajuda;
- Por Vezes Ajuda;
- Geralmente Ajuda;
- Ajuda Muito;
- Ajuda Imenso;

Os dezoito itens da Family Support Scale e os dezanove da Escala de Avaliação do Apoio Social, estão distribuídos por cinco sub-escalas da seguinte forma (Coutinho, 1996): **Subescala Família** (itens 2, 3, 4, 5 e 8), nesta pode-se avaliar a utilidade dos diferentes membros da rede informal da família como os pais e familiares do conjugue/companheiro do inquirido.

**Subescala Relações Próximas** (itens 6, 7, 9, 10 e 11), nas relações próximas incluem-se os membros informais da rede de apoio social da família, tais como: os amigos

---

<sup>2</sup> Salvaguarda-se que se tentou efectuar contactos e/ou diligências o sentido de obter autorização para a utilização da Escala de Avaliação do Apoio Social, porém não se obteve resposta neste sentido;

do inquirido e os amigos do seu conjugue/companheiro, os vizinhos, outros pais e os colegas de trabalho.

**Subescala Grupos Sociais** (itens 12, 13, e 14), nesta podemos avaliar, como elementos informais da rede social da família, tais como: grupos de pais, grupos sociais/clubes e os membros da Igreja/padre são úteis para as famílias da nossa amostra.

**Subescala Profissionais** (itens 15 e 18), nesta sub-escala referente aos profissionais, podemos avaliar o grau de utilidade do médico da família ou da criança e outros profissionais especializados (Assistentes Sociais, Terapeutas, Professores) para as famílias da nossa amostra.

**Sub-escala Grupos Profissionais** (itens 16, 17 e 19), nos grupos profissionais estão incluídos, o programa de intervenção precoce, os elementos da creche/jardim-de-infância e outros serviços (saúde, serviços sociais, saúde mental) da rede informal de apoio à família (ibidem).

O grau de confiança e validade da escala foram comprovados no estudo desenvolvido por Dunst, Trivette e Jenkins (1988), que inclui 139 pais (96 mães e 43 pais) de crianças com NE, em idade pré-escolar, sendo a consistência interna de .77 e o grau de confiança .75 (coeficiente de bipartição). Um e dezoito meses após os resultados obtidos foram, respectivamente,  $r = .75$  ( $SD = .17$ ,  $p < .001$ ) e,  $r = .41$  ( $SD = .18$ ,  $p < .05$ ) para a correlação entre os itens e de,  $r = .91$  ( $p < .001$ ) e,  $r = .47$  ( $SD = .18$ ,  $p < .01$ ) para a pontuação total da escala. A escala foi também relacionada com o bem estar dos pais ( $r = .28$ ,  $p < .01$ ), com a integridade da unidade familiar, ( $r = .18$ ,  $p < .01$ ) e com as percepções dos pais sobre o comportamento da criança ( $r = .19$ ,  $p < .05$ )

### 3.4. Inventário de Rotinas na Família

A rotina das famílias tem se revelado uma estratégia interessante que permite conhecer não apenas seu funcionamento, mas também o desenvolvimento de seus membros.

Partindo da perspectiva sistêmica para averiguar as características dos grupos familiares, considera-se a família como um “sistema constituído por subsistemas que mantêm entre si relações de interdependência” (Minuchin, 1985, p. 289) que marcam o desenvolvimento dos sujeitos que o compõe. A dinâmica dessas relações concretiza-se no quotidiano, nas rotinas das famílias, de modo que essas rotinas se tornam os principais indicadores das formas de organização típicas do grupo familiar (Fiese & cols., 2002; Geertz, 1966).

Deste modo, o interesse científico pelas rotinas familiares é grande e tem permitido não apenas estabelecer definições básicas na área de família, mas também ratificado o

impacto da rotina na organização do subsistema familiar e, em termos mais gerais, no desenvolvimento humano (Haugland, 2005; Nelson, 1981, 1996).

Na tentativa de definir operacionalmente o termo rotina e de validar cientificamente o conceito, Boyce, Jensen, James e Peacock (1983) produziram um instrumento cujo objectivo consistia em verificar a quantidade e a variedade de actividades quotidianas realizadas pela família com o maior nível de abrangência possível. Os autores denominaram as actividades rotineiras da família como “aqueles comportamentos observáveis e repetitivos que envolvem dois ou mais membros e que ocorrem de modo regular e previsível na vida familiar” (p. 194). Com base numa metodologia de investigação rigorosa, Boyce e cols. (1983) construíram o Inventário de Rotinas Familiares (IRF)<sup>3</sup>. Após um extenso levantamento bibliográfico acerca do tema, os pesquisadores observaram directamente o quotidiano de 15 famílias, num período que variava de 3 a 7 dias numa semana, 24 horas por dia.

Tal metodologia permitiu identificar as rotinas existentes em todos os lares visitados. O processo de desenvolvimento e validação do instrumento de recolha de dados foi demonstrado por Jensen, James, Boyce e Hartnett (1983), que propuseram um inventário com 28 questões, ou seja, relativamente rápido, e com índices consideráveis de validade e confiabilidade.

Todos os grupos familiares nos quais foi aplicado o IRF apresentaram elementos previsíveis e recorrentes em suas rotinas (Boyce & cols., 1983; Jensen & cols., 1983). Tal *previsibilidade e recorrência são factores universalmente encontrados nos estudos acerca das famílias, constituindo importantes preditores das atitudes e formas de pensamento das pessoas nas sociedades através do tempo* (Boyce & cols, 1983; Fiese & cols., 2002; Haugland, 2005; Jensen & cols., 1983).

As rotinas familiares são de extrema importância para o fortalecimento das famílias, permitindo um restabelecimento das ligações interpessoais, uma elaboração de um significado de vida e uma segurança no contexto familiar e comunitário. Considerámos indispensável que a nossa amostra identificasse e/ou descobrisse os “seus rituais”, ou seja os que lhes fazem mais sentido, tendo sido assim, aplicado este instrumento.

---

<sup>3</sup> Salvaguarda-se que se tentou efectuar contactos e/ou diligências o sentido de obter autorização para a utilização do Inventário de Rotinas Familiares, porém não se obteve resposta neste sentido;

### 3.5. Escala de Avaliação Global da Assertividade

Porque, “o cliente deve ser entendido como sujeito, como construtor e transformador do mundo e de si mesmo”, segundo (Pinto, 1998:264) e também porque as famílias multiproblemáticas pobres devem ser agentes no seu processo de mudança, o que implica que sejam elas a definir os seus objectivos para a mudança no processo de intervenção. Isto aumenta a sua capacidade de realização, pois estão a agir sobre os assuntos problemas que consideram importantes. Ao fazerem isto estão a ser capacitadas para a identificação das suas competências e recursos e concomitantemente a adquirir controlo sobre as suas próprias vidas enquanto colaboradores no processo de mudança, segundo (Jardim & Pereira, 2006)

A assertividade é definida pelos autores (Jardim e Pereira, 2006), como a capacidade de se auto-afirmar na interacção social, expressar adequadamente opiniões, sentimentos, necessidades e insatisfações, defender os próprios direitos sem desrespeitar os dos outros e solicitar mudanças de comportamento indesejados, ou seja, representa “...o caminho para a auto-estima, para a capacidade de relacionar-se com os outros de igual para igual...”(Olga Castanyer, 2006).

São muitos os contextos que exigem competência no modo da pessoa comunicar, nomeadamente na família.

Assim, os autores para avaliarem o grau de competência na assertividade, elaboraram a Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA). É composto com 8 questões, para responder numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde ao Nunca, o 2, raramente, o 3, algumas vezes, o 4, frequentemente e o 5 quase sempre.

Utilizámos esta escala junto da nossa amostra para avaliar a capacidade de interacção, percepção de valorização, respeito, competências e convicções, sentimento de bem-estar.

### 3.6. Escala de Avaliação Global da Resiliência

No âmbito da Teoria da Resiliência Familiar, esta é encarada como a capacidade de tolerar, suportar e superar os desafios disruptivos da vida, exigindo uma adaptação positiva num contexto de adversidade significativo.

Esta força e recursos permite ao indivíduo e às famílias responder a situações de crise, desafios persistentes, recuperar e crescer com essas experiências. A resiliência implica processos chave que estimulam (encorajam) a capacidade “de lutar bem”, ultrapassar obstáculos e continuar a viver e a amar plenamente.

Nos anos 80, estudos acerca da resiliência individual revelaram que as mesmas situações de adversidade podem levar a reacções/respostas diferentes, pondo em causa a suposição que dizia que experiências traumáticas, especialmente na infância, eram inevitavelmente prejudiciais. Muitas pessoas que viveram situações de risco em pequenos, conseguiram ter vidas produtivas, sem se tornar em adultos e pais abusivos (Kaufman e Ziegler, 1987). Inicialmente, alguns pesquisadores reconheciam uma ligação entre a natureza e a educação/cuidado, quanto à capacidade de resiliência, mas eram pessimistas quanto à influência da família. A vulnerabilidade de um indivíduo ou o impacto de condições de stress (crescer em contextos de pobreza, lidar com a doença mental, perda, etc.) podem ser superados por influências mediadoras.

O estudo de Werner, 1993, mostra que apesar de se viver infâncias e adolescências problemáticas, existe potencial para desenvolver a capacidade de resiliência pela vida fora.

Crises sérias e adversidade persistente afectam não só o indivíduo, mas o funcionamento do sistema familiar e de todos os membros e a forma como se relacionam.

A resiliência para os autores (Jardim e Pereira, 2006), consiste na capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades no sentido de prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos de crises e adversidades.

A emergência das investigações sobre a resiliência, mostram que é uma expressão de encontrar resposta a problemas vivenciados, necessidade de superar positivamente crises, adversidades.

Assim, os autores para avaliarem o grau de competência na área da resiliência, elaboraram a Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA). É composto com 8 questões, para responder numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde ao Nunca, o 2, raramente, o 3, algumas vezes, o 4, frequentemente e o 5 quase sempre, permitindo fornecer dados sobre a capacidade actual para lidar com as dificuldades.

De acordo, com (Hill Mcubbin e Patterson) o conceito de resiliência de uma família implica mais do que saber gerir condições de stress, ou sobreviver aos problemas, implica o **potencial** para a transformação pessoal e relacional e o crescimento que pode adquirir após a adversidade, desta forma, aplicámos esta escala à nossa amostra, com o intuito de aferir de que modo estabelecem prioridades, valorizam o que é realmente importante, desenvolvem competências e dão prosseguimento à vida.

### 3.7. Focus Group

Tendo em conta que pretendemos aferir as percepções dos Técnicos que acompanham as famílias multidesafiadas acerca das suas necessidades e forças, bem como a adequação

de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes, cruzando olhares, equacionou-se utilizar o focus-group como método de investigação.

O *focus group*, embora encontre as suas raízes históricas em Robert King Merton, mais precisamente no ano de 1941, é uma forma de recolha de dados que só a partir da década de 1980 se desenvolveu mais intensamente como importante estratégia de pesquisa por parte dos cientistas sociais.

O *focus group*, portanto, pode ser considerado como uma técnica qualitativa de recolha de dados, com a finalidade de obter respostas de grupos a textos, filmes e questões relacionadas com programas de radio. A proposta inicial era de através de uma “entrevista focalizada” com roteiros de questões, obter respostas de um grupo de indivíduos seleccionados previamente pelos investigadores, tendo em vista um tópico de pesquisa, cujo objectivo central seria obter, através da introspecção de diferentes sujeitos, informações sobre a vida diária e sobre as formas pelas quais cada indivíduo é influenciado por outros em situação de grupo e como ele próprio influencia o grupo. A finalidade principal dessa modalidade de pesquisa era extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reacções que se constituiriam num novo conhecimento. Actualmente, o *focus group* apresenta quatro áreas distintas de actuação, a saber: pesquisas de mercado; investigação científica; investigação *nonprofit*; e, investigação-acção participante (Saumure, 2001).

De acordo com Oliveira e Freitas, 1998, Focus Group é um método qualitativo de pesquisa utilizado inicialmente pela sociologia, tem sido actualmente em diversas áreas, como a educação, saúde, marketing, etc.

É um tipo de entrevista em profundidade, realizada em grupo, cujas reuniões apresentam características definidas quanto à proposta, tamanho, composição e procedimentos de condução. O foco de análise é a interacção dentro do grupo, sendo que os participantes influenciam-se uns aos outros através das respostas.

Este método de pesquisa é recomendável para orientar, gerar hipóteses, avaliar diferentes situações de pesquisa.

### **III – ESTUDO EMPRÍRICO – A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS E TÉCNICOS**

*“O ser humano não nasce com condições transcendentais a priori bem como com ideias inatas acerca do mundo;o ser humano constrói ele próprio, lenta e dificilmente,as suas ideias acerca do mundo que o cerca, as quais constituem apenas uma representação, um cenário, uma imagem possível desse mundo”*

*(Valadares e Graça, op.cit.p15)*

## Capítulo 1 – Apresentação dos resultados – A Percepção das Famílias

Não queremos ficar apenas com a opinião e/ou percepção dos Técnicos que intervêm junto das famílias multidesafiadas e suas crianças, e resumirmo-nos às aspirações e afastar-nos do trabalho e prática psicossocial real. As percepções destes profissionais serão uma mais-valia neste estudo, mas o cruzar olhares entre técnicos e famílias e/ou pais, enquanto receptores dessas mesmas práticas, permitirá conhecer e compreender desejos e expectativas, baseados nas forças e necessidades, de forma a tornarem-se realidade.

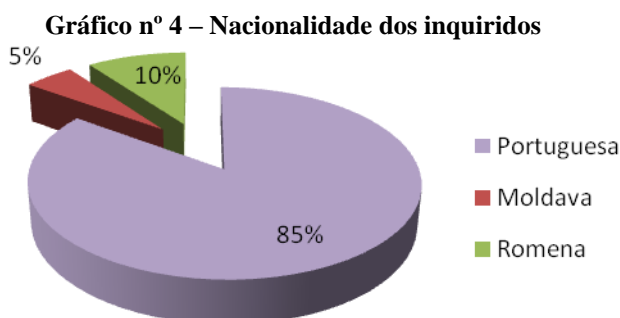
As informações foram recolhidas às famílias, através da aplicação do questionário sóciodemográfico (ver anexo B), que para além de fornecer informações acerca da idade, género, estado civil, permitirá obter dados sobre comportamentos, competências, necessidades da criança, dinâmicas familiares, etc. Avaliou-se os apoios sociais, rotinas e necessidades, realizando-se para tal análise estatística de dados, de cariz quantitativo, fazendo-se uso do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences-versão 18.0) e de diferentes procedimentos estatísticos nele contidos.

Recorreu-se também, para avaliação das competências pessoais e sociais das famílias participantes no estudo, às Escalas de Avaliação Global da Assertividade (EAGA) e Resiliência (EAGR) de (Jardim & Pereira, 2006), com instrumentos de interpretação próprios, definidos pelos autores, que permitiu obter uma visão das aptidões das famílias a este nível.

### 1.1. Características sociodemográficas da amostra

A amostra é constituída por 20 inquiridos (pais/famílias) sendo todos do sexo feminino. Possuem uma média de idades de 31,2 anos (idade mínima: 20 anos; idade máxima 46 anos) e desvio padrão 7,606 anos. Existe duas idades modais (20 e 34 anos). (ver anexo output n.º 1.ª).

No que concerne à Nacionalidade, verifica-se que a maioria dos inquiridos são Portugueses (85%) seguido de nacionalidade Romena (10%) e Moldava (5%), no que se refere à Naturalidade dos inquiridos, verificando-se que a maioria é natural de Lisboa (29,5%) e de Sintra (23,6%).



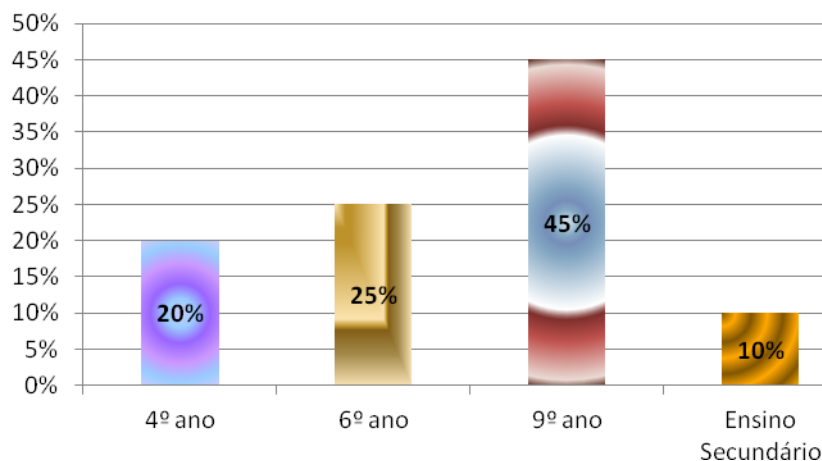
Os inquiridos residentes na Freguesia de Montelavar mencionam residir em Montelavar; Maceira; Anços e Morelena.

| Local de Residência | %     |
|---------------------|-------|
| Montelavar          | 42,1% |
| Maceira             | 36,8% |
| Anços               | 15,8% |
| Morelena            | 5,3%  |

Figura n.º 7– Local de Residência

Relativamente às habilitações literárias, destaca-se os inquiridos detentores do 9.º ano de escolaridade (45%); seguido dos que têm o 6.º ano (25%) e o 4.º ano (20%). Uma minoria alega ter o Ensino Secundário (10%)

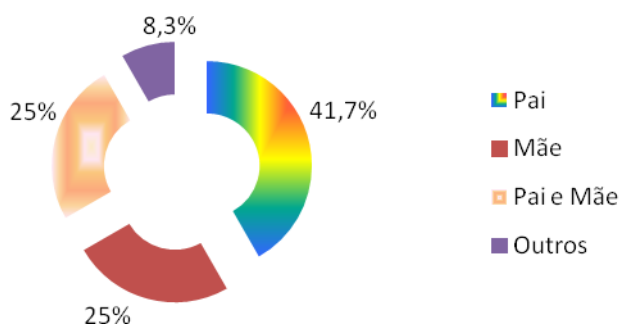
Gráfico n.º 5 – Habilitações Literárias



A maioria das inquiridas refere estar desempregada (50%). As profissões actuais referidas são: doméstica, Ajudante de Lar, Auxiliar da Acção Educativa, Empregada de cozinha e Operadora de Loja. (ver anexo output n.º 6).

No agregado familiar, segundo os pais/famílias inquiridas, quem tem emprego é: só o Pai (41,7%); o Pai e Mãe em simultâneo (25%); só a Mãe (25%) e Outros (8,3%).

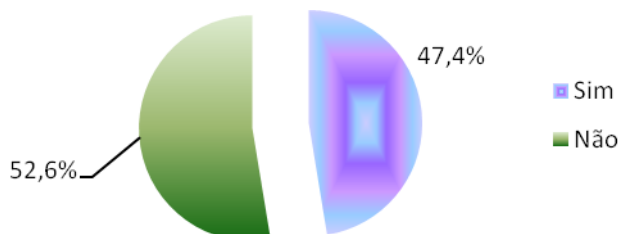
Gráfico n.º 6 – Emprego no Agregado Familiar



### Gestão económica

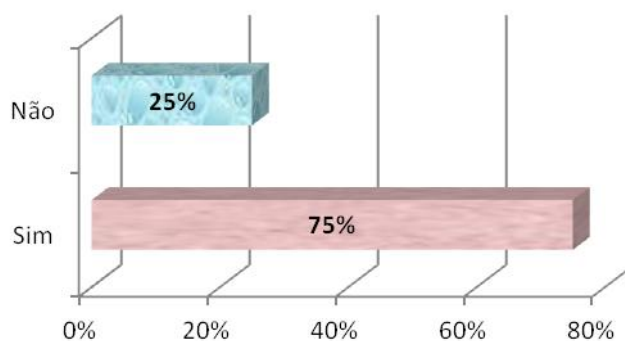
Quando questionadas com o facto de terem rendas/amortizações em atraso, as famílias inquiridas dão respostas muito equilibradas pois mencionam: não possuir rendas/amortizações em atraso (52,6%) e possuir rendas/amortizações em atraso (47,4%).

Gráfico n.º 7 – Rendas/Amortizações em atraso



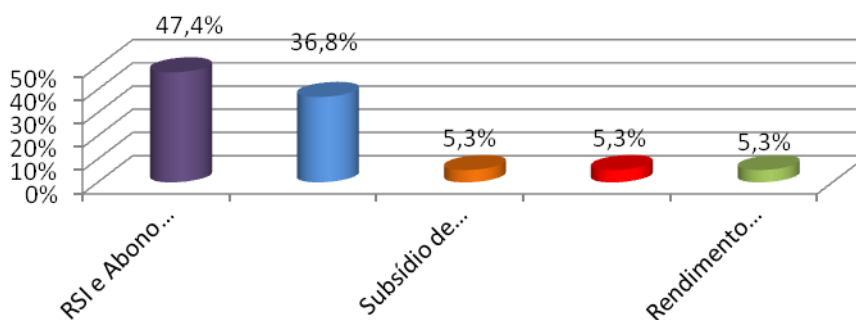
Relativamente ao facto de terem dívidas em atraso, as famílias referem na sua maioria (75%) possuir.

Gráfico n.º 8 – Dívidas em atraso



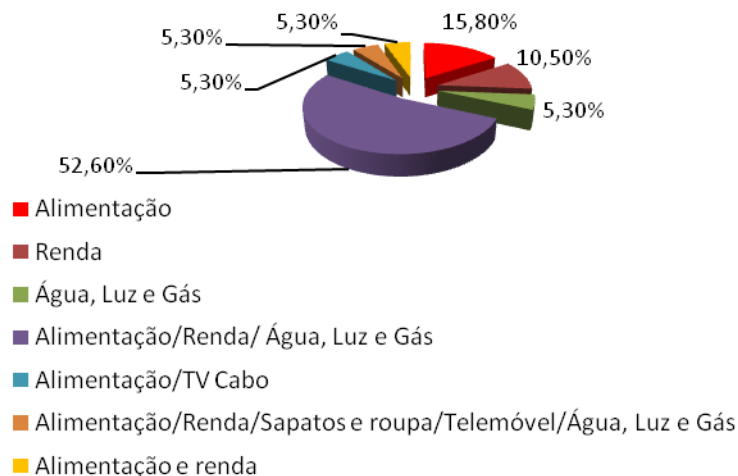
A maioria das famílias diz receber actualmente, Rendimento Social de Inserção e Abono Complementar, simultaneamente (47,4%) e só Abono de Família (36,8%). Uma família refere receber Subsídio de desemprego, outra o Subsídio de desemprego juntamente com Abono de Família e outra Rendimento Social de Inserção.

Gráfico n.º 9 – Apoios e/ou Subsídios Sociais recebidos



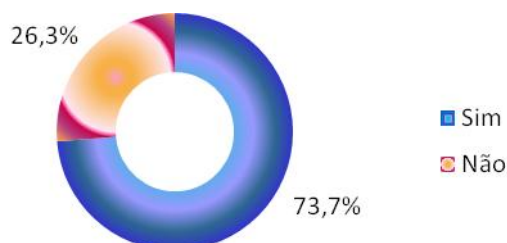
As prioridades das famílias quando recebem o ordenado e/ou apoio social são, na sua maioria, a Alimentação / Renda / Água, Luz e Gás (52,6%). Seguidamente dão primazia à Alimentação (15,8%) e à Renda (10,5%).

**Gráfico n.º 10 – Prioridades face ao ordenado e/ ou apoio social recebido**



A grande maioria das famílias menciona que os Serviços Sociais e Técnicos que a/o acompanham, bem como a sua família, solicitam a sua colaboração e participação nas estratégias de apoio, numa relação de parceria (73,7%).

**Gráfico n.º 11 – Acompanhamento dos Serviços Sociais e Técnicos**



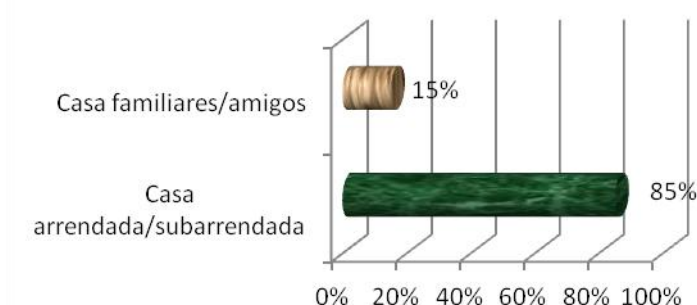
As famílias identificaram algumas situações concretas relativamente ao acompanhamento dos Serviços Sociais e Técnicos (ver anexo output n.º 12):

- Ajuda com a roupa;
- Conversas;
- A nível profissional;
- Resolução de problemas;

### ***Situação Habitacional***

As famílias inquiridas referiram, na sua maioria, que estão numa casa arrendada/subarrendada (85%).

**Gráfico n.º 12 – Habitação**

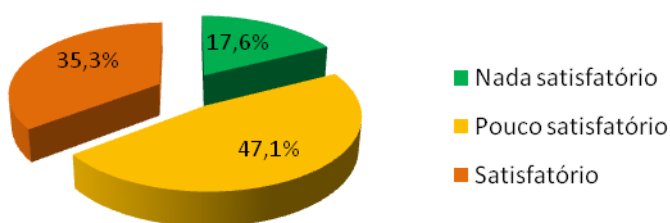


As famílias dizem que nas suas casas existe um espaço em separado para crianças e adultos dormirem, assim como, mencionam existir nas suas habitações: frigorífico, fogão, esquentador. Alegam igualmente ter casas de banho. As habitações possuem água, luz e gás. As inquiridas referem que limpam as suas casas uma vez por semana e que as suas famílias fazem a higiene diariamente. (ver anexos outputs n.º 14 – 19)

### ***Acessibilidade/Meios de Transporte***

Quanto à Acessibilidade/Meios de Transporte as famílias inquiridas possuem a seguinte opinião: pouco satisfatório (47,1%); satisfatório (35,3%) e nada satisfatório (17,6%).

**Gráfico n.º 13 Acessibilidade / Meios de Transporte**



### ***Denominação religiosa actual***

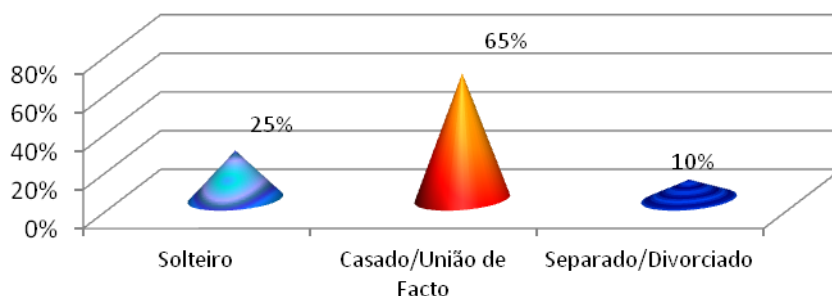
As inquiridas indicam, na sua maioria, serem Católicas (60%). Todavia, cerca de 20% diz não ter nenhuma religião. Foram identificadas pelas inquiridas outras religiões, tais como: Ortodoxa e Testemunha de Jeová. (ver anexo output n.º 21)

### ***Estatuto matrimonial actual***

No que concerne ao Estado Civil actual, a grande maioria das inquiridas menciona ser casada ou viver em união de facto (65%). Embora 25% refira ser solteira e 10% estar separada/divorciada.

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

**Gráfico n.º 14 – Estado Civil**



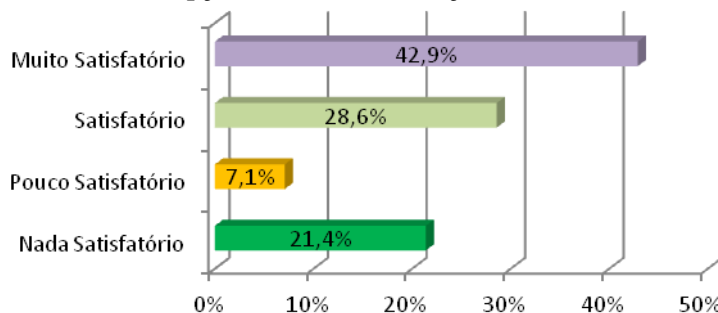
***Duração da relação***

No que respeita à duração da relação apurou-se que o tempo mínimo da relação foi de 1 ano e o máximo de 19 anos. O valor modal relativamente à duração da relação foi de 11 anos. (ver anexo output n.º 23) .

***Percepção individual da relação no momento actual***

As inquiridas mencionam, na sua maioria (71,5%), ter uma percepção satisfatória e muito satisfatória da sua relação actual. Embora 21,4% refira que a sua relação actual é nada/pouco satisfatória.

**Gráfico n.º 15 – Percepção individual da relação no momento actual**



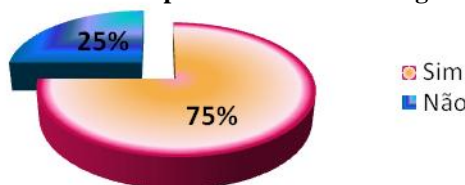
***História Reprodutiva***

No que diz respeito ao número de filhos, pode-se aferir que o número médio é 2 filhos, com um respectivo desvio padrão 0,918. O número mínimo de filhos identificado pelas inquiridas é de 1 filho, e o máximo é de 4 filhos. A moda é múltipla (1 e 2 filhos). (ver anexo output n.º 25)

Os filhos das inquiridas possuem idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos. A maior concentração de idades referidas é nos escalões etários dos 5-6 anos (35%) e dos 3- 4 anos (30%). (ver anexo output nº 26).

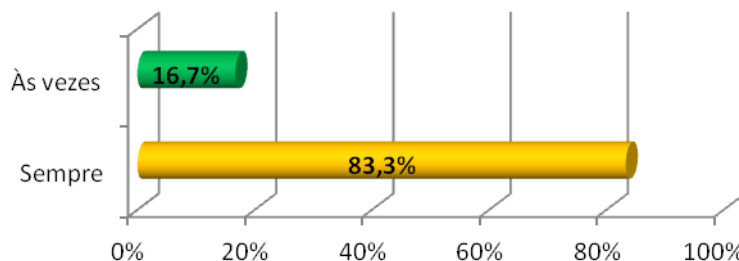
A grande maioria das inquiridas (75%) menciona que uma vez por ano faz consultas de planeamento familiar/ginecologia.

**Gráfico n.º 16 – Consultas de planeamento familiar/ginecologia**



As inquiridas mencionam que nas relações sexuais utilizam contraceptivos sempre (83,3%). Contudo, 16,7% das inquiridas referem apenas utilizar às vezes contraceptivos.

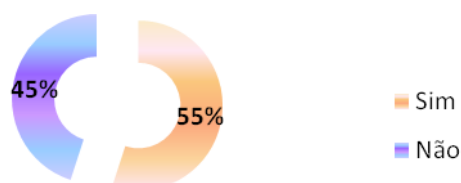
**Gráfico n.º 17 – Uso de contraceptivos nas relações sexuais**



**Identificação de necessidades ou problemas no(s) filho (s)**

A maioria das inquiridas identifica necessidades ou problemas nos seus filhos (55%).

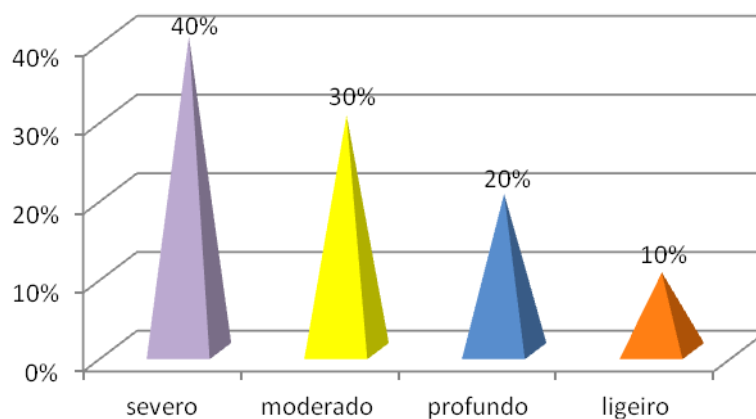
**Gráfico n.º 18 – Necessidades ou problemas no(s) filho (s)**



Das inquiridas que fazem menção à existência de necessidades ou problemas nos seus filhos, destacam as necessidades do foro Emocional (40%); Físico (20%) e também misto, ou seja, Físico/Comportamental e Emocional (20%).(ver anexo output n.º 30)

O grau de necessidades identificado pelas inquiridas, no que respeita às necessidades dos seus filhos, é: severo (40%); moderado (30%); profundo (20%) e ligeiro (10%).

**Gráfico n.º 19 – Grau e Necessidades**



***Dimensão do Agregado Familiar***

Os agregados familiares em estudo, são em média constituídos por 3,85 pessoas. A dimensão mínima do agregado familiar é de 2 elementos, e o máximo de 7 elementos. O valor modal dos agregados familiares é de 3 elementos. (ver anexo output n.º 32)

***Cuidados ao nível da saúde física e mental*** (ver anexo output n.º 33 - 39)

As inquiridas no que concerne aos cuidados de saúde (física e mental) mencionam:

- quando estão doentes vão às vezes ao médico (75%);
- os seus filhos vão sempre a consultas de rotina (80%);
- os seus filhos têm sempre as vacinas e dia (100%);
- sentem-se às vezes cansadas (70%);
- às vezes sentem-se felizes (60%);
- às vezes têm vontade de chorar (85%);
- quando está nervosa, às vezes zanga-se com facilidade, mas assim que passa pede desculpa (55%);

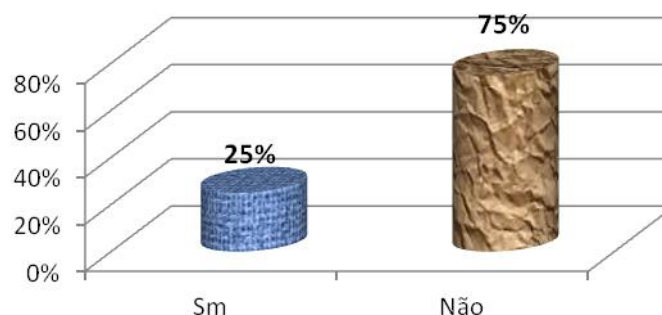
***Antecedentes médicos/psiquiátricos***

Apenas 5 inquiridas dizem ter doenças crónicas: duas alegam ter asma; uma anemia e asma; outra depressão e por último, uma diz ter diabetes. (ver anexo output n.º 40).

As mesmas inquiridas referem que as doenças crónicas que possuem têm uma história de psicopatologia individual (10%) e familiar (15%). (ver anexo output n.º 41).

Actualmente, apenas 25% das inquiridas dizem frequentar consultas de psicologia/psiquiatria.

**Gráfico n.º 20 – Frequência a consultas de psicologia/psiquiatria**



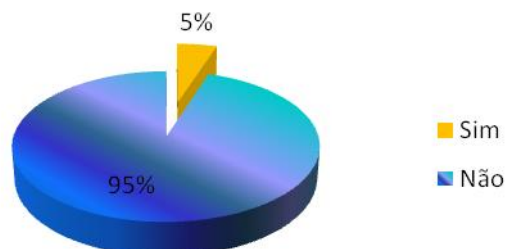
A frequência às consultas de psicologia/psiquiatria pelas inquiridas que as frequentam são: semanal (10%); quinzenal (5%); mensal (5%) e superior a mensal (5%); (ver anexo output n.º 43).

A maioria das inquiridas diz não fazer medicação (64,7%). As que referem fazer medicação fazem-no: (ver anexo output n.º 44 e 45).

- 4 meses (10%); 6 meses (5%); 5 anos (5%); 10 anos (5%); 2 anos (5%);

***Antecedentes criminais***

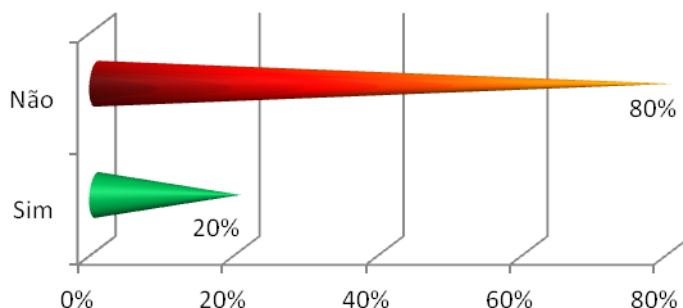
No que respeita aos antecedentes criminais, a esmagadora maioria (95%) alega não possuir antecedentes criminais.

**Gráfico n.º 21 – Antecedentes Criminais**

A única inquirida que mencionou ter antecedentes criminais alegou serem do tipo acusações/ condenações. (ver anexo output n.º 47)

***Consumo de álcool/drogas***

As inquiridas (20%) referem que consomem ou têm um membro no agregado familiar que consome álcool/ drogas (heroína)

**Gráfico n.º 22 – Consumo de álcool/ drogas**

As idades de início e fim dos consumos foram:

- álcool 16 aos 25 anos;
- heroína e álcool dos 19 aos 22 anos.

(ver anexo output n.º 49)

***Complicações médicas associadas ao consumo de álcool/drogas e respectivas repercussões***

As inquiridas (2 inquiridas) que fizeram menção aos consumos de álcool/droga apenas uma diz ter existido complicações médicas associadas. Todavia as duas indicam que em termos familiares e sociais houve repercussões. (ver anexo output n.º 50 e 51)

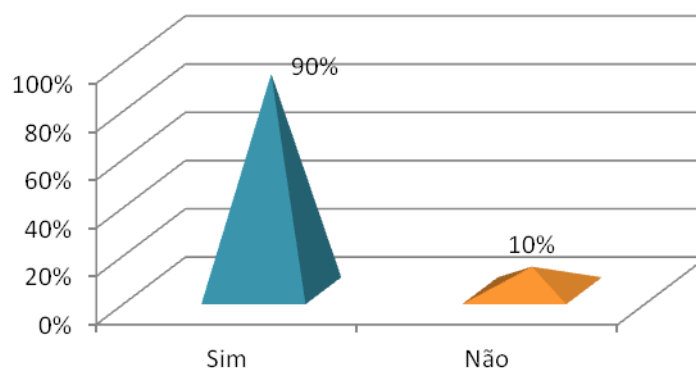
### ***Competências Pessoais, Sociais e Parentais***

Relativamente às competências pessoais, sociais e parentais é referido pelas inquiridas:

- às vezes (68,%) tem medo de expressar a sua opinião;
- expressam sempre (52,6%) de forma fácil os seus sentimentos;
- é capaz de dizer não ao seu filho às vezes (70%);
- nunca é problema mostrar agrado aos outros (61,1%);
- as inquiridas sentem-se às vezes (50%) ou sempre satisfeitas com eles próprias (40%);
- a opinião das inquiridas perante o facto de pensarem que “não prestam para nada”, é divergente, pois 50% considera que nunca pensa que não presta para nada e os restantes 50% consideram que nunca consideram tão hipótese;
- 70% das inquiridas mencionam que têm pelo menos tanto valor que os outros;
- as inquiridas dizem que percebem sempre (94,7%) as necessidades dos seus filhos e escutam-no atentamente;
- as inquiridas indicam que nunca são violentas com os seus filhos (95%);
- existe na grande maioria (75%) por parte das inquiridas uma conversa com os filhos e um estabelecimento de limites.

As inquiridas alvo de estudo, mencionam na sua maioria, ter objectivos/expectativas para a sua vida familiar (90%)

**Gráfico n.º 23 – Objectivos /Estratégias para a sua vida familiar**



Os objectivos/ estratégias mais identificados pelas inquiridas foram: (ver anexo output n.º - acabar o curso; arranjar emprego; ter casa própria; casar; tirar a carta de condução; ter melhores condições habitacionais; futuro melhor aos filhos; aumentar o agregado familiar; estabilidade financeira e emocional; felicidade e saúde; estabilidade profissional; Podemos concluir que a amostra é constituída por 20 famílias, todas representadas pelo sexo feminino, ou seja, as mães, numa média de idades de 30 anos, logo, jovens.

A maioria é de nacionalidade Portuguesa, residentes na Freguesia de Montelavar e detêm a escolaridade obrigatória, sendo este um bom indicador. Porém a pluralidade das inquiridas encontra-se desempregada e a beneficiar de apoios sociais, nomeadamente,

rendimento social de inserção, abono familiar ou subsídio de desemprego e apenas um membro do agregado familiar possui emprego, colocando as famílias numa situação de emergência de vulnerabilidade e fragilidade económica e social. Habitam em casas arrendadas, com as condições mínimas, afirmam não possuírem rendas de casa em atraso, mas conterem outras dívidas e/ou créditos. Estabelecem como prioritário pagar e/ou adquirir alimentação, seguindo-se as outras despesas de carácter essencial, evidenciando competências a este nível. Referem que os meios de acessibilidade são pouco ou nada satisfatórios, aumentando o grau de isolamento e distanciamento dos recursos e respostas sociais e comunitários do Concelho de Sintra e até mesmo do Distrito de Lisboa.

Sentem que existe uma relação de parceria com os Técnicos e que colaboram e participam nas estratégias de apoio. Essa ajuda verifica-se através da Loja Social, apoio alimentar, orientação profissional (Gabinete de Inserção Profissional) e apoio psicológico e emocional.

Quanto ao estado civil a maioria é casada ou vive em união de facto, e percebem a relação conjugal até momento como satisfatória, contudo, parte significativa da amostra perspectiva o estado da relação conjugal como nada satisfatória.

A superioridade da amostra tem até dois filhos até aos seis de idade, indicando que padecem de problemas, principalmente a nível emocional, considerando o grau de necessidade severo.

Manifestam prestação de cuidados ao nível da saúde, que entendem sempre as suas necessidades e nunca são violentas para com estes. As competências e responsabilidades parentais não são identificadas como instáveis ou desagregadas, não sendo os problemas inerentes conscientes.

Caracterizam-se como competentes a nível pessoal e social, sendo revelador de confiança e auto-estima, capacidade de expressão de opinião e facilidade de demonstração de sentimentos. As dificuldades e desequilíbrios familiares são sentidos como fruto e consequência sobretudo da falta de estabilidade financeira. Não são reconhecidos comportamentos negligentes ou maltratantes, bem como não existe consciencialização de contextos de risco ou perigo sobre as crianças. Atendem quanto ao futuro, maior estabilidade financeira, profissional, habitacional e emocional, não se referindo à resolução dos problemas e/ou necessidades dos filhos.

## **1.2. Descrição dos resultados da aplicação dos Inventários das Necessidades da Família**

O Inventário das Necessidades da Família (ver anexo C) foi, como se disse anteriormente, o instrumento usado para recolher informação sobre as necessidades das

famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco. Estas necessidades estão distribuídas pelas suas seis subescalas que passaremos de seguida a descrever os resultados.

**a) Subescala Necessidades de Informação (itens 1 a 7)**

Os resultados obtidos da aplicação do Inventário das Necessidades da Família revelam que grande parte das inquiridas relata sentir necessidade de ver abordados assuntos informativos relativamente às necessidades dos seus filhos bem como à forma de lidar com estes. A título de exemplo na questão “Como é que as crianças crescem e se desenvolvem?” 70% revela ter necessidade de informação, porém 15% não sabe, bem como não certeza, ou na questão acerca da “informação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança”, 50% revela não dispor dessa informação. (ver anexos outputs n.º 179 a 185)

**b) Subescala Necessidades de Apoio Social e Familiar (itens 8 a 15)**

No que respeita aos Apoios Sociais e Familiares, a maioria das inquiridas indica sentir necessidades de esclarecimento e de ajuda, com excepção no que diz respeito, ao facto de ter mais tempo para si mesmo. Como é perceptível no item “ter amigos com quem falar” 60% sente essa necessidade e no item “ter mais tempo para mim mesmo”, 55% não evidencia essa necessidade. O facto de não se sentirem apoiadas a nível familiar e social, e não sentirem necessidade de mais tempo para si mesmas, poderá estar relacionado com o assumirem todas as tarefas e resolução de problemas sozinhas, sendo este aspecto prioritário, não deixando espaço para outras questões. (ver anexos outputs n.º 186 a 193).

**c) Subescala Necessidades Financeiras (itens 16 a 21)**

No que concerne ao apoio referente a situações de finanças, a maioria das famílias inquiridas indicam sentir necessidade de apoio ao nível da satisfação das necessidades e despesas básicas (comida, água, luz, roupas, habitação, emprego), com excepção de situações relacionadas com o pagamento de serviços inerentes aos filhos (terapia, infantário, ama, etc. ...). Também aqui a precisão de verem satisfeitas as necessidades básicas, e assumirem os cuidados para com os seus filhos, poderá não fazer sentir como prioritário o encontrar ama ou infantário ou pagar terapia. (ver anexos outputs n.º 194 a 199).

**d) Subescala Necessidades de Explicar a Outros (itens 22 a 26)**

A maioria das famílias inquiridas diz ter dificuldades de explicação aos outros quanto a informações e problemas dos seus filhos, evidenciado nas respostas aos itens “explicar o problema da minha criança aos meus pais ou pais do meu esposo (a)” ou “saber como

responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem perguntas acerca da minha criança”, 60% das inquiridas revelam essa dificuldade e consequente necessidade. (ver anexos outputs n.º 200 a 204).

#### **e) Subescala Necessidades de Tomar Conta da Criança (itens 27 a 29)**

Uma parte significativa das inquiridas refere ter dificuldades quanto ao facto de encontrar enquadramento para as suas crianças, com excepção no que respeita ao facto de encontrar alguém para ficar com os seus filhos para poder ir à missa. (ver anexos outputs n.º 205 a 207)

#### **f) Subescala Necessidades de Serviços da Comunidade (itens 30 a 32)**

A maioria das inquiridas indicam sentir dificuldades com os serviços comunitários, como por exemplo assinalado no item “localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança”, 50% das inquiridas declaram essa necessidade. (ver anexos outputs n.º 208 a 210)

Desta descrição dos resultados obtidos da aplicação do Inventário das Necessidades da Família, fica claramente visível que as famílias da nossa amostra, em termos globais, evidenciam severas necessidades quanto ao nível de informação, apoio social e familiar, finanças, como explicar aos outros, quem tomar conta da criança e ao nível dos serviços comunitários.

São notórias as dificuldades financeiras e satisfação de necessidades básicas e recursos como ter emprego, inserindo estas famílias em situação de exclusão e desafiliação social, verifica-se ausência de suporte familiar e comunitário, forçando as inquiridas a assumir a prestação de cuidados para com a família e resolução de problemas de forma desapojada, autónoma e resiliente.

Questões com o pagar terapia ou ter mais tempo para si mesma, parecem não ser prioritários, face às outras dificuldades e necessidades explanadas, como o pagar alimentação ou casa, ter amigos com quem falar, como lidar com o comportamento da criança, que assumem primazia.

Com base em Alarcão (2000), impera a consciencialização pública dos perigos de uma infância maltratada ou negligenciada, associada ao alargamento do conhecimento científico sobre risco, vulnerabilidade e resiliência bem como ao alargamento de propostas terapêuticas e socioeducativas e de profissionais e instituições capazes de as desenvolverem, tem levado os países a afirmarem e a promoverem políticas de apoio à infância e à família.

Assim, revela-se crucial a criação de respostas de apoio mais ajustadas às necessidades destas famílias em acompanhamento, considerando o solucionar de carências básicas.

### **1.3. Descrição dos resultados da aplicação da Escala de Avaliação do Apoio Social**

A Escala de Avaliação do Apoio Social (ver anexo D), foi usada no nosso estudo para avaliar (de 0 a 5) a utilidade dos diferentes elementos da rede de apoio social da família. Como a escala é constituída por 19 elementos que podem prestar apoio social às famílias, vemos que a sua amplitude total pode variar entre 0 pontos (para todas as respostas não disponível) e 95 pontos (para todas as respostas muitíssimo útil). Avaliada a consistência interna da Escala de Avaliação de Apoio Social à Família, através do Alpha de Cronbach, verifica-se que o valor deste foi de 0,872 existindo assim uma boa adequação. (ver anexo output n.º 93)

#### **a) Subescala Família (itens 1,2,3,4,5 e 8)**

Da aplicação da Escala de Avaliação do Apoio Social constatou-se que os familiares mais directos, tais como (os pais, pais do cônjuge e/ou companheiro, etc.) na sua maioria não ajuda na tarefa de criar o (s) filho (s), ou seja não se encontram disponíveis, com excepção do companheiro e/ou cônjuge que na maioria das respostas das inquiridas revela ajudar imenso, com 35%.

#### **b) Subescala Relações Próximas (itens 6, 7, 9, 10 e 11)**

Nesta subescala relações próximas, estão incluídos os membros informais da rede de apoio social da família. Dentro destas relações incluem-se os amigos, amigos do cônjuge e/ou companheiro, vizinhos, outros pais e colegas de trabalho. Na sua maioria não ajudam na tarefa de criar os filhos, ou seja, 40% dos amigos não se encontra disponível, 55% dos amigos do cônjuge também não se encontram disponíveis, dos vizinhos 40% não ajuda, e 45% dos colegas de trabalho não se encontram disponíveis. Importa ressaltar que apenas 30% dos amigos por vezes ajuda e 35% dos vizinhos por vezes também ajuda. Isto mostra que as relações próximas das famílias da nossa amostra são, para estas, em média nada úteis em termos do apoio social que lhes prestam.

#### **c) Subescala Grupos Sociais (itens 12, 13 e 14)**

Os elementos informais da rede social da família, tais como, grupos de pais, grupos sociais/clubes e os membros da igreja/padre, que constituem esta subescala. À semelhança da subescala anterior os grupos de pais (60%) e os membros da igreja/padre (45%) na maioria não se encontram disponíveis, não contribuindo para a tarefa de criar o (s) filho (s). Já os grupos sociais/clubes, apesar de 35% não estar disponível, 15% por vezes ajuda.

**d) Subescala Profissionais (itens 15 e 18)**

Esta subescala refere-se aos itens médico família e outros profissionais especializados, quanto ao primeiro, 30% considera que não ajuda, embora 25 % considere que por vezes ajuda, quanto aos outros profissionais, 30% considera que ajuda muito, 20% por vezes ajuda e 10% ajuda imenso, evidenciando o papel dos Assistentes Sociais, Terapeutas e Educadores como importantes no apoio prestado à tarefa de criar o (s) filho(s).

**e) Subescala Grupos Profissionais (itens 16,17 e 19)**

Nesta subescala considera-se o papel do programa de intervenção precoce, da creche e jardim-de-infância, sendo que 55% encara como não disponível ambos, e os serviços de saúde, em que 30% encara como por vezes ajuda e 25% geralmente ajuda.

Em suma, as famílias inquiridas mencionam que recebem pouca ajuda ou nenhuma na tarefa de criar os seus filhos. As pessoas que dão mais apoio são: o meu cônjuge (42,1%); profissionais (40%); os próprios filhos (33,4%); os pais das inquiridas (20%); os meus parentes (20%); os pais do cônjuge (15,8%); médico de família ou da criança (15%) e Serviços (saúde, serviços sociais, etc...) (15%). (ver anexo output n.º 94 – 112).

Para averiguar a existência de fortes correlações entre as variáveis, utilizam-se dois testes estatísticos: KMO e o de Esfericidade de Bartlett. Esses são determinantes no sentido de que, se a correlação entre as variáveis não for forte o suficiente, a análise factorial não poderá ser realizada. Na análise desta escala, verifica-se que não é possível calcular os valores dos testes porque a amostra é inferior a 30. Contudo, continuei com a análise da factorial para aferir se era possível reter alguns factores. Coloquei a análise factorial apesar de não ser possível calcular o valor do teste KMO.

É possível reter 5 factores. A variância total explicada pelos 5 factores (81,375%) não varia com a rotação. O mesmo não acontece com a variância explicada por cada factor. Em suma, o primeiro factor retido explica 32,831% da variância, segundo factor explica 16,779%, o terceiro factor explica 14,89 factor contribui com uma explicação de 9,730%, e por último, o quinto factor explica 7,115%. Juntos explicam 81,375% da variabilidade dos 19 itens originais. (ver anexo output n.º113).

A rotação das variáveis efectua-se, de forma a extremar os loadings, de modo a que cada variável esteja associada com apenas um factor. Pela rotação Varimax (ver anexo output n.º 114), podemos dizer que as variáveis associadas ao primeiro factor, dizem respeito aos itens:

- Grupos Sociais /Clubes; Grupos de pais; Membros da igreja/padres; Cônjuge (ou companheiro); Colegas de trabalho.

Associadas ao segundo factor surge as seguintes variáveis:

- Outros pais; Ao amigo do meu cônjuge (ou companheiro); Os pais do meu cônjuge (ou companheiro); Vizinhos; Creche/jardim-de-infância.

O terceiro factor é composto pelas variáveis:

- Serviços (Saúde, Serviços Sociais, Saúde Mental, etc.); Profissionais (Assistentes Sociais, Terapeutas, Educadores, etc.); Os meus filhos.

As variáveis que constituem o quarto factor são:

- Meus pais; Meus parentes; Meus amigos; Médico de família ou da criança.

Por fim, o quinto factor é composto pelas variáveis:

- Os parentes do meu cônjuge.

Visto que o apoio social é definido como a ajuda, que deve estar disponível para o indivíduo em determinadas situações, tais como perante dificuldades ou surgimento de *stress* (Sarason & Sarason, 1982). O apoio social é baseado na matriz individual dos relacionamentos com outras pessoas (Heller & Swindle, 1983 cit. Por Sarason & Sarason, 1982). Quando esta matriz é extensiva e profunda, as necessidades dos outros sobrepõem-se às individuais havendo uma maior tendência para os ajudar, bem como sentir que essa ajuda está disponível. Assim, a pessoa que tenha elevados níveis de apoio social sente ter outros que lhe podem valer nas horas de necessidade. Quando a matriz é limitada, o indivíduo pode sentir menos empatia para os problemas e limitações de outras pessoas, e menor sentido de responsabilidade pelo seu bem-estar como uma adição ao seu suporte diário pessoal, ou seja, alguém que tenha um baixo nível de apoio social carece destes recursos interpessoais (Sarason & Sarason, 1982), sendo este o caso das famílias multidesafiadas em acompanhamento.

#### **1.4. Descrição dos resultados da aplicação do Inventário de Rotinas**

Dado que os rituais constituem recursos fundamentais para o fortalecimento da família, para a elaboração do significado da vida, para a segurança da comunidade (Lind, 2004), decidimos aplicar o Inventário de Rotinas elaborado por Boyce, W., Jensen, E. W., James, S. A. & Peacock, J. L. (1983) com base em 28 itens, subdivididos em 10 categorias que inclui as *rotinas em dias úteis* (1,2,3,4,5,6,7,8), *fins de semana e lazer* (9,10), *rotinas das crianças* (11,12,13,14,15), *rotina dos pais* (16), *horas de deitar* (17,18), *refeições* (19,20,21), *família alargada* (22,23), *saídas e regressos* (24,25,26), *rotinas disciplinares* (27) e *trabalhos domésticos* (28), que foram considerados por uma grande população de familiares como sendo as mais importantes para a família (ver anexo E).

Sabendo que a consistência interna pode ser verificada pelo Alpha de Cronbach. Este reflecte o grau de covariância dos itens entre si. Valores próximos de 1 indicam uma boa

consistência interna. Para uma pesquisa exploratória, aceita-se valores acima de 0,6. O valor de *alpha* encontrado no Inventário de Rotinas nas Famílias levando em consideração todos os itens que o compõem, foi o de 0,865, mostrando-se com boa adequação. (ver anexo output n.º 92).

As famílias em estudo emitiram a sua opinião e frequência face a sua série de comportamentos tidos na sua família, assim sendo:

*Rotinas em dias úteis:*

1. Os pais dispõem todos os dias (90%) de algum tempo para falarem com os seus filhos;
2. Cerca de 73,7% das inquiridas indicam que todos os dias pela manhã existe determinadas coisas que os pais devem fazer enquanto se arranjam para sair de casa;
3. Todos os dias as inquiridas referem que os pais que trabalham devem de dispor de tempo para brincar com os seus filhos após o seu regresso a casa (60%);
4. As inquiridas (63,2%) consideram que os pais que trabalham tomam conta todos os dias das crianças durante algum tempo, quase todos os dias;
5. Segundo as inquiridas, as crianças fazem todos as manhãs as mesmas coisas quando se levantam (90%);
6. 65% das inquiridas dizem que pais e crianças brincam durante algum tempo juntos, todos os dias;
7. As inquiridas consideram que os pais que não trabalham saem com as crianças para fazer qualquer coisa, como por exemplo passear, entre 1 a 2 vezes por semana (31,6%) e entra 3 a 5 vezes por semana (21,1%),
8. 70% das famílias inquiridas referem que todas as noites a família tem um período de descanso para poder falar e brincar em sossego com os seus filhos;

*Fins-de-semana e Lazer*

9. As inquiridas dizem que as suas famílias quase nunca saem para passear a um local combinado (50%);
10. Uma ou duas vezes por semana, as famílias inquiridas dispõem de algum tempo para fazerem coisas em conjunto (55%);

*Rotinas das Crianças*

11. As inquiridas revelam que é hábito diário (25%) ou entre 3 a 5 vezes por semana (30%) lerem ou cantarem histórias aos seus filhos;
12. Na família das inquiridas todos os dias as crianças possuem algum tempo para si, nomeadamente para brincar (75%);
13. A opinião as inquiridas é divergente, no que respeita, ao facto de os filhos depois das aulas participarem regularmente em actividades extra – escolares, pois 42,1% refere

que todos os dias os filhos participam nessas actividades e 36,8% menciona que os educandos quase nunca participam;

14. A grande maioria das inquiridas indica que os seus filhos mais novos quase nunca frequentam ludotecas durante a semana (80%);

15. Todos os dias ao longo da semana as crianças têm um horário fixo para realizarem os trabalhos de casa (52,6%);

#### *Rotina dos pais*

16. Quase nenhum dos pais têm um “hobby” ou desporto que pratiquem com regularidade (78,9%);

#### *Horas de Deitar*

17. Todos os dias as crianças das famílias inquiridas fazem pedidos especiais na hora de ir para a cama (90%);

18. Na opinião das inquiridas, as suas crianças todos os dias se deitam à mesma hora (85%);

#### *Refeições*

19. Todos as noites a família janta à mesma hora (65%);

20. Todas as manhãs, alguns membros da família comem juntos ao pequeno-almoço (55%);

21. Todos os dias a família se reúne à hora do jantar (80%);

#### *Família Alargada*

22. Na opinião da inquiridas, 35% quase nunca fala com os seus pais regularmente enquanto, 35% fala com os mais todos os dias;

23. 50% das famílias inquiridas dizem que quase nunca a sua família visita os seus familiares;

#### *Saídas e Regressos*

24. As inquiridas dão a conhecer que a sua família dá conta todos os dias que alguém entra ou sai de casa (90%);

25. Os pais que trabalham regressam a casa todos os dias, geralmente à mesma hora (52,9%);

26. As inquiridas dividem as suas respostas relativamente ao facto de as suas famílias possuírem normas específicas no acolhimento dos pais no final de cada dia quando chegam do trabalho: 31,6% refere que quase nunca existem essas normas de acolhimento, enquanto 31,6% dizem aplicar todos os dias essas mesmas regras;

### *Rotinas Disciplinares*

27. As inquiridas mencionam que quase nunca (45%) ou apenas entre 1 a 2 vezes por semana (25%) os pais fazem a mesma coisa quando as crianças se portam mal;

### *Trabalhos Domésticos*

28. Para as famílias em estudo, todos os dias (45%) ou pelo menos entre 3 a 5 vezes por semana (20%), as crianças participam regularmente em trabalhos domésticos.

A ausência de rituais pode também constituir um índice acerca da patologia familiar. Famílias disfuncionais relatam frequentemente uma severa interrupção dos seus rituais ou uma desorganização da sua actividade ritual (Lind, 2004).

No que se refere às famílias inquiridas, percebemos que as mesmas não só dão valor às rotinas diárias, como possuem essas rotinas, por exemplo, 65% das inquiridas revela brincar com os filhos, 90% refere falar com os filhos, 80% das famílias se reúne diariamente à hora do jantar. Pese embora, no que concerne à rotina dos fins-de-semana e lazer, 50% das inquiridas dizem que as suas famílias quase nunca saem para passear a um local combinado, assim como nos laços com a família alargada, 50% das inquiridas refere que quase nunca a sua família visita os seus familiares.

É perceptível como a existência de algumas rotinas conferem e/ou sugerem estabilidade, consistência acerca da coerência social e emocional destas famílias, podendo funcionar como um elemento protector, contudo a questão de prática quase inexistente de lazer, hobby e confraternização e interacção com a família alargada, remete para a necessidade de indução desses rituais como forma de intervenção e de estímulo do desenvolvimento da família e das crianças.

## **1.5. Descrição dos resultados da aplicação da Escala de Avaliação Global da**

### **Assertividade**

Para a avaliação do grau de competência na assertividade, pedimos às inquiridas que respondessem à escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA) dos autores Jardim & Pereira, 2006, (ver anexo F) composto por 8 itens, em que a resposta varia numa subescala de 1 a 5, em que o 1 refere-se a Nunca, 2 Raramente, 3 Algumas Vezes, 4 Frequentemente, 5 Quase sempre.

A correcção implica a realização do somatório dos valores respondidos em cada item do questionário, entre 8 e 18 é sinal de pouca habilidade na assertividade, de 19 e 30, corresponde a uma habilidade média na assertividade e entre 31 e 40 revela bastante habilidade na assertividade.

Neste âmbito, 0 resultados por parte das inquiridas o nível da pouca habilidade na assertividade, 8 respostas que evidenciam habilidade média na assertividade e 12 respostas revelam que as inquiridas são bastante habilidosas na assertividade, perfazendo as 20 inquiridas da amostra.

De acordo com Jardim & Pereira, 2006, são vários os benefícios em se ser assertivo, facilita a interação com os outros, otimiza a afirmação da autonomia e o sentir-se bem consigo próprio, tornando-se um sinónimo de “aptidões sociais”, a que Caballo, 1998, designa por “habilidades sociais”, ou seja, um conjunto de comportamentos, tidos por um indivíduo num contexto interpessoal, que expressa os seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de um modo adequado à situação, respeitando também esses comportamentos nos outros, e que geralmente resolve os problemas imediatos da situação e que minimiza a probabilidade de problemas futuros.

Da aplicação da escala ressalta que a maioria das inquiridas percebe a habilidade média e elevada ao nível da assertividade, podendo ser encarado como um indicador positivo por um lado, ao nível da protecção da família (parentalidade, conjugalidade) por outro, confessa uma certa ambiguidade, dado o observado das famílias em acompanhamento, dificuldade em articular sentimentos e acções em funções de objectivos pessoais e consequentemente na relação com os outros.

## **1.6. Descrição dos resultados da aplicação da Escala de Avaliação Global da**

### **Resiliência**

À semelhança do ponto anterior, para avaliarmos o grau de competência na área da resiliência, aplicámos a Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR), dos autores Jardim & Pereira, 2006, (ver anexo G), composto por 8 itens, em que a resposta varia numa subescala de 1 a 5, em que o 1 refere-se a Nunca, 2 Raramente, 3 Algumas Vezes, 4 Frequentemente, 5 Quase sempre.

A correcção implica a realização do somatório dos valores respondidos em cada item do questionário e a interpretação passa por se observar os valores entre 9 e 21, que indicam uma capacidade de resiliência baixa, valores entre 22 e 34, capacidade de resiliência média e valores entre 35 e 45, revela uma capacidade de resiliência elevada.

Assim, apraz-nos dizer que 3 das inquiridas declaram uma capacidade de resiliência baixa, 12 demonstram uma capacidade de resiliência média e 5 expõem uma capacidade de resiliência elevada.

Dos resultados obtidos, podemos afirmar que a maioria das inquiridas detém um bom nível de capacidade de resiliência, sendo um excelente indicativo de uma adaptação positiva a contextos de adversidade significativos. Esta força e recursos permite ao

indivíduo e às famílias responder a situações de crise, desafios persistentes, recuperar e crescer com essas experiências.

## **Capítulo 2 – Apresentação dos Resultados – A Percepção dos Técnicos**

De acordo com Baptista (2001), a investigação não é apenas o conhecimento que leva a entender o objecto, mas aquele que nele possibilita intervir de forma mais competente. Assim, aferir a percepção dos Técnicos que acompanham as famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar inseridos em contextos de risco, acerca das suas necessidades e forças, bem como, a adequação de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes, revela-se essencial.

Pretendemos então, colher estas perspectivas dos Técnicos através da sua prática, tentando ir além do seu carácter de resposta imediata, auscultando as “vozes” e os “olhares” destes, de forma a possibilitar uma base de estudo importante para a produção de conhecimento.

Isto significa que os procedimentos investigativos deverão explicitar um esforço no sentido de viabilizar uma produção de conhecimentos que permita ultrapassar as práticas espontâneas e as reflexões que se confinam em acções pontuais para, através da polémica e da crítica teórica, construir uma metodologia dinâmica de acção. (Baptista, 2001: 43).

Utilizou-se uma técnica qualitativa de recolha de dados, o focus group, com a finalidade de realizar uma entrevista em profundidade e em contexto de grupo a um total de 12 Técnicos que intervêm no âmbito explanado e em parceria com a Autarquia.

Desenvolveu-se um guião de entrevista, composto por 10 questões tendo sido aplicado em dois momentos diferentes, e formato de gravação áudio, a 2 grupos constituído por 6 Técnicos respectivamente.

Procedeu-se posteriormente à análise de conteúdo com vista a possibilitar a compreensão dos fenómenos, do contexto estudado e onde se pretende agir.

A Análise de Conteúdo (AC) surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, é uma técnica que “existe há mais de meio século em diversos sectores das ciências humanas” (Lima, 1993).

A maioria dos autores refere-se à análise de conteúdo como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objectiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Na análise de conteúdo o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (Bauer, 2002).

Para tal, realizámos a análise de conteúdo com base na teoria de Laurence Bardin, que define a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens” (Bardin, 1977).

### **2.1. Descrição dos Resultados da realização do Focus-Group**

O material, assim obtido, servirá para responder às indagações da investigação e para prospectivar o desenvolvimento de inovações e transformações a nível da *praxis* profissional, para que esta concretize, de forma eficiente, a sua função de suporte social e desenvolvimento de competências e cidadania junto das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar inseridas em contexto de risco.

Efectuou-se a técnica de análise de conteúdo, passando pelas três grandes etapas, defendidas por Bardin: 1) a pré-análise (utilizando vários procedimentos, como a leitura flutuante, criação de hipóteses, objectivos, elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação); 2) a exploração do material (codificando-se os dados a partir das unidades de registo); 3) o tratamento dos resultados e interpretação (categorizou-se, ou seja, classificou-se os elementos segundo as suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns).

Fazendo parte da análise de conteúdo, a codificação e a categorização, apresentamos de seguida, o quadro que destaca as categorias de análise do guião do focus-group (ver anexo I) e respectivas respostas que servirão de base para uma correcta e produtiva observação de dados:

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

**Grelha n.º 1 – Categorização dos dados recolhidos através do focus-group**

| DIMENSÃO   | CATEGORIAS   | OBJECTIVOS   |
|--|--|--|
| Caracterização dos técnicos intervenientes                 | Idade  | Caracterização dos Técnicos que intervêm na Freguesia de Montelavar junto das famílias multi-desafiadas  |
|  | Sexo   |  |
|  | Profissão  |  |
|  | Entidade/Instituição                                   |  |
|  | Experiência Profissional                               |  |
| Tipo de Intervenção  | Intervenção Familiar Integrada                         | Percepção que os técnicos possuem relativamente a estes dois tipos de Intervenção  |
|  | Intervenção Precoce                                    |  |
| Situações de Risco   | Sinalização/Encaminhamento                             | Averiguar como são sinalizadas as situações de risco e qual o encaminhamento e plano de intervenção realizado em cada situação específica  |
|  | Plano de Intervenção                                   |  |
| Famílias Multidesafiadas com crianças em situação de risco | Estratégias de Intervenção                             | Caracterizar famílias multidesafiadas com crianças em situação de risco e aferir o (in)sucesso de estratégias de intervenção.  |
| Intervenção centrada na família                            | Interesse e bem-estar da criança                       | Avaliar a opinião dos técnicos face aos interesses e bem-estar das crianças caso se mantenha uma intervenção centrada na família.  |
| Parceria com as famílias                                   | Relação Igualitária                                    | Desenvolver um trabalho de ajuda/suporte, com as famílias, através de uma relação de parceria, que promova a escolha e o controlo destas sobre os recursos   |
| Expressões   | “Identificar e Ajudar”                                 | Avaliar as opiniões dos técnicos relativamente às expressões “Identificar e Ajudar” e “Educar e Incluir”, e aferir se estão correlacionadas com as forças e necessidades das famílias                      |
|  | “Educar e Incluir”                                     |  |
| Modelo de prestação de serviços                            | Intervenção e realidade do Técnico                     | Perceber quais as inconsistências que os técnicos se confrontam na sua realidade de trabalho diário perante o modelo de prestação de serviços aliada à família e aos locais de vida das crianças em risco. |
| Orientação e Mediação familiar                             | Práticas centradas na Família e Parentalidade Positiva | Aferir a opinião dos técnicos (relativamente sobre o facto de a Orientação e a Mediação Familiar) colaborarem em práticas centradas na família e no âmbito da Parentalidade Positiva.                      |
| Desenvolvimento e Qualidade de vida da criança             | Tipos de Intervenção                                   | Saber se os técnicos consideram que o desenvolvimento da criança e sua qualidade de vida está associada ao tipo de intervenção recebida  |
| Projecto Integrado de Intervenção Precoce                  | Contextos de risco                                     | Avaliar a necessidade sentida pelos técnicos, da existência de um projecto Integrado de Intervenção Precoce, junto das famílias e suas crianças em contexto de risco.                                      |
| Políticas Sociais a nível local                            | Técnicos de Serviço Social                             | Apreciar os comentários dos técnicos relativamente à criação de políticas sociais locais e no trabalho das Autarquias.   |

## **Grelha n.º 1 – Categorização dos dados recolhidos através do focus-group**

Com base na grelha de categorização acima representada, resultou a seguinte análise de conteúdo:

**Dimensão:** Caracterização dos técnicos intervenientes;

**Categorias:** Idade; Sexo; Profissão; Entidade/Instituição e Experiência Profissional;

**Objectivo:** Caracterização dos Técnicos que intervêm na Freguesia de Montelavar junto das famílias multi-desafiadas.

### **Idade e Sexo**

A amostra é constituída por 12 técnicos entrevistados, todos do sexo feminino. No que concerne à idade, apenas 10 técnicas fazem referência à mesma, assim possuem uma média de idades de 38,2 anos (idade mínima: 24 anos; idade máxima: 47 anos) e desvio padrão 7,685 anos. A idade modal é 38 anos.

### **Profissão**

A maioria das técnicas intervenientes são Assistentes Sociais (41,7%), seguido 25% de Psicólogas Clínicas. Existe ainda uma Psicóloga Educacional, uma Professora do Ensino Especial, uma Administrativa e uma Enfermeira.

### **Entidade/Instituição de trabalho**

As entidades/ Instituições de trabalho referidas pelas técnicas entrevistadas foram:

- Câmara Municipal de Sintra;
- Centro de Idosos de Maceira;
- Centro de Saúde de Pêro-Pinheiro,
- CERCITOP;
- ECJ de Sintra;
- Escola Dr. Rui Grácio - Agrupamento Lapiás,
- Instituto de Segurança Social de Sintra;
- Junta de Freguesia de Montelavar;
- Movimento de Defesa da Vida;
- Unidade de cuidados na comunidade zona Sintra/Pêro-Pinheiro.

### **Experiência Profissional**

As técnicas possuem uma experiência profissional média de 14,125 anos, com um respectivo desvio padrão de 9,11 anos. A experiência profissional mínima referida é de meio ano e a máxima de 34 anos. Sendo a experiência profissional modal de 12 anos.

**Dimensão:** Tipo de Intervenção;

**Categorias:** Intervenção Familiar Integrada e Intervenção Precoce;

**Objectivo:** Percepção que os técnicos possuem relativamente a estes dois tipos de Intervenção.

### **Intervenção Familiar Integrada**

Em ambos os focus grupo, os técnicos intervenientes, consideram que quando se fala em intervenção familiar integrada, se está a pensar numa articulação multidisciplinar envolvendo vários técnicos e diversos serviços/ entidades para se intervir com uma determinada família, inserida num contexto e ambiente.

#### **1.º Focus-Group**

*“Porque a intervenção familiar integrada e precoce inclui a família e a criança.” (Técnico 1).*

*“ (...) a intervenção familiar integrada é com a família, integrada e articulada com os vários serviços, consoante as necessidades e a intervenção a desenvolver com determinada família em concreto.” (Técnico 2).*

*“ (...) a intervenção familiar integrada, é uma intervenção junto da família, com necessidades a vários níveis é trabalhar a vários níveis, com vários técnicos que sejam necessários.” (Técnico 3)*

*“ (...) a intervenção familiar integrada representa todos os outros técnicos, para além da educação, que se organizam para dar resposta à família.” (Técnico 4).*

*“ (...) intervenção familiar integrada, acho então para não me repetir, que talvez aqui ainda haja muita coisa a fazer na medida em que aqui o que se espera é o trabalho de articulação entre várias entidades e técnicos, não só ao nível da família, como da escola e das diferentes instituições para que se consiga dar resposta às várias necessidades da criança (...)” (Técnico 5).*

*“ (...) no meu entender vai um pouco ao encontro da intervenção familiar integrada, não podemos agir individualmente sobre a criança, mas temos de agir no contexto familiar e ambiental.” (Técnico 6).*

#### **2.º Focus-Group**

*“ (...) quando falamos numa intervenção familiar integrada, eu pelo menos penso na integração dos diferentes papéis e dos diferentes serviços em função de uma mesma família (...)” (Técnico 7).*

*“ (...) esta intervenção (...) integrada não só a nível dos serviços, intervenção com cada família a cada momento, com os problemas inerentes de cada família (...)” (Técnico 8).*

*“ (...) quando ouço falar em intervenção familiar integrada penso numa abordagem multidisciplinar que envolve diferentes técnicos (...)” (Técnico 11).*

### **Intervenção Precoce**

Os técnicos consideram que a Intervenção Precoce está relacionada com uma actuação precoce, por parte dos serviços de apoio directo, aos problemas e necessidades que possam surgir numa família e consequentemente nas crianças, independentemente do seu contexto e risco associado.

### **1.º Focus-Group**

*“Penso que a intervenção precoce está relacionado com o que disseram e inclui crianças dos 0 aos 6 anos de idade (...)”(Técnico 2).*

*“A intervenção precoce é uma intervenção com as crianças dos 0 aos 6 anos de idade (...)”(Técnico 3).*

*“ (...) intervenção precoce relacionada com o diagnóstico prévio de problemas e necessidades das crianças e à forma como os serviços se organizam para prestar apoio directo à criança e à família (...)” (Técnico 4).*

*“A intervenção precoce tem a ver com o agir precocemente, como o nome indica relativamente a crianças e famílias que estejam em risco quer seja ambiental, biológico, portanto, engloba não só as deficiências, mas também o ambiente físico e familiar (...)”(Técnico 6).*

### **2.º Focus-Group**

*“(...) quando falamos em intervenção precoce falamos em actuar aos primeiros sinais de alarme(...)”(Técnico 7).*

*“ (...) intervenção precoce ser uma intervenção ao nível da prevenção, quer a nível dos problemas, quer a nível dos próprios elementos do grupo, quer a nível da criança.” (Técnico 8.)*

*“ (...) é uma actuação no início dos problemas que possam surgir na família e consequentemente os filhos.” (Técnico 9).*

*“ (...) intervenção precoce em nós no fundo poderemos intervir e criar condições ou pelo menos ajudar a família e a criança a criar condições para que a situação não chegue a zonas menos boas.” (Técnico 11).*

*“A Intervenção Precoce destina-se a crianças até à idade escolar que estejam em risco de atraso de desenvolvimento, manifestem deficiência, ou necessidades educativas especiais, natureza preventiva, para proporcionar apoio e assistência à família nos momentos mais críticos. Destina-se, prioritariamente, a famílias afectadas por múltiplos problemas, ou famílias que, pela especificidade das dificuldades apresentadas, não encontram facilmente na comunidade resposta adequada às suas necessidades e de Carácter (multi) sistémico da intervenção.” (Técnico 12).*

**Dimensão:** Situações de Risco;

**Categorias:** Sinalização/Encaminhamento e Plano de Intervenção;

**Objectivo:** Averiguar como são sinalizadas as situações de risco e qual o encaminhamento e plano de intervenção realizado em cada situação específica.

### **Sinalização/Encaminhamento**

Segundo as opiniões dos técnicos, as situações de risco podem ser sinalizadas por diferentes intervenientes: as próprias famílias que procuram ajuda; sinalizações feitas pelo Tribunal; nos Centros de Saúde as sinalizações podem passar pelos médicos de família ou enfermeiros; nas escolas são os directores de turma que sinalizam e comunicam ao serviço de Psicologia ou Ensino Especial; as sinalizações poderão também chegar aos serviços da Segurança Social de forma anónima, pelos CAF'S e CPCJ'S; a nível da Autarquia as

sinalizações surgem, para além do que já foi referido, através de vizinhos, amigos, instituições, etc.

### **1.º Focu-Group**

*“ (...) na junta de freguesia de Montelavar (...) as famílias procuram o serviço, ou os casos são sinalizados pelos diferentes serviços existentes na comunidade (autarquias, centro de saúde, escola, etc.), assistente social faz a avaliação do caso (...)” (Técnico 1).*

*“No nosso caso, ECJ, só trabalham as situações que são sinalizadas e encaminhadas e que nos chegam do Tribunal, portanto, não podemos trabalhar outras situações, que não estas e têm que obedecer a estes critérios, normalmente a situação já passou pela CPCJ, chegou ao Tribunal e este que nos sinaliza para intervenção (...)” (Técnico 2).*

*“Portanto dentro do centro de saúde, qualquer situação de risco, que se note ou desconfie, na maioria das vezes, passa primeiro pelo médico de família e pelos enfermeiros em contexto de consulta, aquando o primeiro contacto com a criança, que sinalizam para o NACJ e depois nós equipa (Psicóloga, Assistente Social, Médico e Enfermeira) trabalharemos a questão, se conseguirmos trabalhar a questão internamente, (...), senão passará obviamente para a instância seguinte, que será a CPCJ (...)” (Técnico 3).*

*“ (...) em situações mais graves de psiquiatria, sinaliza-se ao NUCLA, serviço da Casa de Saúde do telhal. Ao nível da educação para além dos directores de turma, o que fazemos agora com um agrupamento mais alargado, temos quase 30 escolas neste agrupamento, muitas vezes estas crianças e famílias estão sinalizadas logo no jardim-de-infância e como trabalhamos em parceria com a equipa escolar e centro de saúde é mais fácil pedir a intervenção dos técnicos tanto a nível da psicologia, tanto a nível da acção social. Em relação à educação especial, também encaixa nestes planos, temos de pedir ajuda à saúde, CPCJ, a hospitais Muitas vezes faz-se chamadas particulares a pedir ajuda a enfermeiras e médicos e às Assistentes Sociais que acompanham as famílias.” (Técnico 4).*

*“Na escola as sinalizações são feitas quase sempre de duas formas: ou são os directores de turma que começam por sinalizar porque conhecem melhor uma outra situação e porque convivem diariamente e comunicam quer ao serviço de psicologia ou à educação especial para que haja uma avaliação da situação, portanto, passa muitas vezes pelos directores de turma, muitas vezes são as famílias que procuram ajuda, e pedem para que de facto em termos de apoio e intervenção (...)” (Técnico 5).*

*“ (...) os serviços estão incluídos dentro das equipas locais de intervenção as “Eli” as coisas obedecem a uma coordenação da ELI, as sinalizações são todas feitas primeiro à coordenação e depois encaminhadas por áreas geográficas, o concelho de Sintra ficou dividido ao meio, entre a Cercitop e o CECD (...)” (Técnico 6).*

### **2.º Focus-Group**

*“ (...) as sinalizações chegam à segurança social, chegam das maneiras mais diversificadas que se possa imaginar, porque chegam quer seja pelos outros parceiros, quer seja por um contacto formal, quer seja pelas estruturas de parceria que já existam na comunidade, pelos caf’s, pelas cpcj’s, etc, etc, chegam de um familiar do próprio núcleo da família alargada, ou por um vizinho (...) chegam muitas vezes anónimas (...)” (Técnico 7).*

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

*“No MDV quem nos sinaliza estas situações de famílias com crianças em risco são todas as entidades que trabalham directamente com estas famílias, os centros de saúde, principalmente as cpcj’s, as equipas de apoio ao tribunal, cada vez mais as escolas, as juntas de freguesia (...)”*(Técnico 8).

*“A família tem de estar disponível para a mudança. A Autarquia pode conhecer a situação ou esta ser sinalizada por um vizinho, amigo, técnico, determinada instituição, ou o pedido ser feito pela própria família.”* (Técnico 10).

*“Especificamente no âmbito das famílias com crianças em situação de risco, sendo eu um elemento da saúde (...) sinalização pode ser feita por nós ou então por qualquer outro técnico (...)”*(Técnico 11).

*“ (...)na câmara o procedimento de sinalização é semelhante, pode partir da própria família, escola, creche e/ou jardim-de-infância, segurança social, instituições da comunidade, cidadão comum, etc. Os critérios estão associados à necessidade evidenciada quer pela família, ao diagnóstico realizado pelas diferentes instituições, à área de residência (...)”*(Técnico 12).

## **Plano de Intervenção**

Independentemente de quem sinaliza ou encaminha o caso, um plano de Intervenção tem sempre por detrás uma base comum, que parte de uma avaliação da situação, a elaboração de um plano e a intervenção através de um trabalho de entre os serviços da comunidade e a família e crianças. Para que a intervenção possa ter algum sucesso, é necessário que a família esteja preparada e que tenha vontade em mudar.

### **1.º Focus-Group**

*“ (...) assistente social faz a avaliação do caso e depois, faz o plano de intervenção e comunica com os diferentes serviços importantes para que essa intervenção seja bem sucedida.”* (Técnico 1).

*“ (...) Tribunal e este que nos sinaliza para intervenção, quando já tem uma medida aplicada, ou para fazer avaliação-diagnóstico, para ver se é necessário ou não propor uma medida, em meio natural de vida, apoio junto dos pais, junto de outro familiar, confiança a pessoa idónea, apoio para a autonomia de vida, acolhimento familiar, acolhimento em instituição, adopção, portanto são estas as medidas de promoção dos direitos e protecção, temos que avaliar, (...) plano de intervenção varia em função disto e em articulação com os serviços da comunidade, autarquia, escola, centro de saúde e outros serviços que tenham intervenção naquela família (...)”*(Técnico 2).

*“(...)quando conseguimos trabalhar internamente a questão, ou seja com a autorização dos pais em situação de risco, estabelecemos metas com os pais, para irmos trabalhando com a família, portanto estabelecesse um plano de intervenção em paralelo com a família e esta é a nossa realidade.”* (Técnico 3).

*“(...) o que se pretende é que os alunos sejam encaminhados, qualquer que sejam estas situações, muitas vezes trabalhamos em parceria ou com a junta ou centro de saúde, se forem meninos que residam na área, ou comunicamos à CPCJ.”* (Técnico 5).

*“(...) o plano de intervenção ou o trabalho é feito de acordo com a situação da criança, atribuído um técnico de referência, em que poderá fazer um apoio nas escolas directamente, no jardim-de-infância ou no domicílio se a criança não estiver integrada”* (Técnico 6).

## 2.º Focus-Group

*Critérios de elegibilidade, penso que não há maior porta de entrada do que a da segurança social, (...), uma coisa é certa à excepção das situações que já estão em tribunal e se estamos a falar de crianças com medidas de promoção e protecção é essencial aquilo que já tinha sido dito aqui, que é a vontade do próprio, (...) , é o próprio aceitar e perceber que precisa de mudar e a mudança que é feita não é a que os serviços entendem eu dever ser feita é aquela a que a pessoa e/ou família está preparada para dar (...)" (Técnico 7).*

*" (...) a intervenção que nós fazemos que é no domicílio destas famílias, há um acompanhamento durante um ano em que existem 6 semanas intensivas na casa da família, para que exista alguma mudança de comportamento e para a aquisição de competências que possam estar não tão bem trabalhadas (...)"(Técnico 8).*

*"Intervêm-se junto da família quando esta reconhece ou sente essa necessidade e aí esboça-se um plano de intervenção e encaminha-se quando não dispomos de recursos para apoiar a família ou quando esta não adere, não aceite e a criança permanece em risco." (Técnico 10).*

*" (...) o plano de intervenção, o ideal seria que nós conseguíssemos discutir os casos e estabelecer um plano de intervenção conjunto (...)plano de intervenção ainda não é feito como deveria ser, acabamos por estar todos a trabalhar cada um para seu lado (...)" "(...) O que falta para intervirmos melhor é a necessidade de se realizarem sessões com esta, ou a construção de diagnóstico, (...)" (Técnico 11).*

*"No fundo avaliam-se as situações e intervêm-se através de um trabalho de parceria, articulação (ex: cpcj, ecj, escolas, creches, outros membros da família, diferentes instituições, etc.) e com a família e suas crianças." (Técnico 12).*

**Dimensão:** Famílias Multidesafiadas com crianças em situação de risco;

**Categorias:** Estratégias de Intervenção;

**Objectivo:** Caracterizar famílias multidesafiadas com crianças em situação de risco e aferir o (in)sucesso de estratégias de intervenção.

### **Estratégias de Intervenção**

As famílias multidesafiadas são caracterizadas pelos técnicos como aquelas que se inserem em contexto de risco, com múltiplos problemas associados, devido ao reduzido número de recursos que dispõem para o desempenho da sua função parental. As estratégias de sucesso, inerentes à intervenção, passam por ir ao encontro das necessidades das famílias, deixando contudo, que participem com algum grau de autonomia. O trabalho a desenvolver deve ser em rede, em parceria, com vários técnicos do directo, existindo, no entanto, a necessidade de acompanhamento permanente, mesmo que a família já mostre sinais de se encontrar minimamente estruturada.

## 1.º Focus Group

*“Para mim famílias multidesafiadas são aquelas em que o seu seio se caracteriza por múltiplos problemas, na forma de estar, de se relacionar, de funcionar, são desorganizadas, em permanente crise. Considero que estratégias de sucesso estão relacionadas com a capacidade de se trabalhar com a família e ir ao encontro das necessidades destas e de insucesso quando se persiste em utilizar metodologias que não estimulem a autonomia, capacitação e se impõe normas e se faz juízos de valor. Casos de sucesso serão aqueles em que as famílias conseguem de forma autónoma garantir a sua dinâmica familiar própria funcionante e positiva, ausente de risco para a criança e que não comprometa o seu desenvolvimento.” (Técnico 1).*

*“(…) acho que as estratégias mais eficazes passam muito por ir de encontro ao que a família sente como necessidade, (…) temos que ir ao encontro das necessidades deles, perceber as necessidades deles, e ir subindo na pirâmide das necessidades e não aquilo que nós achamos que é, ou que deveria ser ou que é o ideal. Eu acho que o significado e o sucesso passam um bocadinho por aí, partir do que eles sentem como necessário a partir daí trabalhar outras coisas com as famílias.” (Técnico 2).*

*“(…) o primeiro objectivo (…) trabalhar muito em parceria isto que é muito importante, (…) temos alguns exemplos de sucesso que tem a ver com a reintegração das crianças nas famílias, em que vários técnicos a trabalhar com a família, a mudar crenças, a alterar estilos de vida, ajudar que eles encontrem formas de alterar estilos de vida, de alterar crenças, tentarem perceber que têm mesmo de mudar a forma de vida para terem os filhos de volta, temos tido alguns casos de sucesso (…) trabalhar-se ao nível da saúde, da gestão familiar, da gestão económica, da gestão da organização de como procurar um emprego, muitas famílias não sabem fazer nada disto, e se não sabem também sabem ensinar aos filhos e estes vão crescer nesta desorganização e daí haver tantos casos de risco, crianças e famílias, num problema geracional. O que eu acho que é preciso fazer para intervir e avançar é articular com vários Técnicos em parceria, que estejam no directo (…)” (Técnico 3).*

*“ (….) uma equipa intervir a acompanhar a família a nível da gestão familiar, a partir daí conseguiram viver juntos, o pai e a mãe a trabalhar, o pai ultrapassou um problema de alcoolismo e os filhos conseguiram manter-se na escola com sucesso. Ultimamente essa equipa deixou de acompanhar a família e a família desestruturou. O que é preciso para alcançar o sucesso e como intervir, tem que haver obrigatoriamente um técnico a acompanhar a família, a ajudar a família ao nível da gestão doméstica, do dinheiro e não só e tem que haver acção e comunicação entre os vários técnicos que intervêm junto das crianças e dos adultos (…)” (Técnico 4).*

*“ (….) ir muito de encontro quer às necessidade do jovem quer da própria família, e vimos bastantes melhorias no jovem, (…) começou a deixar de dar esse tipo apoio tão regular, dado que faz parte da própria dinâmica e metodologia da intervenção, e o jovem começou a afastar-se da família, o que é facto é que a família começou a desestruturar-se novamente, e neste momento o jovem está de novo em risco (…) é muito importante que esteja ali sempre um técnico, alguém apoiá-los, senão não conseguem sobreviver.” (Técnico 5.)*

*“ (….) a necessidade de um acompanhamento permanente (…) é um ciclo há uma fase que estão compensadas e outras descompensadas (…)” (Técnico 6).*

## 2.º Focus-Group

*“São famílias em contextos de risco e que encontram desafios particularmente complexos pelos reduzidos recursos de que dispõem para o desempenho da sua função parental. Nos contextos de risco inserem-se as situações de pobreza, violência doméstica, maus-tratos ou negligência de crianças, abuso de substâncias, entre outros.” (Técnico 7).*

*“A principal estratégia de intervenção do MDV é partir muito da família, é partir muito das pessoas, utilizar a estratégia de serem eles os principais promotores desta mudança.”; “No MDV realizamos avaliação(...) para nós é um caso de sucesso quando as crianças que estavam em situação de risco se mantêm na família. Encaramos também como indicador de sucesso quando a família passados três sente que não está bem recorre ao MDV a pedir ajuda, mais que não seja promoveu-se ou potenciou-se a competência de reconhecer a necessidade de pedir ajuda. (Técnico 8).*

*“Estratégias de sucesso, não sei se existe uma fórmula de sucesso se não estávamos todos a adoptá-lo e replicá-lo (...), tem a ver com o meio, com a família.”; “sabe-se que a intervenção foi um sucesso ou insucesso na medida em que se avalia ao longo do processo de intervenção.” (Técnico 10).*

*“Seria fundamental trabalhar em rede, que é uma coisa que ainda se faz pouco,(...) Quando as situações são com as crianças sinto que não há celeridade devida, e quando são situações de risco, deveria haver um sítio/abrigo para as proteger e muitas vezes as crianças não são retiradas à família e às vezes esse retirar pode ser até momentâneo.” (Técnico 11).*

*“Estratégias tipo receita não há, (...), a participação e o reconhecimento dos próprios, envolvê-los no diagnóstico (...) isto tem tudo que ser feito com as pessoas (...)” (Técnico 12).*

**Dimensão:** Intervenção centrada na família;

**Categorias:** Interesse e bem-estar da criança;

**Objectivo:** Avaliar a opinião dos técnicos face aos interesses e bem-estar das crianças caso se mantenha uma intervenção centrada na família.

### Interesse e bem-estar da criança

Os técnicos do 1.º focus group consideraram que se parte de uma intervenção centrada na família, tem em consideração o interesse superior da criança, sendo que o interesse do técnico e responsabilidade é ajudar a família e isso é ter em conta o interesse superior da criança.

Ambos os técnicos, independentemente do focus group em análise, são da opinião de que fortalecendo a família, potencia-se o bem-estar da criança, quer-se a família bem, para a criança estar bem, fortalecendo as competências já existentes.

## 2.º Focus-Group

*“O fortalecer a família, fortaleço a criança, se eu conseguir uma intervenção centrada na família, esta tem em consideração o superior interesse da criança. Não consigo ter famílias fortes, capazes de executar as suas missões, estou desta forma a proteger as crianças.” (Técnico 7).*

*“Há crianças em que o seu bem-estar não é junto das suas famílias, daí nós temos que potenciar o afastamento destas crianças destas famílias. Muitas vezes sinalizam-nos casos para trabalharmos de*

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

*forma centrada na família e temos que realizar relatórios a informar que não é possível porque o interesse superior da criança naquelas famílias não fica assegurado. O meu interesse era ajudar a família, mas neste caso o bem-estar da criança não está assegurado, logo implica que abandone a minha vontade/desejo em ajudar a família, para salvaguardar o interesse superior da criança” (Técnico 8).*

*“O interesse da criança só será superior se realmente correr perigo e aqui não se poderá trabalhar a família, porque preferencialmente aquilo que pretendemos é abranger toda a unidade familiar e que aquela criança possa funcionar naquela família.” (Técnico 11).*

**Dimensão:** Parceria com as famílias;

**Categorias:** Relação Igualitária;

**Objectivo:** Desenvolver um trabalho de ajuda/suporte, com as famílias, através de uma relação de parceria, que promova a escolha e o controlo destas sobre os recursos.

### **Relação Igualitária**

Os técnicos consideram que deve existir uma relação de parceria para com as famílias, para se poder desenvolver um trabalho de ajuda/ suporte, em que cada um possui o seu papel bem definido. Esta relação deve assentar no respeito mútuo.

#### **1.º Focus-Group**

*“A nossa função enquanto técnicos é promover a mudança, para tal, tem de haver um plano de intervenção e é necessário haver algum controlo.” (Técnico2).*

*“Acredito num trabalho de parceria com a família, mas não igualitária, temos de mostrar alguma superioridade, senão não nos respeitam e continuam a manter as características (...) portanto acho que estamos num patamar acima, eles têm que nos respeitar e claro, nós também temos que os respeitar a eles nós acompanhamos a família não é porque gostamos muito deles, mas sim porque queremos ajudá-los a melhorar e aí tem muito de nós técnicos.” (Técnico3).*

*“Tem de haver um compromisso de parte a parte, não é só haver direitos da família, mas também deveres, assim como dos Técnicos e do Serviço, o plano de intervenção deve ser realizado em conjunto com a família, para percebermos o que a família espera, pensa, precisa e idealiza, de acordo com a realidade da família, mas também cabe-nos a nós mostrar o caminho, orientar e com um plano conjunto chegar a um consenso e têm de concordar quer com o plano de intervenção quer com a gestão dos recursos, dado que a família assina este plano, logo tem que se identificar e concordar com o que foi pré-estabelecido.” (Técnico 6).*

#### **2.º Focus-Group**

*“O facto desta relação ser sentida como desigual, isto vai mexer com as relações de poder, quando eu assistente social tenho um pai, uma mãe ou um cidadão à minha frente, lá está aquele cidadão tem uma noção daquilo que eu quero ouvir, para atingir o seu objectivo, esta relação de suporte e de ajuda, no fundo o papel dos serviços é um papel facilitador (...), nós não somos a mudança, somos facilitadores (...) a mudança são os próprios que a fazem. Uma relação de parceria, eu penso que o aqui está subjacente é a questão de ver o outro como igual e de lhe dar espaço, da construção do diagnóstico e depois do tal plano de intervenção ser conjunto, e portanto, ser a própria*

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

*família ou indivíduo ter uma palavra a dizer sobre o que é importante mudar para ele. Se a família não reconhece como uma necessidade mudar, o técnico não tem espaço para mudar.” (Técnico 7).*

*“ (...) parceria igualitária no sentido, promovendo a escolha e controlo dos recursos de acordo com o que a família identifica como necessidade e objectivo, porém sem haver troca de papéis.” (Técnico 8).*

*“Por vezes existe uma utilização incorrecta de poder por parte dos técnicos, um abuso de poder (...), mas o técnico ao ser facilitador pode ajudar e estabelecer uma relação de suporte, e ser responsabilizador, mas nós técnicos impomos mais o que achamos que o utente e/ou família devem fazer. Eu acho que seria fundamental existir esta relação de igualdade entre parceiros em que eu tenho o meu papel enquanto técnico e ele como utente e/ou família.” (Técnico 11).*

**Dimensão:** Expressões;

**Categorias:** “Identificar e Ajudar” e “Educar e Incluir”;

**Objectivo:** Avaliar as opiniões dos técnicos relativamente às expressões “Identificar e Ajudar” e “Educar e Incluir”, e aferir se estão correlacionadas com as forças e necessidades das famílias.

**“Identificar e Ajudar”**

A expressão “Identificar e Ajudar” possui um carácter unilateral, é vista pelos técnicos como o ir ao encontro da realidade e necessidades da família, ou seja, são os técnicos que identificam a situações e propõem ajudar.

**1.º Focus-Group**

*“ (...) a família não aceite que a criança tem um problema ou que precisa de intervenção e isso é explícito porque os pais já têm outra formação e sentem que estão a ser postos em causa “eu sei...não preciso nada disso...”, assim importa identificar e ajudar a aceitar, educar, mostrando novas formas de olhar a realidade, para mudar e incluir.” (Técnico 1 ).*

*“Vejo o Identificar e ajudar, nós técnicos irmos de encontro do que é a realidade da família (...)”(Técnico 2 ).*

*“Identificar e ajudar faz-me logo lembrar o trabalho com as crianças, se estas não estão, vamos identificar o problema e normalmente o problema está na família, identificamos a família e prontificamos a ajudar, se vamos ajudar, vamos intervir, porque maioritariamente não são estas famílias que procuram ajuda, são os técnicos que identificam e propomos ajudar.” (Técnico 3).*

*“Identificar eles próprios não conseguem, porque a maior parte destas famílias sempre conheceram este tipo de realidade, portanto é a normalidade para eles, tem de ser alguém nomeadamente o gestor do processo a identificar e ajudar e educar e incluir.” (Técnico 6).*

**2.º Focus-Group**

*“Identificar e ajudar reporta-me para uma prática muito mais assistencialista, é o técnico sozinho em cima do seu pedestal, com a minha visão magnânime e intocável (...)”(Técnico 7).*

*“Identificar e ajudar é unilateral (...)”(Técnico 10).*

*“Aquilo que eu técnico identifico e pressuponho ajudar, tem de ser identificado pela família, com o identificar e ajudar não há envolvimento (...)”(Técnico 11).*

## **“Educar e Incluir”**

Contrariamente à expressão anterior, “Educar e Incluir” possui um carácter bilateral. Segundo os técnicos significa clarificar às famílias para o que é mais correcto, para novas formas de saber estar. Prevê um trabalho de parceria, em que ambas as partes têm que respeitar o papel desempenhado por cada um.

### **1.º Focu-Group**

*“ (...) educar e incluir, vejo associados aos nossos valores e chamarmos as famílias para aquilo que nós achamos que é mais correcto.” (Técnico 2).*

*“Educar e Incluir acaba por estar englobado é muito em termos de educação para novas formas de estar e incluir no plano.” (Técnico 3).*

### **2.º Focus-Group**

*“ (...) o educar e incluir já me abre a porta para este trabalho de conjunto.” (Técnico 7).*

*“ (...) educar e incluir é bilateral.” (Técnico 10).*

*“ (...) o educar e incluir implica muito retorno, pressupõe o tal trabalho de igual para igual, respeitando os papéis de cada um.” (Técnico 11).*

**Dimensão:** Modelo de prestação de serviços;

**Categorias:** Intervenção e realidade do Técnico;

**Objectivo:** Perceber quais as inconsistências que os técnicos se confrontam na sua realidade de trabalho diário perante o modelo de prestação de serviços aliada à família e aos locais de vida das crianças em risco.

## **Intervenção e realidade do Técnico**

Várias foram as inconsistências identificadas pelos técnicos relativamente ao seu trabalho quotidiano no que respeita ao modelo de prestação de serviços associado às famílias e respectivas crianças em risco. Assim sendo, identificaram: elevado número de processos atribuído a cada técnico; falta de tempo para investigar, supervisionar e avaliar, de forma adequada, as respostas para as necessidades das famílias com crianças em contextos de risco; dificuldades de articulação entre técnicos de serviços distintos; dificuldades de envolvimento/ participação e responsabilização por parte da comunidade para fazer face às dificuldades e encontrar respostas adequadas; incongruências ao nível dos serviços de saúde, pois o modelo de unidade familiar é um modelo de carisma político, sem qualquer benefício ou proximidade, que não traz resultados positivos quando se trabalha com famílias com problemas associados; falta de recursos técnicos, nomeadamente veículos para deslocações ao domicílio.

## 1.º Focus-Group

“ O volume processual é uma das inconsistências, pois neste momento na ECJ, cada técnica tem perto de 200 processos para gerir.” (Técnico 2).

“ Daí ser muito importante o trabalho de parceria e multidisciplinar.” (Técnico 3).

“ Muitas vezes o tempo dos técnicos difere do tempo das crianças e família e dos recursos que existem.” (Técnico 4).

“ São muitas crianças e famílias em contextos de risco e poucos técnicos, falta de recursos humanas e cada vez, o que é preocupante.”; “ (...) é a resposta imediata para os casos urgentes e muitas ficamos com eles nas mãos literalmente, sem resposta.” (Técnico 5).

“ (...) sentimos a exigência em termos de número de casos, de tempo (...) Depois depende de cada serviço, da sua dinâmica interna, o tempo é o nosso maior obstáculo (...) importa articular com os técnicos e não se consegue.” (Técnico 6).

## 2.º Focus-Group

“ (...) sempre que há mudança na vida das famílias exige uma readaptação a essa mudança o que implica um trabalho quase em unísono o que é muito difícil.” (Técnico 7).

“Muitas vezes a forma desejada de intervir revela-se difícil porque muitas famílias mascaram a sua realidade, porque se sentem constantemente invadidos pela presença, juízos de valor e pressionadas por diferentes técnicos em representação de diferentes instituições, logo não há o respeito pelo tempo e espaço das famílias, comprometendo o estabelecimento de uma relação de confiança que só se consegue com trabalho de proximidade, informalidade, compreensão dos técnicos e das próprias instituições que estes representam, pois muitas vezes revela-se inconsistente os objectivos que consideramos para aquela família e os que a própria família considera como prioritários (...).” (Técnico 8).

“Maior envolvimento e participação e responsabilização por parte da comunidade para suprir dificuldades e encontrar respostas.” (Técnico 9). “A maioria das instituições não gostam muito da intervenção das outras instituições em parceria porque acha que estão a invadir a sua capelinha.” (Técnico 10).

“A nível de saúde primária e comunitário o modelo de prestação de serviços deve ser em função da família e nos locais de vida desta e da criança, (...) exigências estão relacionadas com as inconsistências dos serviços de saúde, porque o modelo de unidade familiar é um modelo meramente político, não trouxe benefícios, não trouxe proximidade, trabalha-se à peça e não resulta quando se trabalha com famílias com estas características (...) É preciso por parte do técnico e isto é uma grande exigência capacidade atenção e de resposta (...).”; “Outra inconsistência que encontro, por exemplo no trabalho que desenvolvemos sentimos falta de recursos técnicos, não temos viaturas para fazer as deslocações ao domicílio;” (Técnico 11).

“ (...) forma desejada de intervir e o dia-a-dia do técnico, sendo uma grande exigência para o técnico e família. Pois envolve o tempo dos serviços, o meu tempo enquanto técnico, o tempo da família, exigindo grande flexibilidade que na maioria das vezes é impossível.”; “Outra inconsistência é número de casos por técnico e a falta de tempo para investigação, supervisão, avaliação para uma melhor e maior adequação de respostas às necessidades das famílias com crianças em contextos de risco.” (Técnico 12).

**Dimensão:** Orientação e Mediação familiar;

**Categorias:** Práticas centradas na Família e Parentalidade Positiva;

**Objectivo:** Aferir a opinião dos técnicos (relativamente sobre o facto de a Orientação e a Mediação Familiar) colaborarem em práticas centradas na família e no âmbito da Parentalidade Positiva.

### **Práticas centradas na Família e Parentalidade Positiva**

Alguns técnicos do primeiro focus group, devido a não estarem familiarizados com os conceitos e actuação, apenas transmitiram que consideravam fundamental que a Orientação e Mediação familiar contribuíssem em práticas centradas na família.

A Orientação Familiar é no fundo uma intervenção que é feita com as famílias em situações de crise. A sua finalidade primeira é a promoção de respostas alternativas para a resolução das situações.

A família é considerada como o núcleo decisivo onde ocorre o desenvolvimento da criança, assim para além de servir de modelo de comportamento, deve igualmente marcar os padrões de relação e configurar a primeira visão do mundo para a criança. O educar deve ter como base o respeito, o afecto, a transmissão de valores, o diálogo com as crianças, a imposição de limites, o exercer a autoridade sem medo. Neste sentido, a educação de infância é cada vez mais valorizada como forma de superar as carências do meio familiar.

A parentalidade positiva deve estar relacionada com as práticas centradas na família, constituindo parte da actuação dos mediadores e orientadores familiares e todos os técnicos que trabalham com as famílias com crianças em contextos de risco.

#### **1.º Focus-Group**

*“ (...) orientação Familiar é uma modalidade de intervenção junto de famílias que vivem momentos de crise, com o objectivo de promover alternativas à sua resolução. O mediador e orientador deve ajudar a família em crise a encontrar respostas e soluções que sejam mais ajustadas para todos. A família é considerada como principal contexto educativo ou promotor de desenvolvimento humano, é considerada como o núcleo crucial onde ocorre o desenvolvimento da criança, a família e os seus membros não só servem de modelo de comportamento, como também são os que marcam os padrões de relação e configuram a primeira visão do mundo para a criança. É preciso educar no respeito e afecto, transmitir valores, falar com as crianças, ouvi-las, ensiná-las a aceitar as frustrações, impor limites e exercer a autoridade sem medo, a educação de infância é cada vez mais valorizada como forma de superar as carências do meio familiar. A parentalidade positiva tem de estar associada às práticas centradas na família, devendo fazer parte da actuação dos mediadores e orientadores familiares e todos os técnicos que trabalham com as famílias especialmente com crianças em contextos de risco.” (Técnico 2).*

## 2.º Focus-Group

*“Eu ligo muito a questão da mediação familiar nas questões de divórcio ou separação e regulação do poder e responsabilidades (...) e o que noto muito é que os pais têm muita dificuldade em separar aquilo que é a relação do casal com o facto de serem pai e mãe daquela criança, um mediador familiar deve ajudar a ultrapassar uma situação de conflito, muitas vezes o papel do mediador, o mediador é para situações que são quase situações de fachada, há uma coisa que é identificar como sendo o principal problema, que na verdade não é, o principal problema está lá atrás, está escondido, verificando-se a alienação parental, pais que ficam centrados noutra tipo de questões e que instrumentalizam os miúdos, aquele miúdo deixa de quase existir como criança e eu vivo quotidianamente este dilema que é eu segurança social sou chamada muitas vezes para fazer quando há uma situação de grande conflito, conseguir o direito de visita e as visitas são acompanhadas por técnicos da segurança social, muitas vezes o tribunal pede-nos para fazer o reforço psicológico das crianças e isto é uma treta, porque não estamos nada a ajudar a criança, aqueles pais é que precisavam de reforço, porque aqueles pais é que precisam de se organizar não é a criança e por esta razão vejo a orientação e a mediação com outros olhos e penso que se devia rever o âmbito de actuação desta.” (Técnico 7).*

*“ (...) no MDV já se vai fazendo, isto é, já se colabora através de estratégias centradas nas na família e no âmbito da parentalidade positiva, ou seja, focando a questão de enaltecer os aspectos e dinâmicas familiares positivas e menos positivas, nunca fazendo relevância ao negativo, educação e encaminhamento para a positividade e capacidade de gerir conflitos pela positividade, através da figura do orientador e mediador que irá reforçar as competências dos pais e alertando para os comportamentos menos positivos que muitas vezes colocaram e colocam a criança em contexto de risco, visando a que estes encontrem uma solução/resposta adequada para a família, ajudam a que os pais encontrem as peças do puzzle para a melhor construção do caminho, que pode passar pelo separação/divórcio ou não dos pais, desde que o interesse superior da criança se salve e consequentemente o das famílias.” (Técnico 8).*

*“O ideal seria que a orientação e mediação familiar colaborassem em práticas para a intervenção precoce e centrada na família, no âmbito da parentalidade positiva, porque para salvar e proteger as crianças em situação de risco, ou seja, o interesse superior, tenho de trabalhar com as famílias, desconstruir para construir a resolução do conflito, litígio ou crise.” (Técnico 11).*

**Dimensão:** Desenvolvimento e Qualidade de vida da criança;

**Categorias:** Tipos de Intervenção;

**Objectivo:** Saber se os técnicos consideram que o desenvolvimento da criança e sua qualidade de vida está associada ao tipo de intervenção recebida.

### Tipos de Intervenção

Os técnicos fazem referência que o melhor tipo de intervenção é a integrada, precoce, centrada na família e comunidade. Só assim se poderá diminuir os contextos de risco e promover o desenvolvimento e qualidade de vida da criança. Contudo, os técnicos mostraram dificuldade em explicar como este desenvolvimento se perspectiva.

## 2.º *Focus-Group*

*“O que era fundamental era (...) proporcionar às famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco, o seu desenvolvimento com boas estruturas, que se saiba defender enquanto cidadão, se houvesse estruturas na comunidade que protegesse as famílias e as crianças no âmbito de intervenções integradas precoces, pois neste tipo de situações não faz sentido intervenções isoladas e reduzia-se o risco (...). Era importante existirem recursos e respostas na comunidade para minimizar os risco e proporcionar a estas crianças um desenvolvimento equilibrado, para não se tornarem em adultos com problemas e reproduzirem comportamentos aprendidos”. (Técnico 11).*

**Dimensão:** Projecto Integrado de Intervenção Precoce;

**Categorias:** Contextos de risco;

**Objectivo:** Avaliar a necessidade sentida pelos técnicos, da existência de um projecto Integrado de Intervenção Precoce, junto das famílias e suas crianças em contexto de risco.

### **Contextos de risco**

Todos os técnicos intervenientes relatam ser necessário e urgente a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contextos de risco na Freguesia de Montelavar e de uma maneira mais ampla no concelho de Sintra. É feita também a referência por um técnico do 2.º focus grupo da necessidade de criação de projectos e estratégias para a preparação e vivência da conjugalidade.

## 2.º *Focus-Group*

*“Considera necessário e urgente a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contextos de risco na Freguesia, mas considera igualmente importante e essencial a criação de projectos e estratégias para a preparação e vivência da conjugalidade.” (Técnico 8).*

**Dimensão:** Políticas Sociais a nível local;

**Categorias:** Técnicos de Serviço Social;

**Objectivo:** Apreciar os comentários dos técnicos relativamente à criação de políticas sociais locais e no trabalho das Autarquias.

### **Técnicos de Serviço Social**

Os técnicos consideram que as autarquias deviam disponibilizar mais Técnicos de Serviço Social para actuarem ao nível das escolas e nas próprias autarquias, técnicos de áreas específicas. Apesar de existirem muitos projectos há falta de recursos humanos e verbas para os colocar em prática. Deveria existir também mais trabalho em parcerias, entre todos os serviços disponíveis.

## 2.º Focus-Group

*“Nós temos um país muito organizado em termos do poder central que é um poder muito afastado das populações e o fosso é muito grande e muitas vezes são equacionadas políticas desadequadas às necessidades e fragilidades e não há um verdadeiro retorno, que muitas vezes evidencia ou se confunde com insensibilidade, se trabalhasse por exemplo em conjunto com as autarquias o orçamento participado.” (Técnico 7).*

*“É necessário reforçar o trabalho de parceria.” (Técnico 8).*

*“Eu acho que deveriam ser as Autarquias a gerir estas questões, inclusive a saúde estão mais próximas dos problemas e reais necessidades.” (Técnico 11).*

*“Deveria ser canalizado e delegado mais poder de intervenção e actuação e recursos para as autarquias locais e potenciar-se maior articulação e celeridade entre as autarquias centrais e locais.” (Técnico 12).*

## Capítulo 3 – Discussões e Delimitações do estudo

*“A avaliação não deve ser um fim em si mesmo, mas sim um meio para melhorar sistematicamente o processo sociocultural e para se fazer um uso mais adequado dos recursos disponíveis, materiais e de pessoas (accountability) e para alterar, se necessário, o decorrer da acção” (Serrano, 2008:81).*

Com base na revisão da literatura realizada tentámos fundamentar o objecto de estudo, ou seja, aferir/conhecer as percepções das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças, bem como, a adequação de estratégias, práticas e serviços eficazes, sendo que para tal, alisámos as diferentes variáveis, através da investigação empírica, visando dar resposta às questões de pesquisa.

Nesta fase do nosso estudo passaremos a discutir os resultados por nós obtidos à luz da literatura recolhida e das questões de pesquisa formuladas.

Quando indagámos no início do estudo que papel e/ou influência/ relevância poderão ter as famílias na identificação das suas próprias forças e necessidades, avaliou-se que estas assumem um papel primordial e no caso específico da nossa amostra, revelaram ao nível das necessidades, fragilidades a nível financeiro, falta de emprego, escassez de respostas, informação e recursos na comunidade, isolamento geográfico, problemas físicos e sobretudo emocionais com elevado grau de severidade, por parte dos filhos, exigindo estes obstáculos resiliência detida pelas famílias e competências, para que, com o apoio dos Técnicos consigam construir um projecto de vida significativamente positivo e de acordo com os seus sonhos e expectativas de futuro.

Ideia corroborada pelos autores, Allen e Petr (1996 p. 64, cit. por Pimentel, Júlia 2005), de que uma prestação de serviços deverá ser centrada na família, nas várias

disciplinas e contextos, encarando a família como unidade e foco de atenção, de forma colaborativa, de acordo com os desejos, recursos e necessidades individuais de cada família e ainda numa óptica de partilha total de informação com a família de forma a preservar a normalidade da vida familiar.

Só através deste “olhar”, percepção é que famílias e Técnicos poderão conjugar esforços e simultaneamente conduzir as famílias para a identificação e posterior resolução de problemas e competências inconscientes de forma a potenciar o equilíbrio familiar e diminuir os factores de risco, de forma acessível, flexível, compreensiva, coordenada e que abranja uma variedade de recursos formais e informais da comunidade em que a família está inserida (Allen e Petr, 1996, cit. por Pimentel, Júlia 2005).

Relativamente à questão colocada se os Técnicos sentirão ser necessária a criação de um Projecto Integrado de Intervenção, em particular destinado a famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contexto de risco, numa colaboração efectiva e se existem mais-valias da implementação de um Projecto desta índole na Autarquia de Montelavar, estes perspectivam que sim, ou seja, conforme foi mencionado na análise do focus-group, dimensão Projecto Integrado de Intervenção Precoce, categoria contextos de risco.

Estes não só consideram necessário como urgente a criação deste projecto, encarando a família não como uma simples soma de pessoas vivendo em comum: a sua funcionalidade depende de se reconhecer que a família produz direitos pessoais especiais (porque só existem enquanto existe a relação que a determina), através da concertação das várias políticas sectoriais, numa perspectiva promotora de competências e autonomias. Políticas que percebam que precisam das famílias, mas que percebam também, que para os indivíduos escolham de novo a família precisam de estar/sentir-se seguros outra vez (porque só quando se está seguro é que se tem capacidade para construir com o outro (Carneiro, 2008), assumindo aqui as Autarquias uma função fundamental.

Partindo destas ideias, passaremos a dar resposta ou a discutir os dados acima analisados:

## **Pais/Famílias**

### **1 – Quais as necessidades e recursos percebidos pelas famílias?**

No nosso estudo verificámos que as famílias em geral sentem múltiplas necessidades, que se prendem com **necessidades de informação** relativamente às precisões dos seus filhos, bem como à forma de lidar com estes, de **esclarecimento e ajuda** por parte do apoio social e familiar (amigos com quem falar, que ajudem a tomar conta, etc.),

**necessidades básicas de sobrevivência** (ajuda para pagar despesas tais como comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes), **necessidades de enquadramento/recursos** na comunidade para os filhos, **ausência de reduto familiar** (pais, pais do cônjuge) de amigos e vizinhança.

Como recursos e/ou forças identificámos, percepção por parte das famílias de competências fortes ao nível da assertividade e resiliência, percepção satisfatória da relação conjugal e do apoio social, principalmente prestado pelos Assistentes Sociais,

Terapeutas, etc.

Necessidades e recursos encontram-se intimamente associados às variáveis idade dos pais, escolaridade, condição sócio-económica, local de residência, idade da criança e nível de necessidade da criança em risco. De seguida especificamos alguns pontos:

### **Relação entre as Necessidades das Famílias com a idade e as Habilitações Literárias**

A maioria das inquiridas necessita de informação relativamente às necessidades e à forma de lidar com as suas crianças. Verifica-se que as habilitações literárias não estão relacionadas com a informação que as famílias possuem, no que concerne, à forma de lidar com as crianças, ou aos serviços que devem recorrer. É visível que são as inquiridas com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos que têm mais carência de informação. (ver anexos outputs n.º 115 a 121).

Em relação aos Apoios Sociais e familiares, as inquiridas também mostram necessidades de esclarecimento e de ajuda. Tal como na necessidade de informação, nos apoios sociais e familiares também é visível que as habilitações não têm qualquer influência mas sim a idade. São as inquiridas com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos que mencionam ter mais necessidades de apoio, embora também se verifique uma incidência considerável nas inquiridas entre os 20 aos 30 anos. (ver anexos outputs n.º 122 a 129)

No que concerne, ao apoio face a problemas concretos de finanças, verifica-se uma divisão de opiniões, na medida em que inquiridas referem ter necessidade de auxílio e outras não. No entanto, não existe uma relação entre a escolaridade possuída pelas inquiridas e a necessidade de apoio, sendo todavia, são as inquiridas com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos, independentemente da carência de ajuda, onde se verifica uma maior frequência. (ver anexos outputs n.º 129 a 135).

Perante as dificuldades de explicação aos outros acerca de informações e problema das suas crianças, continua a existir respostas por parte das inquiridas, independentemente das suas habilitações literárias, distintas. Umas mencionam possuir dificuldades em explicar aos outros os problemas das suas crianças, assim como de obter informação acerca de outras famílias com a mesma problemática, ou até mesmo de responder a perguntas feitas sobre os seus filhos, enquanto outras inquiridas não demonstram tais dificuldades. São as inquiridas com idades entre os 20 e os 30 anos que mais identificam ou não as suas dificuldades face a esta situação. (ver anexos outputs n.º 136 a 140).

As inquiridas com idades entre os 20 e os 30 anos, independentemente da sua escolaridade, não evidenciaram ter dificuldades quanto ao facto de encontrar enquadramento para as suas crianças, no que respeita a mães ou escolas. (ver anexos outputs n.º 141 a 143).

As famílias inquiridas com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos, mencionam ter dificuldades de apoio perante os serviços comunitários, independentemente das suas habilitações literárias. (ver anexos outputs n.º 144 a 146).

### **Ligação entre a percepção da relação e as necessidades sentidas pelas famílias**

A maioria das famílias inquiridas que refere a necessidade de ver abordados assuntos informativos relativamente às necessidades e à forma de lidar com as suas crianças, mencionam ter uma relação com o seu cônjuge satisfatória/ muito satisfatória. (ver anexos outputs n.º 147 a 153).

Relativamente aos Apoios Sociais e familiares, são inquiridas que alegam ter uma relação satisfatória/ muito satisfatória com os cônjuges que, mostram mais necessidades de esclarecimento e de ajuda, com excepção no que diz respeito, ao facto de ter mais tempo para si mesmo. (ver anexos outputs n.º 154 a 161).

No que respeita ao apoio perante situações de finanças, são as inquiridas que dizem ter uma relação satisfatória/ muito satisfatória com os cônjuges que mencionam ter necessidade de apoio, excepto de situação como: o pagamento inerente a serviços necessários aos filhos (terapia, infantário, ama, etc. ...). (ver anexos outputs n.º 162 a 167).

No que concerne às dificuldades de explicação aos outros relativamente a informações e problema das suas crianças, são as inquiridas que alegam ter uma relação com os seus cônjuges/ companheiros satisfatória/ muito satisfatória que as mais fazem sentir. (ver anexos outputs n.º 168 a 172)

As inquiridas que mencionam possuir uma relação satisfatória/ muita satisfatória com os seus cônjuges são as que evidenciaram ter dificuldades quanto ao facto de encontrar enquadramento para as suas crianças, excepto que diz respeito ao facto de encontrar alguém para ficar com os seus filhos para poder ir à missa. (ver anexos outputs n.º 173 a 175).

As famílias inquiridas que mencionam ter uma relação satisfatória/ muito satisfatória com os cônjuges são as que referem ter dificuldades de apoio perante os serviços comunitários. (ver anexos outputs n.º 176 a 178).

Apesar do apoio conjugal se fazer sentir, este parece não ser suficiente.

## **2 – As necessidades e forças das famílias prendem-se com a dinâmica familiar ou com a interacção com a criança?**

Com base no acima mencionado, podemos dizer que as necessidades e forças das famílias prendem-se com a dinâmica familiar e com a interacção com a criança. Forças como as rotinas existentes no dia-a-dia, apoio conjugal elevado e relação conjugal satisfatória e apoio social prestado por parte dos serviços na comunidade, por si só, não suplantam as necessidades. Muitas tarefas e preocupações são vividas pelas mães em exclusivo, reflectindo-se nos papéis parentais (cuidados prestados às crianças) e instabilidade familiar vivida.

Esta realidade leva-nos à Teoria de Maslow, associada à motivação e ao que queremos mais na vida, afirmando que um dos motivos fundamentais do agir humano é a necessidade de plena realização das nossas potencialidades. Segundo o autor, o homem deve procurar realizar a sua natureza humana, auto-realizar-se, mas seguindo o ritmo das suas próprias necessidades. A classificação das motivações (1970) é conhecida por Pirâmide de Maslow, porque as motivações estão organizadas em cinco níveis hierárquicos que exprimem diferentes graus de motivação e de realização. Na base da pirâmide estão as necessidades fisiológicas e de segurança indispensáveis à sobrevivência e no topo e zona intermédia as necessidades superiores. De acordo com este autor, a não satisfação das necessidades biológicas fundamentais implica que o indivíduo não se sentirá motivado para a procura de outros objectos. Conforme cada necessidade inferior (segurança, fome, sede, descanso, estabilidade, dar e receber atenção, afastar o medo, etc.) é satisfeita, surge a seguinte.

Assim, no caso destas famílias, grande parte das necessidades inferiores não se revelam satisfeitas e são constantemente ameaçadas, verificando-se incapacidade de ascender na pirâmide motivacional, reduzindo-se assim o campo da motivação e estabilidade familiar, apesar das habilidades e forças detidas.

### **3 – Que características das famílias podem influenciar as suas necessidades, prioridades e redes de apoios?**

De acordo com o nosso estudo, várias são as características das famílias, como as acima citadas, que podem influenciar as necessidades, prioridades e redes de apoio. Sendo cada família única, só ela própria é capaz de identificar os seus pontos fortes, necessidades, prioridades e recursos. Daí que o processo de avaliação, planificação e intervenção só façam sentido quando a família neles participa e onde têm oportunidades para tomarem decisões por si. É este o desafio – olhar para o casal e para a família desta forma confere-lhe um significado completamente diferente único e irrepetível, a reinventar-se (Ribeiro, 2002).

### **4 – Será que o apoio prestado às crianças em idade pré-escolar na Freguesia de Montelavar é focado na família?**

No que concerne a esta questão pela avaliação realizada, podemos afirmar que as famílias percebem o apoio social como importante e a relação é de parceria e que colaboram e participam nas estratégias e apoio, porém tendo em conta às necessidades evidenciadas pelas famílias em estudo, não podemos ignorar que este apoio deveria ser mais focalizado. Para tal é necessário conseguir uma aproximação individualizada à família e com ela desenvolver uma parceria colaborativa. Se existir esta colaboração efectiva e eficaz, tal como as famílias nos pedem, estas irão reconhecer essa partilha de informação e simultaneamente partilhar informação sobre si. E deste modo, a partilha de informação entre pais e profissionais torna-se recíproca e multi-direccional.

Nesta perspectiva de elemento colaborativo na parceria, o papel do profissional deixa de ser o de satisfazer as necessidades indicadas pela família, que corresponde ao seu papel tradicional de prover recursos e de experte, para assim passar a ter um papel de assistência à família no desenvolvimento de capacidades para aceder ao que necessita. O nosso estudo revela que o apoio prestado centra-se mais ao nível da procura activa de emprego, apoio alimentar, vestuário e económico, revelando-se ainda assim insuficiente, fazendo as famílias referenciar a necessidade de apoio mais direccionado aos problemas e grau de severidade dos filhos e dificuldades familiares.

## **5 – Os serviços que as famílias percebem receber correspondem aos serviços que os Técnicos dizem prestar?**

A análise e respostas anteriores conduzem-nos à constatação que os serviços que as famílias percebem receber não correspondem aos serviços que os Técnicos dizem prestar, por outras palavras, revela-se insuficiente no colmatar e satisfação das necessidades sentidas e avaliadas pelas famílias. É valorizada a relação de parceria e colaboração existente entre técnicos e famílias e este apoio considerado como significativo, em particular, pelo grupo de profissionais como os Assistentes Sociais, Terapeutas, etc, mas como referem (Beverly & Thomas, 1999; Sontag & Schacht, 1994; McWilliam et al., 1995), os pais preferem os profissionais que lhes dêem informação relevante e precisa.

## **6 – Que objectivos têm as famílias no sentido de melhorar a vida?**

Tal como nos refere Fernandes (1994), a família não poderá viver sem o amor, a união, o diálogo, a compreensão, o respeito, a aceitação, o carinho, a ternura, o perdão, a amizade, a escuta, a ajuda, a partilha. Só assim é possível existir uma família bem edificada e resistente. Neste âmbito, as famílias da nossa amostra, não diferem de qualquer outra família, também possuem sonhos e expectativas quanto ao futuro, nomeadamente ao nível de conseguirem maior estabilidade financeira, profissional, emocional, casar, ter mais filhos, ser feliz.

Aqui, os programas e os técnicos deverão ser encarados como agentes de mudança, no sentido em que devem procurar desenvolver nas famílias sentimentos de eficácia na tomada de decisões, na obtenção de informações e na procura de serviços, ou seja, de acordo com (Brofenbrenner, U.1979) promover o envolvimento da família, tornando os pais elementos competentes, capazes de poder intervir de forma positiva na educação e desenvolvimento do seu filho, recebendo para isso apoio das redes sociais, formais e informais existentes na comunidade, conseguindo assim atingir as metas e melhorar a vida.

## **7 – A idade, escolaridade e condição socioeconómica podem diferenciar o tipo de necessidades ao nível de um serviço integrado de apoio?**

Como foi demonstrado anteriormente, a idade e a condição socioeconómica destas famílias e não tanto a escolaridade, podem explicar a prevalência de necessidades básicas como a nutrição, vestuário, a habitação, os transportes e/ou acessibilidades, emprego, a segurança e os cuidados de saúde. Dada a importância destas necessidades no funcionamento básico de qualquer família, provavelmente elas guiam o seu comportamento, levando-a a gastar tempo e energia na sua satisfação, porque se impõe

como imperativas. Neste âmbito impera uma abordagem individualizada por parte dos profissionais, que contemple as prioridades identificadas pelas famílias e posteriormente que se reflecta as prioridades estabelecidas pelas famílias, visando potenciar o bem-estar da criança, diferenciando e ajustando o serviço integrado de apoio às características de cada família.

## **8 – A relação entre os cônjuges/companheiros pode influenciar as necessidades sentidas relativas à existência de um serviço integrado de apoio?**

Neste estudo, foi referimos anteriormente que a relação conjugal é percebida como satisfatória, e crucial ao nível do apoio prestado na criação dos filhos. Assim podemos afirmar que a colaboração entre os cônjuges/companheiros traz implicações práticas quer na forma como é considerado o apoio disponibilizado pelos elementos da sua rede de apoio familiar quer na forma como são consideradas as necessidades de apoio social e familiar e financeiras. Como referem Kazak e Clark (1986 cit. por Albuquerque, 1996) no subsistema familiar uma relação de apoio mútuo é um recurso poderoso para os seus elementos.

Devendo então ser considerado como factor de protecção, impõe-se a sua valorização e consideração, na medida em que contribui para a preservação e unificação do sistema familiar, podendo reflectir de forma positiva nos cuidados prestados à criança. Um serviço de integrado de apoio dirigido às famílias da nossa amostra, terá de desenvolver estratégias que contemplem este recurso e explorá-lo de forma a trazer mais-valias.

## **Técnicos**

### **1 – Crêem na natureza e âmbito do serviço de Intervenção Precoce proposto e percebido pelas famílias?**

A intervenção, qualquer que seja o nível em que se opere – social, político, educacional ou terapêutico – assim como as suas estratégias e técnicas, não são exclusivamente explicáveis por critérios pragmáticos, de operacionalidade ou eficácia. Há vectores ideológicos e epistemológicos mais vastos que organizam a compreensão da realidade e da acção sobre ela, criando uma disposição do conjunto social, dos seus grupos dominantes e sistemas produtores de conhecimento, para o desenvolvimento de atitudes de favorabilidade face a determinadas respostas e de rejeição de outras, sempre entendíveis no contexto sócio-cultural e histórico em que emergem.

Procurámos então conhecer junto dos Técnicos que actuam junto das famílias da nossa amostra se crêem na natureza e âmbito de um serviço de Intervenção Integrada e Precoce, proposto e percebido por estas.

Explicaram que consideram a intervenção familiar integrada uma forma de actuar multidisciplinar com uma determinada família inserida num contexto e ambiente e intervenção precoce uma forma de agir por parte dos serviços de apoio directo, aos problemas e necessidades que possam surgir numa família e consequentemente nas crianças, independentemente do seu contexto de risco associado, numa relação de parceria, em que cada um possui o seu papel bem definido.

Acreditam num trabalho transdisciplinar baseado num modelo de intervenção centrado na família e em que todos os intervenientes tenham um papel activo.

Contudo, o conceito de colaboração, implica envolvimento, participação, cooperação e parceria entre os pais das crianças e por parte dos profissionais. Neste contexto, foi perceptível alguma dificuldade no que concerne aos Técnicos em desenvolver uma dinâmica de disseminação em que a família é envolvida de modo a interagir com diversas estruturas que facilitem as respostas às necessidades sentidas, e de espiral, visando intervir com a família para que seja esta a construir as condições ideais para uma interacção de qualidade, sendo que os restantes elementos implicados no processo funcionariam como facilitadores do mesmo cabendo, à família, a decisão final.

## **2 – Quais as linhas de orientação para a prática que pensam ser relevantes?**

Considerámos importante conhecer junto dos Profissionais e parceiros da Autarquia, quais as linhas de orientação para a prática pensam ser relevantes, obtivemos respostas díspares, mas complementares e que indicam um caminho possível a percorrer entre Técnicos e Famílias.

Verbalizaram que não sabem se existem fórmulas de sucesso “...*Estratégias de sucesso, não sei se existe uma formula de sucesso se não estávamos todos a adoptá-lo e replicá-lo e tem a ver com que disse à pouco, tem a ver com o meio, com a família...*”.

Porém consideram fundamental trabalhar em rede “... *seria fundamental trabalhar em rede, que é uma coisa que ainda se faz pouco, muitas vezes casos deste género têm uma celeridade melhor, porque os diferentes técnicos reúnem-se, discutem, são facilitadores da acessibilidade, como quando fazemos as reuniões com os parceiros...*” e de forma articulada “...*intervir de forma articulada continua a trabalhar e/ou a intervir de forma desinserida*”.

Acrescentaram também ser crucial, em momentos de crise familiar severa e ausência de comunicação trabalhar cada elemento da família individualmente, para posteriormente trabalhá-la como um todo “...trabalhar o ser individual e depois juntá-los como um todo...”.

Acreditam como linha de orientação relevante que o diagnóstico seja participado “...o diagnóstico que é participado desde o primeiro momento...”, bem como encarar os problemas de forma mais afirmativa “...o encarar de forma muito mais positiva mesmo as situações problema...”.

Deveria ainda existir um coordenador de caso, um mediador entre as famílias e Técnicos “...não é um técnico é um cidadão, porque a questão das crianças interessa-nos a todos nós, as crianças são o potencial do país e do mundo, esta pessoa que é um cidadão comum, não tem o peso do técnico, nem da instituição a trabalhar com a família e a servir quase como mediador, entre a família e os serviços, e o que esta pessoa faz é ajudar simplesmente esta família a reflectir e nós instituições às vezes já temos uma carga tão grande com as famílias, não há espaço, não estão criadas as condições...”

Às linhas de orientação citadas, incluir como metodologia premente de trabalho a reflexão e avaliação “...momentos de reflexão de avaliação para a construção de sucessos por etapas...é necessário que esta prática se aplique de forma estruturada, ainda não temos isso como metodologia de trabalho...”.

### **3 – Relacionam os pontos fortes e as necessidades das famílias com o desenvolvimento das crianças?**

Neste âmbito os Técnicos, consideram que relacionar os pontos fortes e as necessidades das famílias com o desenvolvimento das crianças é partir de uma intervenção centrada na família e ter em consideração o interesse superior da criança tem de se fortalecer a família, reforçando as competências já existentes, minorando as necessidades, potenciando-se o bem-estar da criança e simultaneamente da família.

### **4 – Técnicos e Famílias partilham uma visão comum sobre os serviços que são mais importantes num programa de Intervenção eficaz?**

O que estudo nos mostrou, é que as famílias da nossa amostra carecem de muita informação, nomeadamente ao nível do funcionamento dos serviços, de acesso às respostas mais adequadas à situação-problema, de direitos fundamentais. Parece-nos deste modo, difícil que as famílias comunguem de uma visão comum entre os Técnicos acerca de o que se considera mais eficaz num programa de Intervenção.

Não só há necessidade de uma implementação e/ou criação de um Projecto de apoio às famílias e suas crianças, como de partilha de informação e de possibilidade de acesso a recursos essenciais. Só existirá sucesso, quando for realizável a participação de todos, numa verdadeira partilha de poderes, que tornará as famílias mais ligadas à comunidade, menos dependentes dos Profissionais.

### **Delimitações do estudo**

Como em todos os projectos de investigação, delineámos um caminho de abordagem científica social e humana, que nem sempre consegue reflectir em toda a sua amplitude e dimensão o objecto de estudo.

Assim apontamos aqui algumas limitações e a jeito de sugestão para uma próxima investigação.

Consideramos que devido à proximidade existente e laços de empatia entre a investigadora e as famílias inquiridas, poderá de certa forma, em algumas questões, apesar de salvaguardada a neutralidade, isenção e continuidade de apoio por parte da Autarquia, notar-se alguma reserva e/ou condicionamento por parte das inquiridas nas respostas dadas.

Ainda no âmbito das famílias, poderia ser útil conhecer em maior profundidade que tipo de colaboração existe entre os cônjuges, bem como, o tipo de necessidades e cuidados prestados às crianças, visando o desenvolvimento de procedimentos e respostas de qualidade, adequados à realidade e características da população atendida.

Seria interessante aferir na perspectiva dos Técnicos/Profissionais se concordariam em assumir um papel central no desenho das medidas políticas adequadas às situações contextuais, onde exercem a sua acção. Um papel delicado e contraditório entre aconselhamento e fiscalização. Relembra-se que a natureza emancipatória das políticas não é ainda um facto totalmente adquirido, dado que não bastam boas políticas (Sousa et al, 2007: 87).

Contribuindo para a definição de directrizes políticas que permitam uma maior eficácia na gestão dos recursos humanos e financeiros, possivelmente disponíveis para este domínio de intervenção.

## IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS E LINHAS DE ORIENTAÇÃO FUTURAS

*“Quando iluminamos uma estrela é mais fácil ser feliz”*

*Ana Teresa, 2011*

### Capítulo 1 – Conclusão

Chegada a fase final deste percurso, resta ainda sistematizar as considerações finais e proceder a algumas recomendações, numa perspectiva de investigação, intervenção e orientação futuras.

Assim, pode observar-se a confirmação da primeira hipótese, na medida em que as famílias multidesafiadas da nossa amostra com crianças em idade pré-escolar inseridas em contextos de risco com uma percepção menos positiva acerca das suas forças e recursos, sentem maior necessidade de apoio familiar e social especializado.

As famílias identificaram-se como competentes ao nível da assertividade e resiliência, porém, verbalizaram dificuldades e evidenciaram fragilidades cruciais e com contornos de risco.

Assim é notória a relação entre as variáveis idade e necessidade de apoio, pois, quanto mais baixa a idade dos pais e da criança maior a necessidade de apoio e informação. Na sua maioria, as famílias inquiridas apontaram como necessidade a existência de maior apoio ao nível de informação como cuidar e lidar com a criança, mais respostas como forma de combater as dificuldades financeiras e carências básicas, maior apoio familiar e comunitário e maiores acessibilidades.

Apesar das habilidades e aptidões pessoais e parentais identificadas e percebidas pelas famílias, suporte conjugal e rotinas consistentes, as debilidades identificadas suplantam as forças, influenciando a saúde e bem-estar das famílias, colocando-as em risco, exigindo a adequação de estratégias que potenciem as forças e suprimam as necessidades identificadas.

Neste âmbito, os profissionais assumem um papel preponderante, pois são vistos unicamente como uma fonte de informação e logo são valorizados pelas famílias para preenchimento dessa função. Como vimos da investigação teórica os pais preferem os profissionais que lhes dêem informação relevante e precisa (Beverly & Thomas, 1999; Sontag & Schacht, 1994; McWilliam et al., 1995), logo, importa fornecer informação de forma precisa e relevante, numa variedade de formatos e com uma linguagem adequada ao seu nível educacional e ajustado às suas necessidades.

A segunda hipótese de investigação não se verifica, visto os Técnicos não considerarem totalmente o sistema familiar competente, não existindo uma activação de recursos adequada e diminuição dos factores de risco.

De acordo com o verbalizado pelos Técnicos em contexto de focus-group nesta investigação, apercebemo-nos que existe uma valorização de uma intervenção junto das famílias que vise uma articulação multidisciplinar, uma actuação o mais precoce possível, a elaboração de um plano de intervenção que inclua (avaliação da situação em conjunto com a família e recursos da comunidade) sustentado pela vontade de mudança da própria família, contudo sendo necessário um acompanhamento permanente.

Consideram fulcral o trabalho em rede e parceria entre técnicos e serviços, bem como, entre as famílias, porém, sendo apenas este possível, com base no respeito mútuo e de forma que cada um tenha o seu papel bem definido.

Unânicos foram as inconsistências apontadas com que os Técnicos se confrontam no seu trabalho diário (elevado número processual, escassez de tempo para investigar, supervisionar e avaliar, dificuldades de articulação entre técnicos, serviços e recursos).

Nesta investigação, é perceptível o olhar dos Técnicos acerca das estratégias de intervenção, embora creiam e valorizem uma intervenção integrada, orientada e centrada na família em termos teóricos, na prática mostram dificuldade em agir em conformidade e em explicar como se poderá perspectivar este trabalho sistémico. Por razões, que se prendem pela forma como encaram a família, de certa forma ainda como parte do problema e não como parte da solução, que se verifica na dificuldade de confiar e partilhar poder e conferir autonomia e, também ao nível da natureza burocrática, relacionado com a existência de muitos serviços e pouco integrados entre si, trabalho em rede deficitário e escassos procedimentos centrados no indivíduo.

A nossa terceira hipótese de investigação não só se verifica, mostrando que existe uma relação positiva entre a percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco, acerca das suas necessidades e forças e uma intervenção focada na criança, família e comunidade, como indica uma possível orientação futura, ou seja, as famílias inquiridas manifestam necessidade de existência de um programa de apoio que assente nas suas forças e necessidades e em consonância com os recursos da comunidade.

À semelhança das famílias, também os Técnicos que as acompanham relatam ser necessário e urgente a criação de um Projecto Integrado de Intervenção Precoce, realizando-se aqui um cruzar de olhares, entre as necessidades e forças de ambos.

### 1.1 Linhas de Orientação Futuras

Neste contexto, como linha de orientação futura preconizamos uma intervenção dirigida simultaneamente à criança e à família, num sistema coordenado de prestação de serviços sociais, saúde e educação, baseado na comunidade, ou seja, a Criação do Projecto Integrado de intervenção Precoce “Risca o Risco”, com base nas necessidades, prioridades, forças e recursos identificadas e/ou percepcionadas pelas famílias com crianças em contextos de risco.

O modelo teórico centrado na família defende que os processos de obtenção de informação e de tomada de decisões sejam colaborativos entre profissional-família, respeitando sempre os seus desejos, necessidades e prioridades. O papel de parceiro colaborativo, atribuído ao profissional de IP, impõe que este principie onde a família está, que reconheça factores capazes de influir as suas necessidades e recursos e construa uma relação com a família nos parâmetros que esta estabeleceu. É necessário que esta estratégia dê resposta ao que as famílias considerem como recursos essenciais à vida normal, em família e em comunidade; que apoiem e fortaleçam o funcionamento da família e que optimizem o apoio, como exemplifica o circuito de acompanhamento abaixo delineado.

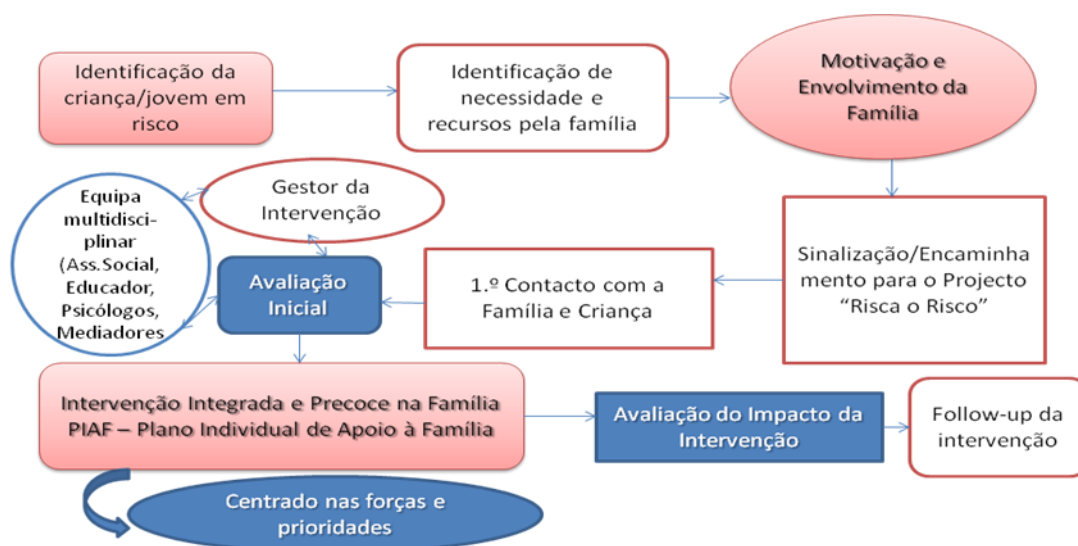


Figura n.º 8 - Circuito de Acompanhamento das Famílias

Este projecto integrado de intervenção precoce denominado “**Risca o Risco**” assentaria em duas vertentes essenciais de actuação, tais como ao nível da:

*Orientação e apoio à família* – visando munir-la de uma capacidade de transformação homeostática de modo a potenciar a manutenção de um equilíbrio dinâmico no sentido de permitir a interacção com outros subsistemas da comunidade, para melhor auferir dos recursos que esta lhe oferece. Esta vertente pretende enquadrar a família na procura do seu nível de segurança, estabilidade e identificação que facilitem o dar/receber informação, resolver problemas, dar conselhos, ouvir conselhos e tomar decisões bem como organizar a execução de decisões.

*Estimulação da criança* – realizada sempre que a criança denote atrasos de desenvolvimento inferidos por deficiência e/ou incapacidade e/ou handicap que condicionem as suas potencialidades, inclusão, e em última análise ao sucesso da criança enquanto pessoa.

O possível desenvolvimento deste Projecto pela Autarquia de Montelavar parte desta tentativa de análise científica contextualizada que nos elucidou sobre o que é necessário transformar, mudar, consolidar para que a Acção Social junto das Famílias, sobretudo as mais vulneráveis, possa constituir um instrumento de regulação da questão social, não de carácter remediativo e subsidiária de outras políticas sociais, mas sobretudo, complementar e numa óptica de trabalho em rede com os parceiros da Freguesia.

A evolução deste estudo revelou-se uma experiência muito enriquecedora, uma verdadeira aprendizagem pessoal a vários níveis. O contacto com esta realidade levou-nos a reconhecer que uma sociedade será, o que forem as suas famílias. Assim, criar e desenvolver políticas de família que permitam às famílias o pleno exercício das suas responsabilidades e competências e sejam capazes de prevenir e apoiar as situações de risco e vulnerabilidade é crucial.

Seria fundamental a Autarquia empreender este projecto integrado de intervenção precoce, constituído por uma equipa multidisciplinar, reunindo várias áreas do saber (Serviço Social, Psicologia, Educação, Saúde, Orientação e Mediação Familiar) e em articulação com várias entidades e instâncias que actuam nesta área e com poder legislativo, junto das famílias inquiridas, para que estas consigam cumprir a sua missão e desenvolver-se como um grupo de pessoas ligadas por afectos, compromissos e por um elo de zelo mútuo, aberta à vida, à educação dos filhos, à solidariedade entre gerações e com a comunidade.

## Referências Bibliográficas

### A.

**Affleck, G.; Tennen, H.; Rowe, J.; Roscher, B. & Walker, L. (1989).** Effects of formal support on mothers adaptation to the hospital-to-home transition of high-risk infants: the benefits and costs of helping. *Child Development*.

**Alarcão, I. (2005).** *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 4.ed. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época).

**Alarcão, M. (2008).** Comunicação apresentada no Seminário “*Os nossos primeiros passos: Percursos de estágio iluminados pela sistémica.*” Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

**Alarcão, M. (2000).** *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Ed.

**Albuquerque, P. (1996).** *A criança com deficiência mental ligeira* (On-line).Disponível: <http://www.snripd.msst.gov.pt>.

**Almeida, M. (2004).** *Intervenção precoce : Focada na criança ou centrada na família e na comunidade ?* Análise psicológica, Ano XXII, 2004.

**Almeida, M. e outros (1995).** *Os Maus Tratos às Crianças em Portugal*; Relatório Final da Primeira Fase - (Documento de trabalho de divulgação restrita).

**Almeida, I. (s/d.).** *A perspectiva ecológica em intervenção precoce*.

**Almeida, L. e Freire, T. (2007).** *Metodologia da investigação em psicologia e Educação*, Psiquilibrios Edições , 4ª edição.

**Alves (1977).** *Direito Romano*. II Vol. Rio de Janeiro: Forense.

**Anatrella , T. (2004).** *Casais Felizes : Ensaio sobre a Relação Conjugal*, Principia Publicações universitárias e científicas.

**Anaut, M. (2005).** “*A resiliência. Ultrapassar os traumatismos*”. Climepsi Editores. Lisboa: 2005.

**Ausloos, G.(2003).** *A competência das famílias* (2ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

**B.**

**Bahr, H. M., and K. Slauch Bahr (1996).** “*A paradigm of family transcendence*”, *Journal of Marriage and the Family*, 58 (3), pp. 541-555.

**Bailey e Powel (2005).** Assessing the information needs of families in early intervention. In In M. J. Guralnick (Ed.) *The developmental systems approach to early intervention*. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing C°.

**Bailey, D., e Simeonsson, R. (1988).** *Family Assesment in Early Intervention*. EUA: Merril Publishing Company.

**Bairrão & Almeida, (2003).** *Questões actuais em Intervenção Precoce. Psicologia*, vol. XVII (1), pp. 15-29.

**Bairrão,J. (1994).** *A perspectiva ecológica na avaliação de crianças com necessidades educativas especiais e as suas famílias: o caso de intervenção precoce*. *Invocação*, 7, pp.37-48.

**Bambring M. (1996).** Introduction. In M. Brambring, H. Rauh & A. Beemann (Eds). *Early childhood intervention* (pp.1-8). Berlin: Walter de Gruyter.

**Baptista, M. V.,(2001).** *A investigação em serviço social*. Lisboa- S. Paulo: Ed.Veras.

**Barbosa, Maria José P. Coutinho, (2002).** *Como Gerir Conflitos Familiares: Um guia para Casais Em crise*. Editorial Presença, 2002.

**Bardin, L. (1977).** *Análise de conteúdo*. Lisboa. Edições 70, Lda.

**Bauer W. (2002).** *Análise de conteúdo clássica: uma revisão*. In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3a ed. Petrópolis.

**Benoit, J. ; Malarewilz, J. ; Beaujean, J. ; Colas, Y. ; Kannas, S.(1988).** *Dictionnaire Clinique des Thérapies familiales Systémiques*. Paris: ESF.

**Berger, Miriam e Spangaard, Hans (2005).** *Projecto Família: manual para assistentes familiares*, Lisboa: MDV: revisão e adaptação à realidade portuguesa por Delgado, Graça Mira e Vale, Isabel Malheiro.

**Beverly, C.L.; Thomas, S.B. (1999).** *Family assessment and collaboration building: conjoined processes*. *International Journal of Disability and Education*, 46, pp.179-197.

**Boavida, F. (2003).** Comunicação apresentada no I Encontro de Intervenção Precoce do Alentejo – “*Pais com Amor (I)Limitado*” – (9 e 10 de Dezembro).

**Bowlby, J. (1973).** *Attachment and loss: Vol. 2. Separation*. New York: Basic Books.

**Boyce, Jensen, James e Peacock, (1993).** *The Family Routines Inventory: theoretical origins*. In social science and medicine, 17,193-200.

**Brazelton, T.B. e Greenspan, S.I. (2009).** *A Criança e o seu Mundo, requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*, 6.ª Edição, Editorial Presença.

**Breia, Almeida & Colôa (2004).** *Conceitos e Práticas em Intervenção Precoce*. Edição: Ministério da Educação. 2004.

**Bronfenbrenner, U. (1979).** *The Ecology of Human development. Experiments by nature and design*. Cambridge University Press.

**Bronfenbrenner, U. (1994).** *Ecological models of human development*. In: *International Encyclopedia of Education*. (Vol. 3, 2nd ed., pp.1643-1647). Elsevier Sciences, Oxford, England.

**Bronfenbrenner, U. (1996).** *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Buscaglia, L.(1994).** *The Disabled and Their Parents: a Counseling Challenge*. USA: Slack.

### C.

**Caballo, (1998).** El entrenamiento en habilidades sociales. Em V. Caballo (org.). *Manual de técnicas de terapia y modificación de conducta*, 4ª. edição, pp. 403-471. Madrid: Siglo Veintiuno.

**Calheiros, M. (1997).** *Caracterização das Crianças em Risco*. Vila F. Xira: Editora Departamento de Acção Social/Gabinete de Estudos.

**Cardoso, E.M.(2010).** cit. In. “*As aventuras de Alice no País das Maravilhas*” de Lewis Carroll. Publicações Lisboa ; Zero a Oito, 2vol. Expresso.

**Carneiro, (2005).** Carneiro, M. Rosário (2005), *Apontamentos das aulas de Políticas de Protecção à Família*, no âmbito da Licenciatura em Política da Família.

**Carter & McGoldrick (1989).** The joining of families through marriage: The new couple. In E. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *The changing family life cycle – A framework for family therapy* (2.ª Ed., pp. 209-234). Boston: Allyn and Bacon.

**Carter & McGoldrick (1995).** *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

**Castanyer, Olga, (2006).** *A Assertividade – expressão de uma auto-estima saudável*, 6.ª edição, Tenacitas Edições.

**Cervo e Bervian (2002).** *Metodologia científica*. São Paulo: Printice-Hall, 2002.

**Chowdhury (1996).** Assessing social-support network among socio-culturally disadvantaged children in India. *Early Child Development and Care*, 121. pp.(37-47).

**Cohen, (2006).** Making Alternative Dispute Resolution (ADR) Less alternative: The need for ADR as both a mandatory continuing legal education requirement and a bar exam topic, *Family Court Review*, 44 (4), 640-657.

**Cohen, S. & Syme, S.L. (1985).** Issues in the study and application of social support. In S. Cohen & S.L. Syme (Eds.), *Social support and health* (pp.3-22). Orlando, FL: Academic Press.

**Coutinho (1996).** *Intervenção precoce: dificuldades, necessidades e expectativas das famílias*. *Integrar 10*, pp. 5-16.

**Crais, R, Elizabeth, Wilton, J. Pamela e McWilliam, J. P, (2003).** Estratégias para a Intervenção Precoce, Coleção Educação Especial, Porto Editora.

**Crancini, (1995).** Trabalho CAFAP – *Famílias Multidesafiadas : Novas Abordagens das políticas e Medidas no Âmbito da Parentalidade positiva*, p.6;

**Crnic, K. A., Greenberg, M. T. & Slough, N. M. (1986).** *Early stress and social support influences on mothers' and high-risk infants' functioning in late infancy*. *Infant Mental Health Journal*, 7, 19-33.

**Crnic, K.A. Greenberg, M.T.; Ragozin, A.S.; Robinson, N.M. & Basham, R.B. (1983).** *Effects of stress and social support on mothers and premature and full-term infants*. *Child Development*, 54, 209-217.

**D.**

**D`Amato &Yoshida (1991).** *Parental needs: An educational life cycle perspective.* Journal of Early Intervention, 15, pp. 246-254;

**Deutsch, R. (2008).** *Divorce in the 21 st Century: Multidisciplinary Family Interventions.* The Journal of Psychiatry & Law, 36/Spring , 41-66.

**Dias, I. (2004).** *A Violência na Família. Uma Abordagem Sociológica.* Biblioteca das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento.

**Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (1988).** *A family systems model of early intervention with handicapped and developmentally at-risk children.* In D. R. Powell (Ed.), Annual advances in applied developmental psychology: Vol. 3. Parent education as early childhood Intervention (pp. 131-179). New Jersey: Ablex Publishing Co. Dunst, C. J., & Trivette, C. M.

**Dunst & Trivette (1994).** *A family – centered approach to developing family supporting and strengthening families: Vol I. methods, strategies and practices.* Cambridge, M.A. Brookline Books

**Dunst, C.J. (1985).** *Rethinking Early Intervention.* Analysis and Intervention in Developmental Disabilities, 5, 165-201.

**Dunst (2000).** *Revisiting “Rethinking early intervention”.* Topics in Early Childhood Special Education, vol. 20, pp.95-104. Database: Academic Search Premier.

**Dunst et Al. (1988).** Dunst, C. J. , Trivette, C. M., e Deal, A. G. (1988). *Enabling and empowering families,* Cambridge, Chapter 1, 1-11.

**Dunst e Bruder (2002).** - Dunst, C., & Bruder, M. B. (2002). Valued outcomes of service coordination, early intervention and natural environments. *Exceptional Children*, 68 (3), 361-375.

**Dunst, C.J., Trivette, C. M., M. e CornWell, J. (1988/1994).** *Characteristics of effective helpgiving practices.* In C. J. Dunst, C. M. Trivette, e A. G. Deal, (eds), *Supporting and strengtheing families – Methods, Strategies and Pratctices*, pp. 171 – 182. Cambridge: Brookline Books.

**Dunst, C. J.; Trivette C.M. & Deal A.G. (1994).** *Supporting and strengthening families:* Vol. 1.Methods, strategies and practices. Cambridge, MA: Brookline Books.

**Dunst, C. J.; Trivette C.M. & Deal A.G. (1988).** *Enabling and emporwing Families.* Cambridge, Chapter 1-11.

**Dunst, C. J.; Leet, H.E.; Trivette C.M. (1988).** *Family resources, personal wellbeing and early intervention.* *The Journal of Special Education*, vol. 22, pp.108-116.

**Dunst, Jenkins & Trivette (1984).** *Family Support Scale: Reliability and validity.* *Journal of Individual, Family and community wellness*, 1, 45-52.

**Dunst, Johanson, Trivette e Hamby (1991).** *Familiy- Oriented Early Intervencion Policies and practices : Family- acentred or Not?.* *Exceptional children*, 58, 115-125.

**Dunst, Trivette e Jenkins (1988).** *Family Support Scale.* In Dunst, C. J., Trivette, Deal. A. *Enabling and empowering families: principles and guidelines for practice.* Cambridge: Brookline Books

## E.

**Eizirik, C. L., Kapczinski, F. & Bassols, A. M. S. (2001).** *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.* Porto Alegre: Artmed.

**Elizur, Y. (1996).** *Involvement, collaboration and empowerment.* *Family Process*,35, 191-210.

**Eurlyaid , G. (1994).** *Intervenção Precoce em crianças com perturbações do desenvolvimento.* In: *Revista portuguesa de Pediatria. Órgão Oficial da Sociedade Portuguesa de Pediatria.*

## F.

**Fagan, J.; Dore, M.M.; Math, N. (1991).** *Pregnant and mothering adolescents`attitudes about day care.* Child and Youth Care Forum, 20, pp.353-364.

**Fernandes, A. T. (1994).** “*Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos*”, in *Análise Social*, vol. XXIX (129), pp. 1149 – 1191.

**Fiese, B., Tomcho, T., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S. & Baker, T. (2002).** *A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration?* Journal of Family Psychology, 16(4), 381-390.

**Filipe, I. (2006).** *Intervenção Precoce na Infância: Práticas Centradas na Família e nos Locais de Vida da Criança*, Direcção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular.

**Fine & Nissenbaum (2000).** *The child with disabilities and the family: Implications for professionals.* In Fine M.J.; Simpson R.L., Collaboration with parents and families of children and Youth with exceptionalities– 2nd ed. (pp. 3-26). Pro-Ed, Inc.. Texas;

**Flaquer, L. (1988).** *El destino de la familia.* Barcelona: Ariel.

**Fuster, G., Ochoa, M. (1993).** *El Maltrato Infantil – Uma Análise Ecológica dos factores de Risco.* Madrid, (S/E).

## G.

**Galliano, G. (1986).** *O método científico: teoria e prática.* São Paulo: Harbra.

**Gameiro, J. (1992).** *Voando sobre a psiquiatria. Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea.* Porto: Edições Afrontamento.

**Gameiro, J. (1994).** *Quem sai aos seus...* Porto: Edições Afrontamento.

**Garmezzy, N. & Masten, A.S. (1991).** *The protective role of competence indicators in children at risk.* In E.M. Cummings, A.L. Greene & K.H. Karrakar (Eds.), *Life span development psychology: Perspectives on stress and coping* (pp. 151-174). Hillsdale: Erlbaum.

**Geertz, C. (1966).** *Religion as a cultural system*. Em M. Banton (Org.), *Anthropological approaches to religion* (pp. 1-46). London: Tavistock.

**Gimeno, A. (2001).** *A Família – O desafio da diversidade*. Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.

**Goleman, D. (2010).** *Inteligência Social, A nova Ciência do Relacionamento Humano*, Temas e Debates, Círculo de Leitores.

**Gomes & Geraldês (2006).** *Necessidades das famílias de crianças com deficiência: um estudo com a escala family needs survey*. Revista da faculdade de ciências humanas e sociais, 3, 277-287.

**Gomes, Lucinda T. (2009).** *Mediação Familiar e Conflito Parental: Modelos de Mediação*.

**Gomes, Lucinda T. (2010).** *Aulas de Orientação e Mediação Familiar*, Mestrado Ciências da Família, UCP.

**Gómez, E., Haz, A. M. e Muñoz, M. M. (2007).** “*Famílias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: Características e Intervención*”, in PSYKHE, vol. 16 (2), pp. 43 – 54.

Gottman, J. M. & Levenson, R. W. (1992). *Marital processes predictive of later dissolution: Behavior, physiology, and health*. Journal of Personality and Social Psychology, 63, 221-233.

**Guba, E. C., & Lincoln (1994).** *Competing paradigms in qualitative research*. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) Handbook of qualitative research. (p 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.

**Guralnick, M.J. (1997).** “*Second generation research in the field of Early Intervention.*” In M.J. Guralnick (Ed.), *The effectiveness of Early Intervention* (pp. 3-20). Baltimore, MD: Paul Brooks.

## H.

**Haggerty, R., Sherrod, L., Garmezy, N., & Rutter, M. (1996).** *Stress, risk, and resilience in children and adolescents*. Cambridge: Cambridge University Press.

**Halpern, R., Giugliani, E., Victora, C. G., Barros, F., & Horta, B. (2000).** *Factores de risco para suspeita de atraso no desenvolvimento neuropsicomotor aos 12 meses de vida.* *Jornal de Pediatria*, 76(6), 421-428.

**Hammersley, M.(1992).** *What`s wrong with ethnography?.* London: Routledge.

**Haugland, B. S. M. (2005).** Recurrent disruptions of rituals and routines in families with paternal alcohol abuse. *Family Relations*, 54, 225–241.

**Hedrick, T. E. (1994).** *The quantitative-qualitative debate: Possibilities for integration.* In C.S. Reichardt, & S. Rallis (Eds) *The qualitative-quantitative debate.* San Francisco, Jasssey-Bass.

**Howard, V., Williams, B., Port, P., & Lepper, C. (2001).** *Very Young Children with Special Needs, A Formative Approach for the 21st Century.* 2nd Edição. New Jersey: Merrill Prentice Hall.

#### **J.**

**Jardim, J. e Pereira, A. (2006).** *Competências Pessoais e Sociais. Guia prático para a mudança positiva,* Porto: Edições ASA.

#### **K.**

**Kaufman, J. & Ziegler, E. (1987).** *Do abused children become abusive parents?* *American Journal of Orthopsychiatry.* 57 (2), pp. 186 – 192, 1987.

**Koller, Silvia, H. e Poletto, M. (2008).** *Contextos Ecológicos: promotores de resiliência, factores de risco e de protecção,* Estudos de Psicologia, Campinas;

#### **L.**

**Lazar, I. & Darlington, R. (1982).** *Lasting effects of early intervention: A report from the consortium for longitudinal studies.* Monographs of the Society for Research in Child Development, 47 (2-3, Serial N°. 195).

**Leandro (2001).** *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas.* Lisboa: Universidade Aberta.

**Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro de 1999.** *Lei de protecção e protecção de crianças e jovens em perigo.* Diário da República - I Série - A N.º 204 – 1-9-1999.

**Lei n.º 281/09, de 6 de Outubro de 2009.** *Lei do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância,* SNIPI. Diário da República – 1.ª Série - N.º 193 – 6 de Outubro de 2009.

**Lima, M. (1993).** *Análise de conteúdo: estudo e aplicação.* Rev Logos.

**Lind, Wolfgang (2004).** “*A importância dos rituais familiares na construção da família*”, in *Cidade Solidária*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, edição de Fevereiro de 2004, pp. 6 – 23.

**Lopes, C. (2010).** “*Slides referentes às aulas da cadeira de Modelos de Educação e de Intervenção Familiar*” do Mestrado em Ciências da Família, Universidade Católica Portuguesa;

**M.**

**Martinez, M. (2003).** “*La familia multiproblemática y el modelo sistémico*”, in *Portularia*, n.º 3, pp. 89 – 115, obtido em 28 de Junho de 2010: <http://www.redsistemica.com.ar>.

**Matos, M, Simões C. & Carvalhosa, S. (Eds.) (2000).** *Desenvolvimento de Competências de Vida na Prevenção do Desajustamento Social.* Lisboa: FMH/IRS-MJ.

**Mc William et all (1995).** *Satisfaction and struggles: Family perceptions of early intervention services.* *Journal of Early Intervention*, vol. 19, No.1, pp.43-60.

**McCubbin, H. I. & Patterson, J. M. (1983).** *Family Transitions: Adaptation to Stress. Stress and the Family: Coping with normative transitions.* New York: Brunner/Mazel Publishers, 5.ª edição.

**McDonnell, A. & Hardman, M. (1988).** “*A synthesis of "best practice" for early childhood services.*” *Journal of the Division for Early Childhood*, 12, 32-341.

**McGonigel, M.J.; Kaufman, R.K.; Johnson B.H. (1991).** *Guidelines and recommended practices for the individualized family service plan.* Bethesda: Maryland. Association for the Care of Children`s Health.

**McGuigan F. J. (1976).** *Psicologia Experimental: Uma Abordagem Metodológica*. São Paulo: EPU.

**McLinden (1990).** *Mothers`and fathers`reports of the effects of a young child with special needs on the family*. *Journal of Early Intervention*, 14, pp.249-259.

**McNaughton D. (1994).** *Measuring parent satisfaction with early childhood intervention programs: Current practice, problems and future perspectives*. *Topics in Early Childhood Special Education*, vol. 14(1), pp.26-48.

**McWilliam, P. J. e Winton, Pamela J.** *Estratégias Práticas para a Intervenção Precoce Centrada na Família*, Coleção Especial, Porto Editora;

**McWilliam, R. A.; Lang, L.; Vandiviere, P.; Angell, R.; Collins, L.; Underdown, G. (1995).** *Satisfaction and struggles: Family perceptions of early intervention services*. *Journal of Early Intervention*, vol. 19, No.1, pp.43-60.

**Melo, A. e Alarcão, M. (2009).** “Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental: proposta de um modelo global de organização”, in *Psicologia & Sociedade*, 21 (1), pp. 55-64.

**Merton, R. (1941).** cit in *Revista Lusófona de Educação*, 2005, 5, 173-184: *Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação*, por Galego C. & Gomes A.A.

**Miles, M. B. & Hubermann, A. M. (1994).** *An expanded sourcebook – Qualitative data analysis* (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.

**Minuchin, P. (1985).** *Families and individual development: Provocations from the field of family therapy*. *Child Development*, 56, 289-302.

**Minuchin, S. (1979).** *Familles en Thérapie*. Paris, J.P. Delarge (1991). Calidoscopio

**Minuchin, S. (1982).** *Um modelo familiar*. In: MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento & Tratamento*. Cap. 3. (pp.52-69). Porto Alegre: Artes Médicas.

**Minuchin, S. (1990).** *Famílias: Funcionamento & Tratamento*. *Artes Médicas*, 25-69.

**Minuchin, S., Minuchin, P. & Colapinto, J. (1998).** *Working with the families of the poor*. New York: The Guilford Press.

**Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B., Rosman, B. & Schumer, F. (1967).** *Families of the Slums: an Exploration of Their Structure and Treatment*. New York: Basic Books.

**Moos R.H., (1986).** *A social Climate Scale Manual : a user's guide*. Palo Alto CA, Consulting Psychologists Press.

**Moreia, C.,R. (2007).** *Teorias e práticas de Investigação*. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

**Morin, E. (2001).** *L'identité humaine – La méthode – 5. L'humanité de l'humanité*. Paris : Éditions du Seuil.

**Muszkat et Oliveira (2008).** *Mediação Familiar transdisciplinar: Uma metodologia de trabalho em Situações de Conflito de Género*. São Paulo: Summus Editorial.

## N.

**Neto, L. M. (1996).** *Famílias pobres y multiassistidas*. In M. Míllan (Ed). *Psicología de la Familia: Un Enfoque Evolutivo y Sistémico* (Vol.1). Valencia: Editorial Promolibro.

**Neto, M. (2004).** cit. In. entrevista Cidade Solidária.

**Nichols, M.(1984).** *Family Therapy Concepts and Methods*. New York: Gardner Press

**Nogueira, A. (2001).** *Trabalho Curativo com Pais de Crianças e Jovens em Perigo de Inadaptação Psicossocial*. *Revista da Universidade Moderna do Porto* 6, (pp.120-129). Porto: Colecção Estudos Psicopedagógicos.

## O.

**Oliveira, M. e Freitas, H. (1998).** *Focus Group, Método Qualitativo de Pesquisa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planeamento*, Universidade do Rio Grande do Sul.

**Osório, L. C. (1996).** *Família Hoje*. São Paulo: Artes Médicas.

## P.

**Parkinson, L. (2008).** *Mediação Familiar*. Ministério da Justiça - Gabinete para a Resolução Alternativa de Litígios, Ed. Agora Comunicação.

**Pereira F. (1998).** *As representações dos professores de educação especial e as necessidades das famílias.* SNPRIPD. Lisboa.

**Pessanha, M. (1998).** *Subsídios para o Estudo da Noção de Crianças em Risco Ambiental,* Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

**Pimentel, J. (2005).** *Intervenção Focada na Família: Desejo ou Realidade – percepções de pais e profissionais sobre as práticas de apoio precoce a crianças com necessidades educativas especiais e suas famílias,* Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência;

**Pinto, C. (1998).** “*Empowerment: uma prática de serviço social*”, in *Separata de Política Social*, Lisboa: ISCSP, pp. 246 – 277.

## R.

**Reichardt, C.S. & Rallis, S. (1994).** *The qualitative-quantitative debate.* San Francisco, Jassay-Bass.

**Relvas, A. (1996).** *O Ciclo Vital da Família.* Porto: Edições Afrontamento.

**Ribeiro, M. T. & Coutinho, M. (2008).** *Reflectir sobre a célula base da sociedade - Retratos da Família,* cit.In. [www.familiacrista.com](http://www.familiacrista.com).

**Ribeiro, M. T. (2008).** cit. In *Representações da Guerra: Representações da Família e do Espaço Público,* Universidade Católica Editora, 2008.

**Ribeiro, M. T. (2010).** “*Slides referentes às aulas da cadeira de Modelos de Educação e de Intervenção Familiar*” do Mestrado em Ciências da Família, Universidade Católica Portuguesa.

**Rios, L. P. (2005).** *Mediação Familiar: Estudo Preliminar para uma Regulamentação Legal da Mediação Familiar em Portugal.*

**S.**

**Sá, E. (1999).** *Manual de instruções para uma família feliz*, Fim De Século Edições Lda. Lisboa.

**Sá, E. (2001).** *Psicologia do Feto e do Bebê*, Fim De século Edições Lda. Lisboa.

**Salomon, G. (1991).** *Transcending the Qualitative-Quantitative Debate: The Analytic and Systemic Approaches to Educational Research*. Educational Researcher, Vol 20, N.º 6.

**Sameroff A. J. & Chandler, M. J. , (1975).** *Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty*. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Salapatel e G. siegel (Eds.), *Rewiew of Child Development Research*, vol.4 (pp. 187-244). Chicago: University of Chicago Press.

**Sampaio, D. & Gameiro, J. (1998).** *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.

**Sandow, S.A., Clarke, A.D.B., Cox, M.V., Stewart, F.L. (1981).** *Home intervention with parents of severely subnormal preschool children: A final report*. Child Care, Health & Development, 7, pp.135-144.

**Sarason, I. G., & Sarason, B.R. (1982).** *Concomitants of social support: Attitudes, personality characteristics, and life experiences*. *Journal of Personality*, 50(3). pp. 331-344.

**Serrano, A. , Pereira, A. e Carvalho, M. (2003).** *Oportunidades de aprendizagem para a criança nos seus contextos de vida: família e comunidade*. *Psicologia*. Volume XVII (1). pp. 65-80.

**Serrano, G. P. (2008).** *Elaboração de Projectos Sociais – Casos Práticos*, *Colecção Educação e Trabalho Social*, Porto Editora.

**Shonkoff, J. P. & Phillips, D. A. (Orgs.) (2000).** *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. Washington, DC: National Academy Press.

**Silva, C. & Martinez, M.L. (2004).** “*Empoderamiento: Processo, Nivel y Contexto*”, in *PSYKHE*, vol. 13 (1), pp. 29 – 39.

**Silva, L. F. (2001).** *Intervenção Psico-Social*, Lisboa: Universidade Aberta.

**Simeonsson R.J (1988).** *Unique characteristics of families with young Handicapped children.* In D. B. Bailey & R. J. Simeonsson (Eds.), *Family assessment in early intervention* (pp. 27-43). Columbus, OH: Merrill.

**Simeonsson, R.J., Huntington, G.S., McMillen J.S., Haugh A.E., Halperin, D. (1996).** *Services for young children and families: Evaluating intervention cycles.* *Infant and Young Children*, 9, pp. 31-42.

**Soares, I.(1996).** *Representações da vinculação na idade adulta e na adolescência.* Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

**Sontag, J.C.; Schacht, R. (1994).** *An ethnic comparison of parent participation and information needs in early intervention.* *Exceptional Children*, 60, pp. 422-433.

**Sousa, A.B (2005).** *Investigação em Educação*, Lisboa, Livros Horizonte.

**Sousa, L. (2005).** *Famílias Multiproblemáticas*, 1.<sup>a</sup> Edição, Coimbra, Quarteto.

**Sousa, L. e Ribeiro C. (2008).** *Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres sobre as suas competências*, Estudo parte de um projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia;

**Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S. e Grilo, P. (2007).** *Famílias pobres: desafios à intervenção social*, Lisboa: Climepsi Editores.

**Stanhope, M. (1999).** *Teorias e Desenvolvimento Familiar.* In Stanhope, M. & Lancaster, J. (1999). *Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos.* Lisboa: Lusociência.

## T.

**Tashakkori, A. & Teddlie, C. (1998).** *Mixed methodology – Combining qualitative and quantitative approaches.* Thousand Oaks: Sage Publications.

**Teresa, A. (2011).** Cit in Campanha Publicitária de Natal de uma empresa de Telecomunicações.

**Tjossem T.D. (1976).** *Early intervention: Issues and approaches.* In T.D. Tjossem (Ed.). *Intervention strategies for high risk infants and young children.* Baltimore: University Park Press.

**Tomás, C. (2002).** *A Infância no Contexto da Globalização: Que Riscos?.* Iº Encontro Nacional Sobre Maus Tratos, Negligência e Risco, na Infância e na Adolescência, Associação de Solidariedade e Acção social de Santo Tirso (ASAS);

**Turnbull, A. P. , Turbiville, V. e Turnbull, H. R. (2000).** *Evolution of family – professional partnerships: collective empowerment as the model for the early twenty- first century.* In J. P. Shonkoff e S. J. Meiseks ( Eds.). *Handbook of early intervention* ( pp. 630 – 650). Cambridge: Cambridge University Press.

#### U.

**Upshur, C.C. (1991).** *Mothers`and fathers`ratings of the benefits of early intervention services.* *Journal of Early Intervention*, 15,345-357.

#### V.

**Valadares, J, & Graça, M. (1998).** *Avaliando... para melhorar a aprendizagem.* Amadora: Plátano Universitária.

#### W.

**Walsh, F. (2006).** *Resiliência Familiar: Uma Teoria para a Prática Clínica, Escola de Administração e Serviço Social, Departamento de Psiquiatria e Centro da Saúde Familiar, Universidade de Chicago;*

**Werner, E. E. (1993).** *Risk, resilience and recovery: perspectives from the Kauai longitudinal study.* *Development and Psychopathology*, 5, 503-515.

**Wilson H.S. & Hutchinson S.A. (1996).** *Methodologic Mistakes in Grounded Theory.* *Nursing Research*, 45(2), 122-124.

**Witaker, C. et col (1988).** *Dancing with the family: A Symbolic – Experiential Approach,* Edição de *Psychology*, New York, Brunner/Mazel.

#### Z.

**Zamberlan, M. A. T., & Biasoli-Alves, Z. M. (1996).** *Interações familiares: Teoria, pesquisa e subsídios à intervenção.* Londrina: Ed. UEL.

## **Endereços Electrónicos**

[www.familiacrista.com](http://www.familiacrista.com)

[www.ine.pt](http://www.ine.pt)

[www.citador.pt](http://www.citador.pt)

## **ANEXOS**

## **ANEXO A**

### **Declaração de Consentimento Informado – Famílias**

## **Declaração de consentimento informado**

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

*Considerando o Código Internacional de Deontologia e Ética para o Assistente Social*

#### *Designação do Estudo (em português):*

“Cruzar olhares sobre a Intervenção familiar integrada e a intervenção precoce” - Família (S)em Risco? Percepções das famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

#### **Eu, abaixo-assinado, (nome completo dos pais e/ou representante da família)**

\_\_\_\_\_,  
compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

A informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos, os métodos, os benefícios previstos e além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo no apoio que me é prestado.

Por isso, consinto que me seja aplicado o inquérito proposto pelo investigador.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2011

*Assinatura dos pais e/ou representante da família* \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

*Nome: Ana Varanda*

**Assinatura:**

## **ANEXO B**

### **Questionário de Caracterização Sociodemográfica**

## Questionário de Caracterização Sociodemográfica das Famílias

O presente questionário destina-se a desenvolver um estudo sobre as vossas percepções de necessidades e forças, bem como dos Técnicos que vos acompanham.

As informações aqui obtidas serão de carácter anónimo, pelo peço a sua colaboração, respondendo com sinceridade e sem receios. Obrigado!

### 1 - Sexo:

1.1 – Masculino  Feminino

2 - Data de nascimento \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

3 - Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

4 - Local de Residência: \_\_\_\_\_

### 5 - Habilitações literárias

- Analfabeto
- 4.º ano
- 6.º ano
- 9.º ano
- Ensino Secundário
- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-graduação/Mestrado/Doutoramento

6-Profissão actual \_\_\_\_\_

6.1 – Do agregado familiar quem tem emprego? Pai  Mãe  Filho  Outro (s)

### 7- Gestão Económica

- Tem rendas/amortização em atraso? Sim  Não
- Tem dívidas por pagar? Sim  Não

#### 7.1 - Recebe Apoios e/ou Subsídios Sociais neste momento?

Se sim, quais:

- Subsídio de Desemprego
- Rendimento Social de Inserção
- Abono de Família
- Outros

**7.2 – Quando recebe o ordenado e/ou apoio social compro em 1.º lugar (resposta múltipla):**

- Alimentação  Renda  Sapatos/roupa  Telemóvel  Água, luz ou gás   
 Internet  TV Cabo  Outro(s)

**7.3 – Tem ou teve processo na CPCJ ou ECJ? Sim  Não**

**7.4 – Os Serviços Sociais e Técnicos que a/o acompanham, bem como a sua família, solicitam a sua colaboração e participação nas estratégias de apoio, numa relação de parceria? Sim  Não**

Se sim, indique como: \_\_\_\_\_

## **8 - Situação Habitacional**

- casa própria   
 casa arrendada/subarrendada   
 Casa familiares /amigos   
 Casa ocupada/devoluta   
 Pensão   
 Quarto   
 Outro

**8.1 Adultos e Crianças têm áreas separadas para dormir? Sim  Não**

**Tem Frigorífico, Fogão, Esquentador? Sim  Não**

**Tem Casa de banho? Sim  Não**

**Tem água, luz e gás? Sim  Não**

**Limpa a casa uma vez por semana? Sim  Não**

**A sua família faz a higiene diariamente? Sim  Não**

## **9 - Acessibilidade/Meios de Transporte**

- Nada satisfatório   
 Pouco satisfatório   
 Satisfatório   
 Muito satisfatório

## **10-Denominação religiosa actual**

- Nenhuma   
 Católica   
 Protestante   
 Outra  Especifique \_\_\_\_\_

### 11-Estatuto matrimonial actual

- Solteiro
- Casado/União de facto
- Separado/Divorciado
- Viúvo

### 12-Duração da relação \_\_\_\_\_

#### 12.1 - Percepção individual da relação no momento actual

- Nada satisfatória
- Pouco satisfatória
- Satisfatória
- Muito satisfatória

### 13-História Reprodutiva

Número de Filhos \_\_\_\_\_

#### Idade

- 0-2
- 2-4
- 4-6

#### 13.1 – Uma vez por ano faço consultas de planeamento familiar/ginecologia?

Sim  Não

#### 13.2 – Nas relações sexuais utiliza contraceptivo? (preservativo, DIU, pílula, etc.)

Sempre  Às vezes  Nunca

#### 14 – Identifica necessidades ou problemas no(s) filho (s)

Sim  Não

#### 14.1 – Se sim, que tipo de necessidade?

- Física
- Comportamental
- Emocional
- Outra \_\_\_\_\_

#### 14.2 – Grau de Necessidade

- Ligeiro
- Moderado
- Severo
- Profundo

**15 – Dimensão do Agregado Familiar - Número \_\_\_\_\_**

**16 – Cuidados ao nível da saúde física e mental**

- Quando está doente vai ao médico? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- Os seus filhos vão às consultas de rotina? (pelo menos uma vez por ano) **Sempre**   
**Às vezes**  **Nunca**
- Os seus filhos têm as vacinas em dia? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- Sente-se cansada (o)? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- Sente-se Feliz? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- Tem vontade de chorar? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- Quando está nervosa (o), zanga-se com facilidade, mas assim que passa pede desculpa? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**

**16.1 - Antecedentes médicos/psiquiátricos**

- Doenças Crónicas \_\_\_\_\_
- História de psicopatologia/doença mental - **Individual**  **Familiar**  **Nenhuma**

**16.1 - Frequenta consulta de psicologia/psiquiatria no momento actual?**

- Sim  Não

**16.2 - Se sim, com que frequência?**

- Semanal
- Quinzenal
- Mensal
- Superior a mensal

**16.3 - Faz medicação?**

- Sim  Não

**16.4 – Se sim, há quanto tempo? \_\_\_\_\_**

**17 - Tem ou teve antecedentes criminais?**

- Sim  Não

**17-1 - Se sim, de que tipo?**

- Acusações/condenações  Pena de prisão ou alternativa  Contactos com a justiça

**18 - Consome ou consumiu (ou membro do agregado) álcool/drogas? Sim  Não**

Se sim, indique: Tipo/quantidade \_\_\_\_\_ Idade de início/paragem \_\_\_\_\_

Complicações médicas \_\_\_\_\_ Repercussões Familiares e Sociais \_\_\_\_\_

## 19 – Competências Pessoais, Sociais e Parentais

- ✚ Tem medo de expressar a sua opinião? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ Expressa facilmente os seus sentimentos? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ É capaz de dizer não ao seu filho? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ É um problema para si mostrar agrado aos outros? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
  
- ✚ De uma forma geral, sente-se satisfeita (o) consigo mesmo? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ Pensa que não presta para nada? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ Julga que tem pelo menos tanto valor como os outros? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ Percebe as necessidades do seu filho e escuta-o atentamente? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ É violenta (o) para com o seu filho? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**
- ✚ Conversa com o seu filho e estabelece limites? **Sempre**  **Às vezes**  **Nunca**

## 20 – Tem objectivos/expectativas para a sua vida familiar? Sim Não

- ✚ Indique pelo menos um (a) \_\_\_\_\_

## **ANEXO C**

### **Inventário das Necessidades da Família**

**Inventário das Necessidades da Família ( Revisão 1990 b )**

|   |
|---|
| Nome da Criança: _____<br>Pessoa que completou o questionário: _____<br>Data: ____/____/____<br>Parentesco/relação com a criança: _____ |
|---|

Caro pai/mãe

Muitas famílias com crianças pequenas têm necessidade de informação e apoio. Se quiser, as pessoas que trabalham connosco estão dispostas a avaliar juntamente consigo essas necessidades bem como a identificar recursos que lhe podem ser úteis.

Abaixo encontram-se descritas algumas das necessidades mais frequentes descritas pelas famílias. Ser-nos-ia útil se fosse marcando com um x nas colunas à direita qualquer dos tópicos que gostaria que fossem discutidos/ analisados. No final existe um espaço para poder escrever outros tópicos que não estão incluídos nesta lista mas que gostaria de discutir. Se escolher responder a este questionário a informação nele contida será confidencial.

Se não quiser responder neste momento guardar esta informação consigo.

| TÓPICOS / ASSUNTOS  | Não | Não tenho a certeza | Sim |
|---|-----|---------------------|-----|
| <b>Informação</b>   |     |                     |     |
| 1. Como é que as crianças crescem e se desenvolvem?   |     |                     |     |
| 2. Como brincar ou falar com a minha criança?   |     |                     |     |
| 3. Como pegar na minha criança  |     |                     |     |
| 4. Como lidar com o comportamento da minha criança?   |     |                     |     |
| 5. Informação acerca de qualquer problema ou deficiência que a minha criança possa ter.                               |     |                     |     |
| 6. Informação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança                                    |     |                     |     |
| 7. Informação acerca de serviços que a minha criança possa vir a ter no futuro  |     |                     |     |
| <b>Apoio Social e Familiar</b>  |     |                     |     |
| 1. Falar com alguém da minha família acerca de preocupações/problemas   |     |                     |     |
| 2. Ter amigos com quem falar  |     |                     |     |
| 3. Ter mais tempo para mim mesmo  |     |                     |     |
| 4. Ajudar o meu esposo/esposa a aceitar a condição que a nossa criança possa ter.                                     |     |                     |     |
| 5. Ajudar a nossa família a discutir problemas e encontrar soluções   |     |                     |     |
| 6. Ajudar a nossa família a apoiarem-se uns aos outros em momentos difíceis.  |     |                     |     |
| 7. A decidir quem irá fazer as tarefas caseiras, tomar conta das crianças e outras tarefas familiares.                |     |                     |     |
| 8. Decidir quais as actividades recreativas familiares e como as efectuar   |     |                     |     |
| <b>Finanças</b>   |     |                     |     |
| 1. Pagar despesas tais como: comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes.                                   |     |                     |     |
| 2. Arranjar qualquer tipo de equipamento especial que a minha criança necessite                                       |     |                     |     |
| 3. Pagar para terapia, infantário ou outros serviços que a minha criança necessita.                                   |     |                     |     |
| 4. Ajuda para recomeçar um emprego  |     |                     |     |
| 5. Pagar a uma ama.   |     |                     |     |
| 6. Pagar brinquedos que a minha criança necessite.  |     |                     |     |
| <b>Explicar a Outros</b>  |     |                     |     |
| 1. Explicar o problema da minha criança aos meus pais ou aos pais do meu esposo(a).                                   |     |                     |     |
| 2. Explicar o problema da minha criança aos meus irmãos ou irmãs  |     |                     |     |
| 3. Saber como responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem perguntas acerca da minha criança. |     |                     |     |
| 4. Explicar o problema da minha criança a outras crianças.  |     |                     |     |
| 5. Encontrar informação escrita sobre outras famílias que possuem uma criança como na minha.                          |     |                     |     |
| <b>Tomar Conta da Criança</b>   |     |                     |     |
| 1. Localizar amas / baby- sitters   |     |                     |     |
| 2. Localizar um infantário ou pré – escola para a minha criança.  |     |                     |     |
| 3. Conseguir alguém que me fique com a minha criança para eu poder ir à missa   |     |                     |     |
| <b>Serviços Comunitários</b>  |     |                     |     |
| 1. Encontrar – me e falar com pais de outras crianças como a minha  |     |                     |     |
| 2. Localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança.                               |     |                     |     |
| 3. Localizar um dentista que possa tratar a minha criança.  |     |                     |     |

## **ANEXO D**

### **Escala de Avaliação do Apoio Social à Família**

**Escala de Avaliação Do Apoio Social à Família****Carl Dunst, Vicki JenKiins,, Carol M. Trivette**

| Que ajuda lhe têm dado cada uma das seguintes pessoas ou grupos na tarefa de criar o(s) seu(s) filho(s) | Não Disponível | Não ajuda | Por vezes ajuda | Geralmente ajuda | Ajuda muito | Ajuda imenso |
|---|----------------|-----------|-----------------|------------------|-------------|--------------|
| 1. Meus pais  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 2. Os pais do meu cônjuge (ou companheiro)  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 3. Meus parentes  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 4. Os parentes do meu cônjuge (ou companheiro)  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 5 Cônjuge (ou companheiro).   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 6. Meus amigos  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 7. Ao amigo do meu cônjuge (ou companheiro)   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 8. Os meus filhos   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 9. Vizinhos   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 10. Outros pais   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 11. Colegas de trabalho   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 12. Grupos de pais  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 13. Grupos Sociais /Clubes  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 14. Membros da igreja/padres  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 15. Médico de família ou da criança   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 16. Programa de intervenção precoce   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 17. Creche/jardim de infância   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 18. Profissionais (Assistentes Sociais, Terapeutas, Educadores, etc.)                                   | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |
| 19. Serviços (Saúde, Serviços Sociais, Saúde Mental, etc.)  | ND             | 1         | 2               | 3                | 4           | 5            |

## **ANEXO E**

### **Inventário de Rotinas na Família**

**Inventário de Rotinas na Família**

| <b>A presente lista refere uma série de comportamentos que podem ser encontrados entre os diversos membros de uma família.</b>  |             |                        |                        |               |
|---|-------------|------------------------|------------------------|---------------|
| <b>Para cada item gostaríamos que assinalasse a alternativa que melhor descreve a frequência com que esses comportamentos ocorrem, na sua família, ao longo da semana.</b>                                    |             |                        |                        |               |
|   | Quase nunca | 1 a 2 vezes por semana | 3 a 5 vezes por semana | Todos os dias |
| 1. Os pais dispõem de algum tempo por dia para falar com a criança  |             |                        |                        |               |
| 2. Há determinadas coisas que os pais fazem todas as manhãs enquanto se arranjam para sair.   |             |                        |                        |               |
| 3. Os pais que trabalham dispõem regularmente de tempo para brincar com as crianças após o seu regresso do trabalho.  |             |                        |                        |               |
| 4. Os pais que trabalham tomam conta das crianças durante algum tempo quase todos os dias.  |             |                        |                        |               |
| 5. As crianças fazem quase sempre as mesmas coisas todas as manhãs quando se levantam.  |             |                        |                        |               |
| 6. Pais e crianças brincam juntos durante algum tempo todos os dias   |             |                        |                        |               |
| 7. Os pais que não trabalham geralmente saem com as crianças para fazer qualquer coisa (exemplo. 2 ir às compras", "passear", etc.)   |             |                        |                        |               |
| 8. Todas as noites a família tem um período de descanso com oportunidade para falar e brincar com sossego.  |             |                        |                        |               |
| 9. Todas as semanas a família sai para passear a um local combinado   |             |                        |                        |               |
| 10. Semanalmente a família dispõe de algum tempo para si, para fazer coisas em conjunto   |             |                        |                        |               |
| 11. Os pais lêem ou contam histórias às crianças quase todos os dias.   |             |                        |                        |               |
| 12. A criança tem algum tempo para si, em que brinca sozinha.   |             |                        |                        |               |
| 13. Depois das aulas as crianças participam regularmente em actividades extra-escolares (por exemplo: natação, música...).  |             |                        |                        |               |
| 14. As crianças mais novas frequentam regularmente ludotecas ao longo da semana.  |             |                        |                        |               |
| 15. Ao longo da semana as crianças têm um horário fixo para realizar os trabalhos de casa.  |             |                        |                        |               |
| 16. Os pais têm algum "hobby" ou desporto que praticam juntos com regularidade.   |             |                        |                        |               |
| 17. As crianças têm hábitos ou fazem pedidos especiais na hora de ir para a cama (por ex.; história, beijo de boas noites e beber água).  |             |                        |                        |               |
| 18. As crianças deitam-se geralmente à mesma Hora.  |             |                        |                        |               |
| 19. A família janta todas as noites à mesma hora.   |             |                        |                        |               |
| 20. Pelo menos alguns membros da família comem juntos o pequeno almoço todas as manhãs.   |             |                        |                        |               |
| 21. Geralmente a família reúne-se à hora do jantar  |             |                        |                        |               |
| 22. Pelo menos a mãe ou o pai fala com os seus pais regularmente  |             |                        |                        |               |
| 23. A família visita regularmente os seus familiares  |             |                        |                        |               |
| 24. A família dá conta sempre que alguém entra ou sai de casa   |             |                        |                        |               |
| 25. Os pais que trabalham regressam a casa geralmente à mesma hora  |             |                        |                        |               |
| 26. A família tem normas específicas para acolher os pais no fim do dia quando eles chegam do trabalho( por ex. alguém da família vai à porta, sentam-se a conversar, contam as novidades, servem um lanche). |             |                        |                        |               |
| 27. Os pais fazem quase sempre a mesma coisa quando as crianças se portam mal.  |             |                        |                        |               |
| 28. A criança participa regularmente em trabalhos domésticos.   |             |                        |                        |               |

## **ANEXO F**

### **Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA)**

**Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA) (Jardim & Pereira, 2006)**

**Instruções:** responda com a máxima sinceridade a cada uma das seguintes afirmações, assinalando apenas um dos níveis com que mais se identifica, segundo a escala seguinte:

Escala de Avaliação Global da Assertividade (EAGA) (Jardim & Pereira, 2006)

| 1   | 2        | 3        | 4        | 5                      |   |
|---|----------|----------|----------|------------------------|---|
| DISCORDO<br>TOTALMENTE  | DISCORDO | INDECISO | CONCORDO | CONCORDO<br>TOTALMENTE |   |
| 1. Expresso habitualmente as minhas ideias.   | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 2. Numa situação de conflito, costumo saber quando devo ser firme e não devo ceder. | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 3. Habitualmente, defendo os meus direitos.   | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 4. Quando me pedem alguma coisa que não me convém, sei recusar.                     | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 5. Quando estou em desacordo com alguém, exprimo-o de modo convincente.             | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 6. Normalmente, falo o tempo necessário para expor as minhas opiniões.              | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 7. Costumo falar num tom de voz claro e audível.                                    | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 8. Quando me sinto ofendido (a), manifesto-o directamente à pessoa que me ofendeu.  | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |

## **ANEXO G**

### **Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR)**

### Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR) (Jardim & Pereira, 2006)

**Instruções:** responda com a máxima sinceridade a cada uma das seguintes afirmações, assinalando apenas um dos níveis com que mais se identifica, segundo a escala seguinte:

### Escala de Avaliação Global da Resiliência (EAGR) (Jardim & Pereira, 2006)

| 1   | 2        | 3        | 4        | 5                      |   |
|---|----------|----------|----------|------------------------|---|
| DISCORDO<br>TOTALMENTE  | DISCORDO | INDECISO | CONCORDO | CONCORDO<br>TOTALMENTE |   |
| 1. Perante as adversidades da vida, continuo a lutar até atingir os meus objectivos.                  | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 2. Mesmo em situações stressantes, mantenho a tranquilidade.  | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 3. Tenho total confiança nas minhas capacidades para resolver os meus problemas.                      | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 4. Tenho conseguido superar as adversidades que a vida me tem colocado.                               | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 5. Consigo minimizar os efeitos negativos das adversidades.   | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 6. Assumo os meus problemas, dando-lhes a importância que têm, sem os subvalorizar ou sobrevalorizar. | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 7. Quando uma situação não é passível de ser mudada, aceito esse facto com serenidade.                | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |
| 8. Quando a vida me coloca novos desafios, considero-os oportunidades para amadurecer.                | 1        | 2        | 3        | 4                      | 5 |

## **ANEXO H**

### **Declaração de consentimento informado – Técnicos**

## **Declaração de consentimento informado**

### **DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO**

*Considerando o Código Internacional de Deontologia e Ética do Assistente Social*

*Designação do Estudo (em português):*

“Cruzar olhares sobre a Intervenção familiar integrada e a intervenção precoce” - Família (S)em Risco? Percepções das famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

**Eu, abaixo-assinado, (nome completo dos Técnicos e Instituição que representa)**

\_\_\_\_\_

Compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo.

Por isso, consinto participar no focus-group proposto pelo investigador.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2011

*Assinatura dos Técnicos*

\_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

*Nome: Ana Varanda*

*Assinatura:*

## **ANEXO I**

### **Guião Focus-Group**

## Guião Focus-Group

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Em primeiro lugar queria agradecer a todas as Colegas, o facto de estarem aqui depois de um dia de trabalho e a vossa disponibilidade em participarem nesta discussão.

O meu nome é Ana Cláudia, e como sabem para além de desempenhar funções na Autarquia de Montelavar, como Assistente Social, encontro-me a frequentar a Universidade Católica Portuguesa, no âmbito da realização do Mestrado em Ciências da Família, com especialização em Orientação e Mediação Familiar.

O Tema global da dissertação consiste em aferir/conhecer as percepções das famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham, acerca das suas necessidades e forças, bem como, a adequação de estratégias, práticas e serviços de intervenção eficazes.

Do outro lado da mesa está uma Colega, a Joana, que vai tomar algumas notas sobre esta nossa discussão. Colocámos uns cartões com o vosso nome à vossa frente para ser mais fácil para nós recordarmo-nos dos vossos nomes.

Foram convidadas a participar nesta entrevista (que irá durar entre 1 hora e 1h30) porque as vossas experiências e as vossas opiniões, enquanto Técnicos de Apoio/Suporte às famílias multidesafiadas, são extremamente valiosas.

Aqui não há respostas certas ou erradas, queremos sim que partilhem diferentes perspectivas e ideias – são livres de dizerem o que quiserem, por isso podem sentir-se à vontade para expressar a vossa opinião, mesmo que seja contrária à dos vossos colegas, porque isso enriquece a discussão e aumenta muito a informação que poderei recolher.

Antes de começarmos, deixem-me lembrar-vos que estou a gravar esta discussão apenas para não perder nada das vossas ideias e só as pessoas que estão envolvidas neste estudo terão acesso a esta gravação. Quero pedir-vos que fale só uma pessoa de cada vez para que tudo possa ficar claro na gravação e também, se possível, que desliguem os vossos telemóveis, para não fazer interferência com o gravador.

O meu papel aqui será colocar as questões, mas sobretudo ouvir. Eu não entrarei na conversa, mas quero que se sintam completamente à vontade para falarem uns com os outros. Para mim é muito importante ouvir-vos a todos porque todos têm experiências diferentes. Então para começar...

## Abertura

- 1) Por favor, digam o vosso nome, idade, profissão e a Entidade/Instituição que representam, bem como, anos de experiência profissional.

## Introdução

- 2) Quando ouvem falar em **Intervenção familiar integrada e Intervenção precoce**, no que pensam?

## Transição

- 3) Gostaria de *Conhecer como são sinalizadas as situações de risco, quem faz essa sinalização e quais os critérios de elegibilidade?*

## Perguntas-chave

- 3.1) Que encaminhamento e plano de intervenção é dado à situação?
- 4) Como caracteriza as famílias multidesafiadas?
  - 4.1) O que sabe acerca de estratégias de sucesso na intervenção com famílias multidesafiadas e/ou multiproblemáticas com crianças em situação de risco?
    - De que forma podemos saber que a intervenção foi um sucesso ou um insucesso?
    - O que seria preciso fazer para o alcançar ou como Intervir?
    - Exemplo de estratégias mais eficazes?
- 5) Uma intervenção centrada na família implica que abandone os seus interesses e responsabilidades em ajudar, pelo interesse superior da criança?
  - Como é que se consegue proteger e potenciar o bem-estar das crianças, fortalecendo as famílias?
- 6) Acha possível um trabalho de ajuda/suporte, através de uma relação de parceria igualitária, em que se promove a escolha e o controlo da família sobre os recursos desejados?
  - O que lhe sugerem estas expressões “Identificar e Ajudar” e “Educar e Incluir”, correlacionado com forças e necessidades das famílias?
- 7) Que exigências tem para si enquanto Técnico o modelo de prestação de serviços aliado à família, e nos locais de vida da criança?
  - 7.1) Que inconsistências encontra entre a forma desejada de intervir com a sua realidade e dia-a-dia profissional?

- 8) Como considera possível a Orientação e a Mediação Familiar (olham para a criança no seu contexto para concretizar o seu superior interesse) colaborarem em práticas centradas na família e no âmbito da Parentalidade Positiva?

### **Conclusão**

- 10) Como perspectiva o desenvolvimento da criança e sua qualidade de vida (diminuição e/ou superação dos contextos de risco) através de uma intervenção integrada, precoce e centrada na família e comunidade?

- *Considera necessário a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contexto de risco?*

- 11) Gostariam de acrescentar alguma coisa que considerem relevante para criação de políticas sociais locais e no trabalho das Autarquias?

*Nota: apanhado geral do que foi dito, para ver se falhou alguma coisa importante Resta-nos agradecer a vossa participação e a ajuda que me deram, foi muito importante para a investigação. Muito obrigada a todos e até à próxima.*

## **ANEXO J**

### **Outputs**

Anexos

**Caracterização Sócio – Demográfica**

Output nº 1 – Sexo dos Inquiridos

**Sexo dos inquiridos**

|                | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Feminino | 18        | 100,0   | 100,0         | 100,0              |

Output nº 1 A – Idade dos inquiridos

**Statistics**

Idade dos inquiridos

|                |         |                 |
|----------------|---------|-----------------|
| N              | Valid   | 20              |
|                | Missing | 0               |
| Mean           |         | 31,20           |
| Mode           |         | 20 <sup>a</sup> |
| Std. Deviation |         | 7,606           |
| Minimum        |         | 20              |
| Maximum        |         | 46              |

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

**Idade dos inquiridos**

|          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 20 | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| 22       | 1         | 5,0     | 5,0           | 20,0               |
| 26       | 2         | 10,0    | 10,0          | 30,0               |
| 28       | 2         | 10,0    | 10,0          | 40,0               |
| 29       | 1         | 5,0     | 5,0           | 45,0               |
| 30       | 1         | 5,0     | 5,0           | 50,0               |
| 34       | 3         | 15,0    | 15,0          | 65,0               |
| 35       | 1         | 5,0     | 5,0           | 70,0               |
| 36       | 1         | 5,0     | 5,0           | 75,0               |
| 37       | 2         | 10,0    | 10,0          | 85,0               |
| 38       | 1         | 5,0     | 5,0           | 90,0               |
| 44       | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| 46       | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº2 – Nacionalidade dos Inquiridos

**Nacionalidade dos inquiridos**

|                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Portuguesa | 17        | 85,0    | 85,0          | 85,0               |
| Moldava          | 1         | 5,0     | 5,0           | 90,0               |
| Romena           | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 3 – Naturalidade dos Inquiridos

**Naturalidade dos inquiridos**

|                | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Lisboa   | 5         | 25,0    | 29,4          | 29,4               |
| Moldávia       | 1         | 5,0     | 5,9           | 35,3               |
| Vinhais        | 1         | 5,0     | 5,9           | 41,2               |
| Montelavar     | 1         | 5,0     | 5,9           | 47,1               |
| Tavira         | 1         | 5,0     | 5,9           | 52,9               |
| São Martinho   | 2         | 10,0    | 11,8          | 64,7               |
| Moçambique     | 1         | 5,0     | 5,9           | 70,6               |
| Sintra         | 2         | 10,0    | 11,8          | 82,4               |
| Madeira        | 1         | 5,0     | 5,9           | 88,2               |
| Moscavide      | 1         | 5,0     | 5,9           | 94,1               |
| Roménia        | 1         | 5,0     | 5,9           | 100,0              |
| Total          | 17        | 85,0    | 100,0         |                    |
| Missing System | 3         | 15,0    |               |                    |
| Total          | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 4 – Local de Residência

**Local de Residência**

|                | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Morelena | 1         | 5,0     | 5,3           | 5,3                |
| Montelavar     | 8         | 40,0    | 42,1          | 47,4               |
| Maceira        | 7         | 35,0    | 36,8          | 84,2               |
| Anços          | 3         | 15,0    | 15,8          | 100,0              |
| Total          | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total          | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 4 A – Habilitações Literárias

**Habilitações Literárias**

|                   | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 4º ano      | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
| 6º ano            | 5         | 25,0    | 25,0          | 45,0               |
| 9º ano            | 9         | 45,0    | 45,0          | 90,0               |
| Ensino Secundário | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total             | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 5 – Profissão actual

**Profissão actual**

|                          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid                    | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| Ajudante familiar        | 1         | 5,0     | 5,0           | 15,0               |
| Auxiliar Acção Educativa | 1         | 5,0     | 5,0           | 20,0               |
| Desempregada             | 10        | 50,0    | 50,0          | 70,0               |
| Doméstica                | 3         | 15,0    | 15,0          | 85,0               |
| Empregada de Balcão      | 1         | 5,0     | 5,0           | 90,0               |
| Empregada de cozinha     | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| Operadora de Loja        | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total                    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 6 – Agregado familiar quem tem emprego

**Do agregado familiar quem tem emprego?**

|           | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid     | 5         | 25,0    | 41,7          | 41,7               |
| Pai       | 3         | 15,0    | 25,0          | 66,7               |
| Mãe       | 1         | 5,0     | 8,3           | 75,0               |
| Outros    | 3         | 15,0    | 25,0          | 100,0              |
| Pai e Mãe | 12        | 60,0    | 100,0         |                    |
| Missing   | 8         | 40,0    |               |                    |
| System    | 20        | 100,0   |               |                    |
| Total     |           |         |               |                    |

**Gestão económica**

Output nº 7 – Rendas/Amortizações em atraso

**Tem rendas/amortização em atraso?**

|         | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | 9         | 45,0    | 47,4          | 47,4               |
| Sim     | 10        | 50,0    | 52,6          | 100,0              |
| Não     | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | 1         | 5,0     |               |                    |
| System  | 20        | 100,0   |               |                    |
| Total   |           |         |               |                    |

## Output nº 8 – Dívidas em atraso

**Tem dívidas em atraso?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 15        | 75,0    | 75,0          | 75,0               |
|       | Não   | 5         | 25,0    | 25,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

## Output nº 9 – Apoios e/ou Subsídios Sociais recebidos

**Recebe Apoios e/ou Subsídios Sociais neste momento?**

|         |                                   | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Subsídio de Desemprego            | 1         | 5,0     | 5,3           | 5,3                |
|         | Rendimento Social de Inserção     | 1         | 5,0     | 5,3           | 10,5               |
|         | Abono de Família                  | 7         | 35,0    | 36,8          | 47,4               |
|         | RSI e Adono de Família            | 9         | 45,0    | 47,4          | 94,7               |
|         | Subsídio desemprego/abono familia | 1         | 5,0     | 5,3           | 100,0              |
|         | Total                             | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                            | 1         | 5,0     |               |                    |
|         | Total                             | 20        | 100,0   |               |                    |

## Output nº 10 – Quando recebe o ordenado e/ou apoio social compro em 1.º lugar

**Quando recebe o ordenado e/ou apoio social compro em 1.º lugar**

|         |  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|--|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Alimentação  | 3         | 15,0    | 15,8          | 15,8               |
|         | Renda  | 2         | 10,0    | 10,5          | 26,3               |
|         | Água, luz ou gás   | 1         | 5,0     | 5,3           | 31,6               |
|         | Alimentação/Renda/Água luz ou gás                            | 10        | 50,0    | 52,6          | 84,2               |
|         | Alimentação/ TV Cabo   | 1         | 5,0     | 5,3           | 89,5               |
|         | Alimentação/Renda/ Sapatos e roupa/Telemóvel/água, luz e gás | 1         | 5,0     | 5,3           | 94,7               |
|         | Alimentação/Renda  | 1         | 5,0     | 5,3           | 100,0              |
|         | Total  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System   | 1         | 5,0     |               |                    |
|         | Total  | 20        | 100,0   |               |                    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 11 – Acompanhamento dos Serviços Sociais e Técnicos

**Os Serviços Sociais e Técnicos que a/o acompanham, bem como a sua família, solicitam a sua colaboração e participação nas estratégias de apoio, numa relação de parceria?**

|         |        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|--------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Sim    | 14        | 70,0    | 73,7          | 73,7               |
|         | Não    | 5         | 25,0    | 26,3          | 100,0              |
|         | Total  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 12 – Tipos de Acompanhamento

**Como?**

|       |   | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid |   | 13        | 65,0    | 65,0          | 65,0               |
|       | Ajudam com roupa                            | 1         | 5,0     | 5,0           | 70,0               |
|       | Conversando                                 | 1         | 5,0     | 5,0           | 75,0               |
|       | Fala comigo                                 | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
|       | Nível profissional                          | 1         | 5,0     | 5,0           | 85,0               |
|       | Pergunta, qual a situação e tentam resolver | 1         | 5,0     | 5,0           | 90,0               |
|       | Resolver problemas                          | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
|       | Tendando arranjar-me trabalho               | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
|       | Total                                       | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Situação Habitacional**

Output nº 13 – Habitação

**Situação Habitacional**

|       |                             | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Casa arrendada/subarrendada | 17        | 85,0    | 85,0          | 85,0               |
|       | Casa familiares/amigos      | 3         | 15,0    | 15,0          | 100,0              |
|       | Total                       | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 14

**Adultos e Crianças têm áreas separadas para dormir?**

|       |     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim | 20        | 100,0   | 100,0         | 100,0              |

Output nº 15

**Tem Frigorífico, Fogão, Esquentador?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 18        | 90,0    | 90,0          | 90,0               |
|       | Não   | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº16

**Tem Casa de banho?**

|       |     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim | 20        | 100,0   | 100,0         | 100,0              |

Output nº 17

**Tem água, luz e gás?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 18        | 90,0    | 90,0          | 90,0               |
|       | Não   | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 18

**Limpa a casa uma vez por semana?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 19        | 95,0    | 95,0          | 95,0               |
|       | Não   | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 19

**A sua família faz a higiene diariamente?**

|       |     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim | 20        | 100,0   | 100,0         | 100,0              |

***Acessibilidade/Meios de Transporte***

Output n.º 20 - Acessibilidade/Meios de Transporte

**Acessibilidade/Meios de Transporte**

|         |                    | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|--------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Nada satisfatório  | 3         | 15,0    | 17,6          | 17,6               |
|         | Pouco satisfatório | 8         | 40,0    | 47,1          | 64,7               |
|         | Satisfatório       | 6         | 30,0    | 35,3          | 100,0              |
|         | Total              | 17        | 85,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System             | 3         | 15,0    |               |                    |
| Total   |                    | 20        | 100,0   |               |                    |

***Denominação religiosa actual***

Output nº 21 - Religião

**Denominação religiosa actual**

|       |              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Nenhuma      | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
|       | Católica     | 12        | 60,0    | 60,0          | 80,0               |
|       | Protestante  | 1         | 5,0     | 5,0           | 85,0               |
|       | Outra. Qual? | 3         | 15,0    | 15,0          | 100,0              |
|       | Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

***Estatuto matrimonial actual***

Output nº 22 – Estado Civil

**Estatuto matrimonial actual**

|       |                       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Solteiro              | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | Casado/União de facto | 13        | 65,0    | 65,0          | 90,0               |
|       | Separado/Divorciado   | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
|       | Total                 | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 23 – Duração da relação

**Duração da relação**

|         | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| 1 ano   | 1         | 5,0     | 5,0           | 40,0               |
| 10 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 45,0               |
| 11 anos | 3         | 15,0    | 15,0          | 60,0               |
| 14 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 65,0               |
| 17 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 70,0               |
| 19 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 75,0               |
| 2 anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
| 6 anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 85,0               |
| 7 anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 90,0               |
| 8 anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| 9 anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total   | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº24 – Percepção individual da relação

**Percepção individual da relação no momento actual**

|                         | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Nada satisfatório | 3         | 15,0    | 21,4          | 21,4               |
| Pouco satisfatório      | 1         | 5,0     | 7,1           | 28,6               |
| Satisfatório            | 4         | 20,0    | 28,6          | 57,1               |
| Muito satisfatório      | 6         | 30,0    | 42,9          | 100,0              |
| Total                   | 14        | 70,0    | 100,0         |                    |
| Missing System          | 6         | 30,0    |               |                    |
| Total                   | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 25 – Número de Filhos

**Statistics**

| Número de filhos |         |                |
|------------------|---------|----------------|
| N                | Valid   | 20             |
|                  | Missing | 0              |
| Mean             |         | 2,00           |
| Mode             |         | 1 <sup>a</sup> |
| Std. Deviation   |         | ,918           |
| Minimum          |         | 1              |
| Maximum          |         | 4              |

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

**Número de filhos**

|         | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 1 | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| 2       | 7         | 35,0    | 35,0          | 70,0               |
| 3       | 5         | 25,0    | 25,0          | 95,0               |
| 4       | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total   | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 26 – Número de Filhos

**Idades dos filhos**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 0-2 anos      | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| 3-4 anos            | 6         | 30,0    | 30,0          | 40,0               |
| 5-6 anos            | 7         | 35,0    | 35,0          | 75,0               |
| 0-2 anos e 3-4 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
| 0-2 anos e 5-6 anos | 2         | 10,0    | 10,0          | 90,0               |
| 3-4 anos e 5-6 anos | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 27 – Consultas de planeamento familiar/ginecologia

**Uma vez por ano faço consultas de planeamento familiar/ginecologia?**

|           | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sim | 15        | 75,0    | 75,0          | 75,0               |
| Não       | 5         | 25,0    | 25,0          | 100,0              |
| Total     | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 28 – Uso de contraceptivos

**Nas relações sexuais utiliza contraceptivo?**

|                | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre   | 15        | 75,0    | 83,3          | 83,3               |
| Às vezes       | 3         | 15,0    | 16,7          | 100,0              |
| Total          | 18        | 90,0    | 100,0         |                    |
| Missing System | 2         | 10,0    |               |                    |
| Total          | 20        | 100,0   |               |                    |

**Identificação de necessidades ou problemas no(s) filho (s)**

Output nº 29 – Necessidades ou problemas no(s) filho (s)

**Identifica necessidades ou problemas no(s) filho (s)**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 11        | 55,0    | 55,0          | 55,0               |
|       | Não   | 9         | 45,0    | 45,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 30 – Tipo de Necessidades

**Se sim, que tipo de necessidade?**

|         |                                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-------------------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Física                              | 2         | 10,0    | 20,0          | 20,0               |
|         | Emocional                           | 4         | 20,0    | 40,0          | 60,0               |
|         | Outra. Qual?                        | 1         | 5,0     | 10,0          | 70,0               |
|         | Física/Comportamental/<br>Emocional | 2         | 10,0    | 20,0          | 90,0               |
|         | Física e Emocional                  | 1         | 5,0     | 10,0          | 100,0              |
|         | Total                               | 10        | 50,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                              | 10        | 50,0    |               |                    |
| Total   |                                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 31 – Grau de Necessidades

**Grau de Necessidade**

|         |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Ligeiro  | 1         | 5,0     | 10,0          | 10,0               |
|         | Moderado | 3         | 15,0    | 30,0          | 40,0               |
|         | Severo   | 4         | 20,0    | 40,0          | 80,0               |
|         | Profundo | 2         | 10,0    | 20,0          | 100,0              |
|         | Total    | 10        | 50,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System   | 10        | 50,0    |               |                    |
| Total   |          | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 32 – Dimensão do agregado familiar

**Statistics**

Dimensão do Agregado Familiar

|         |         |      |
|---------|---------|------|
| N       | Valid   | 20   |
|         | Missing | 0    |
| Mean    |         | 3,85 |
| Mode    |         | 3    |
| Minimum |         | 2    |
| Maximum |         | 7    |

**Dimensão do Agregado Familiar**

|         | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 2 | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| 3       | 7         | 35,0    | 35,0          | 45,0               |
| 4       | 5         | 25,0    | 25,0          | 70,0               |
| 5       | 5         | 25,0    | 25,0          | 95,0               |
| 7       | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total   | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

***Cuidados ao nível da saúde física e mental***

Output nº 33 – Quando está doente vai ao médico

**Quando está doente vai ao médico?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
| Às vezes     | 15        | 75,0    | 75,0          | 100,0              |
| Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 34 – Os filhos vão às consultas de rotina

**Os seus filhos vão às consultas de rotina?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 16        | 80,0    | 80,0          | 80,0               |
| Às vezes     | 4         | 20,0    | 20,0          | 100,0              |
| Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 35 – Os filhos têm as vacinas em dia

**Os seus filhos têm as vacinas em dia?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 20        | 100,0   | 100,0         | 100,0              |

Output nº 36 – Cansaço

**Sente-se cansada (o)?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
| Às vezes     | 14        | 70,0    | 70,0          | 90,0               |
| Nunca        | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 37- Felicidade

**Sente-se Feliz?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| Às vezes     | 12        | 60,0    | 60,0          | 95,0               |
| Nunca        | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 38 – Vontade de Chorar

**Tem vontade de chorar?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
| Às vezes     | 17        | 85,0    | 85,0          | 90,0               |
| Nunca        | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 39 - Quando está nervosa, zanga-se com facilidade, mas assim que passa pede desculpa

**Quando está nervosa (o), zanga-se com facilidade, mas assim que passa pede desculpa?**

|              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sempre | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| Às vezes     | 11        | 55,0    | 55,0          | 90,0               |
| Nunca        | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

*Antecedentes médicos/psiquiátricos*

Output nº 40 – Doenças crónicas

**Doenças Crónicas**

|               | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid         | 15        | 75,0    | 75,0          | 75,0               |
| Amenia e Asma | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
| Asma          | 2         | 10,0    | 10,0          | 90,0               |
| Depressão     | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| Diabetes      | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total         | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 41 – História de psicopatologia/doença mental

**História de psicopatologia/doença mental**

|                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Individual | 2         | 10,0    | 13,3          | 13,3               |
| Familiar         | 3         | 15,0    | 20,0          | 33,3               |
| Nenhuma          | 10        | 50,0    | 66,7          | 100,0              |
| Total            | 15        | 75,0    | 100,0         |                    |
| Missing System   | 5         | 25,0    |               |                    |
| Total            | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 42 – Frequência de consultas de psicologia/psiquiatria

**Frequenta consulta de psicologia/psiquiatria no momento actual?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | Não   | 15        | 75,0    | 75,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 43 – Frequência

**Se sim, com que frequência?**

|         |                   | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Semanal           | 2         | 10,0    | 40,0          | 40,0               |
|         | Quinzenal         | 1         | 5,0     | 20,0          | 60,0               |
|         | Mensal            | 1         | 5,0     | 20,0          | 80,0               |
|         | Superior a mensal | 1         | 5,0     | 20,0          | 100,0              |
|         | Total             | 5         | 25,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System            | 15        | 75,0    |               |                    |
| Total   |                   | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 44 – Medicação

**Faz medicação?**

|         |        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|--------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Sim    | 6         | 30,0    | 35,3          | 35,3               |
|         | Não    | 11        | 55,0    | 64,7          | 100,0              |
|         | Total  | 17        | 85,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System | 3         | 15,0    |               |                    |
| Total   |        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 45 – Tempo que toma medicação

**Se sim, há quanto tempo?**

|       |         | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid |         | 14        | 70,0    | 70,0          | 70,0               |
|       | 10anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 75,0               |
|       | 22 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
|       | 4 meses | 2         | 10,0    | 10,0          | 90,0               |
|       | 5 anos  | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
|       | 6 meses | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
|       | Total   | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 46 – Antecedentes criminais

**Tem ou teve antecedentes criminais?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
|       | Não   | 19        | 95,0    | 95,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 47 – Tipo de Antecedentes criminais

**Se sim, de que tipo?**

|         |                       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Acusações/condenações | 1         | 5,0     | 100,0         | 100,0              |
| Missing | System                | 19        | 95,0    |               |                    |
|         | Total                 | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 48 – Consumo de álcool/ drogas

**Consome ou consumiu (ou membro do agregado) álcool/drogas?**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sim   | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
|       | Não   | 16        | 80,0    | 80,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Tipo/quantidade**

|       |                 | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid |                 | 18        | 90,0    | 90,0          | 90,0               |
|       | alcohol         | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
|       | heroína/alcohol | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
|       | Total           | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 49 – Idade dos consumos

**Idade de início/paragem**

|            | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid      | 18        | 90,0    | 90,0          | 90,0               |
| 16-25 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| 19-22 anos | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total      | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 50 – Complicações médicas

**Complicações médicas**

|       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | 18        | 90,0    | 90,0          | 90,0               |
| Não   | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| Sim   | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 51– Repercussões Familiares e Sociais

**Repercussões Familiares e Sociais**

|       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | 17        | 85,0    | 85,0          | 85,0               |
| Sim   | 3         | 15,0    | 15,0          | 100,0              |
| Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 52 – Medo de expressar a sua opinião

**Tem medo de expressar a sua opinião?**

|          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid    |           |         |               |                    |
| Sempre   | 2         | 10,0    | 10,5          | 10,5               |
| Às vezes | 13        | 65,0    | 68,4          | 78,9               |
| Nunca    | 4         | 20,0    | 21,1          | 100,0              |
| Total    | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing  |           |         |               |                    |
| System   | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total    | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 53 – Expressão dos sentimentos

**Expressa facilmente os seus sentimentos?**

|         |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Sempre   | 10        | 50,0    | 52,6          | 52,6               |
|         | Às vezes | 7         | 35,0    | 36,8          | 89,5               |
|         | Nunca    | 2         | 10,0    | 10,5          | 100,0              |
|         | Total    | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System   | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |          | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 54 – Dizer não aos filhos

**É capaz de dizer não ao seu filho?**

|       |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sempre   | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | Às vezes | 14        | 70,0    | 70,0          | 95,0               |
|       | Nunca    | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
|       | Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 55 – Perante um problema mostra agrado aos outros

**É um problema para si mostrar agrado aos outros?**

|         |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Sempre   | 1         | 5,0     | 5,6           | 5,6                |
|         | Às vezes | 6         | 30,0    | 33,3          | 38,9               |
|         | Nunca    | 11        | 55,0    | 61,1          | 100,0              |
|         | Total    | 18        | 90,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System   | 2         | 10,0    |               |                    |
| Total   |          | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 56 – Satisfação consigo

**De uma forma geral, sente-se satisfeita (o) consigo mesmo?**

|       |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sempre   | 8         | 40,0    | 40,0          | 40,0               |
|       | Às vezes | 10        | 50,0    | 50,0          | 90,0               |
|       | Nunca    | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
|       | Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 57 – Não presta para nada

**Pensa que não presta para nada?**

|       |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Às vezes | 10        | 50,0    | 50,0          | 50,0               |
|       | Nunca    | 10        | 50,0    | 50,0          | 100,0              |
|       | Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 58 – Valor semelhante aos outros

**Julga que tem pelo menos tanto valor como os outros?**

|       |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sempre   | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
|       | Às vezes | 14        | 70,0    | 70,0          | 100,0              |
|       | Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 59 – Percepção das necessidades dos filhos

**Percebe as necessidades do seu filho e escuta-o atentamente?**

|         |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Sempre   | 18        | 90,0    | 94,7          | 94,7               |
|         | Às vezes | 1         | 5,0     | 5,3           | 100,0              |
|         | Total    | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System   | 1         | 5,0     |               |                    |
|         | Total    | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 60 – Violência com os filhos

**É violenta (o) para com o seu filho?**

|       |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Às vezes | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
|       | Nunca    | 19        | 95,0    | 95,0          | 100,0              |
|       | Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 61 – Conversas com os filhos e estabelecimento de limites

**Conversa com o seu filho e estabelece limites?**

|       |          | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Sempre   | 15        | 75,0    | 75,0          | 75,0               |
|       | Às vezes | 5         | 25,0    | 25,0          | 100,0              |
|       | Total    | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 62 – Objectivos/ Estratégias para a vida familiar

**Tem objectivos/expectativas para a sua vida familiar?**

|           | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Sim | 18        | 90,0    | 90,0          | 90,0               |
| Não       | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total     | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 63 – Tipo de Expectativa

**Tipo de Expectativas**

|  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|--|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid  | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| Acabar o curso e começar a trabalhar                                   | 1         | 5,0     | 5,0           | 15,0               |
| Arranjar casa  | 1         | 5,0     | 5,0           | 20,0               |
| Casa maior e com mais conforto   | 1         | 5,0     | 5,0           | 25,0               |
| Casa própria   | 1         | 5,0     | 5,0           | 30,0               |
| Casar, tirar a carta e ter uma casa com boas condições                 | 1         | 5,0     | 5,0           | 35,0               |
| Dar aos meus filhos o que eu não tive                                  | 1         | 5,0     | 5,0           | 40,0               |
| Dar um futuro melhor ao meu filho                                      | 1         | 5,0     | 5,0           | 45,0               |
| Emprego certo/ aumento da família/casa nova                            | 1         | 5,0     | 5,0           | 50,0               |
| Estabilidade financeira e emocional                                    | 1         | 5,0     | 5,0           | 55,0               |
| Família unida e estável  | 1         | 5,0     | 5,0           | 60,0               |
| Que os meus filhos sejam algém na vida, e que tenham que andar a pedir | 1         | 5,0     | 5,0           | 65,0               |
| Ser alguém na vida   | 1         | 5,0     | 5,0           | 70,0               |
| Ser feliz e ter saúde  | 1         | 5,0     | 5,0           | 75,0               |
| Sermos felizes e cada dia melhor                                       | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
| Trabalhar mais   | 1         | 5,0     | 5,0           | 85,0               |
| Uma boa relação e educação   | 1         | 5,0     | 5,0           | 90,0               |
| Vida estável   | 1         | 5,0     | 5,0           | 95,0               |
| Vida melhor  | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Inventário de Rotinas na Família**

Output nº 64 – Tempo dispendido pelos pais para falarem por dia com os seus filhos

**Os pais dispõem de algum tempo por dia para falar com a criança**

|                              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 1 a 2 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
| 3 a 5 vezes por semana       | 1         | 5,0     | 5,0           | 10,0               |
| Todos os dias                | 18        | 90,0    | 90,0          | 100,0              |
| Total                        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 65 – Há determinadas coisas que os pais fazem todas as manhãs enquanto se arranjam para sair

**Há determinadas coisas que os pais fazem todas as manhãs**

|         |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Quase Nunca            | 3         | 15,0    | 15,8          | 15,8               |
|         | 1 a 2 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,3           | 21,1               |
|         | 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,3           | 26,3               |
|         | Todos os dias          | 14        | 70,0    | 73,7          | 100,0              |
|         | Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                 | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 66 – Os pais que trabalham dispõem regularmente de tempo para brincar com as crianças após o seu regresso do trabalho

**Os pais que trabalham dispõem regularmente de tempo para**

|       |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Quase Nunca            | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
|       | 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 20,0               |
|       | 3 a 5 vezes por semana | 4         | 20,0    | 20,0          | 40,0               |
|       | Todos os dias          | 12        | 60,0    | 60,0          | 100,0              |
|       | Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 67 – Os pais que trabalham tomam conta das crianças durante algum tempo quase todos os dias

**Os pais que trabalham tomam conta das crianças durante algum**

|         |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Quase Nunca            | 2         | 10,0    | 10,5          | 10,5               |
|         | 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,5          | 21,1               |
|         | 3 a 5 vezes por semana | 3         | 15,0    | 15,8          | 36,8               |
|         | Todos os dias          | 12        | 60,0    | 63,2          | 100,0              |
|         | Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                 | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 68 – As crianças fazem quase sempre as mesmas coisas todas as manhãs quando se levantam

**As crianças fazem quase sempre as mesmas coisas todas as**

|       |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | 3 a 5 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
|       | Todos os dias          | 18        | 90,0    | 90,0          | 100,0              |
| Total |                        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 69 – Pais e crianças brincam juntos durante algum tempo todos os dias

**Pais e crianças brincam juntos durante algum tempo todos os dias**

|                              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 1 a 2 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
| 3 a 5 vezes por semana       | 6         | 30,0    | 30,0          | 35,0               |
| Todos os dias                | 13        | 65,0    | 65,0          | 100,0              |
| Total                        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 70 – Os pais que não trabalham geralmente saem com as crianças para fazer qualquer coisa (exemplo. 2 ir às compras”, ”passar”, etc.)

**Os pais que não trabalham geralmente saem com as crianças para**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 4         | 20,0    | 21,1          | 21,1               |
| 1 a 2 vezes por semana | 6         | 30,0    | 31,6          | 52,6               |
| 3 a 5 vezes por semana | 4         | 20,0    | 21,1          | 73,7               |
| Todos os dias          | 5         | 25,0    | 26,3          | 100,0              |
| Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System         | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 71 – Todas as noites a família tem um período de descanso com oportunidade para falar e brincar com sossego

**Todas as noites a família tem um período de descanso com**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
| 3 a 5 vezes por semana | 5         | 25,0    | 25,0          | 30,0               |
| Todos os dias          | 14        | 70,0    | 70,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 72 – Todas as semanas a família sai para passear a um local combinado

**Todas as semanas a família sai para passear a um local**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 10        | 50,0    | 50,0          | 50,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 8         | 40,0    | 40,0          | 90,0               |
| Todos os dias          | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 73 – Semanalmente a família dispõe de algum tempo para si, para fazer coisas em conjunto

**Semanalmente a família dispõe de algum tempo para si, para**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 11        | 55,0    | 55,0          | 70,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 80,0               |
| Todos os dias          | 4         | 20,0    | 20,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 74 – Os pais lêem ou contam histórias às crianças quase todos os dias

**Os pais lêem ou contam histórias às crianças quase todos os dias**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 5         | 25,0    | 25,0          | 45,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 6         | 30,0    | 30,0          | 75,0               |
| Todos os dias          | 5         | 25,0    | 25,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 75 – A criança tem algum tempo para si, em que brinca sozinha

**A criança tem algum tempo para si, em que brinca sozinha**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 20,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 25,0               |
| Todos os dias          | 15        | 75,0    | 75,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 76 – Depois das aulas as crianças participam regularmente em actividades extra-escolares (por exemplo: natação, música...)

**Depois das aulas as crianças participam regularmente em**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 7         | 35,0    | 36,8          | 36,8               |
| 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,5          | 47,4               |
| 3 a 5 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,5          | 57,9               |
| Todos os dias          | 8         | 40,0    | 42,1          | 100,0              |
| Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System         | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 77 – As crianças mais novas frequentam regularmente ludotecas ao longo da semana

**As crianças mais novas frequentam regularmente ludotecas ao**

|         |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Quase Nunca            | 12        | 60,0    | 80,0          | 80,0               |
|         | 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 13,3          | 93,3               |
|         | 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 6,7           | 100,0              |
|         | Total                  | 15        | 75,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                 | 5         | 25,0    |               |                    |
| Total   |                        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 78 – Ao longo da semana as crianças têm um horário fixo para realizar os trabalhos de casa

**Ao longo da semana as crianças têm um horário fixo para realizar**

|         |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Quase Nunca            | 6         | 30,0    | 31,6          | 31,6               |
|         | 1 a 2 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,3           | 36,8               |
|         | 3 a 5 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,5          | 47,4               |
|         | Todos os dias          | 10        | 50,0    | 52,6          | 100,0              |
|         | Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                 | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 79 – Os pais têm algum "hobby" ou desporto que praticam juntos com regularidade

**Os pais têm algum "hobby" ou desporto que praticam juntos com**

|         |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Quase Nunca            | 15        | 75,0    | 78,9          | 78,9               |
|         | 1 a 2 vezes por semana | 3         | 15,0    | 15,8          | 94,7               |
|         | 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,3           | 100,0              |
|         | Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                 | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 80 – As crianças têm hábitos ou fazem pedidos especiais na hora de ir para a cama (por ex.; história, beijo de boas noites e beber água)

**As crianças têm hábitos ou fazem pedidos especiais na hora de ir**

|       |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Quase Nunca            | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
|       | 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 10,0               |
|       | Todos os dias          | 18        | 90,0    | 90,0          | 100,0              |
| Total |                        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 81 – As crianças deitam-se geralmente à mesma Hora.

**As crianças deitam-se geralmente à mesma hora**

|                              | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid 1 a 2 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
| 3 a 5 vezes por semana       | 2         | 10,0    | 10,0          | 15,0               |
| Todos os dias                | 17        | 85,0    | 85,0          | 100,0              |
| Total                        | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 82 – A família janta todas as noites à mesma hora

**A família janta todas as noites à mesma hora**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 4         | 20,0    | 20,0          | 35,0               |
| Todos os dias          | 13        | 65,0    | 65,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 83 – Pelo menos alguns membros da família comem juntos o pequeno almoço todas as manhãs

**Pelo menos alguns membros da família comem juntos o pequeno**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 35,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 45,0               |
| Todos os dias          | 11        | 55,0    | 55,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 84 – Geralmente a família reúne-se à hora do jantar

**Geralmente a família reúne-se à hora do jantar**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 20,0               |
| Todos os dias          | 16        | 80,0    | 80,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 85 – Pelo menos a mãe ou o pai fala com os seus pais regularmente

**Pelo menos a mãe ou o pai fala com os seus pais regularmente**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 4         | 20,0    | 20,0          | 55,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 65,0               |
| Todos os dias          | 7         | 35,0    | 35,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 86 – A família visita regularmente os seus familiares

**A família visita regularmente os seus familiares**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 10        | 50,0    | 50,0          | 50,0               |
| 1 a 2 vezes por semana | 5         | 25,0    | 25,0          | 75,0               |
| 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 80,0               |
| Todos os dias          | 4         | 20,0    | 20,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 87 – A família dá conta sempre que alguém entra ou sai de casa

**A família dá conta sempre que alguém entra ou sai de casa**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 1         | 5,0     | 5,0           | 5,0                |
| 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 10,0               |
| Todos os dias          | 18        | 90,0    | 90,0          | 100,0              |
| Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 88 – Os pais que trabalham regressam a casa geralmente à mesma hora

**Os pais que trabalham regressam a casa geralmente à mesma**

|                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Quase Nunca      | 4         | 20,0    | 23,5          | 23,5               |
| 3 a 5 vezes por semana | 4         | 20,0    | 23,5          | 47,1               |
| Todos os dias          | 9         | 45,0    | 52,9          | 100,0              |
| Total                  | 17        | 85,0    | 100,0         |                    |
| Missing System         | 3         | 15,0    |               |                    |
| Total                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 89 – A família tem normas específicas para acolher os pais no fim do dia quando eles chegam do trabalho

**A família tem normas específicas para acolher os pais no fim do dia**

|         |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Quase Nunca            | 6         | 30,0    | 31,6          | 31,6               |
|         | 1 a 2 vezes por semana | 6         | 30,0    | 31,6          | 63,2               |
|         | 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,3           | 68,4               |
|         | Todos os dias          | 6         | 30,0    | 31,6          | 100,0              |
|         | Total                  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System                 | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 90 – Os pais fazem quase sempre a mesma coisa quando as crianças se portam mal

**Os pais fazem quase sempre a mesma coisa quando as crianças**

|       |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Quase Nunca            | 9         | 45,0    | 45,0          | 45,0               |
|       | 1 a 2 vezes por semana | 5         | 25,0    | 25,0          | 70,0               |
|       | 3 a 5 vezes por semana | 1         | 5,0     | 5,0           | 75,0               |
|       | Todos os dias          | 5         | 25,0    | 25,0          | 100,0              |
|       | Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 91 – A criança participa regularmente em trabalhos domésticos

**A criança participa regularmente em trabalhos domésticos**

|       |                        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Quase Nunca            | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | 1 a 2 vezes por semana | 2         | 10,0    | 10,0          | 35,0               |
|       | 3 a 5 vezes por semana | 4         | 20,0    | 20,0          | 55,0               |
|       | Todos os dias          | 9         | 45,0    | 45,0          | 100,0              |
|       | Total                  | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 92 – Alpha de Cronbach (Inventário de Rotinas nas Famílias)

**Reliability Statistics**

| Cronbach's Alpha | N of Items |
|------------------|------------|
| ,865             | 28         |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

## Item-Total Statistics

|  | Scale Mean if Item Deleted | Scale Variance if Item Deleted | Corrected Item-Total Correlation | Cronbach's Alpha if Item Deleted |
|--|----------------------------|--------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| Os pais dispõem de algum tempo por dia para falar com a criança  | 75,83                      | 182,515                        | ,602                             | ,859                             |
| Há determinadas coisas que os pais fazem todas as manhãs         | 76,42                      | 182,265                        | ,259                             | ,865                             |
| Os pais que trabalham dispõem regularmente de tempo para         | 76,42                      | 178,629                        | ,443                             | ,860                             |
| Os pais que trabalham tomam conta das crianças durante algum     | 76,42                      | 177,174                        | ,455                             | ,859                             |
| As crianças fazem quase sempre as mesmas coisas todas as         | 75,83                      | 198,152                        | -,553                            | ,872                             |
| Pais e crianças brincam juntos durante algum tempo todos os dias | 76,08                      | 178,811                        | ,726                             | ,856                             |
| Os pais que não trabalham geralmente saem com as crianças para   | 77,25                      | 188,205                        | ,073                             | ,871                             |
| Todas as noites a família tem um período de descanso com         | 76,25                      | 178,568                        | ,535                             | ,858                             |
| Todas as semanas a família sai para passear a um local           | 77,75                      | 175,841                        | ,530                             | ,857                             |
| Semanalmente a família dispõe de algum tempo para si, para       | 77,25                      | 176,932                        | ,490                             | ,858                             |
| Os pais lêem ou contam histórias às crianças quase todos os      | 77,25                      | 171,295                        | ,765                             | ,851                             |
| A criança tem algum tempo para si, em que brinca sozinha         | 76,25                      | 173,659                        | ,561                             | ,856                             |
| Depois das aulas as crianças participam regularmente em          | 77,58                      | 168,811                        | ,637                             | ,853                             |
| As crianças mais novas frequentam regularmente ludotecas ao      | 78,33                      | 181,333                        | ,598                             | ,858                             |
| Ao longo da semana as crianças têm um horário fixo para realizar | 77,25                      | 164,386                        | ,734                             | ,849                             |
| Os pais têm algum "hobby" ou desporto que praticam juntos com    | 78,33                      | 182,242                        | ,545                             | ,859                             |
| As crianças têm hábitos ou fazem pedidos especiais na hora de ir | 75,92                      | 187,174                        | ,182                             | ,866                             |
| As crianças deitam-se geralmente à mesma hora                    | 76,00                      | 194,182                        | -,130                            | ,870                             |
| A família janta todas as noites à mesma hora                     | 76,67                      | 175,333                        | ,451                             | ,859                             |
| Pelo menos alguns membros da família comem juntos o pequeno      | 76,83                      | 170,879                        | ,560                             | ,856                             |
| Geralmente a família reúne-se à hora do jantar                   | 76,25                      | 174,932                        | ,563                             | ,856                             |
| Pelo menos a mãe ou o pai fala com os seus pais regularmente     | 77,33                      | 170,061                        | ,568                             | ,855                             |
| A família visita regularmente os seus familiares                 | 77,42                      | 181,356                        | ,287                             | ,864                             |
| A família dá conta sempre que alguém entra ou sai de casa        | 75,67                      | 192,242                        | ,000                             | ,866                             |
| Os pais que trabalham regressam a casa geralmente à mesma        | 76,67                      | 185,697                        | ,141                             | ,869                             |
| A família tem normas específicas para acolher os pais no fim do  | 77,17                      | 188,879                        | ,053                             | ,872                             |
| Os pais fazem quase sempre a mesma coisa quando as crianças      | 77,58                      | 177,902                        | ,361                             | ,862                             |
| A criança participa regularmente em trabalhos domésticos         | 77,00                      | 172,727                        | ,556                             | ,856                             |

Output nº 93 – Alpha de Cronbach (Escala de Avaliação de Apoio Social à Família)

**Reliability Statistics**

| Cronbach's Alpha | N of Items |
|------------------|------------|
| ,872             | 19         |

**Item-Total Statistics**

|   | Scale Mean if Item Deleted | Scale Variance if Item Deleted | Corrected Item-Total Correlation | Cronbach's Alpha if Item Deleted |
|---|----------------------------|--------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| Meus pais   | 66,00                      | 411,867                        | ,670                             | ,859                             |
| Os pais do meu cônjuge (ou companheiro)                           | 65,81                      | 414,696                        | ,646                             | ,860                             |
| Meus parentes   | 66,31                      | 411,563                        | ,650                             | ,859                             |
| Os parentes do meu cônjuge (ou companheiro)                       | 66,44                      | 426,796                        | ,488                             | ,866                             |
| Cônjuge (ou companheiro)  | 66,19                      | 442,029                        | ,374                             | ,869                             |
| Meus amigos   | 66,50                      | 458,800                        | ,102                             | ,879                             |
| Ao amigo do meu cônjuge (ou companheiro)                          | 65,50                      | 423,067                        | ,524                             | ,864                             |
| Os meus filhos  | 67,06                      | 449,529                        | ,226                             | ,874                             |
| Vizinhos  | 67,75                      | 459,267                        | ,148                             | ,875                             |
| Outros pais   | 66,38                      | 400,117                        | ,673                             | ,858                             |
| Colegas de trabalho   | 66,50                      | 410,933                        | ,560                             | ,863                             |
| Grupos de pais  | 65,69                      | 406,763                        | ,624                             | ,860                             |
| Grupos Sociais /Clubes  | 66,50                      | 411,467                        | ,605                             | ,861                             |
| Membros da igreja/padres  | 66,38                      | 411,850                        | ,545                             | ,863                             |
| Médico de família ou da criança                                   | 67,38                      | 424,917                        | ,557                             | ,863                             |
| Programa de intervenção precoce                                   | 65,50                      | 441,200                        | ,292                             | ,873                             |
| Creche/jardim de infância   | 66,19                      | 397,496                        | ,740                             | ,855                             |
| Profissionais (Assistentes Sociais, Terapeutas, Educadores, etc.) | 66,38                      | 441,183                        | ,411                             | ,868                             |
| Serviços (Saúde, Serviços Sociais, Saúde Mental, etc.)            | 66,69                      | 459,029                        | ,130                             | ,877                             |

Output nº 94 – Meus pais

**Meus pais**

|                 | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não ajuda | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| Por vezes ajuda | 4         | 20,0    | 20,0          | 35,0               |
| Ajuda muito     | 2         | 10,0    | 10,0          | 45,0               |
| Ajuda imenso    | 2         | 10,0    | 10,0          | 55,0               |
| Não disponível  | 9         | 45,0    | 45,0          | 100,0              |
| Total           | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 95 – Os pais do meu cônjuge

**Os pais do meu cônjuge (ou companheiro)**

|         |                 | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|-----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não ajuda       | 2         | 10,0    | 10,5          | 10,5               |
|         | Por vezes ajuda | 5         | 25,0    | 26,3          | 36,8               |
|         | Ajuda muito     | 3         | 15,0    | 15,8          | 52,6               |
|         | Não disponível  | 9         | 45,0    | 47,4          | 100,0              |
|         | Total           | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System          | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                 | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 96 – Meus parentes

**Meus parentes**

|       |                 | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-----------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não ajuda       | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
|       | Por vezes ajuda | 2         | 10,0    | 10,0          | 40,0               |
|       | Ajuda muito     | 4         | 20,0    | 20,0          | 60,0               |
|       | Não disponível  | 8         | 40,0    | 40,0          | 100,0              |
|       | Total           | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 97 – Ao parentes do meu cônjuge

**Os parentes do meu cônjuge (ou companheiro)**

|         |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não ajuda        | 4         | 20,0    | 21,1          | 21,1               |
|         | Por vezes ajuda  | 5         | 25,0    | 26,3          | 47,4               |
|         | Geralmente ajuda | 2         | 10,0    | 10,5          | 57,9               |
|         | Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,3           | 63,2               |
|         | Não disponível   | 7         | 35,0    | 36,8          | 100,0              |
|         | Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System           | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 98 – Cônjuge

**Cônjuge (ou companheiro)**

|         |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não ajuda        | 2         | 10,0    | 10,5          | 10,5               |
|         | Por vezes ajuda  | 3         | 15,0    | 15,8          | 26,3               |
|         | Geralmente ajuda | 4         | 20,0    | 21,1          | 47,4               |
|         | Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,3           | 52,6               |
|         | Ajuda imenso     | 7         | 35,0    | 36,8          | 89,5               |
|         | Não disponível   | 2         | 10,0    | 10,5          | 100,0              |
|         | Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System           | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 99 – Meus amigos

**Meus amigos**

|       |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não ajuda        | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
|       | Por vezes ajuda  | 6         | 30,0    | 30,0          | 45,0               |
|       | Geralmente ajuda | 3         | 15,0    | 15,0          | 60,0               |
|       | Não disponível   | 8         | 40,0    | 40,0          | 100,0              |
|       | Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 100 – Amigos do meu cônjuge

**Ao amigo do meu cônjuge (ou companheiro)**

|         |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não ajuda        | 4         | 20,0    | 21,1          | 21,1               |
|         | Por vezes ajuda  | 1         | 5,0     | 5,3           | 26,3               |
|         | Geralmente ajuda | 2         | 10,0    | 10,5          | 36,8               |
|         | Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,3           | 42,1               |
|         | Não disponível   | 11        | 55,0    | 57,9          | 100,0              |
|         | Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System           | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 101 – Os meus filhos

**Os meus filhos**

|         |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não ajuda        | 6         | 30,0    | 33,3          | 33,3               |
|         | Por vezes ajuda  | 2         | 10,0    | 11,1          | 44,4               |
|         | Geralmente ajuda | 2         | 10,0    | 11,1          | 55,6               |
|         | Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,6           | 61,1               |
|         | Ajuda imenso     | 5         | 25,0    | 27,8          | 88,9               |
|         | Não disponível   | 2         | 10,0    | 11,1          | 100,0              |
|         | Total            | 18        | 90,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System           | 2         | 10,0    |               |                    |
| Total   |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 102 – Vizinhos

**Vizinhos**

|         |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não ajuda        | 7         | 35,0    | 36,8          | 36,8               |
|         | Por vezes ajuda  | 7         | 35,0    | 36,8          | 73,7               |
|         | Geralmente ajuda | 2         | 10,0    | 10,5          | 84,2               |
|         | Não disponível   | 3         | 15,0    | 15,8          | 100,0              |
|         | Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System           | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 103 – Outros pais

**Outros pais**

|       |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não ajuda        | 8         | 40,0    | 40,0          | 40,0               |
|       | Por vezes ajuda  | 1         | 5,0     | 5,0           | 45,0               |
|       | Geralmente ajuda | 1         | 5,0     | 5,0           | 50,0               |
|       | Não disponível   | 10        | 50,0    | 50,0          | 100,0              |
|       | Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 104 – Colegas de trabalho

**Colegas de trabalho**

|       |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não ajuda        | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
|       | Por vezes ajuda  | 2         | 10,0    | 10,0          | 45,0               |
|       | Geralmente ajuda | 1         | 5,0     | 5,0           | 50,0               |
|       | Ajuda imenso     | 1         | 5,0     | 5,0           | 55,0               |
|       | Não disponível   | 9         | 45,0    | 45,0          | 100,0              |
|       | Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

## Output nº 105 – Grupos de pais

**Grupos de pais**

|                |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid          | Não ajuda        | 5         | 25,0    | 26,3          | 26,3               |
|                | Geralmente ajuda | 1         | 5,0     | 5,3           | 31,6               |
|                | Ajuda imenso     | 1         | 5,0     | 5,3           | 36,8               |
|                | Não disponível   | 12        | 60,0    | 63,2          | 100,0              |
|                | Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System | 1                | 5,0       |         |               |                    |
| Total          |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

## Output nº 106 – Grupos Sociais/ Clubes

**Grupos Sociais /Clubes**

|       |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não ajuda        | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
|       | Por vezes ajuda  | 3         | 15,0    | 15,0          | 45,0               |
|       | Geralmente ajuda | 2         | 10,0    | 10,0          | 55,0               |
|       | Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,0           | 60,0               |
|       | Ajuda imenso     | 1         | 5,0     | 5,0           | 65,0               |
|       | Não disponível   | 7         | 35,0    | 35,0          | 100,0              |
|       | Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

## Output nº 107 – Membros da igreja/ padres

**Membros da igreja/padres**

|                |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|----------------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid          | Não ajuda        | 8         | 40,0    | 42,1          | 42,1               |
|                | Por vezes ajuda  | 1         | 5,0     | 5,3           | 47,4               |
|                | Geralmente ajuda | 1         | 5,0     | 5,3           | 52,6               |
|                | Não disponível   | 9         | 45,0    | 47,4          | 100,0              |
|                | Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System | 1                | 5,0       |         |               |                    |
| Total          |                  | 20        | 100,0   |               |                    |

## Output nº 108 – Médico de família ou da criança

**Médico de família ou da criança**

|       |                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não ajuda        | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
|       | Por vezes ajuda  | 5         | 25,0    | 25,0          | 55,0               |
|       | Geralmente ajuda | 2         | 10,0    | 10,0          | 65,0               |
|       | Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,0           | 70,0               |
|       | Ajuda imenso     | 2         | 10,0    | 10,0          | 80,0               |
|       | Não disponível   | 4         | 20,0    | 20,0          | 100,0              |
|       | Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 109 – Programa de intervenção precoce

**Programa de intervenção precoce**

|                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não ajuda  | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
| Por vezes ajuda  | 3         | 15,0    | 15,0          | 35,0               |
| Geralmente ajuda | 1         | 5,0     | 5,0           | 40,0               |
| Ajuda imenso     | 1         | 5,0     | 5,0           | 45,0               |
| Não disponível   | 11        | 55,0    | 55,0          | 100,0              |
| Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 110 – Creche/ Jardim de infância

**Creche/jardim de infância**

|                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não ajuda  | 6         | 30,0    | 31,6          | 31,6               |
| Por vezes ajuda  | 1         | 5,0     | 5,3           | 36,8               |
| Geralmente ajuda | 1         | 5,0     | 5,3           | 42,1               |
| Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,3           | 47,4               |
| Não disponível   | 10        | 50,0    | 52,6          | 100,0              |
| Total            | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System   | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total            | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 111 – Profissionais

**Profissionais (Assistentes Sociais, Terapeutas, Educadores, etc.)**

|                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não ajuda  | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| Por vezes ajuda  | 4         | 20,0    | 20,0          | 30,0               |
| Geralmente ajuda | 3         | 15,0    | 15,0          | 45,0               |
| Ajuda muito      | 6         | 30,0    | 30,0          | 75,0               |
| Ajuda imenso     | 2         | 10,0    | 10,0          | 85,0               |
| Não disponível   | 3         | 15,0    | 15,0          | 100,0              |
| Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 112 – Serviços

**Serviços (Saúde, Serviços Sociais, Saúde Mental, etc.)**

|                  | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não ajuda  | 2         | 10,0    | 10,0          | 10,0               |
| Por vezes ajuda  | 6         | 30,0    | 30,0          | 40,0               |
| Geralmente ajuda | 5         | 25,0    | 25,0          | 65,0               |
| Ajuda muito      | 1         | 5,0     | 5,0           | 70,0               |
| Ajuda imenso     | 2         | 10,0    | 10,0          | 80,0               |
| Não disponível   | 4         | 20,0    | 20,0          | 100,0              |
| Total            | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Análise Factorial - Escala de Avaliação de Apoio Social à Família**

Output nº 113 – Variância Explicada pelos factores retidos

**Total Variance Explained**

| Component | Initial Eigenvalues |               |              | Extraction Sums of Squared Loadings |               |              | Rotation Sums of Squared Loadings |               |              |
|-----------|---------------------|---------------|--------------|-------------------------------------|---------------|--------------|-----------------------------------|---------------|--------------|
|           | Total               | % of Variance | Cumulative % | Total                               | % of Variance | Cumulative % | Total                             | % of Variance | Cumulative % |
| 1         | 6,238               | 32,831        | 32,831       | 6,238                               | 32,831        | 32,831       | 4,302                             | 22,645        | 22,645       |
| 2         | 3,192               | 16,799        | 49,630       | 3,192                               | 16,799        | 49,630       | 3,191                             | 16,792        | 39,437       |
| 3         | 2,831               | 14,899        | 64,529       | 2,831                               | 14,899        | 64,529       | 2,949                             | 15,523        | 54,960       |
| 4         | 1,849               | 9,730         | 74,259       | 1,849                               | 9,730         | 74,259       | 2,949                             | 15,521        | 70,481       |
| 5         | 1,352               | 7,115         | 81,375       | 1,352                               | 7,115         | 81,375       | 2,070                             | 10,894        | 81,375       |
| 6         | ,945                | 4,971         | 86,346       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 7         | ,794                | 4,181         | 90,527       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 8         | ,663                | 3,488         | 94,015       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 9         | ,366                | 1,925         | 95,939       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 10        | ,224                | 1,178         | 97,118       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 11        | ,202                | 1,065         | 98,183       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 12        | ,159                | ,835          | 99,017       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 13        | ,136                | ,714          | 99,731       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 14        | ,038                | ,202          | 99,933       |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 15        | ,013                | ,067          | 100,000      |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 16        | 4,30E-016           | 2,27E-015     | 100,000      |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 17        | 8,36E-017           | 4,40E-016     | 100,000      |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 18        | -2,9E-016           | -1,55E-015    | 100,000      |                                     |               |              |                                   |               |              |
| 19        | -8,1E-016           | -4,24E-015    | 100,000      |                                     |               |              |                                   |               |              |

Extraction Method: Principal Component Analysis

Output nº 114 – Rotação Varimax

**Rotated Component Matrix**

|   | Component |       |       |       |       |
|---|-----------|-------|-------|-------|-------|
|   | 1         | 2     | 3     | 4     | 5     |
| Grupos Sociais /Clubes  | ,897      | ,241  | -,073 | -,041 | ,230  |
| Grupos de pais  | ,886      | -,003 | ,140  | ,316  | ,010  |
| Membros da igreja/padres  | ,881      | ,247  | -,067 | -,054 | ,098  |
| Cônjuge (ou companheiro)  | ,694      | -,174 | ,279  | ,024  | ,208  |
| Colegas de trabalho   | ,677      | ,319  | -,047 | ,301  | -,220 |
| Outros pais   | ,094      | ,798  | ,095  | ,429  | ,079  |
| Ao amigo do meu cônjuge (ou companheiro)                          | ,240      | ,734  | -,328 | ,211  | ,135  |
| Os pais do meu cônjuge (ou companheiro)                           | ,344      | ,714  | ,286  | -,092 | ,332  |
| Vizinhos  | -,552     | ,658  | ,267  | ,035  | ,323  |
| Creche/jardim de infância   | ,491      | ,541  | ,155  | ,333  | ,050  |
| Serviços (Saúde, Serviços Sociais, Saúde Mental, etc.)            | ,010      | -,146 | ,877  | -,021 | ,154  |
| Profissionais (Assistentes Sociais, Terapeutas, Educadores, etc.) | -,087     | ,280  | ,872  | ,272  | ,026  |
| Os meus filhos  | ,210      | ,093  | ,838  | -,016 | -,274 |
| Meus pais   | ,264      | ,208  | ,147  | ,813  | ,136  |
| Meus parentes   | -,066     | ,398  | ,178  | ,756  | ,419  |
| Meus amigos   | -,095     | -,124 | -,467 | ,739  | ,264  |
| Médico de família ou da criança                                   | ,303      | ,288  | ,176  | ,714  | -,371 |
| Os parentes do meu cônjuge (ou companheiro)                       | ,061      | ,333  | ,047  | ,195  | ,814  |
| Programa de intervenção precoce                                   | ,187      | ,087  | -,099 | ,070  | ,714  |

Extraction Method: Principal Component Analysis.  
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 8 iterations.

**Cruzamentos entre idade/habilitações e necessidades da família**

**Informação**

Output nº 115

**Escalão Etário \* Como é que as crianças crescem e se desenvolvem? \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Como é que as crianças crescem e se desenvolvem? |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |  |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |  |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 |  |                     | 3   | 3     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 0                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 1                   | 1   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1  | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  | 1                   | 2   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  |                     | 4   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  |                     | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2  |                     | 7   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |  |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 |  |                     | 2   | 2     |

Output nº 116

**Escalão Etário \* Como brincar ou falar com a minha criança? \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Como brincar ou falar com a minha criança? |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |  |                     | 3   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |  |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 |  |                     | 4   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  |                     | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1  |                     | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  |                     | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 2                   | 3   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 1  | 2                   | 6   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |  |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 |  |                     | 2   | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 117

**Escalão Etário \* Como pegar na minha criança \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Count                   |                   |                              | Como pegar na minha criança                     |             | Total       |             |
|-------------------------|-------------------|------------------------------|---|-------------|-------------|-------------|
| Habilitações Literárias |                   |                              | Não   | Sim         |             |             |
| 4º ano                  | Escalão Etário    | 31 a 40 anos mais de 40 anos |   | 3<br>1      | 3<br>1      |             |
|                         | Total             |                              |   | 4           | 4           |             |
|                         | 6º ano            | Escalão Etário               | 20 - 30 anos<br>31 a 40 anos<br>mais de 40 anos | 1<br>0<br>1 | 1<br>2<br>0 | 2<br>2<br>1 |
| Total                   |                   |                              | 2   | 3           | 5           |             |
| 9º ano                  |                   | Escalão Etário               | 20 - 30 anos<br>31 a 40 anos                    | 2<br>0      | 3<br>3      | 5<br>3      |
|                         |                   | Total                        |   | 2           | 6           | 8           |
|                         | Ensino Secundário | Escalão Etário               | 20 - 30 anos                                    |             | 2           | 2           |
| Total                   |                   |                              |   | 2           | 2           |             |

Output nº 118

**Escalão Etário \* Como lidar com o comportamento da minha criança? \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Count                   |                   |                              | Como lidar com o comportamento da minha criança? |                     |        | Total       |             |
|-------------------------|-------------------|------------------------------|--|---------------------|--------|-------------|-------------|
| Habilitações Literárias |                   |                              | Não  | Não tenho a certeza | Sim    |             |             |
| 4º ano                  | Escalão Etário    | 31 a 40 anos mais de 40 anos |  |                     | 3<br>1 | 3<br>1      |             |
|                         | Total             |                              |  |                     | 4      | 4           |             |
|                         | 6º ano            | Escalão Etário               | 20 - 30 anos<br>31 a 40 anos<br>mais de 40 anos  | 1<br>0<br>1         |        | 1<br>2<br>0 | 2<br>2<br>1 |
| Total                   |                   |                              | 2  |                     | 3      | 5           |             |
| 9º ano                  |                   | Escalão Etário               | 20 - 30 anos<br>31 a 40 anos                     | 1<br>0              | 1<br>1 | 3<br>2      | 5<br>3      |
|                         |                   | Total                        |  | 1                   | 2      | 5           | 8           |
|                         | Ensino Secundário | Escalão Etário               | 20 - 30 anos                                     |                     |        | 2           | 2           |
| Total                   |                   |                              |  |                     | 2      | 2           |             |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 119

**calão Etário \* Informação acerca de qualquer problema ou deficiência que a minha criança possa ter**  
**Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Informação acerca de qualquer problema ou deficiência que a minha criança possa ter |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |   | 1                   | 2   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |   | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 |   | 1                   | 3   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 1   |                     | 0   | 1     |
|                         |         |                 | 2   |                     | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   | 2                   | 2   | 5     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 0                   | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 1   | 2                   | 5   | 8     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |   |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  |                 |   |                     |     |       |
|                         | Total   |                 |   |                     | 2   | 2     |

Output nº 120

**scalão Etário \* Informação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança**  
**Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Informação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1   | 1                   | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 1   |                     | 0   | 1     |
|                         |         |                 | 1   |                     | 4   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   | 1                   | 3   | 5     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 2                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 | 1   | 3                   | 4   | 8     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   |                     |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |   |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 2   |                     |     | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 121

**Escalão Etário \* Informação acerca de serviços que a minha criança possa vir a ter no futuro \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Infomação acerca de serviços que a minha criança possa vir a ter no futuro |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1  |                     | 2   | 3     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |  |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |  |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos |  |                     | 1   | 1     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |  | 3                   | 2   | 5     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |  | 2                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 |  | 5                   | 3   | 8     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  |                     |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 2  |                     |     | 2     |

**Apoio Social e Familiar**

Output nº 122

**Escalão Etário \* Falar com alguém da minha família acerca de preocupações/problemas \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Falar com alguém da minha família acerca de preocupações/problemas |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1  | 1                   | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |  | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |  | 0                   | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos |  | 1                   | 0   | 1     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  | 2                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 1                   | 2   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2  | 3                   | 4   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  |                     |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 2  |                     |     | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 123

**Escalão Etário \* Ter amigos com quem falar \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Habilitações Literárias |         |                 | Ter amigos com quem falar |                     |     |   | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---------------------------|---------------------|-----|---|-------|
|                         |         |                 | Não                       | Não tenho a certeza | Sim | 4 |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |                           |                     | 2   | 1 | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |                           |                     | 1   | 0 | 1     |
|                         | Total   |                 |                           |                     | 3   | 1 | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1                         | 1                   | 0   |   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1                         | 0                   | 1   |   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 0                         | 0                   | 1   |   | 1     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2                         | 1                   | 3   |   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0                         | 0                   | 3   |   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2                         | 1                   | 6   |   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1                         |                     | 1   |   | 2     |
|                         | Total   |                 | 1                         |                     | 1   |   | 2     |

Output nº 124

**Escalão Etário \* Ter mais tempo para mim mesmo \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Habilitações Literárias |         |                 | Ter mais tempo para mim mesmo |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|-------------------------------|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não                           | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1                             | 2                   | 0   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0                             | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1                             | 2                   | 1   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2                             | 0                   | 0   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1                             | 0                   | 1   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 0                             | 1                   | 0   | 1     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2                             | 1                   | 2   | 5     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0                             | 1                   | 2   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2                             | 2                   | 4   | 8     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1                             |                     | 1   | 2     |
|                         | Total   |                 | 1                             |                     | 1   | 2     |

Output nº 125

**Escalão Etário \* Ajudar o meu esposo/esposa a aceitar a condição que a nossa criança possa ter \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Habilitações Literárias |         |                 | Ajudar o meu esposo/esposa a aceitar a condição que a nossa criança possa ter |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |   |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |   |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 |   |                     | 3   | 3     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |   |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |   |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   |                 |   |                     | 4   | 4     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   | 2                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 0                   | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2   | 2                   | 5   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                         | Total   |                 | 1   |                     | 1   | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 126

**Escalão Etário \* Ajudar a nossa família a discutir problemas e encontrar soluções \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |                |                              | Ajudar a nossa família a discutir problemas e encontrar soluções |                     |     | Total |
|-------------------------|----------------|------------------------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |                |                              | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão Etário | 31 a 40 anos mais de 40 anos |  |                     | 3   | 3     |
|                         |                |                              |  |                     | 1   | 1     |
|                         | Total          |                              |  |                     | 4   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão Etário | 20 - 30 anos                 | 1  | 0                   | 1   | 2     |
|                         |                | 31 a 40 anos                 | 0  | 0                   | 2   | 2     |
|                         |                | mais de 40 anos              | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|                         | Total          |                              | 1  | 1                   | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão Etário | 20 - 30 anos                 | 1  | 1                   | 4   | 6     |
|                         |                | 31 a 40 anos                 | 0  | 1                   | 2   | 3     |
|                         | Total          |                              | 1  | 2                   | 6   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão Etário | 20 - 30 anos                 | 2  |                     |     | 2     |
|                         | Total          |                              | 2  |                     |     | 2     |

Output nº 127

**Escalão Etário \* Ajudar a nossa família a apoiarem-se uns aos outros em momentos difíceis \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |                |                              | Ajudar a nossa família a apoiarem-se uns aos outros em momentos difíceis |                     |     | Total |
|-------------------------|----------------|------------------------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |                |                              | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão Etário | 31 a 40 anos mais de 40 anos |  |                     | 3   | 3     |
|                         |                |                              |  |                     | 1   | 1     |
|                         | Total          |                              |  |                     | 4   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão Etário | 20 - 30 anos                 | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         |                | 31 a 40 anos                 | 0  |                     | 2   | 2     |
|                         |                | mais de 40 anos              | 1  |                     | 0   | 1     |
|                         | Total          |                              | 2  |                     | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão Etário | 20 - 30 anos                 | 0  | 2                   | 4   | 6     |
|                         |                | 31 a 40 anos                 | 1  | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Total          |                              | 1  | 3                   | 5   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão Etário | 20 - 30 anos                 | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Total          |                              | 1  |                     | 1   | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 128

**Escalão Etário \* A decidir quem irá fazer as tarefas caseiras, tomar conta das crianças e outras tarefas \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | A decidir quem irá fazer as tarefas caseiras, tomar conta das crianças e outras tarefas |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |   | 3   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 |   | 4   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2   | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   | 4   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2   | 7   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   | 1   | 2     |
|                         | Etário  |                 |   |     |       |
|                         | Total   |                 | 1   | 1   | 2     |

Output nº 129

**Escalão Etário \* Decidir quais as actividades recreativas familiares e como as efectuar \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Decidir quais as actividades recreativas familiares e como as efectuar |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  | 2   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1  | 3   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1  | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  | 4   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2  | 7   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 1   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |     |       |
|                         | Total   |                 | 1  | 1   | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

## Finanças

Output nº 130

**Escalão Etário \* Pagar despesas tais como: comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes.**  
**Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Pagar despesas tais como: comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 0   | 1                   | 2   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 1   | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1   | 1                   | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 1   |                     | 0   | 1     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 3   |                     | 3   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1   |                     | 2   | 3     |
|                         | Total   |                 | 4   |                     | 5   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                         | Total   |                 | 1   |                     | 1   | 2     |

Output nº 131

**Escalão Etário \* Arranjar qualquer tipo de equipamento especial que a minha criança necessite \***  
**Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Arranjar qualquer tipo de equipamento especial que a minha criança necessite |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  |                     | 2   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 1  |                     | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  |                     | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0  |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 1  |                     | 0   | 1     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 2                   | 3   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 2                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 | 1  | 4                   | 4   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  |                     |     | 2     |
|                         | Total   |                 | 2  |                     |     | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 132

**Escalão Etário \* Pagar para terapia, infantário ou outros serviços que a minha criança necessita \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Habilitações Literárias |         |                 | Pagar para terapia, infantário ou outros serviços que a minha criança necessita |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 1   | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2   | 1                   | 1   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 0   |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2   |                     | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 3   | 1                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 2   | 0                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 | 5   | 1                   | 3   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |   |                     |     |       |
|                         | Etário  |                 | 2   |                     |     | 2     |
|                         | Total   |                 | 2   |                     |     | 2     |

Output nº 133

**Escalão Etário \* Ajuda para recomeçar um emprego \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Habilitações Literárias |         |                 | Ajuda para recomeçar um emprego |                     |     |   | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---------------------------------|---------------------|-----|---|-------|
|                         |         |                 | Não                             | Não tenho a certeza | Sim | 4 |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1                               | 1                   | 1   |   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0                               | 1                   | 0   |   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1                               | 2                   | 1   |   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0                               |                     | 2   |   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1                               |                     | 1   |   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 0                               |                     | 1   |   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1                               |                     | 4   |   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |                                 | 3                   | 2   | 1 | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |                                 | 1                   | 2   | 0 | 3     |
|                         | Total   |                 |                                 | 4                   | 4   | 1 | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |                                 |                     | 1   |   | 2     |
|                         | Etário  |                 | 1                               |                     | 1   |   | 2     |
|                         | Total   |                 | 1                               |                     | 1   |   | 2     |

Output nº 134

**Escalão Etário \* Pagar a uma ama \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Habilitações Literárias |         |                 | Pagara uma ama |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|----------------|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não            | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 2              | 1                   |     | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0              | 1                   |     | 1     |
|                         | Total   |                 | 2              | 2                   |     | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0              | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1              | 0                   | 1   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1              | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2              | 1                   | 2   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2              | 2                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 2              | 0                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 | 4              | 2                   | 3   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |                |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  |                 |                |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   |                 |                |                     | 2   | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 135

**Escalão Etário \* Pagar brinquedos que a minha criança necessite \* Habilitações Literárias  
Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Pagar brinquedos que a minha criança necessite |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 2  | 0                   | 1   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  | 1                   | 1   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0  | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1  | 0                   | 1   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1  | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  | 1                   | 2   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  | 2                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 2  | 1                   | 0   | 3     |
|                         | Total   |                 | 4  | 3                   | 2   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 1  |                     | 1   | 2     |

Explicar a outros

Output nº 136

**Escalão Etário \* Explicar o problema da minha criança aos meus pais ou aos pais do meu esposo(a)  
Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Explicar o problema da minha criança aos meus pais ou aos pais do meu esposo(a) |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1   | 1                   | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1   |                     | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2   |                     | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   |                     | 4   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 3   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2   |                     | 7   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   |                     |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |   |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 2   |                     |     | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 137

**Escalão Etário \* Explicar o problema da minha criança aos meus irmãos ou irmãs \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Count             |         |                 | Explicar o problema da minha criança aos meus irmãos ou irmãs |                     |     | Total |
|-------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                   |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano            | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   | 1                   | 1   | 3     |
|                   | Etário  | mais de 40 anos | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|                   | Total   |                 | 1   | 1                   | 2   | 4     |
| 6º ano            | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                   | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                   | Total   | mais de 40 anos | 1   |                     | 0   | 1     |
| 9º ano            | Escalão | 20 - 30 anos    | 3   | 1                   | 2   | 6     |
|                   | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 0                   | 3   | 3     |
|                   | Total   |                 | 3   | 1                   | 5   | 9     |
| Ensino Secundário | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   |                     |     | 2     |
|                   | Total   |                 | 2   |                     |     | 2     |

Output nº 138

**Escalão Etário \* Saber como responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Count             |         |                 | Saber como responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem |                     |     | Total |
|-------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                   |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano            | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   | 0                   | 1   | 2     |
|                   | Etário  | mais de 40 anos | 0   | 1                   | 0   | 1     |
|                   | Total   |                 | 1   | 1                   | 1   | 3     |
| 6º ano            | Escalão | 20 - 30 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                   | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                   | Total   | mais de 40 anos | 1   |                     | 0   | 1     |
| 9º ano            | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   | 0                   | 4   | 6     |
|                   | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 1                   | 2   | 3     |
|                   | Total   |                 | 2   | 1                   | 6   | 9     |
| Ensino Secundário | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                   | Total   |                 | 1   |                     | 1   | 2     |

Output nº 139

**Escalão Etário \* Explicar o problema da minha criança a outras crianças. \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

| Count             |         |                 | Explicar o problema da minha criança a outras crianças. |                     |     | Total |
|-------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                   |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano            | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   | 1                   | 1   | 3     |
|                   | Etário  | mais de 40 anos | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|                   | Total   |                 | 1   | 1                   | 2   | 4     |
| 6º ano            | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                   | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   |                     | 2   | 2     |
|                   | Total   |                 | 1   |                     | 3   | 4     |
| 9º ano            | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   | 1                   | 3   | 6     |
|                   | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 0                   | 3   | 3     |
|                   | Total   |                 | 2   | 1                   | 6   | 9     |
| Ensino Secundário | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   |                     | 1   | 2     |
|                   | Total   |                 | 1   |                     | 1   | 2     |

Output nº 140

**Escalão Etário \* Encontrar informação escrita sobre outras famílias que possuem uma criança como referência \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Encontrar informação escrita sobre outras famílias que possuem uma criança como referência |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  | 2                   | 0   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1  | 2                   | 1   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  |                     | 2   | 2     |
|                         | Total   |                 | 1  |                     | 3   | 4     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 2                   | 2   | 5     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1  | 0                   | 2   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2  | 2                   | 4   | 8     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 1  |                     | 1   | 2     |

Tomar conta de crianças

Output nº 141

**Escalão Etário \* Localizar amas / baby- sitters \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Localizar amas / baby- sitters |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--------------------------------|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não                            | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 2                              |                     | 1   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0                              |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2                              |                     | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0                              | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0                              | 0                   | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1                              | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1                              | 1                   | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1                              | 3                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1                              | 2                   | 0   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2                              | 5                   | 2   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1                              |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  |                 |                                |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 1                              |                     | 1   | 2     |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 142

**Escalão Etário \* Localizar um infantário ou pré - escola para a minha criança \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Localizar um infantário ou pré - escola para a minha criança |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  | 2                   | 0   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1  | 2                   | 1   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |  | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |  | 0                   | 2   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos |  | 1                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 |  | 2                   | 3   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  | 0                   | 4   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 1                   | 2   | 3     |
|                         | Total   |                 | 2  | 1                   | 6   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  |                     | 1   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 1  |                     | 1   | 2     |

Output nº 143

**Escalão Etário \* Conseguir alguém que me fique com a minha criança para eu poder ir à missa \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Conseguir alguém que me fique com a minha criança para eu poder ir à missa |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 2  | 1                   |     | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0  | 1                   |     | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  | 2                   |     | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1  | 1                   | 0   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0  | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Total   | mais de 40 anos | 1  | 0                   | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  | 2                   | 1   | 5     |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 4  | 1                   | 1   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 2  | 1                   | 0   | 3     |
|                         | Total   |                 | 6  | 2                   | 1   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2  |                     |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 2  |                     |     | 2     |

## Serviços Comunitários

Output nº 144

**Escalão Etário \* Encontrar - me e falar com pais de outras crianças como a minha \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Encontrar - me e falar com pais de outras crianças como a minha |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1   |                     | 2   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 0   |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 | 1   |                     | 3   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   | 1                   | 0   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 0                   | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1   | 0                   | 0   | 1     |
| Total                   |         | 2               | 1   | 2                   | 5   |       |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 3   | 1                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 3   | 0                   | 0   | 3     |
|                         | Total   |                 | 6   | 1                   | 2   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   |                     |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |   |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 2   |                     |     | 2     |

Output nº 145

**Escalão Etário \* Localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|---|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    |   |                     | 3   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos |   |                     | 1   | 1     |
|                         | Total   |                 |   |                     | 4   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0   | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 0   | 0                   | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos | 1   | 0                   | 0   | 1     |
| Total                   |         | 1               | 1   | 3                   | 5   |       |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 2   | 2                   | 2   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1   | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 | 3   | 3                   | 3   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    | 1   | 1                   |     | 2     |
|                         | Etário  |                 |   |                     |     |       |
|                         | Total   |                 | 1   | 1                   |     | 2     |

Output nº 146

**Escalão Etário \* Localizar um dentista que possa tratar a minha criança \* Habilitações Literárias Crosstabulation**

Count

| Habilitações Literárias |         |                 | Localizar um dentista que possa tratar a minha criança |                     |     | Total |
|-------------------------|---------|-----------------|--|---------------------|-----|-------|
|                         |         |                 | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| 4º ano                  | Escalão | 31 a 40 anos    | 1  |                     | 2   | 3     |
|                         | Etário  | mais de 40 anos | 1  |                     | 0   | 1     |
|                         | Total   |                 | 2  |                     | 2   | 4     |
| 6º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    |  | 1                   | 1   | 2     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    |  | 0                   | 2   | 2     |
|                         |         | mais de 40 anos |  | 1                   | 0   | 1     |
| Total                   |         |                 | 2  | 3                   | 5   |       |
| 9º ano                  | Escalão | 20 - 30 anos    | 0  | 3                   | 3   | 6     |
|                         | Etário  | 31 a 40 anos    | 1  | 1                   | 1   | 3     |
|                         | Total   |                 | 1  | 4                   | 4   | 9     |
| Ensino Secundário       | Escalão | 20 - 30 anos    |  |                     | 2   | 2     |
|                         | Etário  |                 |  |                     |     |       |
|                         | Total   |                 |  |                     | 2   | 2     |

**Cruzamentos entre a percepção da relação e as necessidades das famílias**

**Informação**

Output nº 147

**Percepção individual da relação no momento actual \* Como é que as crianças crescem e se desenvolvem? Crosstabulation**

Count

|   |                    | Como é que as crianças crescem e se desenvolvem? |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0  | 0                   | 4   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 1                   | 4   | 6     |
| Total   |                    | 1  | 1                   | 12  | 14    |

Output nº 148

**Percepção individual da relação no momento actual \* Como brincar ou falar com a minha criança? Crosstabulation**

Count

|   |                    | Como brincar ou falar com a minha criança? |     | Total |
|---|--------------------|--|-----|-------|
|   |                    | Não  | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0  | 4   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 5   | 6     |
| Total   |                    | 1  | 13  | 14    |

Output nº 149

**Percepção individual da relação no momento actual \* Como pegar na minha criança? Crosstabulation**

Count

|   |                    | Como pegar na minha criança |     | Total |
|---|--------------------|-----------------------------|-----|-------|
|   |                    | Não                         | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0                           | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0                           | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0                           | 4   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1                           | 5   | 6     |
| Total   |                    | 1                           | 13  | 14    |

Output nº 150

**Percepção individual da relação no momento actual \* Como lidar com o comportamento da minha criança? Crosstabulation**

Count

|   |                    | Como lidar com o comportamento da minha criança? |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0  | 0                   | 4   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 0                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 1  | 1                   | 12  | 14    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 151

**Percepção individual da relação no momento actual \* Informação acerca de qualquer problema ou deficiência que a minha criança possa ter Crosstabulation**

| Count   |                    | Infomação acerca de qualquer problema ou deficiência que a minha criança possa ter |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0  | 0                   | 4   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 2                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 1  | 2                   | 11  | 14    |

Output nº 152

**ercepção individual da relação no momento actual \* Informação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança Crosstabulation**

| Count   |                    | Infomação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1  | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 0                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 3  | 2                   | 9   | 14    |

Output nº 153

**ercepção individual da relação no momento actual \* Informação acerca de serviços que minha criança possa vir a ter no futuro Crosstabulation**

| Count   |                    | Infomação acerca de serviços que a minha criança possa vir a ter no futuro |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1  | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 1                   | 4   | 6     |
| Total   |                    | 3  | 3                   | 8   | 14    |

**Apoio Social e Familiar**

Output nº 154

**ercepção individual da relação no momento actual \* Falar com alguém da minha família acerca de preocupações/problemas Crosstabulation**

| Count   |                    | Falar com alguém da minha família acerca de preocupações/problemas |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1  | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 2  | 0                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 2                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 4  | 3                   | 7   | 14    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 155

**Percepção individual da relação no momento actual \* Ter amigos com quem falar Crosstabulation**

| Count   |                    | Ter amigos com quem falar |                     |     |   | Total |
|---|--------------------|---------------------------|---------------------|-----|---|-------|
|   |                    | Não                       | Não tenho a certeza | Sim | 4 |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1                         | 0                   | 2   | 0 | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0                         | 0                   | 1   | 0 | 1     |
|   | Satisfatório       | 1                         | 0                   | 3   | 0 | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1                         | 1                   | 3   | 1 | 6     |
| Total   |                    | 3                         | 1                   | 9   | 1 | 14    |

Output nº 156

**Percepção individual da relação no momento actual \* Ter mais tempo para mim mesmo Crosstabulation**

| Count   |                    | Ter mais tempo para mim mesmo |                     |     | Total |
|---|--------------------|-------------------------------|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não                           | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1                             | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0                             | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1                             | 0                   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 3                             | 2                   | 1   | 6     |
| Total   |                    | 5                             | 3                   | 6   | 14    |

Output nº 157

**Percepção individual da relação no momento actual \* Ajudar o meu esposo/esposa a aceitar a condição que a nossa criança possa ter Crosstabulation**

| Count   |                    | Ajudar o meu esposo/esposa a aceitar a condição que a nossa criança possa ter |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1   | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0   | 1                   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 0   | 0                   | 6   | 6     |
| Total   |                    | 1   | 1                   | 12  | 14    |

Output nº 158

**Percepção individual da relação no momento actual \* Ajudar a nossa família a discutir problemas e encontrar soluções Crosstabulation**

| Count   |                    | Ajudar a nossa família a discutir problemas e encontrar soluções |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1  | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 0                   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 0                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 3  | 1                   | 10  | 14    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 159

**Percepção individual da relação no momento actual \* Ajudar a nossa família a apoiarem-se uns aos outros em momentos difíceis Crosstabulation**

| Count   |                    | Ajudar a nossa família a apoiarem-se uns aos outros em momentos difíceis |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 1  | 0                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 0                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 3  | 1                   | 10  | 14    |

Output nº 160

**Percepção individual da relação no momento actual \* A decidir quem irá fazer as tarefas caseiras, tomar conta das crianças e outras tarefas Crosstabulation**

| Count   |                    | A decidir quem irá fazer as tarefas caseiras, tomar conta das crianças e outras tarefas |     | Total |
|---|--------------------|---|-----|-------|
|   |                    | Não   | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 2   | 12  | 14    |

Output nº 161

**Percepção individual da relação no momento actual \* Decidir quais as actividades recreativas familiares e como as efectuar Crosstabulation**

| Count   |                    | Decidir quais as actividades recreativas familiares e como as efectuar |     | Total |
|---|--------------------|--|-----|-------|
|   |                    | Não  | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2  | 4   | 6     |
| Total   |                    | 3  | 11  | 14    |

**Finanças**

Output nº 162

**Percepção individual da relação no momento actual \* Pagar despesas tais como: comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes. Crosstabulation**

| Count   |                    | Pagar despesas tais como: comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transportes. |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 2  | 0                   | 1   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 2  | 0                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 0  | 1                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 4  | 1                   | 9   | 14    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 163

**Percepção individual da relação no momento actual \* Arranjar qualquer tipo de equipamento especial que a minha criança necessite Crosstabulation**

| Count   |                    | Arranjar qualquer tipo de equipamento especial que a minha criança necessite |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 2  | 0                   | 1   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 0                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 4  | 2                   | 8   | 14    |

Output nº 164

**Percepção individual da relação no momento actual \* Pagar para terapia, infantário ou outros serviços que a minha criança necessita Crosstabulation**

| Count   |                    | Pagar para terapia, infantário ou outros serviços que a minha criança necessita |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 3   | 0                   | 0   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 4   | 0                   | 0   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2   | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 9   | 1                   | 4   | 14    |

Output nº 165

**Percepção individual da relação no momento actual \* Ajuda para recomeçar um emprego Crosstabulation**

| Count   |                    | Ajuda para recomeçar um emprego |                     |     | Total |
|---|--------------------|---------------------------------|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não                             | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0                               | 1                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0                               | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 2                               | 1                   | 1   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 0                               | 2                   | 4   | 6     |
| Total   |                    | 2                               | 5                   | 7   | 14    |

Output nº 166

**Percepção individual da relação no momento actual \* Pagar a uma ama Crosstabulation**

| Count   |                    | Pagar a uma ama |                     |     | Total |
|---|--------------------|-----------------|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não             | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1               | 1                   | 1   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0               | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 2               | 1                   | 1   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2               | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 5               | 3                   | 6   | 14    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 167

**Percepção individual da relação no momento actual \* Pagar brinquedos que a minha criança necessite Crosstabulation**

| Count   |                    | Pagar brinquedos que a minha criança necessite |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1  | 1                   | 1   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 3  | 0                   | 1   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 1                   | 4   | 6     |
| Total   |                    | 5  | 3                   | 6   | 14    |

Explicar a outros

Output nº 168

**Percepção individual da relação no momento actual \* Explicar o problema da minha criança aos meus pais ou aos pais do meu esposo(a) Crosstabulation**

| Count   |                    | Explicar o problema da minha criança aos meus pais ou aos pais do meu esposo(a) |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1   | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1   | 0                   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2   | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 4   | 1                   | 9   | 14    |

Output nº 169

**Percepção individual da relação no momento actual \* Explicar o problema da minha criança aos meus irmãos ou irmãs Crosstabulation**

| Count   |                    | Explicar o problema da minha criança aos meus irmãos ou irmãs |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1   | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 2   | 0                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2   | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 5   | 1                   | 8   | 14    |

Output nº 170

**Percepção individual da relação no momento actual \* Saber como responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem Crosstabulation**

| Count   |                    | Saber como responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0   | 1                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1   | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1   | 0                   | 4   | 5     |
| Total   |                    | 2   | 2                   | 9   | 13    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 171

**Percepção individual da relação no momento actual \* Explicar o problema da minha criança a outras crianças. Crosstabulation**

| Count   |                    | Explicar o problema da minha criança a outras crianças. |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0   | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0   | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1   | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2   | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 3   | 2                   | 9   | 14    |

Output nº 172

**Percepção individual da relação no momento actual \* Encontrar informação escrita sobre outras famílias que possuem uma criança como na Crosstabulation**

| Count   |                    | Encontrar informação escrita sobre outras famílias que possuem uma criança como na |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 1  | 0                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 0                   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2  | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 4  | 1                   | 9   | 14    |

Tomar conta de crianças

Output nº 173

**Percepção individual da relação no momento actual \* Localizar amas / baby-sitters Crosstabulation**

| Count   |                    | Localizar amas / baby-sitters |                     |     | Total |
|---|--------------------|-------------------------------|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não                           | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1                             | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0                             | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1                             | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2                             | 2                   | 2   | 6     |
| Total   |                    | 4                             | 4                   | 6   | 14    |

Output nº 174

**Percepção individual da relação no momento actual \* Localizar um infantário ou pré - esco para a minha criança Crosstabulation**

| Count   |                    | Localizar um infantário ou pré - escola para a minha criança |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0  | 0                   | 3   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 0                   | 1   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1  | 1                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 2                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 2  | 3                   | 9   | 14    |

Famílias S(em) Risco? A percepção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos Técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças

Output nº 175

**Percepção individual da relação no momento actual \* Conseguir alguém que me fique com a minha criança para eu poder ir à missa Crosstabulation**

| Count   |                    | Conseguir alguém que me fique com a minha criança para eu poder ir à missa |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 2  | 1                   | 0   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 0  | 1                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 3  | 1                   | 0   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 3  | 2                   | 1   | 6     |
| Total   |                    | 8  | 5                   | 1   | 14    |

**Serviços Comunitários**

Output nº 176

**Percepção individual da relação no momento actual \* Encontrar - me e falar com pais de outras crianças como a minha Crosstabulation**

| Count   |                    | Encontrar - me e falar com pais de outras crianças como a minha |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 2   | 0                   | 1   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 1   | 0                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 2   | 0                   | 2   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 2   | 1                   | 3   | 6     |
| Total   |                    | 7   | 1                   | 6   | 14    |

Output nº 177

**Percepção individual da relação no momento actual \* Localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança Crosstabulation**

| Count   |                    | Localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança |                     |     | Total |
|---|--------------------|---|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não   | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 0   | 1                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 1   | 0                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 1   | 2                   | 1   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 0   | 1                   | 5   | 6     |
| Total   |                    | 2   | 4                   | 8   | 14    |

Output nº 178

**Percepção individual da relação no momento actual \* Localizar um dentista que possa tratar a minha criança Crosstabulation**

| Count   |                    | Localizar um dentista que possa tratar a minha criança |                     |     | Total |
|---|--------------------|--|---------------------|-----|-------|
|   |                    | Não  | Não tenho a certeza | Sim |       |
| Percepção individual da relação no momento actual | Nada satisfatório  | 1  | 0                   | 2   | 3     |
|   | Pouco satisfatório | 1  | 0                   | 0   | 1     |
|   | Satisfatório       | 0  | 1                   | 3   | 4     |
|   | Muito satisfatório | 1  | 1                   | 4   | 6     |
| Total   |                    | 3  | 2                   | 9   | 14    |

## Inventário das Necessidades da Família (frequências)

Informação

Output nº 179

**Como é que as crianças crescem e se desenvolvem?**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 4         | 20,0    | 21,1          | 21,1               |
|         | Não tenho a certeza | 1         | 5,0     | 5,3           | 26,3               |
|         | Sim                 | 14        | 70,0    | 73,7          | 100,0              |
|         | Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 180

**Como brincar ou falar com a minha criança?**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
|       | Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,0          | 25,0               |
|       | Sim                 | 15        | 75,0    | 75,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 181

**Como pegar na minha criança**

|         |        | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|--------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não    | 4         | 20,0    | 21,1          | 21,1               |
|         | Sim    | 15        | 75,0    | 78,9          | 100,0              |
|         | Total  | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |        | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 182

**Como lidar com o comportamento da minha criança?**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 3         | 15,0    | 15,8          | 15,8               |
|         | Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,5          | 26,3               |
|         | Sim                 | 14        | 70,0    | 73,7          | 100,0              |
|         | Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 183

**formação acerca de qualquer problema ou deficiência que a minha criança possa ter**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 3         | 15,0    | 15,8          | 15,8               |
|         | Não tenho a certeza | 3         | 15,0    | 15,8          | 31,6               |
|         | Sim                 | 13        | 65,0    | 68,4          | 100,0              |
|         | Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 184

**informação acerca dos serviços que são presentemente fornecidos à minha criança**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 5         | 25,0    | 26,3          | 26,3               |
|         | Não tenho a certeza | 4         | 20,0    | 21,1          | 47,4               |
|         | Sim                 | 10        | 50,0    | 52,6          | 100,0              |
|         | Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 185

**Informação acerca de serviços que a minha criança possa vir a ter no futuro**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 3         | 15,0    | 16,7          | 16,7               |
|         | Não tenho a certeza | 5         | 25,0    | 27,8          | 44,4               |
|         | Sim                 | 10        | 50,0    | 55,6          | 100,0              |
|         | Total               | 18        | 90,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 2         | 10,0    |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

**Apoio Social e Familiar**

Output nº 186

**Falar com alguém da minha família acerca de preocupações/problemas**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | Não tenho a certeza | 6         | 30,0    | 30,0          | 55,0               |
|       | Sim                 | 9         | 45,0    | 45,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 187

**Ter amigos com quem falar**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,0          | 35,0               |
|       | Sim                 | 12        | 60,0    | 60,0          | 95,0               |
|       | 4                   | 1         | 5,0     | 5,0           | 100,0              |
| Total |                     | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 188

**Ter mais tempo para mim mesmo**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 7         | 35,0    | 36,8          | 36,8               |
|         | Não tenho a certeza | 5         | 25,0    | 26,3          | 63,2               |
|         | Sim                 | 7         | 35,0    | 36,8          | 100,0              |
|         | Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 189

**Ajudar o meu esposo/esposa a aceitar a condição que a nossa criança possa ter**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 3         | 15,0    | 16,7          | 16,7               |
|         | Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 11,1          | 27,8               |
|         | Sim                 | 13        | 65,0    | 72,2          | 100,0              |
|         | Total               | 18        | 90,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 2         | 10,0    |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 190

**Ajudar a nossa família a discutir problemas e encontrar soluções**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
|       | Não tenho a certeza | 3         | 15,0    | 15,0          | 35,0               |
|       | Sim                 | 13        | 65,0    | 65,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 191

**Ajudar a nossa família a apoiarem-se uns aos outros em momentos difíceis**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
|       | Não tenho a certeza | 3         | 15,0    | 15,0          | 35,0               |
|       | Sim                 | 13        | 65,0    | 65,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 192

**decidir quem irá fazer as tarefas caseiras, tomar conta das crianças e outras tarefas**

|       |       | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|-------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não   | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
|       | Sim   | 15        | 75,0    | 75,0          | 100,0              |
|       | Total | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 193

**Indicar quais as actividades recreativas familiares e como as efectua**

|           | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-----------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
| Sim       | 14        | 70,0    | 70,0          | 100,0              |
| Total     | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Finanças**

Output nº 194

**Pagar despesas tais como: comida, casa, cuidados médicos, roupas ou transporte:**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| Não tenho a certeza | 1         | 5,0     | 5,0           | 40,0               |
| Sim                 | 12        | 60,0    | 60,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 195

**Arranjar qualquer tipo de equipamento especial que a minha criança necessite**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
| Não tenho a certeza | 4         | 20,0    | 20,0          | 50,0               |
| Sim                 | 10        | 50,0    | 50,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 196

**Pagar para terapia, infantário ou outros serviços que a minha criança necessita**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 11        | 55,0    | 55,0          | 55,0               |
| Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,0          | 65,0               |
| Sim                 | 7         | 35,0    | 35,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 197

**Ajuda para recomeçar um emprego**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| Não tenho a certeza | 6         | 30,0    | 30,0          | 45,0               |
| Sim                 | 11        | 55,0    | 55,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 198

**Pagar a uma ama**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 8         | 40,0    | 40,0          | 40,0               |
| Não tenho a certeza | 5         | 25,0    | 25,0          | 65,0               |
| Sim                 | 7         | 35,0    | 35,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 199

**Pagar brinquedos que a minha criança necessite**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 9         | 45,0    | 45,0          | 45,0               |
| Não tenho a certeza | 5         | 25,0    | 25,0          | 70,0               |
| Sim                 | 6         | 30,0    | 30,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Explicar a outros**

Output nº 200

**Explicar o problema da minha criança aos meus pais ou aos pais do meu esposo(a)**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 7         | 35,0    | 35,0          | 35,0               |
| Não tenho a certeza | 1         | 5,0     | 5,0           | 40,0               |
| Sim                 | 12        | 60,0    | 60,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 201

**Explicar o problema da minha criança aos meus irmãos ou irmãs**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 8         | 40,0    | 40,0          | 40,0               |
| Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,0          | 50,0               |
| Sim                 | 10        | 50,0    | 50,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 202

**Saber como responder aos meus amigos, vizinhos ou estranhos quando eles fizerem**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 5         | 25,0    | 26,3          | 26,3               |
| Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,5          | 36,8               |
| Sim                 | 12        | 60,0    | 63,2          | 100,0              |
| Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing System      | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total               | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 203

**Explicar o problema da minha criança a outras crianças.**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 5         | 25,0    | 26,3          | 26,3               |
|         | Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,5          | 36,8               |
|         | Sim                 | 12        | 60,0    | 63,2          | 100,0              |
|         | Total               | 19        | 95,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 1         | 5,0     |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

Output nº 204

**Encontrar informação escrita sobre outras famílias que possuem uma criança como n**

|         |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid   | Não                 | 5         | 25,0    | 27,8          | 27,8               |
|         | Não tenho a certeza | 4         | 20,0    | 22,2          | 50,0               |
|         | Sim                 | 9         | 45,0    | 50,0          | 100,0              |
|         | Total               | 18        | 90,0    | 100,0         |                    |
| Missing | System              | 2         | 10,0    |               |                    |
| Total   |                     | 20        | 100,0   |               |                    |

**Tomar conta de crianças**

Output nº 205

**Localizar amas / baby-sitters**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 6         | 30,0    | 30,0          | 30,0               |
|       | Não tenho a certeza | 6         | 30,0    | 30,0          | 60,0               |
|       | Sim                 | 8         | 40,0    | 40,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 206

**Localizar um infantário ou pré - escola para a minha criança**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 4         | 20,0    | 20,0          | 20,0               |
|       | Não tenho a certeza | 5         | 25,0    | 25,0          | 45,0               |
|       | Sim                 | 11        | 55,0    | 55,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 207

**Conseguir alguém que me fique com a minha criança para eu poder ir à missa**

|       |                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|-------|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid | Não                 | 12        | 60,0    | 60,0          | 60,0               |
|       | Não tenho a certeza | 6         | 30,0    | 30,0          | 90,0               |
|       | Sim                 | 2         | 10,0    | 10,0          | 100,0              |
|       | Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

**Serviços Comunitários**

Output nº 208

**Encontrar - me e falar com pais de outras crianças como a minha**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 11        | 55,0    | 55,0          | 55,0               |
| Não tenho a certeza | 2         | 10,0    | 10,0          | 65,0               |
| Sim                 | 7         | 35,0    | 35,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 209

**Localizar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades da minha criança**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 5         | 25,0    | 25,0          | 25,0               |
| Não tenho a certeza | 5         | 25,0    | 25,0          | 50,0               |
| Sim                 | 10        | 50,0    | 50,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

Output nº 210

**Localizar um dentista que possa tratar a minha criança**

|                     | Frequency | Percent | Valid Percent | Cumulative Percent |
|---------------------|-----------|---------|---------------|--------------------|
| Valid Não           | 3         | 15,0    | 15,0          | 15,0               |
| Não tenho a certeza | 6         | 30,0    | 30,0          | 45,0               |
| Sim                 | 11        | 55,0    | 55,0          | 100,0              |
| Total               | 20        | 100,0   | 100,0         |                    |

## **ANEXO K**

### **Transcrição 1.º Focus-Group**

## Abertura

**1) Por favor, digam o vosso nome, idade, profissão e a Entidade/Instituição que representam, bem como, anos de experiência profissional.**

- 1) **Técnica 1**, 24 anos, Psicóloga Educacional, estágio na Autarquia de Montelavar, meio ano de experiência;
- 2) **Técnica 2**, 45 anos, Assistente Social, ECJ de Sintra, 25 anos de experiência profissional;
- 3) **Técnica 3**, 38 anos, Psicóloga Clínica, Centro de Saúde de Pêro-Pinheiro, 14 anos de experiência;
- 4) **Técnico 4**, 42 anos, Professora de Educação Especial, Escola Dr. Rui Grácio – Agrupamento Lapiás, 18 anos de experiência;
- 5) **Técnico 5**, 38 anos, Psicóloga Clínica, Escola Dr. Rui Grácio – Agrupamento Lapiás, 6 anos de escola, 12 anos apoio clínico provado;
- 6) **Técnico 6**, Assistente Social na Cercitop, 7 anos de experiência profissional

## Introdução

2) Quando ouvem falar em **Intervenção familiar integrada e Intervenção precoce**, no que pensam?

**Técnica 4** – quando ouve falar em intervenção familiar integrada e intervenção precoce, intervenção precoce relacionada com o diagnóstico prévio de problemas e necessidades das crianças e à forma como os serviços se organizam para prestar apoio directo à criança e à família e a intervenção familiar integrada representa todos os outros técnicos, para além da educação, que se organizam para dar resposta à família;

**Técnica 6** – A intervenção precoce tem a ver com o agir precocemente, como o nome indica relativamente a crianças e famílias que estejam em risco quer seja ambiental, biológico, portanto, engloba não só as deficiências, mas também o ambiente físico e familiar, que depois no meu entender vai um pouco ao encontro da intervenção familiar integrada, não podemos agir individualmente sobre a criança, mas temos de agir no contexto familiar e ambiental;

**Técnica 1** – Porque a intervenção familiar integrada e precoce inclui a família e a criança;

**Técnica. 2** – Penso que a intervenção precoce está relacionado com o que disseram e inclui crianças dos 0 aos 6 anos de idade, a intervenção familiar integrada é com a família, integrada e articulada com os vários serviços, consoante as necessidades e a intervenção a desenvolver com determinada família em concreto;

**Técnica 3** – A intervenção precoce é uma intervenção com as crianças dos 0 aos 6 anos de idade e a intervenção familiar integrada, é uma intervenção junto da família, com necessidades a vários níveis é trabalhar a vários níveis, com vários técnicos que sejam necessários;

**Técnica 5** – e eu vou repetir um bocadinho o que foi dito, de facto a intervenção precoce, como o próprio nome indica é...

**Mediador** lembra que se quer aferir no que pensam...

**Técnica 5**– no que respeita à intervenção familiar integrada, acho então para não me repetir, que talvez aqui ainda haja muita coisa a fazer na medida em que aqui o que se espera é o trabalho de articulação entre várias entidades e técnicos, não só ao nível da família, como da escola e das diferentes instituições para que se consiga dar resposta às várias necessidades da criança, acho que aqui ainda haverá muito trabalho a fazer, a intervenção precoce é algo que já tem vindo talvez a ser mais trabalhado, embora também importe trabalhar;

### **Transição**

3) Gostaria de *Conhecer como são sinalizadas as situações de risco, quem faz essa sinalização e quais os critérios de elegibilidade?*

3.1) Que encaminhamento e plano de intervenção é dado à situação?

**Técnica 3** – na área da saúde, nós agora no centro de saúde temos o que foi criado por decreto lei, as unidades de saúde têm que ter um núcleo de apoio a crianças e jovens em risco, o nacj, todos as unidades de saúde têm que ter, foi nomeada uma equipa própria, e do qual eu sou coordenadora.

Portanto dentro do centro de saúde, qualquer situação de risco, que se note ou desconfie, na maioria das vezes, passa primeiro pelo médico de família e pelos enfermeiros em contexto de consulta, aquando o primeiro contacto com a criança, que sinalizam para o nacj e depois nós equipa (Psicóloga, Assistente Social, Médico e Enfermeira) trabalharemos a questão, se conseguirmos trabalhar a questão internamente, ou seja, só a nível desta equipa com a família, senão passará obviamente para a instância seguinte, que será a CPCJ, isto respondendo até ao encaminhamento, quando conseguimos trabalhar internamente a questão, ou seja com a autorização dos pais em situação de risco, estabelecemos metas com os pais, para irmos trabalhando com a família, portanto estabelecesse um plano de intervenção em paralelo com a família e esta é a nossa realidade;

**Técnica 2** – No nosso caso, ECJ, só trabalham as situações que são sinalizadas e encaminhadas e que nos chegam do Tribunal, portanto, não podemos trabalhar outras situações, que não estas e

têm que obedecer a estes critérios, normalmente a situação já passou pela CPCJ, chegou ao Tribunal e este que nos sinaliza para intervenção, quando já tem uma medida aplicada, ou para fazer avaliação-diagnóstico, para ver se é necessário ou não propor uma medida, em meio natural de vida, apoio junto dos pais, junto de outro familiar, confiança a pessoa idónea, apoio para a autonomia de vida, acolhimento familiar, acolhimento em instituição, adopção, portanto são estas as medidas de promoção dos direitos e protecção, temos que avaliar, pois temos situações que já nos chegam com medida e outras em que é preciso aplicar medida e o acompanhamento, encaminhamento e plano de intervenção varia em função disto e em articulação com os serviços da comunidade, autarquia, escola, centro de saúde e outros serviços que tenham intervenção naquela família;

**Técnica 1** – Aqui na junta de freguesia de Montelavar, por aquilo que pude observar, as famílias procuram o serviço, ou os casos são sinalizados pelos diferentes serviços existentes na comunidade (autarquias, centro de saúde, escola, etc), assistente social faz a avaliação do caso e depois, faz o plano de intervenção e comunica com os diferentes serviços importantes para que essa intervenção seja bem sucedida;

**Técnica 6** – Em termos de intervenção precoce este ano lectivo as coisas mudaram um bocadinho, porque os serviços estão incluídos dentro das equipas locais de intervenção as “Eli” as coisas obedecem a uma coordenação da ELI, as sinalizações são todas feitas primeiro à coordenação e depois encaminhadas por áreas geográficas, o concelho de Sintra ficou dividido ao meio, entre a Cercitop e o CECD, depois tem a ver com o número de acordos que cada um tem e com a capacidade de resposta que cada serviço tem, quando conseguimos assegurar a situação, o plano de intervenção ou o trabalho é feito de acordo com a situação da criança, atribuído um técnico de referência, em que poderá fazer um apoio nas escolas directamente, no jardim-de-infância ou no domicílio se a criança não estiver integrada;

**Técnica 5** – Na escola as sinalizações são feitas quase sempre de duas formas: ou são os directores de turma que começam por sinalizar porque conhecem melhor uma outra situação e porque convivem diariamente e comunicam quer ao serviço de psicologia ou à educação especial para que haja uma avaliação da situação, portanto, passa muitas x pelos directores de turma, muitas x são as famílias que procuram ajuda, e pedem para que de facto em termos de apoio e intervenção, porque sentem-se incapazes para o fazer e depois de serem sinalizadas as situações há um processo de avaliação e dps ou se decide por um acompanhamento na escola, que normalmente poderá ser uma situação pontual, mas o que se pretende é que os alunos sejam encaminhados, qualquer que sejam estas situações, mtas x trabalhamos em parceria ou com a junta ou centro de saúde, se forem meninos que residam na área, ou comunicamos à CPCJ

**Técnica 4** – esqueceste-te de dizer que em situações mais graves de psiquiatria, sinaliza-se ao NUCLA, serviço da Casa de Saúde do telhal. Ao nível da educação para além dos directores de turma, o que fazemos agora com um agrupamento mais alargado, temos quase 30 escolas neste agrupamento, mtas x estas crianças e famílias estão sinalizadas logo no jardim-de-infância e como trabalhamos em parceria com a equipa escolar e centro de saúde é mais fácil pedir a intervenção dos técnicos tanto a nível da psicologia, tanto a nível da acção social. Em relação à educação especial, tb encaixa nestes planos, temos de pedir ajuda à saúde, cpcj, a hospitais mtas x faz-se chamadas particulares a pedir ajuda a enfermeiras e médicos e às assistentes sociais que acompanham as famílias. Qto aos critérios de elegibilidade referimo-nos a situações especiais de pobreza extrema, negligência, fome ou situações de saúde

**Técnica 3** – maus-tratos

**Técnica 4** - exemplo houve um aluno na nossa escola que teve sarna e a partir deste problema de saúde identificaram-se outras situações de risco que necessitavam de intervenção e acompanhamento

### **Perguntas-chave**

4) Como caracteriza as famílias multidesafiadas?

4.1) O que sabe acerca de estratégias de sucesso na intervenção com famílias multidesafiadas, e/ou multiproblemáticas com crianças em situação de risco?

- De que forma podemos saber que a intervenção foi um sucesso ou um insucesso?
- O que seria preciso fazer para o alcançar ou como Intervir?
- Exemplo de estratégias mais eficazes?

**Técnica 4** – Eu posso falar da família deste menino que teve sarna, pertence a uma família multidesafiada aqui da zona, que há seis anos atrás teve de ser retirada das condições em que viviam que eram deploráveis e que se agravaram por causa de umas cheias cheias, e teve que uma equipa intervir a acompanhar a família a nível da gestão familiar, a partir daí conseguiram viver juntos, o pai e a mãe a trabalhar, o pai ultrapassou um problema de alcoolismo e os filhos conseguiram manter-se na escola com sucesso. Ultimamente essa equipa deixou de acompanhar a família e a família destruturou-se. O que é preciso para alcançar o sucesso e como intervir, tem que haver obrigatoriamente um técnico a acompanhar a família, a ajudar a família ao nível da gestão doméstica, do dinheiro e não só e tem que haver acção e comunicação entre os vários técnicos que intervêm junto das crianças e dos adultos, senão houver essa parceria entre todos dificilmente se consegue.

**Técnica 3** – Paralelamente ao meu trabalho no Centro de Saúde, trabalho numa instituição de acolhimento para crianças em risco e aí vou buscar muito para responder a esta questão, neste centro as crianças foram retiradas às famílias por negligência ou maus-tratos, são consideradas situações de risco, e a norma é trabalhar com as famílias no sentido de se criarem condições para que as crianças regressem às famílias, este é o primeiro objectivo a acabamos por trabalhar muito em parceria isto que é muito importante, e como é que se conduz a este sucesso, que tem a ver com isto, temos alguns exemplos de sucesso que tem a ver com a reintegração das crianças nas famílias, em que vários técnicos a trabalhar com a família, a mudar crenças, a alterar estilos de vida, ajudar que eles encontrem formas de alterar estilos de vida, de alterar crenças, tentarem perceber que têm mesmo de mudar a forma de vida para terem os filhos de volta, temos tido alguns casos de sucesso, ao trabalhar-se ao nível da saúde, da gestão familiar, da gestão económica, da gestão da organização de como procurar um emprego, muitas famílias não sabem fazer nada disto, e se não sabem também sabem ensinar aos filhos e estes vão crescer nesta desorganização e daí haver tantos casos de risco, crianças e famílias, num problema geracional. O que eu acho que é preciso fazer para intervir e avançar é articular com vários Técnicos em parceria, que estejam no directo, no concreto, no real com a família, como o MDV e a Passo a Passo, que eu acho excelente, porque estão no dia-a-dia com aquelas famílias, pq estão com aquelas famílias alguns meses e não numa semana ou duas que se vê resultados, tem de ser em alguns meses e aí começasse a ver um caminho que eles começam a fazer sozinhos. Posso dar exemplo de dois meninos, dois casais que estou a acompanhar, em que os pais foram ajudados passo a passo e já lá vão 8 meses e tem-se verificado mudanças brutais na vida das crianças e que estes pais vão seguramente continuar a passar para os filhos, mas tem de ser um trabalho diário, in loco com eles, porque senão fizermos isto estas famílias não recuperam;

**Técnica 2** – Concordo com o que a Técnica 3 diz, mas só em complemento, acho que as estratégias mais eficazes passam muito por ir de encontro ao que a família sente como necessidade, nós podemos achar que eles não têm a gestão do dinheiro e entidade diz que como a família deve fazer “assim, assim, assim”, eles não têm isso como prioridade nenhuma, temos que ir ao encontro das necessidades deles, perceber as necessidades deles, e ir subindo na pirâmide das necessidades e não aquilo que nós achamos que é, ou que deveria ser ou que é o ideal. Eu acho que o significado e o sucesso passam um bocadinho por aí, partir do que eles sentem como necessário a partir daí trabalhar outras coisas com as famílias;

**Técnica 6** – por isso é que é importante que seja no contexto familiar;

**Técnica 5** – Para justificar um pouco o que a Técnica 3 disse, eu presenciei uma situação na escola de um aluno que beneficiou de apoio in loco com o Movimento de Defesa da Vida, com a Assistente Familiar, Daniela, em aquele jovem estava completamente perdido, quer o jovem, quer a família, aquele menino já tinha sido retirado à família, já tinha sido reintegrado novamente, e

tudo indicava que mais dia menos dia poderia efectivamente voltar a ser institucionalizado, houve a intervenção do MDV, em que a Daniela esteve muito presente a trabalhar tudo isso que já falámos com a família e a ir muito de encontro quer às necessidades do jovem quer da própria família, e vimos bastantes melhorias no jovem, posteriormente a Daniela, começou a deixar de dar esse tipo apoio tão regular, dado que faz parte da própria dinâmica e metodologia da intervenção, e tentam ver até que ponto a família já conseguiu conquistar algumas coisas e a Daniela começou a afastar-se da família, o que é facto é que a família começou a desestruturar-se novamente, e neste momento o jovem está de novo em risco e indo um bocadinho de encontro ao que a Sónia disse é muito importante que esteja ali sempre um técnico, alguém apoiá-los, senão não conseguem sobreviver;

**Técnica 6** – é isso, reforçando o que já foi dito portanto a necessidade de um acompanhamento permanente, ainda agora me estava a lembrar desta semana uma colega Terapeuta da Fala vinha-me dizer que uma família que eu julgava que já estava encaminhada, e pensei que iria receber mais casos novos, mas o que vale é que esta, esta e esta já estão encaminhadas, volta tudo atrás, é um ciclo há uma fase que estão compensadas e outras descompensadas, portanto já tínhamos a integração dos meninos em equipamento escolar, um deles em acompanhamento terapêutico nos nossos serviços, mãe tinha conseguido emprego, um aluguer de quarto, que era o possível para uma família monoparental feminina, numa casa com boas condições e um ambiente tranquilo, ficou desempregada agora outra vez, não pode pagar o quarto, vai para casa da mãe com mais não sei quantos filhos, a criança que estava a estabilizar, está outra vez completamente destabilizada,

**Técnica 1** – para mim famílias multidesafiadas são aquelas em que o seu seio se caracteriza por múltiplos problemas, na forma de estar, de se relacionar, de funcionar, são desorganizadas, em permanente crise. Considero que estratégias de sucesso estão relacionadas com a capacidade de se trabalhar com a família e ir ao encontro das necessidades destas e de insucesso quando se persiste em utilizar metodologias que não estimulem a autonomia, capacitação e se impõe normas e se faz juízos de valor. Casos de sucesso serão aqueles em que as famílias conseguem de forma autónoma garantir a sua dinâmica familiar própria funcionante e positiva, ausente de risco para a criança e que não comprometa o seu desenvolvimento.

- 4) Uma intervenção centrada na família implica que abandone os seus interesses e responsabilidades em ajudar, pelo interesse superior da criança?

Todas as intervenientes consideraram que se parte de uma intervenção centrada na família, tem em consideração o interesse superior da criança, sendo que interesse do técnico e responsabilidade é ajudar a família e isso é ter em conta o interesse superior da criança

- Como é que se consegue proteger e potenciar o bem-estar das crianças, fortalecendo as famílias?

Todas as intervenientes consideram que fortalecendo a família, potencia-se o bem-estar da criança, quer-se a família bem, para a criança estar bem, fortalecendo as competências já existentes

- 5) Acha possível um trabalho de ajuda/suporte, através de uma relação de parceria igualitária, em que se promove a escolha e o controlo da família sobre os recursos desejados?

**Técnica 3** – Acredito num trabalho de parceria com a família, mas não igualitária, temos de mostrar alguma superioridade, senão não nos respeitam e continuam a manter as suas características, estamos ali para intervir e não ser “amiguinhos”, portanto acho que estamos num patamar acima, eles têm que nos respeitar e claro, nós também temos que os respeitar a eles e tal como a técnica 2 dizia, devemo-nos centrar um bocadinho nas necessidades deles, mas depois dar o nosso cunho e elevar para onde queremos, nós acompanhamos a família não é porque gostamos muito deles, mas sim porque queremos ajudá-los a melhorar e aí tem muito de nós técnicos;

**Técnica 2** – A nossa função enquanto técnicos é promover a mudança, para tal, tem de haver um plano de intervenção e é necessário haver algum controlo;

**Técnica 6** – Tem de haver um compromisso de parte a parte, não é só haver direitos da família, mas também deveres, assim como dos Técnicos e do Serviço, o plano de intervenção deve ser realizado em conjunto com a família, para percebermos o que a família espera, pensa, precisa e idealiza, de acordo com a realidade da família, mas também cabe-nos a nós mostrar o caminho, orientar e com um plano conjunto chegar a um consenso e têm de concordar quer com o plano de intervenção quer com a gestão dos recursos, dado que a família assina este plano, logo tem que se identificar e concordar com o que foi pré-estabelecido.

**Técnica 1, Técnica 5 e Técnica 4** – Concordaram com o que foi dito e não acrescentaram mais ideias;

- O que lhe sugerem estas expressões “Identificar e Ajudar” e “Educar e Incluir”, correlacionado com forças e necessidades das famílias?

**Técnica 3** – Identificar e ajudar faz-me logo lembrar o trabalho com as crianças, se estas não estão, vamos identificar o problema e normalmente o problema está na família, identificamos a família e prontificamos a ajudar, se vamos ajudar, vamos intervir, porque maioritariamente não são estas famílias que procuram ajuda, são os técnicos que identificam e propomos ajudar. Educar e

Incluir acaba por estar englobado é muito em termos de educação para novas formas de estar e incluir no plano;

**Técnica 6** – identificar eles próprios não conseguem, porque a maior parte destas famílias sempre conheceram este tipo de realidade, portanto é a normalidade para eles, tem de ser alguém nomeadamente o gestor do processo a identificar e ajudar e educar e incluir;

**Técnica 4** – nós na escola também temos outra realidade, nós estamos aqui só a referir-nos a famílias desfavorecidas e neste momento há outras famílias já com formação que também nos pedem nos pedem ajuda e também temos outra situação com crianças e jovens com famílias perfeitamente estruturada, apesar de estarem numa família supostamente está bem, está organizada e está estável, não se identifica ou não se apercebe das necessidades e problemas deles e são os próprios alunos que vêm pedir ajuda

**Técnica 6** – quando são questões que se prendem mais com o desenvolvimento cognitivo e não tanto com o contexto a família às vezes não se apercebe que o desenvolvimento não está a ser de acordo com o suposto, não só contexto familiar, ambiental e em termos económicos, mas também em termos do desenvolvimento físico, cognitivo e emocional;

**Técnica 2**– Vejo o Identificar e ajudar, nós técnicos irmos de encontro do que é a realidade da família, educar e incluir, vejo associados aos nossos valores e chamarmos as famílias para aquilo que nós achamos que é mais correcto;

**Técnica 1** – Eu concordo com o que a técnica 4 estava a dizer, porque eu no Colégio dos Plátanos presenciei exactamente isso a família não aceite que a criança tem um problema ou que precisa de intervenção e isso é explícito porque os pais já têm outra formação e sentem que estão a ser postos em causa “eu sei...não preciso nada disso...”, assim importa identificar e ajudar a aceitar, educar, mostrando novas formas de olhar a realidade, para mudar e incluir;

**Técnica 5** – Concordou com a opinião das colegas e subscreveu-as, não acrescentando mais informação;

## **6) Que exigências tem para si enquanto Técnico o modelo de prestação de serviços aliado à família, e nos locais de vida da criança?**

6.1) Que inconsistências encontra entre a forma desejada de intervir com a sua realidade e dia-a-dia profissional?

**Técnica 6** – Nós Cercitop, sentimos a exigência em termos de número de casos, de tempo, nós duplicamo-nos, as terapeutas que andam no terreno, numa diferença entre um apoio para o outro têm que estar numa ponta do concelho e noutra, portanto elas duplicam-se, em termos de condições é muito difícil trabalhar no contexto de vida da criança e da família. Depois depende de cada serviço, da sua dinâmica interna, o tempo é o nosso maior obstáculo, o tempo da deslocação, tempo comparativamente ao número de crianças que temos de apoiar é muito complicado, porque é importante conversar com as educadoras, não conseguimos porque temos de dar apoio aquela criança e temos de ir dar a outra, é muito difícil porque não é só a criança e não é só a família, importa articular com os técnicos e não se consegue

**Técnica 4** – muitas vezes o tempo dos técnicos difere do tempo das crianças e família e dos recursos que existem;

**Técnica 3** – daí ser muito importante o trabalho de parceria e multidisciplinar;

Técnica 5 – são muitas crianças e famílias em contextos de risco e poucos técnicos, falta de recursos humanos e cada vez, o que é preocupante;

**Teresa** – o volume processual é uma das inconsistências, pois neste momento na ECJ, cada técnica tem perto de 200 processos para gerir;

**Técnica 4 e 5** – um dos problemas que se verifica na escola associado a esta falta de tempo, hierarquia e dificuldade de coordenação dos serviços, é a resposta imediata para os casos urgentes e muitas ficamos com eles nas mãos literalmente, sem resposta.

7) Como considera possível a Orientação e a Mediação Familiar (olham para a criança no seu contexto para concretizar o seu superior interesse) colaborarem em práticas centradas na família e no âmbito da Parentalidade Positiva?

**Técnicas 4, 5, 3, 6 e 1** - Consideram fundamental que a Orientação e Mediação familiar colaborem em práticas centradas na família. (denota-se que não estão familiarizadas com os conceitos e actuação);

**Técnica 2** – A mediação intervém relativamente à parentalidade quando há uma separação/divórcio entre os pais, orientação Familiar é uma modalidade de intervenção junto de famílias que vivem momentos de crise, com o objectivo de promover alternativas à sua resolução. O mediador e orientador deve ajudar a família em crise a encontrar respostas e soluções que sejam mais ajustadas para todos. A família é considerada como principal contexto educativo ou promotor de desenvolvimento humano, é considerada como o núcleo crucial onde ocorre o desenvolvimento da criança, a família e os seus membros não só servem de modelo de

comportamento, como também são os que marcam os padrões de relação e configuram a primeira visão do mundo para a criança. é preciso educar no respeito e afecto, transmitir valores, falar com as crianças, ouvi-las, ensiná-las a aceitar as frustrações, impor limites e exercer a autoridade sem medo, a educação de infância é cada vez mais valorizada como forma de superar as carências do meio familiar. A parentalidade positiva tem de estar associada às práticas centradas na família, devendo fazer parte da actuação dos mediadores e orientadores familiares e todos os técnicos que trabalham com as famílias especialmente com crianças em contextos de risco;

### **Conclusão**

8) Como perspectiva o desenvolvimento da criança e sua qualidade de vida (diminuição e/ou superação dos contextos de risco) através de uma intervenção integrada, precoce e centrada na família e comunidade?

Todas as intervenientes consideram como forma de intervenção ideal, que esta seja integrada, precoce, centrada na família e comunidade e só assim se poderá diminuir os contextos de risco e promover o desenvolvimento e qualidade de vida da criança, porém revelara, dificuldade em explicar como este se perspectiva.

- *Considera necessário a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contexto de risco?*

*Todas as intervenientes consideram necessário e urgente a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contextos de risco na Freguesia e concelho.*

9) Gostariam de acrescentar alguma coisa que considerem relevante para criação de políticas sociais locais e no trabalho das Autarquias?

Todas as intervenientes forma unânimes em pensar que as autarquias deviam disponibilizar mais técnicos de serviço social para trabalharem nas escolas e nas próprias autarquias, técnicos de áreas específicas. Existem muitos projectos, mas há falta de técnicos e verbas para que estes sejam postos em prática.

## **ANEXO L**

### **Transcrição 2.º Focus-Group**

## Abertura

### 7) **Por favor, digam o vosso nome, idade, profissão e a Entidade/Instituição que representam, bem como, anos de experiência profissional.**

Técnica 7, 38 anos de idade, Assistente Social e Coordenadora Do Instituto de Segurança Social de Sintra, 12 anos de experiência profissional, faço parte da Comissão Social de Freguesia - Rede

Técnica 8, Psicóloga Clínica, Movimento de Defesa da Vida, 28 anos e tenho 5 anos de experiência profissional, faço parte da Comissão Social de Freguesia - Rede

Técnica 9, Administrativa, Represento o Centro de Idosos de Maceira, IPSS, faço parte da Comissão Social de Freguesia - Rede, 20 anos de experiência profissional, 47 anos;

Técnica 10, 47 anos, Assistente Social, actualmente a desempenhar funções de Presidente de Junta de Freguesia de Montelavar, experiência profissional de 10 anos;

Técnica 11, Enfermeira há 34 anos, actualmente coordeno uma unidade de cuidados na comunidade que abrange a área de Sintra/Pêro-Pinheiro, que se traduz numa área de intervenção de 250 km<sup>2</sup> é uma unidade nova que está relacionado com esta nova forma de organização dos centros de saúde, em agrupamentos e unidades funcionais e o que se pretendia com esta nova unidade de cuidados na comunidade era no fundo aproximar os cuidados da população e prestar cuidados de proximidade fora do contexto do centro de saúde, com a comunidade, com os parceiros da comunidade direccionado para as diferentes necessidades da população. Este trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no âmbito da unidade de cuidados da comunidade, para mim não é novidade devido à minha formação base que é na área da saúde comunitária/pública. Este trabalho já eu tinha até com mais significado do que neste momento, já tinha um trabalho desenvolvido em Pêro-Pinheiro, ao abranger uma área que só conheço por ser de Sintra, uma coisa é viver, outra é conhecer a população que servimos. Este trabalho está dirigido e vocacionado para as populações vulneráveis e para as populações de risco, as famílias destruturadas, com dificuldades económicas, que usufruem do rendimento social de inserção, seria no fundo a saúde e em saúde comunitária, tudo é saúde, os equipamentos sociais são saúde, as ciclo vias são saúde, o saneamento básico são saúde, tudo aquilo que possa proporcionar qualidade de vida e ausência de doença ou doença grave será o ideal. Tem-se conseguido alguma coisa em termos de trabalho com a população propriamente dita, esta história da rede nacional cuidados continuados, penso que vai deixar de existir, que nos permitia prestar cuidados de rede/em rede com os parceiros, dentro de uma equipa multidisciplinar, que abrangia uma quantidade de técnicos, desde o nutricionista, a assistente social, a fisioterapeuta, proporcionar junto da população mais vulnerável todo este leque de intervenções. Em termos de trabalho com famílias com crianças em situação de risco, temos já alguma experiência, alguma até convosco,

colaborámos em duas Edições de Formação em Gestão Familiar, organizado pela Autarquia, que incluía o trabalho no domicílio, quase como o tutor, gestor de caso, que apoia quem não está numa fase de vida tão fácil e se calhar não com tanto discernimento. O que me entristece é muitas vezes não conseguimos dar continuidade a este trabalho, investe-se um ano, e depois as coisas mudam, as políticas mudam. Ou se volta ao início ou vai tudo por água abaixo e isto para quem já tem muitos anos de trabalho é altamente desmotivante, às tantas estamos a criar necessidades na população que depois não conseguimos responder, nem dar continuidade, o que quanto a mim é muito grave, é o país que temos.

**Técnica 12** – Assistente Social, Câmara Municipal de Sintra, faço parte da Comissão Social de Freguesia – Rede, 35 anos, 12 anos de experiência;

8) Quando ouvem falar em **Intervenção familiar integrada e Intervenção precoce**, no que pensam?

**Técnica 7** – intervenção precoce, o termo faz-nos sempre lembrar numa actuação tão cedo quanto possível, quando falamos em intervenção precoce falamos em actuar aos primeiros sinais de alarme quando falamos numa intervenção familiar integrada, eu pelo menos penso na integração dos diferentes papéis e dos diferentes serviços em função de uma mesma família, em que isso implique sobreposições ou lacunas era o ideal;

**Técnica 10** – Concordo com o que a Dra. A disse;

**Técnica 9** – Eu tb concordo penso que é uma actuação no início dos problemas que possam surgir na família e consequentemente os filhos;

**Técnica 8** – esta intervenção abrangendo, quer como a Dra. a disse integrada não só a nível dos serviços, intervenção com cada família a cada momento, com os problemas inerentes de cada família e de preferência esta intervenção precoce ser uma intervenção ao nível da prevenção, quer a nível dos problemas, quer a nível dos próprios elementos do grupo, quer a nível da criança;

**Técnica 11** – Quando ouço falar em intervenção familiar integrada penso numa abordagem multidisciplinar que envolve diferentes técnicos e intervenção precoce em nós no fundo podermos intervir e criar condições ou pelo menos ajudar a família e a criança a criar condições para que a situação não chegue a zonas menos boas. É evidente que se tivermos a falar na intervenção precoce na área das crianças podemos pensar nas coisas de uma maneira, para mim intervenção precoce é eu conseguir evitar que algumas coisas que estão perfeitamente estudadas e identificadas e que sabe que vão chegar a determinado caminho, evitar que não se chegue a esse ponto, nós conseguirmos no fundo intervir antes que a situação ocorra ou que se deteriore ou que seja mais difícil a intervenção técnica. É evidente que a intervenção familiar integrada, aliás não concebo de outra forma, que não seja integrada, porque por muito que saibamos, cada técnico

tem a sua especificidade e conhecimentos alargados, portanto o importante é cada um de nós poder dar, discutir a situação, poder o contributo para a resolução daquela situação. Sinto-me defraudada e desmotivada, sinto que andamos há três anos a trabalhar para o boneco, pois temos famílias que precisam de nossa intervenção e situações identificadas que precisam de resposta quer seja a nível social, da saúde, da educação, e da própria estrutura da comunidade, o que é a comunidade deve oferecer às suas famílias e criamos expectativas de resposta que não vamos poder continuar a dar. Na minha carreira de enfermeira de 34 anos, não vejo as coisas a crescerem vejo a voltarem para alturas que já lá vão;

**Técnica 12** – A Intervenção Precoce destina-se a crianças até à idade escolar que estejam em risco de atraso de desenvolvimento, manifestem deficiência, ou necessidades educativas especiais, natureza preventiva, Para proporcionar apoio e assistência à família nos momentos mais críticos; Destina-se, prioritariamente, a famílias afectadas por múltiplos problemas, ou famílias que, pela especificidade das dificuldades apresentadas, não encontram facilmente na comunidade resposta adequada às suas necessidades e de Carácter (multi)sistémico da intervenção;

### **Transição**

9) Gostaria de *Conhecer como são sinalizadas as situações de risco, quem faz essa sinalização e quais os critérios de elegibilidade?*

3.1) Que encaminhamento e plano de intervenção é dado à situação?

**Técnica 11** – Especificamente no âmbito das famílias com crianças em situação de risco, sendo eu um elemento da saúde, e de trabalhar em rede, porque nestas situações a intervenção não é apenas de um técnico isolado esta não chega, porque muitas vezes as dificuldades são a diferentes níveis. Em termos daquilo que a equipa faz, a sinalização pode ser feita por nós ou então por qualquer outro técnico, pode ser feito pela assistente social, pode ser feito por um parceiro da Autarquia, pode ser feito por qualquer estrutura da comunidade, a sinalização pode ocorrer de qualquer destas formas. O encaminhamento e o plano de intervenção, o ideal seria que nós conseguíssemos discutir os casos e estabelecer um plano de intervenção conjunto, nem sempre isso feito e cada vez há menos hipótese de o fazer, o ideal seria sempre aquela situação ser alvo de uma discussão e de um plano de intervenção conjunto em que os diferentes parceiros interviriam. O encaminhamento e plano de intervenção ainda não é feito como deveria ser, acabamos por estar todos a trabalhar cada um para seu lado, por mais tentativas que tenhamos feito nestes últimos tempos de trabalhar de forma orientada também é um facto que seria importante que estas situações fossem identificadas de outra forma que é realmente e que para isso a unidade de saúde pública devia estar a trabalhar dessa forma que era ser o Observatório da

Saúde, fazer o diagnóstico de saúde da comunidade, ou da população e identificar quais são os problemas de saúde eu aquela população tem. Mas depois não chega isto, o técnico identificar a situação e encaminhar é preciso o técnico validar esse problema com a população e isso acaba por falhar, porque eu posso enquanto técnico de saúde, entender que determinada situação é uma situação de risco, mas para a pessoa isso não é, ora se o próprio utente não entende que há problema, o técnico por mais planos de intervenção que estabeleça não vou conseguir fazer coisa nenhuma, aquilo que nós os técnicos identificamos deveria ser este espaço de validação com o utente e que o utente percebesse que efectivamente e reconhecesse aquele problema para o modificar:

**10** – A família tem de estar disponível para a mudança. A Autarquia pode conhecer a situação ou esta ser sinalizada por um vizinho, amigo, técnico, determinada instituição, ou o pedido ser feito pela própria família. Intervêm-se junto da família quando esta reconhece ou sente essa necessidade e aí esboça-se um plano de intervenção e encaminha-se quando não dispomos de recursos para apoiar a família ou quando esta não adere, não aceite e a criança permanece em risco;

**Técnica 9** – Se as famílias não aderirem não possível de todo a intervenção, por isso concordo com o que foi dito até agora;

**Técnica 8** – No MDV quem nos sinaliza estas situações de famílias com crianças em risco são todas as entidades que trabalham directamente com estas famílias, os centros de saúde, principalmente as cpcj's, as equipas de apoio ao tribunal, cada vez mais as escolas, as juntas de freguesia, como é o caso de Montelavar, que é nossa parceira. Os critérios de elegibilidade para estas famílias no fundo, segundo a intervenção que nós fazemos que é no domicílio destas famílias, há um acompanhamento durante um ano em que existem 6 semanas intensivas na casa da família, para que exista alguma mudança de comportamento e para a aquisição de competências que possam estar não tão bem trabalhadas, no fundo trabalhá-las e estas famílias têm de estar em crise, têm de estar já no ponto em que têm de dar conta que estas mudanças têm que ser efectuadas porque se a crise é tomada pelos técnicos que a acompanham e se estas famílias não estão nem aí, elas não vão mudar, este plano de intervenção passa por isso, estes objectivos de mudança são trabalhados com as famílias. Num primeiro encontro existe uma reunião que é com as entidades que encaminham a família, principalmente tenta-se que exista também que estejam presentes nesta reunião todos os serviços que acompanham as famílias para não existir esta multiassistência de serviços, para nos conhecermos uns aos outros e não estarmos a trabalhar cada um para seu lado e não se chega ao que é pressuposto que é a esta mudança é neste encontro também que se tenta estabelecer objectivos, tentar perceber o que é preciso fazer para que as crianças não sejam retiradas do seio das famílias;

**Técnica 10** – Aí o MDV já não intervém precocemente é já quando a família está no limite, este é o último recurso;

**Técnica 8** – Outra coisa que nós fazemos, quando as crianças estão em instituição e está previsto o regresso a casa, prepara-se o regresso, muitas vezes prepara-se o regresso sozinho com os pais e aos fins-de-semana as visitas e posteriormente as crianças voltam e tem de se fazer a preparação, porque muitas vezes as crianças são retiradas durante 5/6 anos e depois regressam e volta tudo ao mesmo;

**Técnica 7** – Como é que as sinalizações chegam à segurança social, chegam das maneiras mais diversificadas que se possa imaginar, porque chegam quer seja pelos outros parceiros, quer seja por um contacto formal, quer seja pelas estruturas de parceria que já existam na comunidade, pelos caf's, pelas cpcj's, etc, etc, chegam de um familiar do próprio núcleo da família alargada, ou por um vizinho que não tem nenhum laço de parentesco que está preocupado com aquela pessoa que mora perto dela, chegam muitas vezes anónimas, pk as pessoas continuam com muito medo de se envolver, podem-lhes ser pedidas contas;

**Técnica 9** – Muitas vezes há laços de vizinhança, laços de amizade, laços familiares entre as pessoas principalmente nos núcleos pequenos como é exemplo esta freguesia;

**Técnica 7** – As pessoas não estão bem com a sua consciência sabendo que aquilo está acontecer, mas não querem se envolver demasiado e têm sempre receio de serem chamadas a assumir alguma responsabilidade, outras vezes receio de represálias, principalmente quando estamos a falar de violência doméstica, isso é gritante, quem faz essas sinalizações são as instituições, a comunidade em geral o cidadão. Critérios de elegibilidade, penso que não há maior porta de entrada do que a da segurança social, é um bocadinho como a saúde, tudo é saúde não é, tudo é segurança social, uma coisa é certa à excepção das situações que já estão em tribunal e se estamos a falar de crianças com medidas de promoção e protecção é essencial aquilo que já tinha sido dito aqui, que é a vontade do próprio, porque isto é mais do que o próprio reconhecer, é o próprio aceitar e perceber que precisa de mudar e a mudança que é feita não é a que os serviços entendem eu dever ser feita é aquela a que a pessoa e/ou família está preparada para dar ou passo que a pessoa e/ou família está preparada para dar e nem sequer vale a pena irmos mais além, a intervenção vai cair, eu vou dar um exemplo muito pragmático: “ eu pessoa, esta entidade, tenho o meu termóstato avariado, estou sempre com calor, mesmo que alguém por boa vontade me queira por o casaco em cima para me proteger eu não quero, não faz sentido para quem eu sou, salvaguardadas as devidas distâncias, o princípio é o mesmo, eu não reconheço o casco como uma necessidade, aquilo não me faz falta, não me traz nenhuma mais-valia, vou mudar para quê?

Quando era pequena vestia o casaco para a minha mãe ver e assim que podia tirava, e isto é tal e qual o que muitos técnicos fazem às famílias a impor determinada conduta, hábito ou regra ou seja o que for e depois queixam-se que as pessoas não cumprem e que estão sempre a reincidir, etc. etc.;

**Técnica 10** – Em situações em que envolve as crianças, porque se for um adulto ou dois adultos que tenham um comportamento disfuncional, agora quando estão terceiros, no caso de crianças, o que mais me preocupa e aflige, quando são famílias disfuncionais e onde há crianças que não se conseguem defender e há situações muito complicadas não é só não comerem a sopa todo o dia;

**Técnica 12** – À semelhança do que as colegas partilharam, na câmara o procedimento de sinalização é semelhante, pode partir da própria família, escola, creche e/ou jardim-de-infância, segurança social, instituições da comunidade, cidadão comum, etc. Os critérios estão associados à necessidade evidenciada quer pela família, ao diagnóstico realizado pelas diferentes instituições, à área de residência, neste caso, por exemplo se nos chegar uma família de Montelavar, sinalizamos e encaminhamos para as estruturas locais mais próximas e possam dar resposta de forma mais personalizada. No fundo avaliam-se as situações e intervém-se através de um trabalho de parceria, articulação (ex: cpcj, ecj, escolas, creches, outros membros da família, diferentes instituições, etc.) e com a família e suas crianças;

**Técnica 7** – Nestas situações de Risco e limite tem que haver uma imposição, mas essa imposição tem de ser feita pelo tribunal, por alguma razão temos autoridades de saúde que mesmo contra a vontade do indivíduo actuam;

**Técnica 8** – Não é bem assim;

**Técnica 7** – Mas nas situações limite é o que diz a lei;

**Técnica 11** – Não é assim porque por exemplo, num internamento compulsivo, a pessoa é levada para o Hospital e no Hospital é ela que decide;

**Técnica 7** – Uma coisa é o encaminhamento, encaminhar situações passo a bola, não faço plano de intervenção e aqui não actuo, faço um pré-diagnóstico e encaminhamento, intervenção implica mudança;

**Técnica 11** – Por exemplo na Formação em Gestão Familiar, que realizámos com a Autarquia, as situações estavam perfeitamente identificadas, sinalizadas e interveio-se e delineou-se estratégias e assistimos a algumas mudanças e na sua maioria eram famílias beneficiárias de rsi.

O que falta para intervirmos melhor é a necessidade de se realizarem sessões com esta, ou a construção de diagnóstico, porque também não temos capacidade para o fazer, porque as solicitações são tantas e graves e complicadas que andamos a “bombeirar”, porque o que devíamos efectivamente fazer é um diagnóstico para esta população, que problemas tenho, de que forma poderei intervir, porque é que as situações ocorrem, nós temos estes conhecimentos aqui que são diferentes daqui ao lado e então intervirmos de forma direccionada para aquilo que encontramos

### **Perguntas-chave**

10) Como caracteriza as famílias multidesafiadas?

**Técnica 7** – São famílias em contextos de risco e que encontram desafios particularmente complexos pelos reduzidos recursos de que dispõem para o desempenho da sua função parental. Nos contextos de risco inserem-se as situações de pobreza, violência doméstica, maus-tratos ou negligência de crianças, abuso de substâncias, entre outros;

Restantes colegas subscreveram esta definição;

4.1) O que sabe acerca de estratégias de sucesso na intervenção com famílias multidesafiadas, e/ou multiproblemáticas com crianças em situação de risco?

- De que forma podemos saber que a intervenção foi um sucesso ou um insucesso?
- O que seria preciso fazer para o alcançar ou como Intervir?
- Exemplo de estratégias mais eficazes?

**Técnica 10** – Estratégias de sucesso, não sei se existe uma formula de sucesso se não estávamos todos a adoptá-lo e replicá-lo e tem a ver com que a Beatriz disse à pouco, tem a ver com o meio, com a família;

**Técnica 11** – Seria fundamental trabalhar em rede, que é uma coisa que ainda se faz pouco, muitas vezes casos deste género têm uma celeridade melhor, porque os diferentes técnicos reúnem-se, discutem, são facilitadores da acessibilidade, como quando fazemos as reuniões com os parceiros. Quando as situações são com as crianças sinto que não há celeridade devida, e quando são situações de risco, devia haver um sítio/abrigo para as proteger e muitas x as crianças n são retiradas à família e às vezes esse retirar pode ser até momentâneo;

**Técnica 7** – Deve ser sempre momentâneo;

**Técnica 11** – Eu também fico preocupada quando muitas x as crianças são sinalizadas e não há resposta;

**Técnica 8** – A principal estratégia de intervenção do MDV é partir muito da família, é partir muito das pessoas, utilizar a estratégia de serem eles os principais promotores desta mudança. Uma das estratégias que nós utilizamos muito, é em casa das famílias durante 6 semanas, o que nos permite fazer diagnóstico, e nós com eles, quer para eles próprios perceberem o que é que têm de mudar, o que é que temos de fazer para mudar, nesta estratégia pode mesmo existir uma conversa com cada elemento da família, muitas vezes pais e filhos não se entendem, por isso temos de trabalhar o ser individual e depois juntá-los como um todo, isto é feito por exemplo através do álbum de fotografias, em a família o abre e a família reflecte sobre o que aconteceu o que se pode fazer para a situação ficar diferente. Muitas vezes não existe comunicação entre a família e tentamos promover a comunicação através de jogos pedagógicos;

**Técnica 11** – Eu estava muito focada nas crianças em situação de risco, há situações em que não é possível nós estarmos com esse trabalho sabendo que está ali uma criança em risco de lhe acontecer alguma coisa que a gravidade é alta, que eu acho que não temos respostas. É evidente quando nós trabalhamos na área da saúde, temos estas situações e tentamos trabalhá-las porém considero que se continua a trabalhar e/ou a intervir de forma desinserida, ou seja, vem o técnico de saúde e intervém, a seguir vem outro técnico de outra entidade e faz, de forma desgarrada. Esse plano de intervenção seria fundamental, discuti-lo para trabalharmos todos no mesmo sentido;

**Técnica 7** – Estratégias tipo receita não há, agora garantidamente e isto já foi hoje discutido aqui, a participação e o reconhecimento dos próprios, envolvê-los no diagnóstico, qual é que é o grande desafio, o que é que é preciso mudar, como é que muda, isto tem tudo que ser feito com as pessoas, mesmo nas tais situações em que eu para proteger a criança a retiro, e porque não há retiradas pacíficas, mesmo nestas situações eu preciso de ganhar caminho outra vez para junto da família, para que a família construa comigo o diagnóstico e a partir daí é que monta tudo o resto, o diagnóstico que é participado desde o primeiro momento, pelo menos é isso que se procura fazer. Outra questão como grande linha de acção é a integração das diferentes entidades, agora eu acho que aqui não há propriamente grandes receitas. Um exemplo muito engraçado de estratégias de sucesso e que está um bocadinho na base desta mudança das multiproblemáticas para as multidesafiadas e que tem a ver com o encarar de forma muito mais positiva mesmo as situações problema, é uma experiência muito engraçada que se faz pelo mundo fora, no fundo é ir buscar alguém a que chamam o coordenador de caso e que não é um técnico é um cidadão, porque a questão das crianças interessa-nos a todos nós, as crianças são o potencial do país e do mundo, esta pessoa que é um cidadão comum, não tem o peso do técnico, nem da instituição a trabalhar com a família e a servir quase como mediador, entre a família e os serviços, e o que esta pessoa faz é ajudar simplesmente esta família a reflectir e nós instituições às vezes já temos uma carga tão grande com as famílias, não há espaço, não estão criadas as condições;

**Técnica 10** – Sabe-se que a intervenção foi um sucesso ou insucesso na medida em que se avalia ao longo do processo de intervenção;

**Técnica 11** – Também não estão interiorizados estes momentos de reflexão de avaliação para a construção de sucessos por etapas. É necessário que esta prática se aplique de forma estruturada, ainda não temos isso como metodologia de trabalho;

**Técnica 8** – No MDV realizamos avaliação, aliás a intervenção é perspectivada para um ano, mas vamos fazendo follow-up's ao longo da intervenção. E para nós é um caso de sucesso quando as crianças que estavam em situação de risco se mantêm na família. Encaramos também como indicador de sucesso quando a família passados três sente que não está bem recorre ao MDV a pedir ajuda, mais que não seja promoveu-se ou potenciou-se a competência de reconhecer a necessidade de pedir ajuda.

**Técnica 7** – Mas esse é indicador de sucesso para a intervenção mas não é um indicador de sucesso para a família;

**Técnica 9** – Muitas x, as famílias evidenciam estabilidade, mas não passa de um cenário montado para criar ilusão nos técnicos e não houve verdadeiramente mudança, sendo difícil nestes casos avaliar o sucesso. Sabem todos os passos a dar para criar uma situação ilusória devido ao receio da retirada dos filhos em risco, desenvolvem estratégias de sobrevivência;

**Técnica 12** – Concordou com o que as colegas partilharam;

II) Uma intervenção centrada na família implica que abandone os seus interesses e responsabilidades em ajudar, pelo interesse superior da criança?

**Técnica 7** – O fortalecer a família, fortaleço a criança, se eu conseguir uma intervenção centrada na família, esta tem em consideração o superior interesse da criança. Não consigo ter famílias fortes, capazes de executar as suas missões, estou desta forma a proteger as crianças.

**Técnica 8** – Contudo há crianças em que o seu bem-estar não é junto das suas famílias, daí nós temos que potenciar o afastamento destas crianças destas famílias. Muitas vezes sinalizam-nos casos para trabalharmos de forma centrada na família e temos que realizar relatórios a informar que não é possível porque o interesse superior da criança naquelas famílias não fica assegurado. O meu interesse era ajudar a família, mas neste caso o bem-estar da criança não está assegurado, logo implica que abandone a minha vontade/desejo em ajudar a família, para salvaguardar o interesse superior da criança;

**Técnica 11** – O interesse da criança só será superior se realmente correr perigo e aqui não se poderá trabalhar a família, porque preferencialmente aquilo que pretendemos é abranger toda a unidade familiar e que aquela criança possa funcionar naquela família;

**Técnica 12** – Mas ao retirar-se a criança da família e integrá-la em instituição, esta não substitui a família e ficamos com um compromisso.

**Técnica 10 e 9** – Não acrescentaram informação;

- Como é que se consegue proteger e potenciar o bem-estar das crianças, fortalecendo as famílias?

À semelhança do 1.º grupo, todas as intervenientes consideram que fortalecendo a família, potencia-se o bem-estar da criança, quer-se a família bem, para a criança estar bem, fortalecendo as competências já existentes;

II) Acha possível um trabalho de ajuda/suporte, através de uma relação de parceria igualitária, em que se promove a escolha e o controlo da família sobre os recursos desejados?

**Técnica 7** – O facto desta relação ser sentida como desigual, isto vai mexer com as relações de poder, quando eu assistente social tenho um pai, uma mãe ou um cidadão à minha frente, lá está aquele cidadão tem uma noção daquilo que eu quero ouvir, para atingir o seu objectivo, esta relação de suporte e de ajuda, no fundo o papel dos serviços é um papel facilitador, não é por acaso que nós aprendemos na faculdade que éramos agentes de mudança, nós não somos a mudança, somos facilitadores, catalizadores, a mudança são os próprios que a fazem. Uma relação de parceria, eu penso que o aqui está subjacente é a questão de ver o outro como igual e de lhe dar espaço, da construção do diagnóstico e depois do tal plano de intervenção ser conjunta e portanto ser a própria família ou indivíduo ter uma palavra a dizer sobre o que é importante mudar para ele. Se a família não reconhece como uma necessidade mudar, o técnico não tem espaço para mudar ;

**Técnica 8** – Parceria igualitária é um bocadinho como disse, está relacionada com a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro não tanto ao nível de papéis, ou seja existir esta parceria igualitária no sentido, promovendo a escolha e controlo dos recursos de acordo com o que a família identifica como necessidade e objectivo, porém sem haver troca de papéis;

**Técnica 11** – Por vezes existe uma utilização incorrecta de poder por parte dos técnicos, um abuso de poder e aquilo que seria expectável não é haver papéis iguais, mas o técnico ao ser facilitador pode ajudar e estabelecer uma relação de suporte, e ser responsabilizador, mas nós técnicos impomos mais o que achamos que o utente e/ou família devem fazer. Eu acho que seria fundamental existir esta relação de igualdade entre parceiros em que eu tenho o meu papel enquanto técnico e ele como utente e/ou família;

### **Técnica 10, 12 e 9 não acrescentaram mais informação**

- O que lhe sugerem estas expressões “Identificar e Ajudar” e “Educar e Incluir”, correlacionado com forças e necessidades das famílias?

**Técnica 11** – aquilo que eu técnico identifico e pressuponho ajudar, tem de ser identificado pela família, com o identificar e ajudar não há envolvimento, enquanto que o educar e incluir implica muito retorno, pressupõe o tal trabalho de igual para igual, respeitando os papéis de cada um.

**Técnica 7**– Identificar e ajudar reporta-me para uma prática muito mais assistencialista, é o técnico sozinho em cima do seu pedestal, com a minha visão magnânime e intocável, o educar e incluir já me abre a porta para este trabalho de conjunto;

**Técnica 10** Identificar e ajudar é unilateral e educar e incluir é bilateral;

As outras intervenientes concordaram com o que foi dito e não acrescentaram mais nada.

### **1) Que exigências tem para si enquanto Técnico o modelo de prestação de serviços aliado à família, e nos locais de vida da criança?**

**Técnica 11** – A nível de saúde primária e comunitário o modelo de prestação de serviços deve ser em função da família e nos locais de vida desta e da criança, e temos em consideração todo o seu ciclo de vida, as exigências estão relacionadas com as inconsistências dos serviços de saúde, porque o modelo de unidade familiar é um modelo meramente político, não trouxe benefícios, não trouxe proximidade, trabalha-se à peça e não resulta quando se trabalha com famílias com estas características. Eu acredito num modelo em que a saúde e tudo o resto deveria ser trabalhado a nível comunitário, a nível de proximidade e deveria ser no próprio local que deveriam estar as respostas para as diferentes situações. É preciso por parte do técnico e isto é uma grande exigência capacidade atenção e de resposta Às várias situações de crise da família (nascimento de um primeiro filho, problemas de saúde do filho ou outro membro da família, desemprego, divórcio, morte, etc);

**Técnica 7** – Exacto porque sempre que há mudança na vida das famílias exige uma readaptação a essa mudança o que implica um trabalho quase em uníssono o que é muito difícil;

**Técnica 8** – Concordo, pois esbarra com a forma desejada de intervir e o dia-a-dia do técnico, sendo uma grande exigência para o técnico e família. Pois envolve o tempo dos serviços, o meu tempo enquanto técnico, o tempo da família, exigindo grande flexibilidade que na maioria das vezes é impossível;

7.1) Que inconsistências encontra entre a forma desejada de intervir com a sua realidade e dia-a-dia profissional?

**Técnica 10** – A maioria das instituições não gostam muito da intervenção das outras instituições em parceria porque acham que estão a invadir a sua capelinha;

**Técnica 11** – Isso revela um problema educacional e revela que os técnicos usam poderes efémeros e usar esse poder em benefício próprio e não em benefício em ajudar e como estratégia prática de ajuda e facilitadora;

**Técnica 7** – Embora eu ache que há todo um caminho que se construiu em termos de trabalho de parceria que não volta atrás;

**Técnica 8** – Muitas vezes a forma desejada de intervir revela-se difícil porque muitas famílias mascaram a sua realidade, porque se sentem constantemente invadidos pela presença, juízos de valor e pressionadas por diferentes técnicos em representação de diferentes instituições, logo não há o respeito pelo tempo e espaço das famílias, comprometendo o estabelecimento de uma relação de confiança que só se consegue com trabalho de proximidade, informalidade, compreensão dos técnicos e das próprias instituições que estes representam, pois muitas vezes revela-se inconsistente os objectivos que consideramos para aquela família e os que a própria família considera como prioritários, a dificuldade está em não impor e trabalhar ao mesmo tempo que a família;

**Técnica 11** – Outra inconsistência que encontro, por exemplo no trabalho que desenvolvemos sentimos falta de recursos técnicos, não temos viaturas para fazer as deslocações ao domicílio;

**Técnica 12** – Outra inconsistência é número de casos por técnico e a falta de tempo para investigação, supervisão, avaliação para uma melhor e maior adequação de respostas às necessidades das famílias com crianças em contextos de risco;

**Técnica 9** – Maior envolvimento e participação e responsabilização por parte da comunidade para suprir dificuldades e encontrar respostas;

7) Como considera possível a Orientação e a Mediação Familiar (olham para a criança no seu contexto para concretizar o seu superior interesse) colaborarem em práticas centradas na família e no âmbito da Parentalidade Positiva?

**Técnica 8** – Considera a orientação e a mediação familiar importantes e essenciais no trabalho com as famílias e no MDV já se vai fazendo, isto é, já se colabora através de estratégias centradas nas na família e no âmbito da parentalidade positiva, ou seja, focando a questão de enaltecimento dos aspectos e dinâmicas familiares positivas e menos positivas, nunca fazendo relevância ao negativo, educação e encaminhamento para a positividade e capacidade de gerir conflitos pela positividade, através da figura do orientador e mediador que irá reforçar as competências dos pais e alertando para os comportamentos menos positivos que muitas vezes colocaram e colocam a criança em contexto de risco, visando a que estes encontrem uma solução/resposta adequada para a família, ajudam a que os pais encontrem as peças do puzzle para a melhor construção do caminho, que pode passar pelo separação/divórcio ou não dos pais, desde que o interesse superior da criança se salvasse e consequentemente o das famílias;

**Técnica 7** – Eu ligo muito a questão da mediação familiar nas questões de divórcio ou separação e regulação do poder e responsabilidades parentais e a segurança social é muitas vezes chamada a intervir nas questões do tutelar civil, relacionado com as questões parentais e sobre quem tem poder sobre aquela criança, e o que noto muito é que os pais têm muita dificuldade em separar aquilo que é a relação do casal com o facto de serem pai e mãe daquela criança, um mediador familiar deve ajudar a ultrapassar uma situação de conflito, muitas vezes o papel do mediador, o mediador é para situações que são quase situações de fachada, há uma coisa que é identificar como sendo o principal problema, que na verdade não é, o principal problema está lá atrás, está escondido, verificando-se a alienação parental, pais que ficam centrados noutra tipo de questões e que instrumentalizam os miúdos, aquele miúdo deixa de quase existir como criança e eu vivo quotidianamente este dilema que é eu segurança social sou chamada muitas vezes para fazer quando há uma situação de grande conflito, conseguir o direito de visita e as visitas são acompanhadas por técnicos da segurança social, muitas vezes o tribunal pede-nos para fazer o reforço psicológico das crianças e isto é uma treta, porque não estamos nada a ajudar a criança, aqueles pais é que precisavam de reforço, porque aqueles pais é que precisam de se organizar não é a criança e por esta razão vejo a orientação e a mediação com outros olhos e penso que se devia rever o âmbito de actuação desta;

**Técnica 11** – Eu vejo a questão com outros olhos e penso que o ideal seria que a orientação e mediação familiar colaborassem em práticas para a intervenção precoce e centrada na família, no âmbito da parentalidade positiva, porque para salvar e proteger as crianças em situação de risco, ou seja, o interesse superior, tenho de trabalhar com as famílias, desconstruir para construir a resolução do conflito, litígio ou crise;

**Técnica 10, 12, 9** não acrescentaram informações sobre a questão.

## Conclusão

8) Como perspectiva o desenvolvimento da criança e sua qualidade de vida (diminuição e/ou superação dos contextos de risco) através de uma intervenção integrada, precoce e centrada na família e comunidade?

**Técnica 11** – O que era fundamental era realmente poder proporcionar às famílias multidesafiadas com crianças em contextos de risco, o seu desenvolvimento com boas estruturas, que se saiba defender enquanto cidadão, se houvesse estruturas na comunidade que protegesse as famílias e as crianças no âmbito de intervenções integradas precoces, pois neste tipo de situações não faz sentido intervenções isoladas e reduzia-se o risco, mas para este tipo de actuação se verificar é necessário que exista um conjunto de pessoas com uma visão mais alargada e abrangente e o que se verifica hoje é cada vez mais os técnicos voltados para o seu canto. Superação de risco é impossível, há é contextos de risco mais graves que outros e por mais estruturadas que sejam as famílias em qualquer fase da vida, por factores externos e até biológicos atravessam crises e vivem situações de risco, por exemplo o nascimento de uma criança pode deixar uma família destruturada e colocar os outros filhos em risco. Era importante existirem recursos e respostas na comunidade para minimizar os risco e proporcionar a estas crianças um desenvolvimento equilibrado, para não se tornarem em adultos com problemas e reproduzirem comportamentos aprendidos

**Técnica 7, 8, 12** Concordaram com a opinião de 11

**Técnica 10** Não acrescentou informação

- *Considera necessário a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contexto de risco?*

**Técnica 8** – Considera necessário e urgente a criação de um projecto integrado de intervenção precoce junto das famílias e suas crianças em contextos de risco na Freguesia, mas considera igualmente importante e essencial a criação de projectos e estratégias para a preparação e vivência da conjugalidade;

**Técnica 11** – Discorda e considera uma utopia olhar a conjugalidade dessa forma;

**Técnica 7, 10, 9 e 12** Não acrescentaram mais informação;

9) Gostariam de acrescentar alguma coisa que considerem relevante para criação de políticas sociais locais e no trabalho das Autarquias?

**Técnica 7** – As estruturas de apoio às famílias e que eu acho que encaixam numa lógica preventiva e de intervenção precoce, as estruturas de apoio à família podem ter aqui um papel muito grande na minimização de contextos de risco e é uma aposta que o nosso país não faz. Estas respostas à família vão desde respostas sociais, à educação, à saúde, há um leque tão grande de coisas que se podia fazer em prol das famílias/crianças. Eu tenho muita dificuldade em resumir isto, porque isto começa nas creches, nas famílias de acolhimento. Esta tendência que as pessoas têm para achar que as crianças são uma área temática, bem organizada e que não se mistura com o resto tudo é mentira, isto não é assim que acontece na realidade, da mesma maneira que nós não conseguimos separar ali a fronteira onde acaba o trabalho da saúde, da segurança social, da autarquia, as tais fronteiras que só são impostas um bocadinho à machada não existem há aqui fronteiras muito cinzentas, da mesma maneira que não existem preceptores, não existem por áreas temáticas, eu não consigo ter uma equipa da área social dirigida à protecção das crianças se não trabalhar a das famílias e por exemplo se eu não tiver estruturas que ainda que temporariamente acolham aqueles dependentes, aqueles pais não vão ter grande disponibilidade para os seus filhos vão estar demasiado centrados na pessoa dependente que têm lá em casa que precisa de cuidados 24h por dia 365 dias por ano e não há ninguém que não se sinta desgastado com isto e a nossa capacidade de estar disponível para o outro tem limites. As IPSS, as escolas têm um papel a fazer, são necessárias políticas da família;

**Técnica 8** – É necessário reforçar o trabalho de parceria;

**Técnica 11** – Eu acho que deveriam ser as Autarquias a gerir estas questões, inclusive a saúde estão mais próximas dos problemas e reais necessidades;

**Técnica 7** – Nós temos um país muito organizado em termos do poder central que é um poder muito afastado das populações e o fosso é muito grande e muitas vezes são equacionadas políticas desadequadas às necessidades e fragilidades e não há um verdadeiro retorno, que muitas vezes evidencia ou se confunde com insensibilidade, se se trabalhasse por exemplo em conjunto com as autarquias o orçamento participado;

**Técnica 11** – Eu acredito na construção, mas quem dá as linhas orientadoras muitas vezes está noutra;

**Técnica 12** – Deveria ser canalizado e delegado mais poder de intervenção e actuação e recursos para as autarquias locais e potenciar-se maior articulação e celeridade entre as autarquias centrais e locais.

**Técnica 10** – Não partilhou informação;